

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP  
FACULDADE DE HISTÓRIA, DIREITO E SERVIÇO SOCIAL  
CAMPUS DE FRANCA**

**LITERATURA E MEDICINA NA CONSTRUÇÃO  
DA SENSIBILIDADE BRASILEIRA OITOCENTISTA**

**RODRIGO CHAGAS BRASIL**

**FRANCA**

**2005**

**RODRIGO CHAGAS BRASIL**

**LITERATURA E MEDICINA NA CONSTRUÇÃO  
DA SENSIBILIDADE BRASILEIRA OITOCENTISTA**

Dissertação de mestrado apresentada ao  
Departamento de História da  
Faculdade de História, Direito e Serviço Social  
da UNESP - Franca  
como exigência para obtenção do título de  
Mestre em História

Orientador: Jean Marcel Carvalho França

FRANCA

2005

*Dedico este trabalho à Rossana, que me apresentou à história,  
e ao Jean, que me apresentou à literatura brasileira.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que financiou boa parte da pesquisa;

Agradeço aos funcionários do IEB-USP, aos funcionários da Biblioteca Nacional, especialmente a Eliane Perez, aos funcionários da Sala de Leitura Vieira Fazenda, do IHGB, especialmente ao José Luiz de Souza, aos funcionários da Sessão de Obras Raras da Biblioteca Mário de Andrade, especialmente a Joana e ao Bruno, e a todos os funcionários da Biblioteca da Faculdade de História, Direito e Serviço Social de Franca.

Agradeço aos meus pais, Clea e Antônio, que me incentivaram e apoiaram durante toda a pesquisa;

Agradeço às pessoas que colaboraram indiretamente para a realização deste trabalho: João Gomes, Néri de Almeida, João Batista e Juliana Lima;

Agradeço às inúmeras contribuições oferecidas pela Prof<sup>a</sup> Dr. Márcia Naxara ao presente ensaio;

Agradeço carinhosamente às pessoas que contribuíram diretamente para a realização deste trabalho: Minisa, Karen, Ricardo, Karina, Fábio e Milton;

Agradeço à Rossana Pinheiro, que me incentivou e contribuiu imensamente para a realização desta pesquisa;

Agradeço à Mariana e à Juliana Gracioli pelo carinho, pela amizade e pelo abrigo na cidade de Franca;

Agradeço imensamente ao meu orientador e amigo Jean Marcel Carvalho França, que me incentivou, apoiou e, principalmente, confiou em minhas potencialidades;

E agradeço, por fim, às pessoas que vivem comigo hoje: Dean, Keite e Letícia.

Três amigos iniciaram uma longa caminhada – apenas dois concluíram o caminho. Louros àquele que chegou primeiro, Milton, e saudades eternas àquele que se ausentou, Fábio.

*Uma geração pode aprender muito de uma outra, mas o que é propriamente humano, nenhuma aprende da que a precedeu.*  
Sören Kierkegaard

*Nós não nos transformamos; nós nos formamos.*  
Franklin Távora

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 07
<b>PRIMEIRA PARTE – <i>A literatura e a construção da sensibilidade brasileira</i></b>	<b>p. 14</b>
Os quatro cruzados do Imperador	p. 24
1844: o ano de <i>A moreninha</i>	p. 32
A poesia de Gonçalves Dias	p. 40
A geração byroniana	p. 48
A polêmica sobre <i>A confederação dos Tamoios</i> e a contestação da confraria literária	p. 52
José de Alencar	p. 57
O segundo fôlego da “falange literária”: <i>Os Timbiras</i> e <i>A nebulosa</i>	p. 62
Joaquim Manuel de Macedo: historiador e político	p. 66
Ferdinand Wolf e a canonização da literatura brasileira	p. 71
A virada literária de Joaquim Manuel de Macedo	p. 73
Uma nova geração	p. 78
Macedo e o prenúncio de novas estéticas	p. 81
1870 e os impasses da literatura	p. 83
A morte de José de Alencar	p. 92
Breve entreato: a “falsa” poesia de 1870	p. 94
Os novos rumos da literatura brasileira	p. 99
Réquiem para uma geração	p.110
<b>SEGUNDA PARTE – <i>A medicina e a construção da sensibilidade brasileira</i></b>	<b>p.115</b>
A indivisibilidade entre corpo e alma	p.127
O médico, suas práticas e seu templo	p.135
A criação do amor filial e as transformações da família oitocentista	p.145
Mulher: a alma do homem	p.154
Maternidade: a missão sagrada da mulher	p.161
A ultra-sensibilidade masculina: amizade infinita e pranto desvairado	p.184
Janelas e varandas: refúgios de meditação	p.192
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>p.200</b>

# INTRODUÇÃO

### Propor um código aos temperamentos?

Arsênio, um jovem advogado formado em São Paulo, figurado no conto *Mocinha*, de Raul Pompéia, por volta do fim do século XIX, tinha os excessos românticos na pior conta e não julgava possível propor um código aos temperamentos. Ironicamente, certo dia, completamente estarecido, ele encontrou uma prova inquestionável de que sua esposa o traía – uma carta curta, com a letra dela, absolutamente dela: “não venha! não venha; porque estamos traídos”. Perplexo e desesperado ele foi ao encontro da infame e lhe entregou a carta.

Mocinha estava sentada diante da cesta de vime das costuras. O pano em que trabalhava desprendeuse-lhe dos dedos. Cobriu-lhe o semblante uma palidez de morta. Nem um movimento, nem uma exclamação. Levantou, só para o marido, um olhar indefinível, esse olhar de aço simultaneamente límpido e mortífero, com que as mulheres se defendem na extrema emergência<sup>1</sup>.

Mortificado, ele se trancou em seu gabinete pessoal. Precisava de calma para encarar a situação. As “soluções literárias” lhe vieram logo a mente: somente um desenlace sangüinário poderia aplacar “a vertigem que lhe obscurecia o cérebro”. “Mas”, controlando-se, “ponderou imediatamente que a simples observação do próprio temperamento provava que ele não era dos adequados ao rompante teatral”<sup>2</sup>. Escreveu para seu sogro uma carta direta, declarando-lhe que não poderia mais viver ao lado de Mocinha, carta que extenuou todas as suas forças, como se tivesse rasgado suas próprias veias.

Impeliu vagarosamente a gaveta das cartas restantes do seu amor, com o cuidado que se tem para o esquite de um cadáver querido. Abriu outra para tirar um envelope.

Achou dentro o revólver, um brilhante revólver americano, que nunca servira. Empunhou-o distraidamente... Estava carregado... como quem tem confiança no seu temperamento de homem avesso às soluções teatrais, certo de que era incapaz de matar alguém, a si muito menos...

E o descarregou na frente<sup>3</sup>.

Tidos como completamente ultrapassados, muitos valores românticos seriam abjurados no final do século pela escola realista como meras quimeras, ilusões – sem no entanto deixar de influir decisivamente sobre o cotidiano da população brasileira, ainda que em casos isolados, como o do jovem Arsênio. Os “excessos” românticos ainda presentes no

<sup>1</sup> *Obras* – vol. III (Contos). 1981, p. 226.

<sup>2</sup> *Obras* – vol. III (Contos). 1981, p. 226.

<sup>3</sup> *Obras* – vol. III (Contos). 1981, p. 227.

plano da sensibilidade de nossos patricios seriam programaticamente atacados por autores como Aluísio Azevedo e Raul Pompéia, cujas investidas, inadvertidamente, apenas nos comprovariam a permanência e a validade de tais temperamentos no período – e de modo significativo, visto que do contrário não mereceriam tanta atenção.

Por volta de 1870, os próprios românticos, notadamente Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar, passariam a criticar os primeiros revezes da nova sensibilidade brasileira, tendência que só se agravaria com o passar do tempo e, provavelmente, com a complexificação desses revezes. Em *Iaiá Garcia*, de 1878, Machado de Assis declararia, por intermédio de Jorge, que a vida não deveria dispensar o colorido da poesia, mas que o romanesco seria pérfido<sup>4</sup>. Na década de 80, quando a estética realista tomaria o poder, nossos patricios exibiriam uma gama de possibilidades existenciais e afetivas bastante ampla – sem necessariamente “controlar” seus temperamentos, mesmo em combate contra os excessos da fantasia.

Situação muito diferente da observada no período colonial. “Os membros da família antiga eram destituídos daquilo que poderíamos chamar modernamente de ‘profundidade psicológica’”, comentaria Jurandir Freire Costa no clássico *Ordem médica e norma familiar*.

Eles eram, por assim dizer, psicologicamente extrovertidos, sentimentalmente centrífugos. Nada, em suas intimidades afetivas, evocaria a representação que o indivíduo urbano e moderno tem de suas necessidades psíquicas. O gosto pela exploração, reconhecimento e cultivo das peculiaridades emocionais não só era estranho ao universo familiar, mas incompatível com a solidariedade do grupo<sup>5</sup>.

“O indivíduo colonial possuía indubitavelmente, a nosso ver, sentimentos, desejos e aspirações personalizadas”, defenderia-se ele, antes de qualquer possível ataque.

A interioridade a que nos referimos pertence a uma outra ordem de fenômenos. Ela diz respeito à importância que será dada à história e às singularidades psíquicas dos indivíduos na explicação dos móveis de sua existência social e na formação dos conteúdos afetivos e representativos de sua consciência<sup>6</sup>.

Entre um hiato de oitenta a cem anos, portanto, os indivíduos brasileiros deixariam de ser psicologicamente “chapados” para se perderem nos labirintos de suas próprias identidades. O que se passou nesse meio tempo?

Quando a família real desembarcou no Rio de Janeiro, em 1808, encontrou um país muito diferente da, então, fina e requintada Portugal, envolta, graças ao ouro das Minas, nos mais novos e extravagantes luxos “europeus”. A Europa vivia um momento de gradual

---

<sup>4</sup> *Iaiá Garcia*. 1938, p. 231.

<sup>5</sup> *Ordem médica e norma familiar*. 1983, p. 96-97.

<sup>6</sup> *Ordem médica e norma familiar*. 1983, p. 97.

sofisticação cultural<sup>7</sup>, centrado em festas e divertimentos variados, e a vida na Corte resplandecia hedonismo por todas as partes: em seus modos de comer, de beber, de trajar, de falar, de se portar no trato social e, enfim, *de viver*. A situação do Brasil era bem outra: a vida social praticamente não existia, e o trato social – se é que assim poderia ser chamado – restringia-se unicamente à “célula familiar”, confinada entre os limites da residência.

Os contornos da individualidade da população brasileira, o que poderíamos chamar de um “eu”, eram extremamente difusos, tal como Jurandir Costa nos apontou há pouco. A vida dos indivíduos centrava-se em torno da figura patriarcal, e a fixação nos seus interesses podava suas especificidades individuais, tornando-os “portadores de uma psicologia rasa, sem relevo ou especificidade”<sup>8</sup>. A própria organização da “casa” colonial propiciava essa estrutura, *essa falta de intimidade*, na medida em que a “família” consistia em uma indiferenciada massa de filhos legítimos e naturais, de agregados, de escravos, de parentes mais velhos e encostados, todos sobre o mesmo teto formando uma unidade extremamente *coesa* em seus interesses. Dispersa nas numerosas relações com seus serviçais e vivendo sob o temor do pai, a família colonial não conhecia de modo algum os laços de afetividade comuns à família burguesa moderna, e *a casa*, nas palavras de Maria Beatriz Nizza da Silva, *não era considerada um lar* – em sua moderna acepção<sup>9</sup>. As limitações da vida social decorriam igualmente dessa unidade familiar, que a tornava praticamente auto-sustentável<sup>10</sup>, e da precariedade das ruas e do ambiente citadino, em geral insalubre e em condições deploráveis, ocasionando um total descaso para com a rua e a vida exterior ao lar.

Com a chegada da Corte, essa situação alterou-se profundamente, em decorrência de várias reformas promulgadas por D. João VI visando europeizar o Brasil ou, antes, *civilizá-lo*, torná-lo emblematicamente um país - tendo início assim uma *cruzada civilizatória* em que diversas classes intelectuais tiveram um papel de amplo destaque nas transformações sociais, culturais e urbanas que o país viria a sofrer. A cidade do Rio de Janeiro, então capital administrativa, foi o *locus* privilegiado dessas transformações, uma espécie de “laboratório de experiências” que, expressivamente, de modesta urbe colonial passou a ser conhecida em

<sup>7</sup> Ver a esse respeito a obra de Piero Camporesi, *Hedonismo e exotismo: a arte de viver na época das Luzes*. 1996.

<sup>8</sup> *Ordem médica e norma familiar*. 1983, p. 97.

<sup>9</sup> *Vida privada e cotidiano no Brasil*. 1993, p. 8.

<sup>10</sup> Segundo Jurandir Freire Costa, “a casa brasileira até o séc. XIX era um misto de unidade de produção e consumo. Boa parte dos víveres, utensílios domésticos e objetos pessoais de que necessita uma família eram fabricados na própria residência”. *Ordem médica e norma familiar*. 1983, p. 83.

meados do século XIX como a *Paris das Américas*. Como comentaria Antonio Henriques Leal:

é o Rio de Janeiro não só empório comercial, como também centro e cabeça da nossa vida política e literária; aí residem o chefe do estado e o governo supremo, a maior força do nosso exército e da marinha, a faculdade de medicina e a escola politécnica, a militar e a de marinha, as academias de boas letras e artes, e vários institutos; é pois um imenso foco para onde convergem todas as vistas e aspirações dos brasileiros, e de onde irradiam para as províncias a vitalidade e o movimento<sup>11</sup>.

Aliando-se às novas medidas deflagradas por D. João VI contra a antiga ordem social, a classe médica foi de vital importância em todas essas transformações, incorporando, com seu discurso higienista, “a cidade e a população ao campo do saber médico”<sup>12</sup> e prefigurando, com seu discurso “científico”, as novas normas sociais almeçadas, aburguesadas ou, antes, *civilizadas*. “Administrando antigas técnicas de submissão, formulando novos conceitos científicos, transformando uns e outros em táticas de intervenção, a higiene congregou harmoniosamente interesses da corporação médica e objetivos da elite agrária”<sup>13</sup>, visando reverter a situação encontrada no Brasil pela Corte de D. João - que, com seu séquito de 15 mil aristocratas aumentou a população local em quase um terço, acelerando as necessidades de mudança e exigindo novas estruturas urbanas e sociais.

É importante notar que as diversas mudanças que tomaram lugar nas esferas urbanas e sociais ocorreram de modo concomitante. Como insiste Jurandir Freire Costa, “universo familiar e universo cidadão interpenetravam-se, modelavam-se mutuamente numa estreita ligação de simbiose e dependência”<sup>14</sup>, de modo que era preciso urbanizar as cidades para a consolidação dos novos hábitos “civilizados” na mesma proporção em que esses hábitos eram necessários para a devida urbanização das cidades. A atuação dos médicos, ao lado de outras classes intelectuais, logo reverteu esse quadro, intervindo na casa e na intimidade das famílias, tornando-as mais sociáveis, ao passo que a parca vida social do Rio era insuflada.

Com o intuito de “*atenuar as agruras da vida e trazer o povo feliz*” o intendente Paulo Fernandes, importante figura do período joanino, não só promoveu um sem número de festividades cívicas e religiosas como fundou em 1813 o Teatro de São João, importante ponto de encontro da sociedade da época. Vivamente incentivada por essa medida, a iniciativa privada passou a investir na abertura de diversos estabelecimentos comerciais, como “cafés, bilhares, confeitarias, hotéis e restaurantes”, que somados às atividades promovidas pela

<sup>11</sup> Antonio Gonçalves Dias: *notícia de sua vida e obra*. 1875, p. 75.

<sup>12</sup> COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. 1983, p. 28.

<sup>13</sup> COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. 1983, p. 28.

<sup>14</sup> *Ordem médica e norma familiar*. 1983, p. 36.

Corte joanina passaram a atrair e a agitar a nobreza local<sup>15</sup>. Se em 1808 a vida social praticamente não existia, em meados da década de 50 a população carioca tinha a seu dispor um leque extremamente variado de agradáveis atividades culturais e sociais, dia e noite – e se antes a família colonial recebia pouco, agora as festas privadas se proliferavam, oferecendo bailes, saraus e diversão para todos.

Quanto ao seio familiar, a medicina social tratou de “civilizar” seus hábitos, alterando os padrões de urbanidade, as relações inter-individuais e sua própria composição. A casa, antes sombria e abafada, “infestada de miasmas”, cedeu lugar à habitações iluminadas e frescas; a intimidade passou a ser cultivada, com o desenvolvimento e a estimulação do amor entre pais e filhos; e os escravos foram cada vez mais afastados do convívio familiar - embora não necessariamente das atividades familiares<sup>16</sup>. Segundo Jurandir Freire, a presença dos escravos facilitava a dispersão do sentimento de intimidade, e sua presença era violentamente condenada pelo discurso higienista, acusando-se o negro, promíscuo por natureza, de ser portador de inúmeras doenças físicas e morais.

Esboçava-se assim uma “nova” sociabilidade, que concedendo maior autonomia aos indivíduos desmantelou as antigas e estáticas relações familiares, onde o médico de família ocupava um papel extremamente privilegiado - mas não só. A cruzada civilizatória oitocentista foi encampada por diversas outras classes intelectuais, entre elas os homens de letras, cujo discurso seria profundamente influenciado pelas idéias médicas correntes.

No presente ensaio, buscaremos esquadrihar a atuação de médicos e literatos na construção de alguns traços da sensibilidade brasileira oitocentista, tomando como fontes, para tanto, um conjunto de romances e teses médicas do período. Em um primeiro momento, acompanharemos o desenvolvimento da história do romance nacional em correlação ao desenvolvimento da sociedade brasileira, entre 1844, quando o gênero é “inaugurado” em nossas letras, e 1882, quando uma nova estética está definitivamente firmada e os “moldes” antigos saem de cena, buscando apontar a complexificação da realidade social oitocentista em paralelo à complexificação das narrativas literárias que lhe faziam par. Em um segundo momento, observaremos a atuação da classe médica sobre esse panorama social cotejando seus discursos com as representações legadas por nossos literatos, ao mesmo tempo agentes e

---

<sup>15</sup> *Literatura e sociedade no Rio de Janeiro oitocentista*. 1999, p. 32-33.

<sup>16</sup> Como nota muito Jean Marcel França, “isso não significa de forma alguma que a população local, cada vez mais europeizada, não tenha alterado suas relações com a farta mão-de-obra escrava disponível. No entanto, esse traço constituirá durante todo o século XIX, um toque de barbárie numa sociedade que se queria cada vez mais civilizada”. *Literatura e sociedade no Rio de Janeiro oitocentista*. 1999, p. 25.

cronistas desse processo, buscando apontar as correlações entre suas falas e o desenrolar de suas construções.

Tomaremos a trajetória literária do intelectual Joaquim Manuel de Macedo como guia para a primeira parte deste ensaio tanto por sua posição cronológica como por sua importância na história do romance nacional, visto que ele não foi só o responsável pela “criação” do gênero em nosso país como foi um de seus maiores mestres, lançando tendências e ocupando as graças do público por longos anos. Macedo também nos parece uma boa escolha por sua ampla dedicação ao romance urbano oitocentista, e ainda por sua declarada preocupação com a representação de usos e costumes sociais – tal com ele nos indica em uma passagem do romance histórico *As mulheres de mantilha*:

Tenho quase a certeza de que hoje haverá de sobra quem me censure por estas explicações do que todos sabem, visto como ainda atualmente existe o cancro da escravidão, ainda há população escrava, e portanto, ainda há também nas famílias – *nhanhãs* e *sinhazinhas*; mas no século vigésimo os romancistas historiadores, que são os professores de história do povo, hão de agradecer estes e outros esclarecimentos da vida íntima das famílias do nosso tempo<sup>17</sup>.

Tomando Macedo como guia, evidentemente tomaremos também seus romances como fontes, concedendo ainda especial atenção aos autores que se dedicaram ao romance de costumes urbanos, como José de Alencar, Machado de Assis, Alfredo Taunay e Aluísio Azevedo, entre outros romancistas e poetas de menor renome.

As teses médicas oitocentistas, por sua vez, foram selecionadas conforme suas temáticas sociais, em correspondências com as discussões românticas que nos pareciam mais promissoras. Das vinte e oito escolhidas, somente duas foram publicadas “comercialmente”: a tese *Teoria das gastralgias e das nevroses em geral*, de Luís Pereira Barreto, incluída por Roque Spencer de Barros no primeiro volume dedicado às obras filosóficas do autor, e a tese *Considerações sobre a nostalgia*, de Joaquim Manuel de Macedo, publicada recentemente pela editora da UNICAMP. Todas as demais se encontram no acervo de obras raras da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro – exceto, justamente, a tese de Macedo, que consultamos a original, disponível na Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

Todas as citações do presente ensaio tiveram seus textos atualizados para o português contemporâneo, e visando estender a outros pesquisadores as fontes da pesquisa, tanto os títulos das teses médicas quanto os nomes de seus autores serão indicados, na bibliografia, conforme a grafia original, *tal como eles estão registrados no acervo digital da Biblioteca Nacional*.

---

<sup>17</sup> *As mulheres de mantilha*. 1965, p. 36.

## **PRIMEIRA PARTE**

*A literatura e a construção da sensibilidade brasileira*

“O poeta deve ser ele próprio um verdadeiro poema”<sup>18</sup>, comentou José de Alencar na abertura de sua última carta sobre *A confederação dos Tamoios*, sintetizando mais os juízos de sua época acerca do papel do literato no século XIX do que apresentando suas convicções pessoais. Inflammada expressamente por Deus, a fagulha do gênio não poderia nunca ser ignorada e se manifestaria em quaisquer circunstâncias ou ambientes, como comentaria anos mais tarde Araripe Júnior:

foi precisamente o reconhecimento desta verdade, já vagamente formulada no século passado por Buffon – o estilo é o homem –, que fez com que um autor dissesse que Rafael, ainda mesmo metido em uma taberna e obrigado a pintar beberrões, colocar-lhes-ia sempre nos olhos uma expressão apostólica<sup>19</sup>.

“O espírito do poeta deve ter, por assim dizer”, prosseguiria Alencar, “o privilégio da ubiqüidade; deve estar em todo o poema e sobretudo em cada um dos caracteres importantes da ação dramática que descreve”.

E não é só isto; é preciso que se transforme a cada momento, e, como Prometeu, dê vida a essas estátuas criadas pela história, ou por sua imaginação, animando-as com um raio do fogo sagrado<sup>20</sup>.

“A vida inteira de um artista é muito pouco ainda para a sua obra. Na arte, seja literatura, música, pintura ou estatuária, não há meios termos – ou é arte ou não é arte”<sup>21</sup>, comentaria muitos anos mais tarde o romancista Aluísio Azevedo. A figura do poeta, atrelada à concepção mais plena do gênio, atravessou o século XIX intocada e flamejante, para além das diferentes estéticas que se sucederam muitas vezes em flagrante oposição. Criatura extravagante, sempre à frente de seu tempo, o gênio tinha como destino a glória em um futuro inalcançável, encerrado no presente ao desprezo e à indiferença de seus pares. “Bendita a hora”, declararia Antonio Henriques Leal, biógrafo de Gonçalves Dias:

em que nasce um gênio, aqui, ali, que importa, se for luz benéfica que esclareça e guie a humanidade? A essa outorga Deus parte de seus atributos, e ordena-lhe que trabalhe e produza, e o mundo dá mais um passo para diante no estádio do progresso e da perfectibilidade humana, impelido por essa nova força<sup>22</sup>.

<sup>18</sup> CASTELLO, José Aderaldo. *A polêmica sobre A confederação dos Tamoios*. 1953, p. 58.

<sup>19</sup> *José de Alencar*. 1894, p. 135.

<sup>20</sup> CASTELLO, José Aderaldo. *A polêmica sobre A confederação dos Tamoios*. 1953, p. 58-59.

<sup>21</sup> *O touro negro*. 1961, p. 64.

<sup>22</sup> *Antônio Gonçalves Dias: notícia de sua vida e obra*. 1875, p. 03.

Segundo o grande repertório de lendas e mitos ligados ao romantismo brasileiro, Joaquim Manuel de Macedo teria escrito seu primeiro poema aos onze anos de idade. De cunho nacionalista e intitulada *O sete de abril*, tal composição não foi conservada e hoje se encontra no imenso volume de *‘poesias perdidas da humanidade’*. Para além de tal perda, pois muitas outras viriam se juntar a esse volume – seja por descuido do autor, pela ação natural do tempo ou por sua localização em publicações obscuras até hoje nunca recuperadas<sup>23</sup> –, Macedo exibiria em seus primeiros escritos uma verdadeira “carta de princípios” e parecia ter forte noção dos perigos que rondavam seu destino – perigos que, apesar de todos seus esforços, não pôde evitar. No poema *O amor do vate*, publicado em 1846, o autor nos apresenta suas expectativas e seus temas futuros:

*Vate! aos ouvidos teus está tinindo  
O ouro de um rival, que te prefere!...  
A razão desmentindo  
O mundo vil confere  
A essa bruta massa, suspirada  
Apreço tão subido,  
Que a virtude recua envergonhada:  
Glória, honra, amizade outr’ora hão sido  
Farol da humanidade;  
Mas nossa geração as vícios dada,  
Surda à voz da verdade  
Tal divisa riscou do nobre escudo,  
Vendeu-se toda ao oiro – oiro hoje é tudo.*

Bem ao gosto romântico do período, Macedo mostra-se reticente quanto às inclinações de sua época que se entregou facilmente aos encantos débeis da riqueza. O autor retrata uma galeria de tipos sociais que “vendeu-se toda ao ouro” – o ministro que “honras e graças vende”, o juiz que vota “ao crime a liberdade”, o sacerdote que se esquece de sua “sagrada missão”. Ao pobre nada resta, nem “amor, nem amizade”, visto que todas as graças recaem sobre o “gênio da riqueza”; e mesmo o poeta, que com sua arte pode imortalizar o doce semblante da amada, vencendo o obscuro vale da morte com seus hinos que atravessam séculos, nada pode diante do poder do “ouro”. “Embalde a gratidão!” – brada Macedo: embora “neste correr de vida” não exista um amor mais forte, o poeta sabe qual é sua verdadeira missão:

*Embalde a gratidão! – não há de o Vate  
Quebrar a lira altiva,  
Nem murchar a flor de gênio em selva escura,*

<sup>23</sup> Foi Tania Serra, em 1994, quem se dedicou à tarefa de compilar as composições em verso de Macedo, pesquisando vasto número de publicações e encontrando materiais até então completamente ignorados. Segundo ela, “tratando-se de Macedo, no entanto, crônicas e poesias esparsas ainda podem ser encontradas em jornais e periódicos da época, de maneira que se torna impossível dizer que a pesquisa sobre seus inéditos esteja encerrada”. *Joaquim Manuel de Macedo ou Os dois Macedos: a luneta mágica do II Reinado*. 1994, p. 15.

*Só porque a beleza foi-lhe esquiva,  
E não pagou ternura.  
Não! que mote mais nobre à glória o chama.  
Seus hinos luminosos  
Vertendo em voto humilde a divindade,  
Cantando a pátria, e seus heróis famosos,  
Sobe à imortalidade.*

Macedo antepõe assim a imortal glória literária aos efêmeros prazeres materiais, empenhando sua pena sobretudo à nação brasileira:

*Acendesse-me Deus no espírito humilde  
De gênio a luz preclara!...  
Que nunca a essa beleza tão mesquinha  
Dera a lira, que nobre só votara  
A Deus, e à pátria minha.*

Antes dele, no marco inicial de nosso romantismo, o clássico *Suspiros poéticos e saudades*, Gonçalves de Magalhães já colocara sua pena à serviço da Pátria:

*Trabalhem, Amigo, pela Pátria,  
Só por amor da Pátria,  
E entreguemos a Deus nosso destino.  
Se à região dos astros não subirmos,  
Pirilampos seremos nos desertos,  
E aos nossos reunidos, luz daremos,  
Que nas trevas talvez ao desgarrado  
Viajor encaminhe.  
Trabalhem, Amigo, pela Pátria,  
Só por amor da Pátria,  
E entreguemos a Deus nosso destino<sup>24</sup>.*

Desde cedo dedicado às belas letras, desde cedo dedicado à sua pátria: eis um primeiro instantâneo que podemos tirar do escritor itaboraíense, confirmado por seu conterrâneo Salvador de Mendonça – aliás, o autor da lenda acerca da genialidade precoce do escritor a que já nos referimos. Deixemos fluir sua memória:

De 1831 data a sua primeira composição poética de que tenho notícia, “O 7 de Abril”. Tinha o poeta apenas onze anos de idade e creio que não deve ter sido indiferente ao desaparecimento de todos os exemplares dessa produção de sua puerícia. Nos anos subseqüentes todos os seus versos de estudante corriam de mão em mão, em todas as casas da vila, cuidadosamente copiados. Inspirava-os sempre mais o amor da Pátria e do campanário que os belos olhos das moças pelas quais dificilmente se enamorava<sup>25</sup>.

A glória é uma constante nos primeiros escritos do Quinquim Manuel, como o chamava Salvador de Mendonça, quase uma obsessão literária – não em um sentido estritamente individual, mas mais amplo. Foi evocando a glória que ele concluiu seu discurso de formatura em Medicina, no ano de 1844, certamente aos brados, e foi com um hino bíblico intitulado *O amor da glória* que ele saudou a inauguração dos bustos do cônego Januário da

<sup>24</sup> *Suspiros poéticos e saudades*. 1999, p. 184.

<sup>25</sup> *Cousas do meu tempo*. 1960, p. 114.

Cunha Barbosa e do Marechal Raimundo José da Cunha Mattos, no dia seis de abril de 1848, valorosos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual Macedo era associado. O vate busca justificar a existência humana mesmo com todos os seus sofrimentos e pesares tendo em vista a infinita bondade de Deus, que com sua grandeza despeja numerosas graças e misericórdias sobre os homens. O amor da glória, segundo ele, provém da combinação das diversas graças que Deus concedeu ao homem, das quais a maior certamente é a pátria – “*porque assim como o céu é a pátria da alma, a pátria é o céu do coração*”.

*Porque o amor da glória é o desejo ardente de honrar à pátria, aos pais, à esposa, e de legar um nome ilustre aos filhos, e de ser útil aos outros homens.*

*E de ser por isso lembrado pela pátria, abençoado pelos pais, e amado pela esposa; e de servir sua memória de farol aos filhos, e de ser louvado pelos outros homens.*

*E esse amor é como o arbusto que se cultiva no presente, e que só floresce no futuro.*

*E a flor, que esse arbusto desabotoa, orna o tumulo do jardineiro que o tinha cultivado.*

*E os odores dessa flor, que é muito bela, são sentidos unicamente pelos vindouros.*

*Porque a gloria é um trono, cujo primeiro degrau é o sepulcro, e é também uma coroa, que serve só na frente do esqueleto.*

*Mas esse amor é quem acende o sagrado fogo do gênio; e sonho ou ilusão dá força e animo ao homem para trabalhar dia e noite preparando um futuro, que não será nunca presente para ele; mas que lhe está transluzindo debaixo da laje fria do tumulo<sup>26</sup>.*

Podemos notar nessas linhas um certo pessimismo diante da glória, uma leve melancolia. Macedo estaria realmente resignado com essa projeção ou – o que no fundo significaria a mesma coisa – apenas correspondendo literariamente às expectativas românticas da época? O autor sabe que em seu jovem país aqueles que se dedicam às belas letras ainda “pregam no deserto”, sem nunca receber as devidas honras por seu precioso trabalho – justamente como os ilustres homenageados do dia, Januário da Cunha Barbosa e Raimundo da Cunha Mattos. Foi unicamente a glória que os guiou em sua árdua caminhada, cheia de “*terríveis provas*” e ingratidões, “*quando mesmo pelo bem da pátria e dos seus semelhantes mais se esmeravam*”<sup>27</sup>. O momento em que Macedo vive, contudo, é um momento agraciado:

*Porque até bem pouco o amor da glória era entre nós o único incentivo que animava as letras.*

*E o sábio, que o sentiu, chorou no silencio da noite a miséria e a cegueira dos outros homens.*

*Porque a terra do lenho sagrado estava conquistada pelo egoísmo, e manchada pelos vícios.*

*E a pátria era um nome de escárnio, e a liberdade, que o Senhor Deus tinha comprado para os homens no cimo do Calvário, era um nome vão.*

*E o senhor Deus viu as lagrimas do sábio, e mandou um anjo para consolar o homem junto em sua aflição,*

<sup>26</sup> Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 1848, p. 280-1.

<sup>27</sup> Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 1848, p. 281.

*E o anjo veio pousar no ombro do sábio, e em nome do Senhor Deus lhe falou assim:*

*“As lágrimas do sábio são torrentes de poesia, e nunca ele se faz tão agradável ao Senhor, como chorando sobre a miséria dos outros homens, e bradando contra seus crimes.*

*“Porque as plantas odoríferas desprendem mais vivos perfumes quando são maceradas.*

*“E os pirilampos jamais brilham tanto como em noites escuras e calmosas.*

*“E as lágrimas do sábio assemelham-se ao orvalho benéfico, que lenteja o seco vale, e fertiliza os campos áridos.*

*“E a tua dor é a dor do homem justo; e o Senhor Deus é infinitamente bom, e vê o pranto de seus filhos.*

*“E ele envia à terra de seu lenho um mancebo predestinado, que há de marcar uma época nova para ela.*

*“E esse mancebo trará sobre seus ombros a púrpura dos reis, e terá nos olhos o fogo do céu.*

*“E sobre sua cabeça loura descansará um diadema, no qual hão de brilhar dezoito fulgurantes estrelas.*

*“E o mancebo predestinado há de hastear uma nobre bandeira, na qual, por ordem do Senhor Deus, eu escrevi com letras de fogo – a glória!*

*“E os bons e os justos hão de lançar flores adiante de seus passos.*

*“E quando ele tiver passado hão de segui-lo cheios de entusiasmo.*

*“Porque só ele é que pode ir na frente de todos, e é o único que terá valor para vencer os perigos e os trabalhos da grande cruzada.*

*“Porque ele é o ungido do Senhor Deus”<sup>28</sup>.*

Vemos nessa longa passagem a justificativa da melancolia do poeta e de sua postura abnegada, bem como a tradicional condenação dos ímpios e a apologia dos bons; mas quem seria esse “mancebo predestinado” à comandar uma cruzada pela salvação do país? Caracterizado apenas como o “*maior de todos os homens das terras de Colombo*”, com “*a alma voltada para o Senhor Deus, e o coração amorosamente inclinado para seus súditos*”, unicamente sabemos que infundirá ânimo nos espíritos daqueles “*que amarem a virtude, a pátria e as letras*” e que os defenderá “*contra a prepotência dos pequenos potentados que abusam*” – “*porque a vontade do Senhor Deus é essa, e há de ser cumprida*”<sup>29</sup>. A primeira figura que nos vem a mente é a de Dom Pedro II, mas Macedo mantém seu nome envolto em um manto de brumas meramente sugestivas. Em 1849 o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro viveu um de seus mais “faustos” dias, quando o Imperador Dom Pedro II gentilmente cedeu uma das salas do palácio imperial para a realização das reuniões da associação. Em clima festivo, a nova sede foi inaugurada na 212<sup>a</sup> sessão histórica do Instituto, em quinze de dezembro, e relatando na Revista Guanabara esse momento memorável Manuel de Araújo Porto-Alegre parece retomar a pista de Macedo:

<sup>28</sup> Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 1848, p. 282-3.

<sup>29</sup> Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 1848, p. 284.

Abriu-se a pagina de ouro da época atual; o primeiro e o mais vivificante raio da luz criadora derramou o seu benigno insuflor; a existência das letras prossegue de ora avante com uma nova vida, superior à compreensão do passado, e acima de todos os fatos deste gênero nos dois mundos, que falam a língua de Camões.

O ano de 1849 foi selado com este grande e notável acontecimento, que na vida do Senhor D. Pedro II será sempre olhado com admiração pela posteridade: a emancipação do literato está consumada, as suas lucubrações recompensadas, e a sua hierarquia colocada no devido grau que as sociedades civilizadas costumam marcar-lhe.

Ao literato já não pertence essa existência secundaria na ordem social, essa vida de um crepúsculo que só depois da morte se devia engrandecer: os serviços intelectuais do ministério das idéias foram nivelados com os outros elementos civilizadores, e a sua gloria igualada à do general, do magistrado e do estadista; os elos da cadeia civilizadora se acham entrelaçados fraternalmente, e caminhando para a mesma direção. Este triunfo tão solene, e que tanta luz vai derramar sobre a historia da América, é equivalente àquela lei providencial, aquela reivindicação que pelos atos da posteridade o tempo concede ao gênio<sup>30</sup>.

Porto Alegre identifica a mesma “virada” histórica que Macedo, exibindo por um instante a mesma postura de abnegação resignada com o presente e prestimosa esperança nas luzes do futuro:

O egoísmo e todas as suas filiações pertencem ao presente de todas as gerações; a posteridade é de uma imparcialidade constante para com o passado: é o tribunal da civilização, e a depositaria que entesoura todas as riquezas que lhe foram legadas por seus antepassados: a severidade contemporânea é adoçada pela indulgência dos vindouros: o trabalho do homem de gênio é como um monumento visto ao longe: admira-se a sua massa imponente, a harmonia de suas linhas gerais, os contornos de suas partes, sem se descer à análise microscópica de seus mais pequeninos detalhes. A posteridade aceita a obra como uma herança pingue; estima-a e a considera como produto de uma mão desconhecida que a mimoseara: não ha mais o indivíduo, não ha mais o terrível eu, que é o gérmen de todos os senões das obras humanas.

As nações que conquistam uma parte do que pertence ao futuro, e que destarte encurtam os tempos e apressam as recompensas, são verdadeiramente civilizadas<sup>31</sup>.

Vemos que não há mais motivos para tristeza, que uma nova emoção começa já a animar o coração dos homens de letras. O fundador da revista *Niterói* sabe que vive um momento privilegiado, um momento em que o país avança na marcha da civilização; ao que parece, o “mancebo predestinado” finalmente chegou:

A pagina de ouro do livro da glória, da legítima e modesta glória, está aberta.

E quem é esse Messias de nova espécie, que no meio do positivismo do século marcha triunfante e escoltado de tantos idealistas; quem é esse homem notável, essa espécie de semideus, que se eleva tão alto, e despede de sua frente olímpica a luz da civilização, e ilumina o escuro canto do sábio com o clarão de sua majestade, e o mostra aos outros homens nos bancos da glória; quem é este americano, que desce do solo augusto, e depõe todos os atributos da majestade para sentar-se no recinto da inteligência, irmanar todas as categorias civis, colocar-se no coração do filósofo, nos lábios do poeta heróico, e nas paginas do historiador, escurecendo a gloria de muitos de seus antepassados, e conquistando uma nova, tão grande como o mundo em que nascera?

Quem é este novo filho do céu, que começa a colher todos os epítetos consagrados aos homens que fizeram as delicias da humanidade?!

<sup>30</sup> O texto de Porto Alegre foi originalmente publicado na Revista Guanabara, mas dada a importância de seu conteúdo ele foi parcialmente transcrito na ata da 212ª reunião histórica do IHGB – aqui consultada. *Ata da 212ª sessão do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. 1849, p. 555.

<sup>31</sup> *Ata da 212ª sessão do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. 1849, p. 556.

## O IMPERADOR.

Amanhã, quando a nova Fama das cem bocas, a imprensa tiver espalhado do Prata ao Amazonas as vozes do Soberano do Brasil, o literato, até agora colocado na esteira secundária da ordem social, se erguerá da mesa, tendo na mão as suas obras, olhará em torno de si, e dirá como Corregio à vista de um quadro de Raphael: – *Anch'io sono pittore*: também eu sou homem; também me posso sentar diante do Soberano! – As minhas obras são os meus títulos de nobreza.

Certamente, que poucas emoções havemos experimentado em uma vida errante, de êxtases e de contemplação, como a do dia 15 de Dezembro de 1849<sup>32</sup>!

Parece-nos possível ainda hoje sentir a comoção de Porto Alegre ao proferir palavras tão entusiastas: sua rasgada verborragia corresponde tanto às exigências literárias do período como à natureza do evento reportado, certamente, mas não há dúvidas quanto a radiante importância do momento. Porto Alegre e Macedo figuram a si mesmos como cruzados de Dom Pedro II em uma sagrada missão de civilização do Brasil, levada a cabo por uma série de outros intelectuais das letras e também de outras ciências – como os já citados generais, magistrados, estadistas, filósofos e historiadores. Gonçalves de Magalhães, por sua vez, aquele que será considerado o líder desse grupo de cruzados, dedicara ao Imperador, no dia de sua coroação e sagração, dezoito de julho de 1841, as seguintes linhas:

*Sabes o que é ser Rei? – A Deus pergunta-o.  
Mais por nós, que por ti, deu-te ele o Império.  
Glória imortal te espera, ou... Não; só glória,  
Só glória, Imperador, te profetizo*

*Apraz-te a minha lira? É fraca. Eu juro  
Só consagrá-la a Deus, a ti, e a pátria.  
Escute o céu meus votos: serás grande;  
Feliz o povo; o teu reinado egrégio<sup>33</sup>.*

A figura do gênio legada por nossos escritores detinha características bastante ambíguas: tratava-se de um indivíduo fenomenal e único, que traduzia em palavras e atos as glórias de Deus e da natureza, predestinado, prodigioso e radiante, mas que, por outro lado, estava sempre à frente de sua época, incompreendido por seus compatriotas, cujas glórias e méritos seriam reconhecidas e destacadas unicamente no futuro, quando então seus ossos descansassem no frio abrigo de um lúgubre sepulcro...

Ninguém poderia resistir à simples menção das primeiras premissas, é certo, mas quem desejaria para si a funesta trajetória exposta pelas segundas? Talvez seja essa a importância da “predestinação” da genialidade, que tornava o “calvário” terrestre mais tolerável e isentava nossos escritores de quaisquer auto-recriminações. “Mito de pranto e

<sup>32</sup> *Ata da 212ª sessão do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. 1849, p. 556-7.

<sup>33</sup> Citado por Roque Spencer de Barros. *A significação educativa do romantismo brasileiro: Gonçalves de Magalhães*. 1973, p. 119.

fogo”, como enunciaria Macedo em seu longo poema *A nebulosa*, o poeta não poderia nunca fugir à sua missão, como comentaria Gonçalves de Magalhães:

seja qual for o lugar em que se ache o poeta, ou apunhalado pelas dores, ou ao lado de sua bela, embalado pelos prazeres; no cárcere, como no palácio; na paz, como sobre o campo da batalha; se ele é verdadeiro poeta, jamais deve esquecer-se de sua missão<sup>34</sup>.

“Para ser grande, para produzir entusiasmo nas almas prosaicas dos leitores vulgares”, como comentaria Antonio Henriques Leal,

importa que seja o poeta um ente singular e fantástico. Esse sentir profundo e triste, esse amor infinito e sem reserva, essa mistura de timidez e atrevimento, esses receios e zelos às vezes sem causa, essa irritabilidade exagerada são as modulações que ferem as cordas da lira, que irradiam sons que enlevam, sem percebermos que quem tange o instrumento é um infeliz, um mártir de seu gênio<sup>35</sup>.

O poeta Gonçalves Dias, a figura que Leal tinha em mente quando cunhara suas palavras, confirmaria a validade das impressões do amigo na abertura de seus *Últimos cantos*, publicados em 1850:

Se as minhas pobres composições não foram inteiramente inúteis aos meu país; se algumas vezes tive o maior prazer que me foi dado sentir, – a mais lisonjeira recompensa a que poderia aspirar, – de as saber estimadas pelos homens da arte, d’aqueles, que segundo o poeta, porque a entendem, a estimam, e repetidas por aquela classe do povo, que só de cor as poderia ter aprendido, isto é, dos outros que a compreendem, porque a sentem, porque a adivinham – paguei bem caro esta momentânea celebridade com decepções profundas, com desenganos amargos, e com a lenta agonia de um martírio ignorado<sup>36</sup>.

No poema *O cárcere de Tasso*, composto em 1835, Gonçalves de Magalhães lamentava a ingrata sorte de todos os vates:

*Ah! consola-te, ó Tasso,  
Que o único não foste, que da sorte  
Sorver tragos amargos  
Quase é do vate estrela o infortúnio!  
Como os mártires são, que só morrendo  
A apoteose recebe.  
Aquele a quem a Grécia ergueu altares,  
Homero, mendigou de porta em porta!*<sup>37</sup>

Atrelado à mocidade, o dom da poesia elevaria seus escolhidos às altas dimensões do divino, empolgando e impulsionando a cruzada em andamento:

*Eu vos saúdo, Geração futura!  
Só em vós eu confio  
Crescei, crescei, mimosa planta,  
Sobre a terra da Pátria só regada  
Com lágrimas e sangue.  
Crescei, crescei da liberdade, ó filhos  
Para a Pátria salvar, que vos aguarda*<sup>38</sup>.

<sup>34</sup> *Suspiros poéticos e saudades*. 1999, p. 42.

<sup>35</sup> *Antônio Gonçalves Dias: notícia de sua vida e obra*. 1875, p. 225.

<sup>36</sup> *Poesias*. 1926, vol. I, p. 16.

<sup>37</sup> *Suspiros poéticos e saudades*. 1999, p. 259.

Tanto a figura do gênio quanto as representações acerca de sua trajetória amargurada não ficaram restritas à geração romântica, mas se espraiaram até o fim do século, para além de movimentos estéticos ou antipatias pessoais acirradas, como elementos “estruturais” ou como imperativos culturais que não podiam ser “deixados de lado” pela intelectualidade brasileira. O ultra-republicano Raul Pompéia, ateu convicto e declarado inimigo da geração romântica, saudaria o compositor Carlos Gomes nos seguintes termos:

o amor que se consagra aos gênios tem sempre mescla de admiração. A mocidade contempla em vós o dileto de Euterpe, o gênio das harmonias, e possam as minhas rudes expressões, qual toska cornucópia, vazar sobre vós, com as flores do amor, as palmas da admiração... Mas, silêncio! Alguém vol olha de longe, das brumas do porvir... acena-vos com um ramo de louros. É mais imponente do que a majestade deste lugar... Cala-te voz fraca do presente. É o vulto da posteridade!<sup>39</sup>

Conclamados assim à sua pátria, nossos literatos devotaram todos os seus esforços à civilização do país, ainda que por vezes com diferentes programas. Segundo Silvio Romero, Macedo, “popularíssimo entre os anos de 1844 a 68 ou pouco mais”, morto “no meio da quase indiferença geral dum publico alheio aos labores da inteligência”, fora “o mais operoso, o mais fecundo de nossos escritores, um dos fundadores, senão o verdadeiro fundador do romance no Brasil, um dos criadores do nosso teatro, um dos mestres de nossa poesia<sup>40</sup>. No parecer de Antonio Henriques Leal, Gonçalves Dias,

desconhecido do público e na intimidade de dois ou três amigos entregava-se de seu vagar e com sossego às lides literárias, fervilhando-lhe na mente mil projetos e meditando excursões arrojadas por todas as províncias da literatura – história, poemas, romances, dramas – que tudo se realizaria para glória do Brasil, como o atestava a sua força de vontade, facilidade de concepção e de execução, seu indefeso trabalho, e atividade inexcedível, se não soprassem sobre ele desapiedadas as furiosas rajadas da desgraça, e o não distraíssem logo em princípio de sua carreira os trabalhos de que se encarregava para prover às necessidades da vida material<sup>41</sup>.

Ainda que a tarefa dos artistas seja considerada geralmente uma atividade solitária, Macedo não alcançou uma posição de destaque sozinho, contando tanto conceitual quanto institucionalmente com o apoio de três amigos notáveis: Gonçalves de Magalhães, Manuel de Araújo Porto Alegre e Gonçalves Dias.

Macedo fazia parte do grupo mais íntimo do monarca, ao lado do autor dos *Suspiros poéticos*, do das *Brasilianas*, e do dos *Primeiros cantos*. Mais livres eram as palestras, quando os dois primeiros, bem mais velhos do que Pedro II, Gonçalves Dias e Macedo, não se achavam presentes; a cordialidade era completa quando D. Pedro de Alcântara estava a sós com o escritor da *Moreninha* e o poeta dos *Timbiras*<sup>42</sup>.

<sup>38</sup> *Suspiros poéticos e saudades*. 1999, p. 298.

<sup>39</sup> Citado por Eloy Pontes. *A vida inquieta de Raul Pompéia*. 1935, p. 37-38.

<sup>40</sup> *História da literatura brasileira – tomo quinto: diversas manifestações na prosa, reações anti-românticas na poesia*. 1960, p. 1400-01.

<sup>41</sup> *Gonçalves Dias: notícia de sua vida e obra*. 1875, p. 79.

<sup>42</sup> ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira – tomo quinto: diversas manifestações na prosa, reações anti-românticas na poesia*. 1960, p. 1401.

“O engenho”, comentaria Antonio Henriques Leal, “por mais alto que depois arranque os vãos, não pode nos primeiros adejos literários dispensar-se do concurso e auxílio alheios, e de seguir o gosto da sua época que o domina e avassala”<sup>43</sup>. Os quatro foram os maiores vultos de sua geração, quatro lendas vivas cruzando gloriosamente as ruas da corte imperial.

### *Os quatro cruzados do Imperador*

Gonçalves de Magalhães foi um dos maiores vultos do romantismo brasileiro, máxime entre a primeira geração e absoluto até a década de 50 – quando só então o anjo da morte concederia a um escritor uma posição de destaque superior à sua, ainda que com uma produção literária bastante incipiente: Álvares de Azevedo. Poeta, filósofo, dramaturgo, “com veleidades de historiador e frustrado novelista”, Magalhães dedicou toda sua vida, “ele que viveu grande parte de sua vida fora da pátria”<sup>44</sup>, como ressalta Roque Spencer de Barros, à grandiosidade de sua pátria, buscando abarcar todos os domínios da existência humana e lançar as bases de uma cultura eminentemente nacional. Tido como o inaugurador oficial do movimento romântico em nosso país, com seus *Suspiros poéticos e saudades*, lançado em 1836, ele foi o grande guia espiritual de toda uma geração e lançou indelevelmente seus ideais sobre a cruzada civilizatória posta em marcha com a chegada de D. João VI ao Brasil – influenciando todos os intelectuais oitocentistas que o sucederam, como observamos rapidamente linhas atrás.

A puerícia e a adolescência do poeta coincidiram com as do Império: tinha ele onze anos ao ser proclamada a Independência, e vinte ao tempo do desquite amigável, por incompatibilidade formal de gênios, entre a nação e o primeiro Imperador. Chegou à maturidade, quando o Império entrava na civilidade. Envelheceu com a monarquia. Desapareceu para sempre nas vésperas do desabamento do trono<sup>45</sup>.

Nascido em 1811, sob os augúrios de que seria poeta, na cidade do Rio de Janeiro, Magalhães se formou em medicina no Colégio Médico Cirúrgico da corte, em 1832, seguindo para a Europa no ano seguinte sob a égide do cônego Evaristo da Veiga. Conheceu diversas cidades européias, estudou filosofia na França, ingressou às fileiras do Instituto Histórico deste país e, inebriado com o efervescente ambiente cultural que o cercava, lançou em 1836, em parceria com os patricios Araújo Porto Alegre e Francisco de Sales Torres Homem, a revista *Niterói*, com o emblema: “Tudo para o Brasil, e pelo Brasil” – no mesmo ano em que

<sup>43</sup> Antonio Gonçalves Dias: *notícia sobre sua vida e obra*. 1875, p. 508.

<sup>44</sup> A *significação educativa do romantismo brasileiro: Gonçalves de Magalhães*. 1973, p. XX.

<sup>45</sup> MACHADO, Alcântara. *Gonçalves de Magalhães ou O romântico arrependido*. 1936, p. 05.

lançava o volume de poemas que já mencionamos. Lecionou filosofia no Imperial Colégio de Pedro II, ocupou diversos cargos no quadro da diplomacia brasileira e, mesmo longe da pátria, nunca desviou sua atenção da cruzada civilizatória que ajudou a caracterizar. No parecer de Franklin Távora, “a concepção de Magalhães, profundamente cristã e filosófica, iluminou por quase meio século os campos da nossa literatura, ou antes agitou o nosso sentimento, e dirigiu o nosso ideal”<sup>46</sup>.

Manuel de Araújo Porto Alegre seguiu uma trajetória muito semelhante à de Magalhães: nascido em São José do Rio Pardo, no Rio Grande do Sul, mudou-se para a capital do Império em 1826 com o intuito de estudar com o grande Debret, na Academia Imperial de Belas Artes, cursando também a Escola Militar e doutorando-se em medicina no Colégio Médico Cirúrgico da corte. Graças à uma subscrição promovida pelo cônego Evaristo da Veiga, Porto Alegre partiu para a Europa em 1831 acompanhando seu mestre Debret, visando aperfeiçoar suas habilidades artísticas. Entregou-se ao ambiente cultural de Paris e, em parceria com os conterrâneos Magalhães e Torres Homem, participou do lançamento da revista *Niterói*. De volta ao Brasil, em 1837, assumiu o cargo de professor de Pintura Histórica que seu mestre deixara vago seis anos atrás – ocupado até então pelo artista Simpício Rodrigues de Sá – e passou a colaborar em diversas publicações – fundando com Joaquim Manuel de Macedo e Gonçalves Dias, em 1849, a célebre revista *Guanabara*, tida como um “prolongamento” da *Niterói*. Além de lecionar na Academia Imperial de Belas Artes, Porto Alegre também fez parte do corpo docente do Imperial Colégio de Pedro II e da Escola Militar – abandonando, no entanto, seus dotes pedagógicos para se entregar à vida diplomática. Foi nomeado, primeiramente, cônsul brasileiro da Prússia em 1858, sendo em seguida transferido para a Saxônia, em 1860, e finalmente para Portugal, em 1866, onde permanecerá até o fim de seus dias, em 1879. Para além de suas produções literárias, sua marca maior em nossa cultura ficou no plano da pintura, onde alcançou maior notoriedade.

A obra destes dois literatos, somadas à de Macedo e de Gonçalves Dias, que acompanharemos mais adiante, pode ser compreendida como uma única e vasta empreitada, onde todos se esforçavam por complementar e expandir as criações dos demais visando um único e reluzente mosaico – esforço baldado, contudo, por conta dos padrões estéticos da época e pelas misteriosas ações do destino, que drenou os ânimos dos dois fundadores da confraria – Magalhães e Porto Alegre – e que ceifou a vida de Gonçalves Dias antes do esperado, legando à Macedo a tarefa de conduzir sozinho a cruzada civilizatória do grupo.

---

<sup>46</sup> *Primeiro discurso como orador do IHGB*. 1882, p. 508.

Magalhães nunca depôs sua lira, propriamente, mas após a estrondosa polêmica suscitada pelo poema épico *A confederação dos Tamoios* suas obras causaram pouco ou nenhum impacto em nosso público, assim como as obras de Porto Alegre que sucederam seu poema épico *Colombo* – lançado em 1866.

Tanto por suas posições cronológicas como pela força de seus textos, Gonçalves de Magalhães e Joaquim Manuel de Macedo projetaram suas sombras sobre todos os grandes escritores do período, ainda que o primeiro muitas vezes através do segundo – sombras dificilmente identificáveis por conta de suas posições em nosso cânone contemporâneo ou, mais propriamente, pelo amplo desconhecimento de seus escritos. Não existem textos em si, mas apenas relações entre textos, como diria Harold Bloom<sup>47</sup>, e deve ser evidente que eles também foram amplamente influenciados pelos literatos que lhes sucederam, assim como por seus contemporâneos, mas podemos encontrar ecos de suas palavras em praticamente toda a literatura do século dezenove – seja porque todos foram influenciados pelos mesmos autores, estrangeiros ou não, seja por conta da especificidade da intelectualidade do período e de seu empenho conjunto em civilizar o país. No juízo de Franklin Távora:

Poesia, romance, drama, poema nacional que seriam se não fora a intuição, a constância, o exemplo destes dois operários de grande porte?

As letras têm os seus legisladores – aqueles que lhes dão o cunho das tendências do país, aqueles que, por uma intuição nova e poderosa, levam aos domínios da arte, como levam ao da política os representantes do povo, o sentimento nacional.

Grosseiro, fraco ou elevado, esse sentimento, numa expressão amorfa ao princípio, começa a desenhar-se mais tarde em órgãos que revestem, pela evolução natural, forma devida à influência das raças, do *momento*, enfim de muitos outros fatores internos e externos, principais ou secundários cuja intervenção atua sobre o homem como uma lei inelutável.

Magalhães e Macedo foram os nossos legisladores na arte, depois de nossa independência.

Talentos maiores talvez do que eles, surgiram depois; talentos superiores não de surgir ainda. A estes mostrar-se-á caminho mais curto para a glória, justamente por acharem desimpedida a trilha por onde passarão, lutando com o deserto e as selvas ínvias, os dois egrégios predecessores. Outros, por novos processos, aperfeiçoarão os modelos, ou darão novos. É o trabalho da evolução.

Mas semelhante resultado, longe de amesquinhar a obra deixada por Magalhães e Macedo, avivará o seu esforço, e por isso mesmo a sua importância e renome<sup>48</sup>.

Francisco de Sales Torres Homem foi uma personalidade bastante singular do período, muitas vezes associado à primeira geração romântica por ter fundado a *Revista Niterói* com Magalhães e Porto Alegre. Filho de padre, Torres Homem cursou medicina como seus amigos e graças à intervenção de Evaristo da Veiga também viajou para a França, em 1833, como adido à delegação brasileira, cargo que ocupou até 1836. De volta à pátria ele se lançou à

<sup>47</sup> *Um mapa da desleitura*. 2003, p. 23.

<sup>48</sup> *Primeiro discurso como orador do IHGB*. 1882, p. 522-23.

imprensa e à política, filiado como sempre ao partido liberal, e participou da campanha pela maioria de D. Pedro II em 1840, sendo deportado para Lisboa dois anos depois por se envolver em uma revolta liberal – regressando ao país no ano seguinte. Foi redator de diversos jornais e revistas, entre elas a *Minerva Brasiliense*, uma das maiores publicações literárias do período, conquistou “a cadeira pública de filosofia da cidade do Rio de Janeiro”<sup>49</sup> em 1844 e se elegeu deputado duas vezes. Em 1849 ele “incendiou” o país com o lançamento do panfleto *O libelo do povo*, sob o pseudônimo de *Timandro*, atacando de modo devastador a monarquia vigente e alcançando uma notoriedade vertiginosa. Com o passar dos anos, contudo, ele passou a se empenhar por uma conciliação entre os partidos e a elogiar a figura e o governo de D. Pedro II, “o mais justo dos monarcas”, renegando seu panfleto revolucionário – nada mais então do que um escrito de ocasião influenciado por idéias caprichosas. Caso raro entre nossos românticos, que tinham suas convicções na mais alta conta, (inserir Macedo) Torres Homem foi deixando de lado suas idéias liberais para abraçar a causa da coalização e ingressou mais tarde nas hostes conservadoras. Grande orador e articulista, foi conquistando cada vez mais a estima do governo e alcançou o Ministério da Fazenda em 1858, sendo agraciado em 1870 com uma vaga no senado, convocado pelo próprio imperador... Literariamente, pois, pouco legou à cultura brasileira, alcançando maior notoriedade como agitador de nossa vida cultural.

No começo do segundo reinado nossos literatos não gozavam de muito prestígio, como muitos deles adoravam destacar, em completa consonância com a imagem do gênio em voga. Associada à juventude, a literatura muitas vezes era tida como um desvairio típico e tolerável – porém apenas até certo período. Considerada uma “fase” existencial extremamente instável, a juventude concedia uma série de “atenuantes” a ambos os sexos e era tida como romântica por excelência – estabelecendo tanto um certo “conflito” de gerações como uma certa incompatibilidade com a vida adulta. “Poetas grandes ou pequenos, eram naquele tempo todos quanto sabiam ler e escrever”<sup>50</sup>, comentaria Alcantara Machado, mas com o advento da maturidade muitos deixavam suas atividades literárias de lado, tidas como extravagâncias naturais da juventude. Inúmeros deputados zombaram de José de Alencar na câmara dos deputados e mesmo o literato Franklin Távora condenou as empreitadas políticas de Macedo<sup>51</sup>.

<sup>49</sup> VIANNA, Hélio. *Francisco de Sales Torres Homem – Visconde de Inhomirim*. 1960, p. 259.

<sup>50</sup> *Gonçalves de Magalhães ou O poeta arrependido*. 1936, p. 10.

<sup>51</sup> “Quaisquer, porém que fossem os artigos políticos de Macedo, quaisquer que fossem os seus serviços neste ramo de labor nacional, eles não valem uma quinquagésima parte dos literários. A índole de Macedo não se dava com a luta, essência dos partidos”. *Primeiro discurso como orador do IHGB*. 1882, p. 515.

Noticiando o casamento de Gonçalves Dias, em 1853, Otaviano de Almeida lastimava a viuvez das musas, “pois o poeta deixaria a lira empoeirar-se, e não despediria d’ela mais um só canto; visto como é o casamento incompatível com a poesia, e as preocupações prosaicas do homem casado não se compadecem com o viver airado do poeta”<sup>52</sup>. Referindo-se a Sizenando Nabuco, Aluísio Azevedo nos conta um caso semelhante:

O seu primeiro ideal foi a literatura, e durante os anos acadêmicos todo o seu esforço, todos os seus estudos fora do curso, foram a ela consagrados. Muito moço ainda, creio que aos dezenove anos, revelou-se com um drama *A túnica de Nesso*, que marcou a sua primeira vitória no teatro. O Imperador chamou o autor aos seu camarote, cumprimentou-o, e deu-lhe conselhos.

Sizenando continuou a trabalhar, sempre com êxito, mas em breve reconheceu que no Brasil a literatura poderia ser um belo ideal de estudante, nunca porém um seguro e produtivo meio de vida para um homem de aspirações. E rejeitou as solicitações do seu talento literário, cortou as asas da sua imaginação, escondeu os seus manuscritos, e de um salto atirou-se à tribuna de advogado<sup>53</sup>.

“– Deus me livre de poetas!”, exclamaria uma das personagens do romance *Amância*, de Gonçalves de Magalhães:

eu lá quero um doido comigo! Bem me custa aturar o Senhor, quando começa a falar sem nunca acabar, e que para dizer uma coisa leva um dia, quanto mais a um poeta, que primeiro que diga o que quer, procura mil rodeios, e afinal é preciso que o adivinhem<sup>54</sup>.

Com tom galhofeiro, o próprio Macedo admitiria que “uma cabeça de estudante, uma cabeça de poeta, uma cabeça de artista fazem três cabeças que somadas apresentam em resultado uma grande cabeça cheia de vento e igual a zero”<sup>55</sup>, alegando em outro romance que durante a mocidade “os estudantes acadêmicos manifestam a nobreza e altitude de seus corações nas belas ilusões, em que se enganam com os homens e o mundo. Eles se enganam, porque ainda são melhores do que os homens e o mundo que os enganam”<sup>56</sup>. No entanto, diria ele com maior seriedade, “a juventude é o seio da confiança: há na riqueza da sua seiva, e na lente mágica e lisonjeira com que vê o mundo, seguranças de futuro que tranqüilizam e deleitam o coração”<sup>57</sup>.

Inebriados pelos sonhos da juventude, nossos primeiros literatos dedicavam sua vida ao país sem se entregar à quaisquer desregramentos sociais ou pessoais. É somente com o advento da chamada geração byroniana que a boemia se instaurará como prática cultural vinculada à vida literária, exercendo pouco fascínio sobre os integrantes da primeira geração romântica. Gonçalves Dias tinha certa propensão à caninha e ao tabagismo, mesmo em

<sup>52</sup> *Antonio Gonçalves Dias: notícia de sua vida e obra*. 1875, p. 109.

<sup>53</sup> *O touro negro*. 1961, p. 20-30.

<sup>54</sup> *Amância*. 1865, p. 352.

<sup>55</sup> *Os romances da Semana*. 1937, p. 81.

<sup>56</sup> *As vítimas-algozes*. 1991, p. 205.

<sup>57</sup> *Um noivo à duas noivas*. S/d, vol. I, p. 47.

público, o que muitos lhe reprovavam dado o caráter “plebeu” do cigarro, de sua predileção, em relação ao charuto no período – “gosto” completamente instaurado no final do século, como nos mostra Lima Barreto no *Triste fim de Policarpo Quaresma*<sup>58</sup>. Macedo apreciava muito a cerveja, mas sempre isolado em seu gabinete de trabalho, à noite, quando escrevia. Quanto à Alencar, Raimundo de Menezes faz questão de ressaltar que mesmo no ambiente boêmio de São Paulo o escritor se esquivava às patuscadas e às noitadas acadêmicas, dedicando-se com esmero aos livros, e que no Rio de Janeiro só freqüentava os salões mais badalado por “dever de ofício”, “à cata de assunto” para seus folhetins, fugindo sempre às valsas – “a dança das modas”<sup>59</sup>. “Sempre tive para mim”, destacaria o próprio Magalhães,

que os elevados vãos da Filosofia espiritualista eram mui próprios para exaltar e acender a mente do poeta; como o rastejar do materialismo para abatê-la, e amesquinhá-la. Eu me aprazia na minha juventude com Young, Harvey, Klopstock, e Caldas, e nunca achei graça nesses poetas que arrastam a Poesia pelos lupanares, e orgias<sup>60</sup>.

Homens de bem, como o leitor pode perceber claramente. Gonçalves Dias, por exemplo, foi praticamente requisitado por sua amada à roubar-lhe de casa, rompendo com todas as boas normas da sociedade, mas, segundo Antonio Henriques Leal, “seu caráter de homem de bem, a gratidão à família, mil outras considerações de brio e de pundonor”<sup>61</sup> o impediram! Talvez as coisas não pudessem ser muito “diferentes”, como nos indica o seguinte comentário de Porto Alegre sobre as atividades “revolucionárias” de Sales Torres Homem:

O Sales, o talentoso Sales, que foi criado para correr sempre atrás de um fantasma, tem-me enchido de amargores: não contente com o *Timandro*, escreve agora o *Boletim do povo* que li o 1º número, e será o último para mim, pois que nele nada mais se trata do que sublevar a tropa e tirar-lhe a obediência passiva! Lisonjeado por imbecis ambiciosos, vai se aguçando na pedra revolucionária e convertendo-se no cutelo da morte que é a palavra e a lei dos revolucionários; sinto muito isso porque estimo o talento do Sales e desejaria vê-lo melhor empregado<sup>62</sup>.

As musas que inspiraram os escritores do século dezenove eram muito ciumentas: ainda que todos tenham se atirado à diversos gêneros literários, poesia, prosa e teatro, em geral eles só alcançaram a maestria em um deles. Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias, eminentes poetas, também se arriscaram a produzir romances, tarefas baldadas; e Macedo e Alencar, que alcançaram distinções na prosa, escreveram poesias de qualidade bastante duvidosa. Porto Alegre se destacou mais na pintura do que em qualquer outra das empreitadas literárias que logrou publicar; *A Noite na taverna* de Álvares de Azevedo é tida como inferior à suas composições poéticas, e a genialidade que Machado de Assis exibiu em seus romances não marca nenhuma de suas produções em verso. Raul Pompéia nunca abandonou os

<sup>58</sup> *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 1997, p. 45.

<sup>59</sup> *José de Alencar: literato e político*. 1965, pgs. 76 e 88.

<sup>60</sup> *Cantos fúnebres*. 1864, p. 263-64.

<sup>61</sup> *Antonio Gonçalves Dias*. 1875, p. 107.

<sup>62</sup> Citado por Hélio Vianna. *Francisco de Sales Torres Homem – Visconde de Inhomirim*. 1960, p. 264-65.

domínios da prosa, mesmo em seus poemas – as *Canções sem metro*; e o mesmo podemos dizer de Aluísio Azevedo – que conhecia bem os ciúmes das musas:

a arte é honesta e só se entrega a quem a ama mediante rigoroso casamento. Não quer amantes passageiros. É egoísta e cruel: não admite que o seu ídólatra volva um só momento os olhos para outro ideal; quer que ele se dê todo inteiro, todo de corpo, todo de alma; quer beber-lhe a existência, gota a gota, instante a instante, até deixá-lo totalmente vazio, seco, inutilizado para todas as outras aspirações da vida<sup>63</sup>.

A mulher foi, sem dúvida alguma, a figura que dominou as atenções do século XIX, em todas as suas dimensões. Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar e Aluísio Azevedo dedicaram a maior parte de suas obras ao sexo feminino, e o crítico e romancista Araripe Júnior chega mesmo a dizer que a originalidade da obra de seu tio, Alencar, “consiste na subordinação da natureza bravia à beleza feminil, na transformação de tudo quanto cerca a mulher, ainda mesmo o enorme e repelente, no mimo, na graça, na candura”<sup>64</sup>. Em sua dupla condição de esposa e mãe, cabia à mulher a missão de repassar ao ambiente doméstico as normas que deveriam civilizar o país e todos os literatos brasileiros de renome do século XIX dedicaram a maior parte de suas obras a ela. Anjo de candura, frágil e meiga como ela só, a mulher será representada nos primórdios de nosso romantismo como uma criatura sublime, quase divina, rainha absoluta da sociedade.

*Império das graças, ó sexo mimoso  
Vós sois o princípio da nossa existência;  
Dos nossos prazeres origem inefável;  
Sem vós que seríamos?*

...cantara já em 1833 Gonçalves de Magalhães, em seus *Suspiros poéticos e saudades*, conclamando ainda:

*Ó Anjos da terra, da Pátria ornamento,  
Donzelas, esposas, e mães carinhosas,  
Na luta que temos com o vil despotismo,  
Mostrai-vos magnânimas.*

*Os vossos encantos de prêmio só sirvam  
A quem ama a Pátria, ao sábio, e ao justo.  
Deixai que os ociosos, e os nossos inimigos  
No lodo revolvam-se.*

A imagem feminina passará a sofrer diversas transformações com o advento do realismo, mas seu papel de destaque nunca será contestado. Reiterando esse juízo, na alvorada do século XX Afrânio Peixoto publicou o hinário *Rosa mística: símbolo trágico* “em

<sup>63</sup> *O touro negro*. 1961, p. 64.

<sup>64</sup> *José de Alencar*. 1894, p. 47.

glorificação à Mulher, a este Onipotente feminino, o único Deus que adoro, o Espírito Santo do Mundo”.

Os homens ainda não podem e não querem ver. Um dos maiores deles neste século, nos domínios do pensamento, que vê tão longe e tão largo, que nunca recuou diante do mais absurdo paradoxo, escreveu palavras de uma opacidade deplorável, de uma curteza mesquinha. “O homem, ensina Zaratrusta, deve ser criado para a guerra e a mulher para descanso do guerreiro: tudo o mais é loucura”. “A felicidade do homem tem nome: eu quero. A felicidade da mulher tem nome: ele quer”. Que esperar dos outros, dessas mediocridades acanhadas que pululam aí afrontosamente e que dirigem o mundo?<sup>65</sup>

Peça inicial de uma tetralogia sobre o sexo feminino, a *Rosa mística* seria mais tarde renegada pelo autor e o projeto seria abandonado, figurando em seu lugar o romance *A esfinge*, onde demonstrará a mesma perplexidade dos realistas diante da mulher, criatura certamente divina mas incompreensível. Seja como for, seu impulso juvenil guarda, em 1900, ecos do romantismo mais esplendoroso.

“Poema da vida real”<sup>66</sup>, como comentaria José de Alencar, o romance deveria atender à duas prerrogativas: entremear o colorido fugaz e vívido da realidade, a “cor local”, aos altos vãos da imaginação, sempre em busca do progresso da civilização brasileira. No juízo de Machado de Assis, tido como um dos maiores críticos literários do período, “a simples narração de um fato não constitui um romance, fará quando muito uma *gazetilha*; é a mão do poeta que levanta os acontecimentos da vida e os transfigura com a varinha mágica da arte”<sup>67</sup>. O romancista detinha o poder de corrigir a natureza e principalmente os males da sociedade, condenando seus vícios e apontando as vias de sua superação. “O romance tem contra o seu legítimo fim comprometer a lição da verdade pelas prevenções contra a imaginação”, diria Macedo, “que deve ser exclusivamente a fonte de ornamentos da forma e de circunstâncias acessórias e incidentais que sirvam para dar maior interesse ao assunto; no seu fundo, porém, o romance precisa conter e mostrar a verdade para conter e mostrar a moral”<sup>68</sup>.

Ainda que a “cor local” fosse imprescindível para o romance romântico a estruturação geográfica das cenas parece buscar certa universalidade, certamente para alcançar um número maior de leitores. Em *A bolsa de seda*, publicada na compilação *Os romances da Semana*, Macedo dizia a seus leitores que, angustiado por não encontrar um tema para seu folhetim dominical, rogou pragas a seus leitores, atirou as penas para baixo da mesa, tomou seu chapéu e saiu de casa.

<sup>65</sup> *Rosa mística: símbolo trágico*. 1900, p. 02-03.

<sup>66</sup> *Como e porque sou romancista*. 1990, p. 41.

<sup>67</sup> *Crítica literária*. 1959, p. 62.

<sup>68</sup> *As vítimas-algozes*. 1991, p. 124.

Não sei bem onde me achava; importa pouco para esta minha *scena* a questão do teatro; pode representar-se em qualquer rua, em qualquer praça ou em qualquer hotel: é uma *scena* que serve em qualquer teatro, como há em certos teatros decorações que servem para todos os dramas<sup>69</sup>.

É claro que as páginas seguintes estarão repletas de referências às ruas da corte, à eventos históricos do conhecimento de todos e à lugares que os leitores deveriam conhecer de cor – mas convinha sempre manter o cenário em suspenso, para que a imaginação de cada um suprisse determinados detalhes, para que cada um pudesse se sentir mais próximo dos eventos narrados.

Além disso, em inúmeros casos a narrativa que os leitores tinham em mãos não havia sido “criada” pelo romancista, mas apenas retocadas por suas penas. Confiadas aos escritores por amigos próximos, leitores assíduos ou mesmo por indivíduos completamente desconhecidos, as histórias apresentadas ao público guardavam unicamente acontecimentos realmente reais que deviam ser expostas ao mundo, senão como episódios curiosos e edificantes, como exemplos e alertas aos incautos leitores.

“É uma história curiosa a que lhe vou contar, minha prima”, diria o narrador de *Cinco minutos*, publicado por José de Alencar, “mas é uma história, e não um romance”<sup>70</sup>. O manuscrito intitulado *Memórias de um condenado*, que seria mais tarde ganharia o título de *A condessa Vésper*, teria sido entregue à Aluizio Azevedo por um preso por intermédio de uma velhinha, acompanhado de uma carta dirigida ao romancista:

ao senhor, que conta apenas vinte e três anos de idade, e já conhece tão profundamente o coração dos seus semelhantes, não será com certeza indiferente a história do meu amor, nem lhe repugnarão as confidências enviadas deste cárcere, onde um desgraçado chora e padece, menos pelos remorsos do seu crime do que pelas saudades da sua vítima.

O manuscrito que a esta carta acompanha, feito ao correr da pena sob a imediata impressão dos acontecimentos relatados é flagrante cópia da verdade, e só aspira servir de medonho espelho a outros infelizes, que se deixem como eu cegar por um amor irrefletido<sup>71</sup>.

Observadas estas características, vejamos como Joaquim Manuel de Macedo “inaugurou” o romance em nossas letras.

### **1844: o ano de A moreninha**

Superar o classicismo, o manto roto herdado de Homero que ainda cobria nossas musas, não foi uma tarefa fácil, como podemos perceber ao tomar contato com a produção poética de Machado de Assis, mas instaurar o romantismo em nossas letras nos custou muitos

<sup>69</sup> *Os romances da Semana*. 1937, p. 08.

<sup>70</sup> *Cinco minutos*. 1991, p. 13.

<sup>71</sup> *A condessa Vésper*. 1959, p. 30.

esforços – especialmente no que diz respeito ao romance, tido como a manifestação literária mais genuína da estética que se espraiava radiante.

Ainda que Macedo seja considerado o pai do romance nacional, outros vultos já haviam se lançado à empresa de inaugurar o gênero em nosso país, tido como a maior expressão da moderna escola romântica. João Manuel Pereira da Silva publicou em 1839 dois “romances históricos”, *O aniversário de D. Miguel em 1828* e *Religião, amor e pátria*; Varnhagen publicou em 1840 o romance *O descobrimento do Brasil – crônica do fim do século XV*; Jose Rufino Rodrigues de Vasconcelos publicou o folhetim *O homem misterioso*, e Pereira da Silva publicou *Gerônimo Corte Real* e ainda *O sedutor* nas páginas do *Despertador Brasileiro*, em 1840. Gonçalves Teixeira e Sousa, que estreara com a peça *Cornélia* em 1840, publicaria em 1841 a novela *As duas órfãs* e em 1843 seu primeiro romance, *O filho do pescador* – tido oficialmente como nosso primeiro romance. Como comenta Roberto Alves, contudo, a trama confusa e mal articulada da composição empobrecem o mérito de Teixeira e Sousa, cabendo à Macedo a posição de criador do romance nacional, dado o devido acabamento formal e a estrutura límpida de *A moreninha*<sup>72</sup>.

Gonçalves de Magalhães, sequioso de desbravar todos os domínios do romantismo, também lançou ao público um curto romance nas páginas da *Minerva Brasiliense*, intitulado *Amância*. Para que o leitor possa avaliar senão a superioridade, pelo menos as razões pelas quais Macedo triunfou literariamente sobre seus pares na criação do romance nacional, cabe aqui uma exposição das linhas iniciais da obra de Magalhães:

Já ia cortando a baía do Rio de Janeiro para a capital a última barca de vapor, toda iluminada e apinhada de famílias, que na graciosa cidade de Niterói haviam passado a tarde de um domingo. As estrelas estavam encobertas por uma nuvem escura que anunciava chuva, e em toda a extensão da praia, tão animada durante o crepúsculo, só se ouvia agora o melancólico mugido das vagas. Ao dia tinha sucedido a noite, e com ela desceu sobre a cidade dos prazeres campestres o silêncio e a calma exterior, enquanto algumas casas por dentro iluminadas mostravam que ainda não tinham cessado todos os divertimentos. Em uma dessas casas cantavam e dançavam, vendo ao través das vidraças a claridade repentina dos relâmpagos.

No meio de uma bela companhia de moças que fazem esquecer as horas, não me importei com a última barca de vapor que saíra, projetando voltar em uma falua quando cessasse o sarau. Estávamos tomando chá, repetindo charadas, e contando anedotas, quando bateram à porta.

Entre quem é, disse a dona da casa.

Entrou um homem bem parecido, todo vestido de preto, e só por esse modo de trajar, qualquer que ali o não conhecesse diria ser pessoa grave, e que não para se divertir tinha ido a Niterói.

Oh, Sr. Doctor! V<sup>a</sup> S<sup>a</sup> por aqui a estas horas! Sem dúvida veio ver algum doente? disse a dona da casa.

---

<sup>72</sup> *A moreninha*. 1997, p. 149.

De certo; e estou desesperado, não pelo doente, mas pela última barca que lá se foi. A noite está tempestuosa, e não tenho remédio senão ir para a cidade em uma falua...

Meu Doutor, disse-lhe eu, terá companhia, porque também estou aqui invernado.

Quer entretanto tomar uma jaqueta? Francisca, traze de lá uma jaqueta, disse a dona da casa.

Ora Sr. Doctor, tomeu uma xícara de chá, disse-lhe uma das moças, e conte-nos alguma novidade para entreter-nos até passar a chuva.

Que lhes hei de contar, minha priminha? Eu não sei senão casos de doentes.

Pois não! O senhor que é capaz de falar um dia inteiro sem comer nem beber, só tomando pitadas! Veja agora se quer que o roguem!

Sr. Doctor, disse outra moça, conte aquele caso da moa que se atirou no mar e que o Sr. viu.

Enquanto entre o Dr. e as duas meças se passava esta conversação, outras pessoas em grupos diversos riam-se e falavam de outras coisas.

Pois bem, disse o Doutor, vou contar-lhe os caso, minhas senhoras, mas quando acabar cada uma me há de dar um abraço. Estão por isso?

Nós lho prometemos. Escutem, meus senhores, minha mãe, prima, maninha, venham ouvir uma história muito bonita.

O Doutor, tomando uma pitada, assim começou<sup>73</sup>.

Com a grafia mais desgovernada, ainda que definitiva, visto que estamos transcrevendo a segunda edição do romance, Magalhães passa a nos contar uma história bastante simples, mas com todos os elementos da estética romântica e, acima de tudo, extremamente moralizante. A trama registra as agruras de um casal de namorados em busca da felicidade. O Capitão Jorge e a jovem Amância se amam desesperadamente, mas a moça fora prometida por seu pai à um velho capitalista endinheirado. Indignados, os jovens resolvem fugir juntos mas se desencontram na noite fatal, quando um bom doutor toma conhecimento de seus intentos e resolve ajudá-los – revoltado com a decisão arbitrária e ultrapassada do pai da moça. Pouco trabalhada, a trama se encerra do mesmo modo que se iniciara, fulminante:

Assim terminou o Dr. a sua história, e uma das moças que atenta o escutara, lhe perguntou:

– E o tal Norberto que fim levou?

Continuou a negociar e a ganhar dinheiro; e no ano passado embarcou para Portugal, afim de lá gastá-lo.

E os amantes casaram-se?

Por sinal fui eu um dos padrinhos. Vivem felizes. O Capitão reformou-se, e está hoje rico, com uma fazenda de café. Já tem dois filhos. E com esta me vou, que já a lua saiu. Adeus, até outro dia<sup>74</sup>.

O romance explora o contraste entre sensibilidades em choque, os velhos costumes herdados da colonização portuguesa face aos novos costumes “civilizados” então pautados pelo romantismo. Ao passo que o bom doutor representa a modernidade ilustrada, defendendo

<sup>73</sup> *Amância*. 1865, p. 347-49.

<sup>74</sup> *Amância*. 1865, p. 391.

os valores “civilizados” apregoados pelo romantismo em voga, Amância e o capitão Jorge representam a juventude no total vigor de sua individualidade, dispostos a romper com as convenções sociais mais caras em busca de suas felicidades – e no período abandonar o seio familiar consistia em uma ousadia extrema, tanto para mulheres quanto para homens que provavelmente passariam a viver à margem da sociedade. Por outro lado, devemos destacar que a sentimentalidade romântica apresentada por Magalhães assumia feições aguçadas demais, talvez mesmo exageradas, certamente pouco usuais no período, como podemos observar em uma das cartas desesperadas do capitão à sua amada, no auge de seus receios pelo casamento funesto:

No momento do sacrifício, à face de Deus e dos homens, tu me verás surgir como um espectro do sepulcro, no meio dos assistentes... Ver-me-ás morrer, e o meu sangue cairá sobre ti. Com a desesperação n'alma, e o inferno no meu peito, juro que cumprirei o que digo. Adeus, até o momento da minha morte<sup>75</sup>.

A estréia de Joaquim Manuel de Macedo guarda algumas das características do romance de Magalhães, como o contraste entre sensibilidades históricas distintas e a exacerbação das belezas naturais do Rio de Janeiro, mas com um tom mais ameno e estilisticamente mais rebuscado, preocupando-se mais em “retratar” do que em “prescrever” hábitos e costumes. Observe o leitor o início de *A moreninha*, publicado apenas alguns meses depois de *Amância*:

- Bravo! exclamou Filipe, entrando e despindo a casaca, que pendurou em um cabide velho. Bravo!... interessante cena! mas certo que desonrosa fora para casa de um estudante de medicina e já no sexto ano, a não valer-lhe o adágio antigo: o hábito não faz o monge.
- Temos discurso!... atenção!... ordem!... gritaram a um tempo três vezes.
- Coisa célebre! acrescentou Leopoldo. Filipe sempre se torna orador depois do jantar...
- E dá-lhe para fazer epigramas, disse Fabrício.
- Naturalmente, acudiu Leopoldo, que, por dono da casa, maior quinhão houvera no cumprimento do recém chegado; naturalmente, Bocage, quando tomava carraspana, descompunha os médicos.
- *C'est trop fort!* bocejou Augusto, espreguiçando-se no canapé em que se achava deitado.
- Como quiserem, continuou Filipe, pondo-se em hábitos menores; mas, por minha vida, que a carraspana de hoje ainda me concede apreciar devidamente o meu amigo Fabrício, que talvez acaba de chegar de alguma visita diplomática, vestido com esmero e alinhô, porém, tendo a cabeça encapuçada com a vermelha e velha carapuça do Leopoldo; este, ali escondido dentro de seu *robe de chambre* cor de burro quando foge, e sentado em uma cadeira tão desconjuntada que, para não cair com ela, põe em ação todas as leis de equilíbrio, que estudou em *Pouillet*; acolá, enfim, o meu romântico Augusto, em ceroulas, com as fraldas à mostra, estirado em um canapé em tão bom uso, que ainda agora mesmo fez com que Leopoldo se lembrasse de Bocage. Oh! V. S.<sup>as</sup> tomam café!... Ali o senhor descansa a xícara azul em um pires de porcelana... aquele tem uma chávena com belos labores dourados, mas o pires é cor-de-rosa... aquele outro nem porcelana, nem labores, nem cores azul ou cor-de-rosa, nem xícara... nem pires... aquilo é uma tigela em um prato...
- Carraspana!... carraspana!... gritaram os três.

---

<sup>75</sup> *Amância*. 1865, p. 367.

– Ó moleque! prosseguiu Filipe, voltando-se para o corredor, traze-me café, ainda que seja no púcaro em que o côas; pois creio que, a não ser a falta de louças, já teu senhor mo teria oferecido.

– Carraspana!... carraspana!...

– Sim, continuou ele, eu vejo que vocês...

– Carraspana!... carraspana!...

– Não sei de nós quem mostra...

– Carraspana!... carraspana!...

Seguiram-se alguns momentos de silêncio; ficaram os quatro estudantes assim a modo de moças quando jogam o siso. Filipe não falava, por conhecer o propósito em que estavam os três de lhe não deixar concluir uma só proposição, e estes, porque esperavam vê-lo abrir a boca para gritar-lhe: carraspana!...<sup>76</sup>

Muito mais ágil, dinâmico e leve, o romance de Macedo nos apresenta alguns enunciados que serão mantidos durante toda narrativa, em perfeita consonância com o desfecho que o completa e ilumina, como se o autor tivesse plena consciência de suas potencialidades estilísticas e de estar diante de uma obra estruturalmente perfeita – ao mesmo tempo criando e explicitando o processo criativo em curso. Após pedir trégua aos companheiros, Filipe finalmente convida os três amigos para um agradável fim de semana na ilha de... Segundo ele, o principal atrativo da jornada serão suas primas, beldades irresistíveis para os estouvados estudantes. Mostrando-se reticente para com o sexo feminino, Augusto declina o convite, até que é desafiado pelo companheiro a resistir aos encantos de suas primas, firmando-se então uma aposta: se no espaço de um mês o mancebo se apaixonar por uma das belas feiticeiras – o que Filipe garante – ele deverá escrever um romance, narrando a trajetória de seus acontecimentos; do contrário, “igual pena sofrerá o primeiro acordante”<sup>77</sup>. Não precisamos de muito para adivinhar o resultado da aposta: o livro nos apresenta a derrota de Augusto na mesma medida em que retrata seu venturoso casamento com a jovem Carolina – seu verdadeiro amor de infância casualmente reencontrado. A cena final do romance se passa em uma gruta onde, inadvertidamente, o segredo dos dois jovens fora revelado, local onde firmam seus votos de casamento.

A chegada de Filipe, Fabrício e Leopoldo veio dar ainda mais viveza ao prazer que reinava na gruta. O projeto de casamento de Augusto e D. Carolina não podia ser um mistério para eles, tendo sido, como foi, elaborado por Filipe, de acordo com o pai do noivo, que fizera a proposta, e com o velho amigo, que ainda no dia antecedente viera concluir os ajustes com a Sra. D. Ana; e, portanto, o tempo que se gastaria com explicações, passou em abraços.

– Muito bem! muito bem! disse por fim Filipe, quem pôs o fogo ao pé da pólvora fui eu, eu que obriguei Augusto a vir passar o dia de Sant’Ana conosco.

– Então estás arrependido?...

– Não, por certo, apesar de me roubares minha irmã. Finalmente para este tesouro sempre teria de haver um ladrão; ainda que foste tu que o ganhaste.

<sup>76</sup> *A moreninha*. 1997, p. 15-16.

<sup>77</sup> *A moreninha*. 1997, p. 20.

- Mas, meu maninho, ele perdeu ganhando...
- Como?...
- Estamos no dia 20 de agosto: um mês!
- É verdade! um mês... exclamou Filipe.
- Um mês!... gritaram Fabrício e Leopoldo.
- Eu não entendo isto! disse a Sra. D. Ana.
- Minha boa avó, acudiu a noiva, isto quer dizer que, finalmente, está presa a borboleta.
- Minha boa avó, exclamou Filipe, isto quer dizer que Augusto deve-me um romance.
- Já está pronto, respondeu o noivo.
- Como se intitula?
- *A moreninha*<sup>78</sup>.

Repleto de referências históricas e geográficas locais, o livro conquistou os leitores ao retratar de modo hábil e leve a sociedade fluminense do período, com seus estudantes desorganizados, garotas namoradeiras, jogos e danças. Com apenas 15 anos, a graciosa Carolina é uma personagem marcante na galeria macediana: irreverente e arrojada, ela representa uma mulher à frente de seu tempo, que lê Mary de Wollstonecraft – a ilustre feminista inglesa – e que com seu charme encanta todos à sua volta. Em seu romance Macedo criou o primeiro mito sentimental brasileiro, demarcando a especificidade da mulher brasileira, agora em pé de igualdade – senão de superioridade – com as louras ou com as pálidas européias. “Antenado” com as tendências de seu tempo, o autor concede atenção também à temática indianista apregoada como expressão máxima da literatura nacional, inserindo na trama uma lenda indígena que prenuncia e se intercala com o desenvolvimento da história: a lenda de Aoitin e Aí, cujas desventuras se entrelaçam com as existências de Augusto e Carolina.

Em termos de comportamento, podemos identificar no romance um embate entre tendências “clássicas” e “românticas”, que se desenvolve na trama como uma tensão entre concepções amorosas. O romantismo, muitas vezes ironizado na trama, como uma “novidade” ainda pouco comum em nossa sociedade, se sai vitorioso e é a própria razão de ser da trama – impondo-se à revelia dos próprios personagens. O romantismo de Macedo é leve mas imperioso – o amor vence todos os obstáculos e o maravilhoso atravessa as páginas do romance, conduzido e conduzindo as malhas do próprio destino.

Segundo Tania Serra, *A moreninha* causou furor na corte imperial: “todos queriam lê-lo e comentá-lo”<sup>79</sup>. “Seguiu-se uma aceitação unânime”, comenta Franklin Távora, “o Brasil

<sup>78</sup> *A moreninha*. 1997, p. 140-41.

<sup>79</sup> Joaquim Manuel de Macedo ou *Os dois Macedos: a luneta mágica do II Reinado*. 1994, p. 36.

inteiro leu o livro e teve para ele a consagração que merecia tão espontânea manifestação do gênio nacional”<sup>80</sup>. A obra foi um verdadeiro “*best-seller*” – num período em que raramente um livro vendia mais de duzentos exemplares, sua primeira tiragem de mil volumes logo se esgotou. Esse sucesso se deu por uma arguta estratégia de Macedo, segundo Ubiratan Machado, “pioneira das vendas domiciliares de nosso século”: “mal apanhou os exemplares na Tipografia Americana, encarregou alguns escravos de vendê-los de porta em porta. Com os volumes enfiados num cesto, como se fossem apetitosas guloseimas, lá partiam os improvisados vendedores”<sup>81</sup> percorrendo os bairros da capital. O êxito do livro foi tão grande que no ano seguinte sua segunda edição novamente se esgotou em pouco tempo, alcançando pelo menos mais 150 reedições até os dias de hoje – além de adaptações para os quadrinhos, cinema e televisão. Por outro lado, Macedo nunca mais terá tamanho êxito: sua estréia marca também sua obra máxima.

“A curiosidade do público brasileiro por si mesmo era então claramente maior do que a sua curiosidade pela invenção literária”<sup>82</sup>, comentaria Wilson Martins sobre o triunfo literário de Macedo, e sua marca maior foi a simplicidade – como notou Franklin Távora:

O trabalho de Macedo é tanto mais valioso, quanto a nota do momento na literatura era a nota plangente. Os poetas choravam na mais alegre fase da vida. Lastimavam-se no verso quando eram na realidade felizes. Diziam-se traídos quando as amantes mais morriam por eles. Não foi esta uma das menores enfermidades do romantismo – criar um estado ideal que contrastava com o real.

Macedo teve o raro talento de não se deixar arrastar pelo sestro que dominava os românticos. Na *Moreninha* deparou-se ao público a cópia de uma feição vivaz da sociedade, tal qual era. E vós sabeis o que era a corte então: era alegre, e não triste como se fingiam os poetas; tinha fé e não a descrença de hoje. A leitura amena fazia as delícias do lar doméstico, onde agora não se lê. Estávamos numa como primavera. *A Moreninha* saiu do seio da família representando esse estado da alma nacional sem exaltações mórbidas; foi uma repercussão do nosso sentimento brando e musical<sup>83</sup>.

*A moreninha* foi publicada quando o autor ainda ocupava as cadeiras da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e nesse mesmo ano ele se doutora com uma tese igualmente romântica, intitulada *Considerações sobre a nostalgia*. Abordando a estranha enfermidade que assolava aqueles que se encontravam distantes de sua pátria natal, e não o melancólico sentimento que nos arrasta para o passado, tal como o compreendemos hoje, Macedo enveredaria ainda por dois temas extremamente polêmicos: a completa e total igualdade entre os sexos e a abolição da escravidão.

<sup>80</sup> *Primeiro discurso como orador do IHGB*. 1882, p. 513.

<sup>81</sup> *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. 2001, p. 77.

<sup>82</sup> *História da inteligência brasileira*. 1977, p. 301.

<sup>83</sup> *Primeiro discurso como orador do IHGB*. 1882, p. 512-13.

No ano seguinte, Macedo se associou ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e publicou seu esperado – e muito bem sucedido – segundo romance: *O moço loiro*. Vemos aqui o autor dedicando sua pena à moralização do povo brasileiro, tomando como tema a educação familiar – assunto muito em voga no período. Rachel e Honorina são duas amigas de infância que tiveram educações totalmente distintas: a primeira, criada na cidade, foi ensinada por seu pai a ver maldade e corrupção em tudo, inclinando-se a desconfiar de todos que a rodeiam; já a segunda, criada no campo, foi educada para encontrar bondade e graça em tudo, mostrando-se mais inclinada ao contato social. Uma é pura astúcia, aponta Macedo, e a outra é pura emoção: duas qualidades que sozinhas nunca compõem uma boa formação. Como nos mostrará no decorrer da história, ambas não estavam preparadas para o convívio social que as aguardava. A trama gira em torno da família de Honorina, que se vê às voltas com um misterioso jovem que aspira pelo amor da moça – o moço loiro do título. Alternando descrições sociais, cenas de graça e ternura e momentos de pânico e terror, Macedo compõe um grande mosaico da sociedade carioca oitocentista, demonstrando aos jovens a importância dos pais e a estes a importância de uma educação amorosa mas firme, buscando normatizar as relações familiares do período – ainda eivadas de certos traços do tradicional modelo patriarcal vivamente descrito por Gilberto Freyre em seus estudos *Casa grande & senzala* e *Sobrados e mucambos*.

Em 1846, encontramos Macedo clinicando em Itaboraí – ano em que publica *O amor do vate*, o poema-líbelo a que já nos referimos. Estaria ele insatisfeito com o reconhecimento do público, que acolheu tão bem seus dois primeiros rebentos? A situação da literatura no país ainda não era a ideal, o que pode ter influenciado o poeta. De qualquer modo, no próximo ano, ele se muda para a cidade de Porto das Caixas, seguido por seu irmão, o farmacêutico João Coutinho de Macedo<sup>84</sup>. Seu *status* como literato está se consolidando e ele recebe o título de Cavaleiro da Ordem da Rosa – valiosa conquista para sua trajetória pessoal, especialmente porque pode ter alavancado seu matrimônio. Segundo Tania Serra o namoro entre o escritor e Maria Catarina Sodré – prima de Álvares de Azevedo – teria se estendido por dez longos anos, regulados pelo pai da noiva, Baltasar Sodré, grande usineiro da região que não via o possível genro com bons olhos – um jovem de imaginação forte sem quaisquer perspectivas sociais. Essa longa espera fez com que a moça adocesse, e o médico da família “receitou” o casamento como única forma de salvação de sua vida. Como já vimos a literatura não gozava de grande prestígio, e essa situação pode ter originado *O amor do vate...* O terrível

---

<sup>84</sup> SERRA, Tania. *Joaquim Manuel de Macedo ou Os dois Macedos: a luneta mágica do II Reinado*. 1994, p. 51.

Baltasar era um honorável membro da Ordem da Rosa e talvez o título de Macedo tenha facilitado as coisas, ao lado da estranha enfermidade da moça – provavelmente uma crise de histeria, patologia que mais tarde será retratada por toda uma geração literária e, pioneiramente, pelo próprio Macedo.

### *A poesia de Gonçalves Dias*

Pouco sabemos de certo sobre o casamento de Macedo: o fato é que em 1848 nosso autor estaria vivendo na corte imperial, já casado. Segundo as indicações de Tania Serra, Catarina deveria gozar uma vida bastante abastada no seio familiar e aparentemente seu marido buscava lhe proporcionar uma existência à altura, cheia de pompas e mimos. Seja como for, em 1847, contudo, o público carioca foi presenteado com os versos de um jovem poeta que em breve se tornaria amigo de Quinquim Manuel e completaria a plêiade suprema da primeira geração romântica: Antônio Gonçalves Dias.

Gonçalves Dias foi sem dúvida alguma o maior poeta brasileiro do século XIX. Incansável e determinado como poucos, coube à ele a tarefa de levar a cabo a criação de uma poesia efetivamente nacional apenas esboçada e anunciada pelo autor dos *Suspiros poéticos e saudades*. Ao passo que Magalhães folgaria antes com o canglor das armas, com a confusão das pelejas, “com o estrépito dos ginetes, com o atroar dos canhões, com o estrondar da natureza convulsa e cortada de tempestades”, no juízo de Antonio Henriques Leal, Dias dedilharia a “suave e doce harpa do menestrel”, entregando-se ao trinado e gorjeio das aves, ao balido das ovelhas, ao perfume das flores e aos sons “da natureza em repouso”<sup>85</sup>. O leitor já teve oportunidade de conhecer as artes poéticas de Magalhães e Macedo, e poderá aquilatar a superioridade dos versos de Gonçalves Dias com as passagens iniciais da célebre composição *Seus olhos*:

*Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,  
De vivo luzir,  
Estrelas incertas, que as águas dormentes  
Do mar vão ferir;*

*Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,  
Têm meiga expressão,  
Mais doce que a brisa, – mais doce que o nauta  
De noite cantando, – mais doce que a flauta  
Quebrando a solidão.*

---

<sup>85</sup> Antonio Gonçalves Dias: notícia de sua vida e obra. 1875, p. 279.

*Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,  
De vivo luzir,  
São meigos infantes, gentis, engraçados,  
Brincando a sorrir.*

*São meigos infantes, brincando, saltando  
Em jogo infantil,  
Inquietos, travessos; – causando tormento,  
Com beijos nos pagam a dor de um momento,  
Com modo gentil.*

*Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,  
Assim é que são;  
Às vezes luzindo, serenos, tranqüilos,  
Às vezes vulcão!<sup>86</sup>*

Ainda que seja lembrado vivamente por suas composições indianistas e líricas, muito mais leves e belas que as de seus pares no período, Gonçalves Dias foi um poeta imensamente amargurado – talvez o mais trágico de nossa primeira geração. Sua trajetória nos apresentará amplamente o calvário dos gênios que observamos linhas atrás, bem como a destruição dos mais belos sonhos de uma juventude esplendorosa. Ao concluir o *prólogo* de seus *Primeiros cantos*, em 1846, ele já declarara que a dedicação à poesia seria sempre digna de louvor – e o valor de sua primeira publicação residia unicamente nessa dedicação. “O público o julgará; tanto melhor se ele o despreza, porque o Autor interessa em acabar com essa vida desgraçada, que se diz de Poeta”<sup>87</sup>. Na abertura de seus *Últimos cantos*, publicados em 1850, sua nota já decaíra sombriamente:

Eis os meus últimos cantos, o meu ultimo volume de poesias soltas, os últimos harpejos de uma lira, cujas cordas foram estalando, muitas aos balanços ásperos da desventura, e outras, talvez a maior parte, com as dores de um espírito enfermado, – fictícias, mas nem por isso menos agudas, – produzidas pela imaginação, como se a realidade já não fosse por si bastante penosa, ou o espírito, afeito a certa dose de sofrimento, se sobressaltasse de sentir menos pesada a costumada carga<sup>88</sup>.

Em 1853, o poeta escreveria ao amigo Alexandre Teófilo de Carvalho Leal:

Nas minhas horas de tristeza, e de pesar, que as tenho, e muito, sinto de te não ver ao meu lado: deixo-me vencer do desânimo, e na idade que é para os outros (tinha trinta anos então), a força da vida, a morte se me antolha às vezes como uma grande, imensa felicidade.

Admiras-te? Que lhe hei de e fazer se é culpa da minha organização? Com ela esta me parecendo que ainda no céu teria motivos para me reputar infeliz<sup>89</sup>.

Gonçalves Dias nascera em agosto de 1823, no Maranhão. Começou a estudar com sete anos de idade e seguiu para a Europa em 1837, formando-se em Direito após inúmeros percalços. Durante esse período o poeta entrou em contato com o romantismo que se espalhava, esboçou alguns romances e compôs alguns dramas, lançando-se desde já à carreira

<sup>86</sup> *Poesias*. 1926, vol. I, p. 57.

<sup>87</sup> *Poesias*. 1926, vol. I, p. 07.

<sup>88</sup> *Poesias*. 1926, vol. I, p. 16.

<sup>89</sup> LEAL, Antonio Henriques. *Antonio Gonçalves Dias: notícia de sua vida e obra*. 1875, p. 177.

que o deveria conduzir à glória. Ao retornar ao Brasil, em 1845, “só em composições poéticas, já possuía o equivalente de um volume”<sup>90</sup>, extraviadas, no entanto, em mãos de um amigo, como comentaria Wilson Martins.

“Para a capital do nosso império estavam, pois, a impelir o poeta seus incontáveis e extraordinários merecimentos literários”, como comentaria Antonio Henriques Leal, e em julho de 1846 encontraremos Dias no Rio de Janeiro, hospedado em dos melhores e mais caros hotéis da corte – uma reminiscência da vida acadêmica, na opinião de seu fiel biógrafo<sup>91</sup>. Nesse ano ele dedicará e recitará um soneto em homenagem ao Imperador e em breve ingressará às fileiras do IHGB, bem como ao corpo de docentes do Imperial Colégio de Pedro II. Fundará a revista *Guanabara*, como já mencionamos, em 1849, e será enviado para Paris em 1851, encarregado de examinar documentos históricos que interessassem ao país. De volta à pátria, o poeta conhece o maior amor de sua vida, a jovem Ana Amélia, mas por conta de preconceitos raciais a família da moça se nega às pretensões do casal.

Em setembro de 1853, inadvertidamente, o poeta leva ao altar a senhora Olímpia Coriolana da Costa, com quem parte, acompanhado de uma cunhada, para a Europa em junho de 1854, encarregado de estudar os diversos métodos de instrução pública do velho mundo, bem como de coligar documentos importantes à história do Brasil. Após ser calorosamente recebido pelos intelectuais de Lisboa, especialmente por Alexandre Herculano e por Castilho, Gonçalves Dias tem a ventura de segurar em seus braços sua primeira e única filha, Joana, no mês de novembro – graça suprema de sua vida, visto que nunca nutrira grandes afeições pela esposa. Deixemos que Antonio Henriques Leal, dedicado amigo e biógrafo do poeta, nos conte este evento:

Nasceu-lhe a 20 de novembro, já em Paris, uma filha, fruto do seu consórcio; mas tão fraca e enfermiza, que entendeu ser-lhe útil, como também à mãe, que padecia do clima da Europa, uma viagem d’alto mar e mudança para os ares pátrios. N’essa conformidade mandou-as para o Rio de Janeiro em companhia do sogro. A 17 de abril de 1855 já se achavam ali, onde não houve cuidado nem medicina que valessem à criancinha, que a 24 de agosto, dia imediato ao do aniversário do nascimento do poeta, já estava na mansão dos justos<sup>92</sup>.

Longe de sua esposa, o poeta se entrega à vida diplomática. Em 1858 ele retorna ao Brasil para chefiar uma expedição científica ao norte do país, a célebre e mal fadada “Expedição das borboletas” – que se extingue graças à combates internos das secretarias do Império. Buscando alívio para sérios problemas de saúde, Gonçalves Dias parte novamente para a Europa em 1862, entregando-se aos cuidados dos melhores profissionais de Vichy,

<sup>90</sup> *História da inteligência brasileira*. 1977, vol. II, p. 348.

<sup>91</sup> LEAL, Antonio Henriques. *Antonio Gonçalves Dias: notícia de sua vida e obra*. 1875, p. 77.

<sup>92</sup> *Antonio Gonçalves Dias: notícia de sua vida e obra*. 1875, p. 115.

Marienbad e Dresde, seguindo mais tarde para Teplitz – consolado sempre em suas andanças pela presença dos amigos Porto Alegre e Gonçalves de Magalhães, com quem se encontra em Berlim, Bruxelas, Schweizermühle e Paris. Desgostoso da vida e sem perspectivas de progresso, o poeta resolve retornar uma última vez à sua pátria natal no início de setembro de 1864, desejando ao menos morrer entre as palmeiras de sua infância – desejo que lhe foi tragicamente negado: no dia três de novembro o navio Ville de Boulogne, que transportava o poeta, naufragou na costa maranhense, há poucos metros do porto... Todos a bordo se salvaram, menos Dias, que segundo o capitão do navio já estava morto. Alguns sugerem, contudo, que ele foi esquecido em seu leito, fraco demais para tentar se salvar... “Mísero e mesquinho poeta!” – exclamaria Antonio Henriques Leal:

Infeliz ao ver a luz, mais infeliz ainda ao despedir-se dela! Nasceu às ocultas, no meio das florestas e de ventre impuro; morreu no mar de morte angustiada, e seu cadáver, insepulto e agitado pelas vagas, desapareceu no meio delas!

Voltemos, no entanto, à trajetória de Macedo e ao ano de 1848, quando nossos românticos ainda se inebriavam com seus sonhos mais risinhos: nas páginas do romance *Os dois amores* ele retratará o drama de um jovem pobre, de nome expressivo, Cândido, que por sua posição social julga não ter direito à mulher amada, Celina – mais abastada do que ele. A pobreza é um tema caro ao autor, que já havia se referido a ela em *O amor do vate*, na passagem em que diz que ao pobre não resta “amor, nem amizade”; aqui Macedo dirige seu libelo à “sociedade que governa”, com sua preferência inaudita “que em tudo se dá mil vezes ao rico sem mérito algum, sobre o homem que, sendo embora distinto, é todavia pobre”<sup>93</sup>. “Sabeis qual é”, indaga ele, “e qual será o resultado de tudo isto”?

É que hoje o pobre não tem amor às instituições, nem confiança no governo; porque as leis servem somente de puni-lo, e o governo não cura de desprotegê-lo.

É que amanhã o pobre terá em desprezo a lei, e há de desconfiar da sociedade que governa; e depois de amanhã... e no futuro, num dia enfim que felizmente bem longe está ainda, o povo pobre que é muito mais numeroso do que o povo rico, perguntará àqueles que estão em cima – se ainda não é tempo de minorar-se o peso de sua cruz, se o seu calvário não se acaba de subir nunca.

É que hoje o pobre indiferente e sofredor, carrega o seu peso silencioso como o camelo, e um dia mais tarde, – ai de nós se ele chegar! – levantará a cabeça, orgulhoso como o leão, e terrível como o tigre<sup>94</sup>.

Com uma linguagem bastante simples mas direta o autor se dirige ao Imperador, denunciando a corrupção dos demais setores do governo. Macedo enlaça assim os problemas sociais de seu tempo às tradicionais narrativas amorosas, compondo um quadro bastante verossímil da sociedade carioca. Após uma série de complicações é claro que nosso herói cai

<sup>93</sup> *Os dois amores*. S/d, p. 67-68.

<sup>94</sup> *Os dois amores*. S/d, p. 68-69.

nas graças de sua bela adorada, não sem antes ascender social e economicamente por meio de uma herança inesperada. Como de praxe os bons são recompensados e os maus se regeneram, com a descoberta de paternidades desconhecidas, diários roubados e baladas criptográficas levadas ao piano, como os demais recursos folhetinescos do gênero. A secreta harmonia que vibra os fios da trama desse romance não é tão melodiosa quanto à dos anteriores, ainda que Wilson Martins julgue sua “carpintaria extremamente refinada”<sup>95</sup>.

Em 1849 as belas letras conhecem uma desejável efervescência, como já observamos, e discursando na Academia de São Paulo a onze de agosto sobre a *missão civilizadora* das universidades o jovem estudante Manuel Antônio Álvares de Azevedo nos dá o tom de sua época:

bem haja aqueles de vós que tão bem a compreendem, a esses que por aí por nossa terra vão acordando o amor literário, a essa mocidade que seguindo o impulso de um livro fadado a fazer época em nossa história literária porque foi um livro criador – os *Primeiros cantos* do Sr. Gonçalves Dias – que veio regenerar-nos a rica poesia nacional de Basílio da Gama e Durão, assinalada por essa melancólica *Nênia* de um gênio brasileiro que há dez anos sentou-se aqui nos bancos acadêmicos<sup>96</sup>... bem haja essa mocidade que nos tem dado as suas inspirações de poeta, que aí se ensaia na intimidade das Sociedades Literárias para os debates da tribuna e, apoderando-se da grande alavanca da imprensa, começa a abrir as portas do Teatro Brasileiro aos talentos nacionais. Bem haja ao Sr. Dr. Magalhães, o fundador do nosso Teatro; ao Sr. Dr. Macedo, autor desse *Cego* tão poético e belo; ao Sr. Pena, mancebo tão rico de esperanças e gênio que lá se foi morrer na terra estrangeira; – o terem tão bem compreendido a sua missão<sup>97</sup>.

Devidamente instalado na corte carioca, Macedo deixa de lado a medicina para se dedicar exclusivamente às letras, conquistando duas graças notáveis: sua nomeação para a segunda cátedra de História e Corografia do Imperial Colégio de Pedro II, a três de abril, e um cargo de suplência na Assembléia Provincial – inaugurando assim sua carreira política. Além disso, em parceria com Araújo Porto-Alegre e Gonçalves Dias, Macedo funda neste ano a revista *Guanabara*, tida como um prolongamento da saudosa *Niterói*. Segundo Roque Spencer de Barros, a segunda, “nos seus dois únicos números, procurava oferecer as bases teóricas para uma renovação espiritual e literária do País”, ao passo que a nova publicação trataria “de *consolidar* a visão e os projetos românticos; aquela é um manifesto ou introdução, esta, uma espécie de ‘compêndio’, onde se abrigam as lições da nova visão do mundo, sob a forma poética, filosófica, ensaística, científica”<sup>98</sup>.

<sup>95</sup> *História da inteligência brasileira*. 1977, vol. II, p. 421.

<sup>96</sup> Referência à uma obra do estudante Firmino Rodrigues da Silva, publicada em 1837, segundo Wilson Martins.

<sup>97</sup> *Discurso recitado na sessão acadêmica comemoradora do aniversário da criação dos cursos jurídicos no Brasil – 14 de agosto de 1849*. 1960, vol. I, p. 104-05.

<sup>98</sup> *A significação educativa do romantismo brasileiro: Gonçalves de Magalhães*. 1973, p. 121.

Lançada no dia do aniversário do Imperador, os três literatos tiveram a feliz idéia de levar pessoalmente um exemplar no paço de São Cristóvão – o que resultou em uma situação bastante inusitada. “O Imperador reparou que Dias era o único a não usar uma comenda no peito”, comenta Ubiratan Machado, e “no dia seguinte, o poeta era condecorado com o hábito de cavaleiro da Ordem da Rosa”.

Em vez de se alegrar, o poeta irritou-se com o procedimento imperial. Naquela época, o condecorado tinha de comprar o distintivo. Dias recusou-se a tomar qualquer atitude, pois alegava não querer ser confundido com tendeiros ou com negreiros, para os quais o que escrevia valia apenas o papel, utilizado para embrulhar açúcar ou manteiga. Para sair do impasse, evitando magoar o imperador e ao mesmo tempo convencer o homenageado de que a concessão era um tributo ao seu talento e serviços à pátria, Lisboa Serra comprou a comenda e presenteou-a ao amigo<sup>99</sup>.

Aqueles que compraram os primeiros números da *Guanabara* foram presenteados com mais um folhetim de Macedo, *Rosa*, romance de costumes que trata das relações amorosas na corte imperial. Situada nos fins de julho do corrente ano, o que busca conferir ao texto maior autenticidade, a trama se inicia com a chegada do comendador – e ‘velho namorador’ – Sancho a casa de Maurício, que se encontra prestes à “uma retirada vergonhosa”.

– Pois ainda?!?! perguntou o recém chegado.

– Sempre! exclamou o velho Anastácio.

– E qual é hoje a ordem do dia?...

– A mesma que foi ontem, e que será amanhã, respondeu Maurício; o mano faz como os nossos deputados de todas as oposições; grita todos os dias e diz sempre a mesma coisa.

– A culpa é de todos os ministérios, porque suba quem subir, é sempre a mesma miséria.

– Mas por que ralhava agora o Sr. Anastácio?

– Ora... porque, segundo ele, eu sou um doido varrido... porque estou perdendo minha filha, e enfim porque cheguei a cometer a enormíssima loucura de aprovar o orçamento de despesa, que ela julga que deve fazer para ir ao baile de amanhã<sup>100</sup>.

O ‘velho Anastácio’, como vemos, é o irmão mais velho de Maurício, morador da roça que veio passar algum tempo na capital representando os tempos e costumes que se passaram, figurando no romance como um contra-ponto dos novos hábitos fluminenses. O orçamento pedido pela menina de 184\$000 é considerado ridículo pelo comendador Sancho, ao que Anastácio responde não se tratar do dinheiro, mas do futuro:

– Eu digo, que a geração atual estando, como de fato está, desgraçadamente pervertida; que tendo todos nós muito de que envergonhar-nos diante uns dos outros, não podemos contar com força moral suficiente para regenerar a sociedade.

– Bem: e nesse caso?...

– Neste caso, já que não podemos preparar um futuro para nossos filhos, devemos ao menos preparar nossos filhos para criar um futuro.

<sup>99</sup> *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. 2001, p. 97.

<sup>100</sup> *Rosa*. 1954, p. 09.

- Fiquei na mesma.
- Eu digo, continuou o velho roceiro elevando a voz, que já que somos obrigados a deixar a nossos herdeiros uma casa estragada pelo cupim, cumpre que leguemos ao porvir artífices capazes de levantar casa nova.
- Cada vez o entendo menos.
- Eu digo, exclamou o velho, cujos olhos brilharam como dois vaga-lumes, que é preciso educar a mocidade.
- Oh, meu Sr.! quer mais aulas do que as que temos?...
- Aulas?... quem falou aqui em aulas?... algumas temos já, de muitas outras carecemos, e quantas ainda se estabelecerem não serão de sobejo: a sociedade que governa as deve ao povo, que lhe paga tributos de suor e de sangue: não é porém de instrução que eu trato agora; eu falo de educação, Sr. comendador dos meus pecados, falo da educação, da educação doméstica e religiosa.
- Ah!...
- E sabe a quem cumpre muito particularmente dar essa educação à mocidade?... é ao sacerdote e à mãe de família<sup>101</sup>.

Macedo aproveita essa discussão inicial para inserir na trama os preceitos moralizantes da época, apresentando-nos um elemento novo em seus romances: a crítica à escravidão, já esboçada em sua tese de doutorado. Tomando o velho Anastácio como seu “porta voz”, o autor destaca que

se a missão da mãe de família é árdua em toda a parte do mundo, no Brasil é particularmente muito mais espinhosa, porque no Brasil cada homem guarda dentro de sua própria casa um inimigo do coração de seus filhos, um poderoso elemento de desmoralização; em uma palavra, porque no Brasil existe a escravatura”<sup>102</sup>.

Representando tanto um conflito de gerações como de costumes, campo vs cidade, o autor nos assevera que “não é com uma vida toda passada em festas, bailes e teatros que uma moça pode-se preparar para ser depois boa e cuidosa mãe de família”. A discussão logo é interrompida pela mimosa jovem que vem pedir ao pai um “crédito suplementar” ao orçamento inicial, para desespero de Anastácio, e a história prossegue com seus habituais desenlaces folhetinescos onde os bons são recompensados e os maus sofrem os piores castigos – como o usurário André, que tem sua casa e seu capital devorados por um inesperado incêndio, ou como o jornalista Faustino, que vendendo sua pena à três jornais da capital é obrigado a se retirar para a Califórnia quando desmascarado. Estes detalhes nos são revelados pelo jornal que o comendador Sancho lê ao final do livro, quando o estrepitoso movimento de algumas carruagens chamam sua atenção para fora casa:

O comendador Sancho levantou-se, olhou, e quase que tornou a cair na cadeira desmaiado.

A carruagem que vinha adiante conduzia a Rosa e o Juca: a moça trazia na cabeça um véu e uma coroa de noiva, e estava radiante e bela como um anjo; no rosto do Juca resplandecia o amor e a felicidade.

---

<sup>101</sup> Rosa. 1954, p.11.

<sup>102</sup> Rosa. 1954, p.12.

As outras carruagens levavam os pais dos noivos e as testemunhas do casamento.

– Casados!... exclamou o pobre Sancho quando pôde falar: ei-la enfim também casada, e eu esquecido no isolamento do celibato!...

E depois, saindo da janela, foi-se para dentro murmurando:

– Eis a dona Rosinha também casada!... é a trigésima-sexta noiva que me escapa!... mas o diabo me leve, se me escapar a trigésima-sétima<sup>103</sup>!...

Em meio a tantas conquistas Macedo sofre também um golpe do destino, com a sentida morte de seu pai. O Brasil foi tomado em 1850 por uma terrível epidemia de febre-amarela e é provável que Severino de Macedo Carvalho tenha sido mais uma de suas vítimas – assim como o filho, que no começo do ano teve poucas aparições públicas, faltando às reuniões do IHGB e deixando de participar dos editoriais da *Guanabara*<sup>104</sup>. Tomado de profundo descrédito pela medicina, que não pôde salvar seu ente querido, o autor decide abandoná-la de vez, dedicando-se a partir de agora somente às letras – onde, por outro lado, continuará aplicando seus conhecimentos, veiculando os saberes da medicina em seus romances. Os corações e as almas de seus leitores precisavam de tanto auxílio quanto seus corpos, e ao que parece o autor se sentia mais à vontade com a pena do que com o bisturi.

Embora tenha sido tão longo quanto todos os outros, o ano de 1852 contou com poucas novidades, mas em junho, contudo, começa a ser publicado um estranho romance no *Correio Mercantil do Rio de Janeiro*, contando a história de um jovem “Leonardo”, filho de uma pisadela e de um beliscão. Assinada por “Um brasileiro”, a trama intitulada *Memórias de um sargento de milícias* não gozou de muito prestígio em sua época, ainda que hoje seja considerada um marco em nossa literatura. Passando-se no tempo do rei, isso é, antes da proclamação da independência do Brasil, as páginas do romance registram as desventuras do endiabrado Leonardo e os costumes brasileiros do período – certamente sua maior virtude.

Os folhetins causaram pouco impacto no público fluminense e mesmo com uma tiragem pequena, seus exemplares em volume “perderam-se no fundo da redação, comidos pelos ratos ou pelo mofo”, não constituindo assim um sucesso literário. Nenhuma revista literária se ocupou da obra: “aquilo não era literatura, concordariam. Vinte anos depois Macedo ainda considerava as *Memórias* ‘um estudo ameno e preciso de antigos costumes do país e de coisas nele passadas’”, e mesmo Bitencourt da Silva, fiel amigo do Maneco, julgava que nas páginas do romance o talento do escritor “apenas de leve” se estampara<sup>105</sup>.

<sup>103</sup> Rosa. 1954, p. 363.

<sup>104</sup> Precisamente nos números 6 e 7, segundo Benedita de Cássia Lima Sant’Ana em *A imprensa romântica de língua portuguesa: uma leitura comparada entre os periódicos O Panorama (1837-1868) e Guanabara (1849-1856)*. 2002.

<sup>105</sup> REBELO, Marques. *Vida e obra de Manuel Antônio de Almeida*. 1943, p. 38.

Como sabemos, faltava ao romance a moralidade reclamada pelo público e pela crítica, inserida tardiamente na trama – provavelmente como uma tentativa de redenção. A história se encerra de modo abrupto, com a “reabilitação” social do jovem peralta pelo casamento – e pelo casamento sagrado: como soldado, Leonardo não poderia nunca subir ao altar, mas “a idéia de uma união ilegítima lhes repugnava”. “O amor os inspirava bem”<sup>106</sup>, como arremataria o narrador.

Discutimos há pouco, ainda que em breves linhas, a tipicidade dos desvarios da juventude – e *As memórias de um Sargento de Milícias* apenas corroboram sua normatividade, visto que, claramente, com a advento da maturidade a “malandragem” de Leonardo é deixada para trás. Seu pai, Leonardo Pataca, notoriamente, mesmo adulto, nos exhibe os comportamentos mais reprováveis, mas além de ser português, detentor de um caráter distinto do nosso, portanto, representa ainda os costumes de um outro período – diferentemente de seu filho, portador de uma sensibilidade essencialmente brasileira.

Manuel Antônio de Almeida, o autor do romance, nunca mais voltou às belas letras, senão por alguns artigos de crítica esporádicos, e faleceu em um naufrágio em 1861 – justamente seu maior temor em vida. Formado também em medicina, foi no plano do jornalismo que o intelectual alcançou maior notoriedade. Segundo Marques Rebelo:

natureza expansiva, imaginação brilhante, afetuosidade leal, parece que foi pau para toda obra em matéria de redação, pois é Francisco Otaviano quem diz: “Adivinhava com alguns momentos de atenção tudo o que não estudara e escrevia sobre assuntos examinados de relance como se de longo espaço os tivesse aprofundado”, e Porto Alegre confirmava, “entre os seus colegas de imprensa era Manuel Antônio de Almeida o que mais esclarecia os assuntos e com mais facilidade encontrava o fio no drama das discussões”<sup>107</sup>.

### ***A geração byroniana***

No ano de 1853, Joaquim Manuel de Macedo busca trilhar a tradição gótica com o romance *Vicentina*. A narrativa mescla o drama de um amor impossível às tradicionais peripécias folhetinescas: terríveis vinganças, reencontro de filhos perdidos, mistérios familiares que visam encobrir graves faltas do passado. Tudo começa durante a cavalgada de Américo para a fazenda do senhor Mariano, onde pretende passar uma agradável temporada de quinze dias, e a descoberta de uma misteriosa ermida, onde segundo os moradores locais vive uma louca que, à beira de um precipício, entoa longas baladas banhadas pela luz da lua –

<sup>106</sup> *Memórias de um Sargento de Milícias*. 1997, p. 156.

<sup>107</sup> *Vida e obra de Manuel Antonio de Almeida*. 1943, p. 29.

“louca” que não vive só, contudo, mas acompanhada de uma anciã e de uma criança. Desejando atender a curiosidade do visitante a família resolve convidar a fantasmagórica tríade para uma festa na fazenda, e à meia-noite a majestosa figura de uma mulher completamente vestida de branco interrompe as festividades, atemorizando a todos.

As senhoras, pálidas e trêmulas de espanto e de terror, chegaram-se umas às outras sem poder articular palavra! Leocádio deixou ouvir um surdo gemido e ficou quase desmaiado na cadeira; e, durante alguns momentos, nem mesmo o dono da casa se levantou para receber a convidada<sup>108</sup>.

Envolta em diversas lendas e narrativas acerca do passado, a trama passa a esclarecer o presente, condenando o luxo e a vaidade da família de Mariano e redimindo a família da louca. Não faltam ao romance os habituais toques macedianos: primorosa descrição dos costumes locais e elogio do campo em detrimento da cidade, mas sua marca maior é a moralidade – qualidade não só desejada pelo público como pelos críticos da época.

O clima gótico, por assim dizer, “pairava no ar”: nesse ano é publicado o primeiro volume das *Obras* de Álvares de Azevedo, bem como as *Trovas*, de Laurindo José da Silva Rabelo. Bem entendido, Álvares de Azevedo falecera tragicamente no ano anterior, inaugurando a chamada escola – ou moda, como muitos preferem chamar – byroniana, cujos primeiros sussurros até então haviam se restringido aos domínios da Faculdade de Direito de São Paulo. José de Alencar, que concluía seu curso de direito na cidade, vivenciou o raiar do “movimento”:

Em 1845, voltou-me o prurido de escritor; mas esse ano foi consagrado à mania, que então grassava, de *baironizar*. Todo estudante de alguma imaginação queria ser um Byron; e tinha por destino inexorável copiar ou traduzir o bardo inglês<sup>109</sup> – p. 43.

A moda byroniana, no entanto, tomou vulto após a morte de Álvares de Azevedo, contando ainda com os nomes célebres de Bernardo Guimarães, Cassimiro de Abreu e Fagundes Varela, ainda que em períodos muito distintos. Sua marca maior foi o “mal do século”, um certo *spleen* existencial que segundo alguns estudiosos não seria visto com bons olhos pelo Imperador D. Pedro II – interessado em escritores empenhados pelo país, não por boêmios que se atiravam à todos os desregramentos (como Varela) ou que viviam perdidos em suas contemplações.

Como já comentamos, Álvares de Azevedo era primo da esposa de Macedo, que movido por real admiração pessoal, mera consideração familiar ou efetiva comoção literária pela perda de um par potencialmente genial recitou um elogio fúnebre em sua cerimônia de adeus – entoando ao final “uma poesia em que sua morte parece profetizada”, o célebre *Se eu*

<sup>108</sup> *Vicentina*. 1954, p. 104.

<sup>109</sup> *Como e porque sou romancista*. 1991, p. 43.

*morresse amanhã*, “o canto do cisne”<sup>110</sup>. Por sua vez, desde cedo o sonhador Álvares de Azevedo admirava os talentos e as glórias do autor de *A moreninha* – contando inclusive com seu renome como atrativo para uma publicação estudantil que nunca veio à lume, um jornal que se chamaria *Crepúsculo* ou *Estrela*, como podemos observar em uma carta de nove de setembro de 1850 destinada a Domingos Jaci Monteiro, primo e editor das primeiras obras do poeta<sup>111</sup>.

Detenhamo-nos ainda um instante sobre 1853, quando a antiga *Marmota na Corte*, de Francisco de Paula Brito, se transformava em *A marmota fluminense*, “jornal recreativo de modas, romances e variedades” de grande influência na sociedade carioca. Mais do que a publicação, certamente primorosa, interessa-nos a curiosa sociedade *Petalógica*, que congregava ao seu redor uma gama de literatos e leitores privilegiados. A “sociedade” se reunia todos os sábados, em dois bancos situados à frente da loja de Paula Brito, congregando os eventuais nomes de Machado de Assis, Manuel Antônio de Almeida, Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias, Araújo Porto-Alegre, Joaquim Manuel de Macedo, Salvador de Mendonça e Henrique César Muzzio, entre muitos outros. Vejamos algumas lembranças de Machado de Assis sobre a sociedade:

A Petalógica dos primeiros tempos, a Petalógica do Paula Brito – o café Procópio de certa época – onde ia toda a gente, os políticos, os poetas, os dramaturgos, os artistas, os viajantes, os simples amadores, amigos e curiosos, onde se conversava de tudo – desde a retirada de um ministério até à pirueta da dançarina da moda; onde se discutia de tudo, desde o dó de peito de Tamberlick até os discursos do Marquês do Paraná, verdadeiro campo neutro onde o estreante das letras se encontrava com o conselheiro, onde o cantor italiano dialogava com o ex-ministro.

Cada qual tinha a sua família em casa; aquilo era a família da rua – *le ménage em ville* – entrar ali era tomar parte na mesma ceia (a ceia vem aqui por metáfora) porque o Licurgo daquela república assim o entendia, e assim o entendiam quantos transpunham aqueles umbrais. Queríeis saber do último acontecimento parlamentar? Era ir à Petalógica. Da nova ópera italiana? do novo livro publicado? do último baile do E...? da última pesa de Macedo ou Alencar? do estado da praça? dos boatos de qualquer espécie? Não precisava ir mais longe; era ir à Petalógica. Os petalógicos, espalhados por toda a superfície da cidade, lá iam, de lá saíam, apenas de passagem colhendo e levando notícias, examinando boatos, farejando acontecimentos, tudo isso sem desfaltar os próprios negócios de um minuto sequer<sup>112</sup>.

A literatura fluía como nunca: prova disso é a reedição de três romances de Macedo, *O moço loiro*, *Os dois amores* e *Rosa*, cada um impresso por uma editora diferente, “o que sugere urgência e, por conseqüência, larga demanda por parte do público”<sup>113</sup>, na opinião de Wilson Martins.

<sup>110</sup> Elogio fúnebre transcrito por Tania Serra. *Joaquim Manuel de Macedo ou Os dois Macedos: a luneta mágica do II Reinado*. 1994, p. 301.

<sup>111</sup> *Cartas de Álvares de Azevedo*. 1976, p. 169.

<sup>112</sup> Citado por Wilson Martins. *História da inteligência brasileira*. 1977, vol. II, p. 499.

<sup>113</sup> *História da inteligência brasileira*. 1977, vol. II, p. 501.

Em 1854, no ano em que a população carioca foi agraciada com a iluminação à gás, surge a *História geral do Brasil*, de Francisco Adolfo de Varnhagem, cuja publicação se estenderá até 1857. Não deve ser preciso destacar a importância da obra, que emulava em sua totalidade o programa proposto por Karl Friedrich von Martius em sua memória *Como se deve escrever a história do Brasil* – vencedora, como sabemos, do concurso organizado pelo Cônego Januário da Cunha Barbosa, em 1840. Martius foi o primeiro a notar a substancial importância das três raças para a formação histórica do país, prevendo, contudo, desde então, que o elemento branco buscava sempre subjugar a potencialidade das demais e minorar sua relevância nesse processo – como efetivamente se sucedeu, *inclusive na obra do próprio Varnhagen* que como único senão tomou aos índios o papel de destaque que o romantismo do período esperava. Essa lacuna será preenchida por Macedo anos mais tarde, como veremos adiante, mas o escritor português é tido até hoje como o pai da historiografia brasileira.

Em 1855, Macedo publica *A carteira de meu tio*, uma devastadora sátira política bem ao gosto dos panfletos da época. Em meio às turbulentas discussões envolvendo a Conciliação, conjunção de forças iniciada dois anos atrás pelo Marquês do Paraná, Honório Hermeto Carneiro Leão, a obra satiriza a vida política brasileira retratada em suas páginas como um verdadeiro caos. Tributário da filosofia do *eu*, que busca sua satisfação pessoal antes de qualquer coisa, nosso narrador julga que não vale a pena sequer se identificar:

eu sou sem mais nem menos o *sobrinho de meu tio*: não se riam, que não há razão para isso: queriam o meu nome de batismo ou de família?... não valho nada por ele, e por meu tio sim, que é um grande homem<sup>114</sup>.

Após *flanar* pela França por cinco anos, onde fora estudar, sem assistir uma única aula ou conhecer qualquer biblioteca por *falta de tempo*, o narrador comprou um diploma na Alemanha – sem se dar ao menos o trabalho de examinar em que espécie de ciência – e voltou ao Brasil com o esmalte da mais alta cultura, sequioso de adentrar o universo da política – onde seu tio ocupava posição de destaque, como podemos imaginar. Radiante de alegria, seu tio concorda sua grandiosa aspiração impondo-lhe, contudo, uma viagem pitoresca pelo país com o intuito de conhecer seus graves problemas e adquirir maiores experiências de vida – viagem essa que deveria ser acompanhada por uma defunta, conduzida sabiamente junto ao peito, defunta essa que estava enterrada no jardim sob o seguinte epitáfio: “aqui jaz quem nunca viveu”. Aberto o caixão, o narrador se depara com a Constituição do Império, saudada calorosamente quando saída do berço mas completamente esquecida em seguida.

---

<sup>114</sup> *A carteira de meu tio*. 2001, p. 20.

Estas poucas linhas devem indicar ao leitor a tônica do romance, onde o narrador tomará contato com um grandioso país imerso nas práticas políticas mais nefastas e com os sofrimentos diários de homens comuns que sustentam a realeza da classe governante sem quaisquer perspectivas de progresso.

Nesse mesmo ano, desde fevereiro, Macedo publica nas páginas da *Marmota fluminense* mais um longo romance, *O forasteiro* – tão bem acolhido que nesse mesmo ano foi lançado em volume por duas editoras: um na tipografia de Paula Brito e outro na Casa Garnier. Essa enxurrada de volumes não garantiu ao romance maior vitalidade, visto que nem mesmo no acervo das maiores bibliotecas do país tivemos acesso à obra.

### ***A polêmica sobre a Confederação dos Tamoios e a contestação da confraria literária***

Em fins de 1854, no entanto, Gonçalves de Magalhães, o grande vulto de nosso romantismo, havia aportado em terras tupiniquins, cioso de rever sua pátria e seus amigos, trazendo na bagagem os originais de um extenso poema que certamente fulguraria nos céus das letras pátrias como um grandioso monumento<sup>115</sup> – talvez o maior de todos, como aliás anunciavam desde 1851 Porto Alegre e Macedo nas páginas da *Revista Guanabara*<sup>116</sup>. Transferido de seu cargo de Encarregado de Negócios Efetivos no reino das Duas Sicílias para posto de iguais feições na Sardenha, Magalhães aproveitou o intervalo para visitar o Brasil com o ímpeto sublime de entregar ao Imperador D. Pedro II, pessoalmente, tão valioso tesouro nacional, a quem a composição era dedicada. A inspiração de tão interessante criação iluminou o poeta em 1832, quando ainda vivia em Paris, e começou a tomar forma em 1847, após dois terríveis golpes do destino: a morte de sua adorada mãe e de seus dois primeiros filhos. Magalhães colocava todas as suas esperanças de imortalidade no poema<sup>117</sup>, e sua efusiva recepção na corte parecia lhe garantir um futuro bastante risonho.

Logo foi organizada uma reunião para a apresentação do poema, no paço de São Cristóvão, e na tarde de trinta de janeiro de 1855 o poema foi recitado por extensas sete horas diante do Imperador, que após sair do transe hipnótico resolveu “se responsabilizar pela impressão e difusão do poema” em rica edição imperial<sup>118</sup>. Segundo Gonçalves Dias, que

<sup>115</sup> MENEZES, Raimundo de. *José de Alencar: literato e político*. 1965. p.102.

<sup>116</sup> BARROS, Roque Spencer Maciel de. *A significação educativa do romantismo brasileiro: Gonçalves de Magalhães*. 1973, p. 112.

<sup>117</sup> MACHADO, Alcantara. *Gonçalves de Magalhães ou O poeta arrependido*. 1936, p. 70.

<sup>118</sup> MENEZES, Raimundo de. *José de Alencar: literato e político*. 1965. p.102; MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. 2001, . 123.

ouvira uma declamação do poema em Paris, na casa do poeta Odorico Mendes, a arte declamatória de Magalhães era tão insinuante e artística que se tornava difícil “aquilatar o merecimento de alguma obra literária”<sup>119</sup>.

O público, porém, só teve acesso à obra no começo de junho no ano seguinte, quando a notoriedade do evento já havia se dissipado. Ainda que os jornais mais tradicionais da corte tenham, evidentemente, recebido o volume de modo elogioso, alguns dias depois um misterioso “Ig” começou a estampar no *Diário do Rio de Janeiro* uma série de críticas inesperadas ao poema<sup>120</sup>. Desejando apenas apresentar suas “impressões” de leitura, por se julgar incapaz de criticá-lo devidamente, o autor passa a apontar um desnível entre a criatividade do Sr. Magalhães e grandiosidade do tema em pauta, como se a poesia não estivesse à “altura do assunto”. “Se me perguntarem o que falta”, dizia ele, “de certo não saberei responder; falta um quer que seja, essa riqueza de imagens, esse luxo de fantasia que forma na pintura, como na poesia, o colorido do pensamento”.

Parece-me que o gênio de um poeta em luta com a inspiração, devia arrancar do seio d’alma algum canto celeste, alguma harmonia original, nunca sonhada pela velha literatura de um velho mundo.

Digo-o por mim: se algum dia fosse poeta, e quisesse cantar a minha terra e as suas belezas, se quisesse compor um poema nacional, pediria a Deus que me fizesse esquecer por um momento as minhas idéias de homem civilizado.

Filho da natureza embrenhar-me-ia por essas matas seculares; contemplaria as maravilhas de Deus, veria o sol erguer-se no seu mar de ouro, a lua deslizar-se no azul do céu; ouviria o murmúrio das ondas e o eco profundo e solene das florestas.

E se tudo isto não me inspirasse uma poesia nova, se não desse ao meu pensamento outros vãos que não esses adejos de uma musa clássica ou romântica quebraria a minha pena com desespero, mas não a mancharia n’uma poesia menos digna de meu belo e nobre país.

Brasil, minha pátria, porque com tantas riquezas que possues em teu seio, não dás ao gênio de um dos teus filhos todo o reflexo de tua luz e de tua beleza? Porque não lhe dá as cores de tua palheta, a forma graciosa de tuas flores, a harmonia das auras da tarde?<sup>121</sup>

Polidas e brandas, as primeiras cartas dão lugar a críticas cada vez mais radicais, como se, inebriado pela discussão ao seu redor, o autor se entregasse à uma volúpia desvairada de orgulho e ironia. “Em tudo pois há poesia, contanto que se saiba vibrar as cordas do coração, e fazer cintilar esse raio de luz que Deus deixou impresso em todas as coisas, como o cunho de seu poder criador”<sup>122</sup>, afirmaria ele na quarta carta, para nove dias depois, na quinta missiva da série, apresentada inclusive como a última, entregar-se à seguinte indagação:

<sup>119</sup> Citado por Ubiratan Machado. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. 2001, p. 123.

<sup>120</sup> José Aderaldo Castello coligiu e transcreveu todas as cartas do “debate” em *A polêmica sobre A confederação dos Tamoios*, lançada em 1953. As cartas de Ig foram todas publicadas no *Diário do Rio de Janeiro*, na seguinte ordem: dez, onze e vinte e oito de junho, cinco e quatorze de julho, nove, doze e quinze de agosto.

<sup>121</sup> *A polemica sobre A confederação dos Tamoios*. 1953, p. 05.

<sup>122</sup> *A polemica sobre A confederação dos Tamoios*. 1953, p. 28.

acaso, meu amigo, chamará poeta a um homem que, usando da linguagem da arte, desprezando todas as belezas do estilo, como faz o Sr. Magalhães, apresenta-nos milhares de versos sem harmonia, sem cadência, sem metrificação<sup>123?</sup>

Indignado, “Um amigo do poeta” desce à arena para defender Magalhães no *Comércio da tarde*<sup>124</sup>, com a elegância e a delicadeza de um *urso*, seguido mais tarde por “Um outro amigo do poeta” – desta vez bem mais sóbrio e moderado<sup>125</sup>. Indiferente às grosserias do primeiro, “Ig” nem se dera ao trabalho de lhe dirigir a palavra, concedendo maior atenção aos argumentos do segundo e retomando a crítica do poema que dera por encerrada em quatorze de julho – preenchendo com seus comentários ainda mais três cartas. Novos polemistas se lançaram ao debate, como o enigmático “Omega” ou os mal-criados “O boqui-aberto” e “O inimigo de capoeiras”, “os quais escreveram apenas atestando certas rivalidades literárias de uma época e o tom baixo a que pode ser conduzida uma polêmica”<sup>126</sup>, na opinião de José Aderaldo Castello.

Ao que parece o ambiente literário da corte não era muito grande e todos tinham consciência dos debates e das idéias em circulação no período, de tal modo que Porto Alegre, “Um amigo do poeta”, foi “desmascarado” simplesmente por citar dois outros grandes literatos do período, Macedo e Gonçalves Dias, que, assim como Magalhães, tinham poemas no estaleiro – sem dizer nada sobre si próprio, isso é, sobre o literato Porto Alegre que, como os demais, também preparava uma composição de alto valor nacional. A identidade que se encobria sob o pseudônimo de “Ig” – as iniciais da musa do poema, *Iguassu*, que, revoltada com o tratamento recebido, viera pessoalmente se vingar do vate ímprobo – foi revelada alguns meses depois, com a publicação das cartas em um volume assinado pelo jovem redator chefe do *Diário do Rio de Janeiro*, um cearense chamado José Martiniano de Alencar – mas durante o fervor da “batalha” certos rumores apontavam o próprio D. Pedro II como “Um outro amigo do poeta”, o que teria motivado a “retomada” do debate por “Ig”.

Defensor extremo do poema, como do próprio poeta e de toda confraria, D. Pedro II percebeu logo que as cartas de Porto Alegre ficaram muito aquém do desejado e decidira defender a composição ele próprio, visto que ninguém mais se dispusera à fazê-lo. Tanto o poeta português Alexandre Herculano quanto o lendário Frei Monte Alverne, amigo e guia espiritual de Magalhães, solicitados pelo Imperador, destacariam antes os problemas da

<sup>123</sup> *A polémica sobre A confederação dos Tamoios*. 1953, p. 32.

<sup>124</sup> Suas cartas foram publicadas na seguinte ordem: vinte e três, vinte e oito e trinta e um de julho, quatro, cinco e doze de agosto – sendo esta última publicada também no *Jornal do comércio*.

<sup>125</sup> Todas as cartas do “Outro amigo do poeta” foram publicadas no *Jornal do comércio*, nos dias seis, onze, quinze, vinte e um, vinte e três e vinte e quatro de agosto.

<sup>126</sup> *A polémica sobre A confederação dos Tamoios*. 1953, p. XI.

composição do que suas virtudes, ainda que tardiamente – quando a discussão já estava encerrada. “É incontestável que o poema dos *Tamoios* contém muitos defeitos de estilo; uma grande quantidade de versos carece d’harmonia e cadência; falta mecanismo no metro; o número e a colocação das sílabas é muitas vezes mal empregado”<sup>127</sup>, diria Monte Alverne, e em seu parecer, enviado à corte em dezembro, Herculano indicaria sobretudo a inconveniência do *gênero* adotado pelo poeta:

Peço a V. M. I. que note um fato, que julgo provar mais do que quaisquer considerações que eu pudesse acrescentar. Nenhum dos sumos poetas contemporâneos, Goethe, Byron, Manzoni, Lamartine, Garret, etc., tentou, que eu saiba, a epopéia. É que os seus altíssimos intentos poéticos lhes revelavam que o cometimento seria mais que árduo, seria impossível. A epopéia humana, que já não era do século passado (deu-nos triste documento disso o gênio de Voltaire) menos é deste século<sup>128</sup>.

Como sabemos, as cartas de Alencar não pretendiam realmente analisar o poema, mas revelar as concepções estéticas e literárias do autor, contestando, ao mesmo tempo, os valores e modelos da “confraria literária” liderada por Magalhães e o mecenato do Imperador à um círculo tão “limitado”. Segundo ele, os méritos da “confraria” estariam antes em suas práticas auto-canonizantes e no prestígio de que se serviam do que propriamente em suas composições, denunciando um empenho conjunto e completamente viciado de auto-edificação pouco crítico e sobremaneira fechado às inovações e aos literatos de valor do período – muito mais uma *falange literária* do que um grupo sério de escritores. Segundo Franklin Távora, no entanto:

com a *Confederação dos Tamoios* Magalhães não perdeu senão nos conceitos dos que julgam pelas impressões de outros, sem examinar se são filhas de nobre paixão. Se o autor das *cartas* que então apareceram, única censura hostil à produção de Magalhães, contasse adquirir celebridade por outros meios, como lhe foi fácil posteriormente pelo trabalho incessante do seu deslumbrante engenho, não escreveria agressão tão sem fundamento, agressão em que os vindouros não podem encontrar idéias, mas somente artísticas declamações<sup>129</sup>.

A razão de ser do poema, como ressalta Roque Spencer de Barros estudando-o à luz das reflexões apresentadas por Magalhães no ensaio *Os indígenas do Brasil perante a história*, reside na fundação/exaltação mitopoética da gênese da Rio de Janeiro, futuro núcleo civilizador do país. Magalhães estabelece um paralelo entre a defesa da região pelos Tamoios em busca de sua especificidade com os esforços contemporâneos da civilização do país. Segundo o próprio Magalhães:

se a redenção do gênero humano liga-se ao pecado de Adão, a fundação do Rio de Janeiro, hoje capital de um grande Império, liga-se neste poema à defesa heróica dos Tamoios dirigida por

<sup>127</sup> *A polemica sobre A confederação dos Tamoios*. 1953, p. 130.

<sup>128</sup> Citado por Wilson Martins. *História da inteligência brasileira*. 1977, vol. III, p. 31.

<sup>129</sup> *Primeiro discurso como orador do IHGB*. 1882, p. 521.

Aimbirê. Sem ela não se teria apressado Mem de Sá, e os seus, a vir fundar a cidade, para evitar que os Franceses aqui se estabelecessem<sup>130</sup>.

No parecer de Roque Spencer de Barros, aquele que nos quadros de nossa intelectualidade concedeu maior atenção à obra do autor dos *Suspiros poéticos e saudades*:

de um episódio em que se entrecrocavam natureza e civilização, europeus (portugueses e franceses) e aborígenes, chega-se à própria origem mítica da ‘pátria’, a sua ‘aitia’. O episódio, bem ou mal descrito, não vem ao caso indagar, se articula com o *projeto nacional* de Magalhães; serve-lhe de ponto de partida para a explicação do ‘sentido’ de nossa história, de nossa missão e dos alvos que nos devemos propor<sup>131</sup>.

“Abrir a cortina do passado, tirar um Brasil-nação de lá: esta a tarefa indiscutível do escritor romântico”<sup>132</sup>, comentaria Flora Süssekind, apontando que a funcionalidade da composição, no panorama mais vasto do romantismo brasileiro, residia em sua dimensão genealógica de construção do passado, articulada sobremaneira aos intentos patrióticos da geração de Magalhães.

Alcântara Machado, que confessadamente nem sequer se deu ao trabalho de ler o poema, julga que as cartas de Ig “representam obra de justiça implacável, mas necessária”<sup>133</sup>. Araripe Júnior, mais comedido, admite que a “publicação” do poema “teve a particularidade” de incitar Alencar à “violência e à injustiça, senão em tudo, ao menos em alguns reparos”<sup>134</sup>. Távora, avaliando a composição em 1882, quando finalmente Magalhães baixara ao reino dos mortos, encerraria seu parecer de modo enfático:

a verdade, senhores, é que a *Confederação dos Tamoios* é um belo poema nacional, superior ao *Uraguai* pela vastidão e pelo intuito, superior ao *Caramuru* pela harmonia do verso e unidade da ação, superior aos *Timbiras* por estar completo; não temos uma epopéia nacional que com ele rivalize. O primeiro lugar, pertence-lhe<sup>135</sup>.

<sup>130</sup> Citado por Roque Spencer de Barros. *A significação educativa do romantismo brasileiro: Gonçalves de Magalhães*. 1973, p. 169.

<sup>131</sup> *A significação educativa do romantismo brasileiro: Gonçalves de Magalhães*. 1973, p. 169-70.

<sup>132</sup> *O escritor como genealogista: a função da literatura e a língua literária no romantismo brasileiro*. 1994, p. 454.

<sup>133</sup> *Gonçalves de Magalhães ou O poeta arrependido*. 1936, p. 74.

<sup>134</sup> *José de Alencar*. 1894, p. 37.

<sup>135</sup> *Primeiro discurso como orador do IHGB*. 1882, p. 521.

### *José de Alencar*

José Martiniano de Alencar foi em tudo um epígono de Macedo, que antecipando uma intuição nietszcheana tinha consciência de que “agradecemos mal aos mestres permanecendo eternamente seus discípulos”. As semelhanças entre suas vidas e suas obras são tão grandes que ocupariam um livro: ambos foram os expoentes máximos de suas gerações no plano do romance; ambos tiveram uma relação bastante tímida com a poesia; ambos buscaram – e em certa medida conquistaram – aclamação pública no teatro; ambos se afastaram da literatura para trilhar os tortuosos caminhos da política, retornando às letras após profundas decepções; ambos fundaram periódicos críticos e colaboraram em diversas revistas e gazetas; ambos inflexionaram suas carreiras literárias contra a sociedade que os cercava; e ambos acabaram suas vidas “abandonados” pelo público. Ambos dedicaram suas vidas ao país, laboriosos e infatigáveis. “Não fez outra coisa, na passagem pela terra, senão ler e escrever”<sup>136</sup>, comenta Raimundo de Menezes sobre Alencar, e segundo Silvio Romero “não ficou recanto de nosso viver histórico-social em que ele não tivesse lançado um raio de seu espírito”<sup>137</sup>.

Não temos nenhum registro de que eles tenham se conhecido pessoalmente, ainda que provavelmente tenham se esbarrados nos ambientes literários razoavelmente limitados do Rio de Janeiro. Além disso, por questões estéticas e mesmo editoriais, eles certamente acompanhavam os passos literários um do outro, em um diálogo silencioso mas acirrado. Observadas acuradamente, suas obras guardam aproximações que extravasam os limites da literatura atingindo dimensões espantosas.

Como já observamos, foi a glória literária de Macedo que instigou o jovem cearense ao universo das letras pátrias. Alencar chegou à capital do império no final de 1850, após se doutorar em direito em São Paulo, e como todos os jovens provincianos ele se deliciou com a “agitada” vida cultural da corte – mas por pouco tempo. Desajeitado, franzino e carrancudo, sua figura não agradava às moças e seu espírito pouco afeito às convenções sociais certamente logo se enfadou do cotidiano dos salões fluminenses. Além disso, a intelectualidade científica e literária “patrocinada” pelo imperador lhe inspirava pouca confiança – o que o indispunha contra Macedo. Alencar nunca atacou o pai da *Moreninha* diretamente, mas por diversas vezes o atingiu ao dirigir críticas severas ao IHGB e à “falange” liderada por Magalhães.

<sup>136</sup> *José de Alencar: literato e político*. 1965, p. 13.

<sup>137</sup> *História da literatura brasileira – tomo quinto: diversas manifestações na prosa, reações anti-românticas na poesia*. 1960, p. 1465.

Pela força de seu gênio, “o mais caprichoso dos artistas americanos”<sup>138</sup> não só se emancipou do estro literário de Macedo como se tornou a figura central de uma segunda tradição literária em nosso país – que se em termos de conteúdo nada diferia da primeira, dada a forte unidade que a todas subsumia, antepunha-se à figura do Imperador e à figura do Brasil representada pelo grupo de Magalhães, ainda que se empenhando tanto quanto eles ou ainda mais pela glória da pátria. “Não se considerando sucessor literário de nenhum de seus conterrâneos”, comentaria Araripe Júnior, “seu primeiro grito foi de revolta”, referindo-se às cartas sobre *A confederação dos Tamoios*. Segundo Silvio Romero, “fez-se chefe de grupo e aninhou em torno de si os novos e os descontentes: isto mesmo parcamente, porque era um temperamento aristocrático e pouco expansivo”<sup>139</sup>. Seja como for, se tomamos Macedo como o vulto maior do qual ele se “libertou” é porque nos interessamos sobremaneira pela história do romance enquanto gênero literário – pois Alencar reestruturou o programa literário da primeira geração romântica de modo a sobrepujar também Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias em seus domínios mais estritos: o indianismo.

Sem dúvida alguma, a marca maior de José de Alencar em nossa literatura no século dezenove se deu na manifestação mais autêntica de nossa nacionalidade, segundo as percepções críticas da época – e Araripe Júnior chega mesmo a dizer que ele foi o único representante sério do indianismo em nosso país<sup>140</sup>. O indianismo, contudo, pouco floresceu além da década de 50, no juízo de Silvio Romero porque o “senso popular” desprezava tal poesia, porque ela não falava de suas esperanças<sup>141</sup> – e Araripe Júnior admite que neste domínio Alencar pelejou sozinho: “o autor do *Guarani* condenou-se a ser uma linha forte isolada; em torno dela não se moveram as vocações literárias do país”<sup>142</sup>. Vale dizer que ele acrescentava, pesaroso: “muitíssimo mais influíram sobre a mocidade Álvares de Azevedo, Cassimiro de Abreu, Castro Alves, Varela, se terem produzido a décima parte das obras que ele deixou”<sup>143</sup>.

Seja como for, as dimensões da obra de Alencar que nos interessam são aquelas dizem respeito ao cotidiano da população urbana do Rio de Janeiro, domínios em que dialogou extensamente com Joaquim Manuel de Macedo e influenciou Machado de Assis – de modo

<sup>138</sup> ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. *José de Alencar*. 1894, p. 09.

<sup>139</sup> ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira – tomo quinto: diversas manifestações na prosa, reações anti-românticas na poesia*. 1960, p. 1401.

<sup>140</sup> *José de Alencar*. 1894, p. 102.

<sup>141</sup> *A literatura brasileira e a crítica moderna*. *Sld*, p. 45-46.

<sup>142</sup> *José de Alencar*. 1894, p. 181.

<sup>143</sup> *José de Alencar*. 1894, p. 182.

que no presente ensaio concederemos especial atenção à *Cinco minutos*, *Lucíola*, *Diva*, *A pata da gazela*, *Sonhos d'ouro* e *Senhora*.

No ano em que lançara seu grito de revolta contra a confraria literária de Magalhães, o jovem escritor demarcou sua estréia na literatura com o folhetim *Cinco minutos*, idealizado como um presente de natal para os assinantes do *Diário do Rio de Janeiro* e publicado, primeiramente, nas páginas do jornal entre os dias vinte e dois e vinte e nove de dezembro, e logo em seguida num folheto de 60 páginas não assinado<sup>144</sup>.

Inserido na senda da literatura fantasiosa que marca os primórdios de nosso romantismo, o amor viceja em suas linhas como a seiva que anima toda a vida, que não tem interesse algum além de si mesmo e que, principalmente, não se deixa conter por qualquer obstáculo – mesmo o obstáculo supremo da existência humana: a morte. Tendo como ponto de partida mais um *acaso do destino*, a trama se desenrola à partir de um inusitado encontro no interior de um ônibus. O narrador, indômito e original como bom representante de sua geração, não aceita que dois simples ponteiros possam determinar o curso de sua vida, chegando assim *cinco minutos* atrasado à estação do Rossio. Perfeitamente resignado ele espera o próximo carro e segue calmamente para casa quando um misterioso vulto coberto de sedas começa a se reclinar para ele – o que em um primeiro momento o deixa perplexo e em seguida extasiado. Julgando-se ao lado de uma admiradora e já fora de si ele deposita um beijo no ombro da desconhecida, que se retrai espantada mas logo o chama de volta para si – seguindo ambos seu caminho em um breve idílio amoroso. Nas nuvens, o narrador mal percebe a partida da desconhecida em uma parada, guardando apenas uma frase “suspirada quase imperceptivelmente”: *não se esqueça de mim*, um verso da ópera *Il trovatore* que jamais abandonará sua mente.

Convicto de ter se encontrado o amor de sua vida, ele passa a refazer o mesmo trajeto e a procurá-la em todas as partes, perseguindo todos os vestidos de seda preta que porventura encontrasse pelo caminho, sempre em vão – até que reconhece seu vulto intuitivamente em um camarote durante uma representação de Giuseppe Verdi, o autor da gloriosa ópera sussurrada por ela. Ele a requesta com ardor, alucinadamente, recebendo apenas o silêncio como resposta, e furioso, num impulso vingativo, passa a mortificá-la com palavras amargas. Ao fim do ato ela se retira, visivelmente comovida, voltando-se um instante para lhe dizer, entre lágrimas, que ele nunca saberá o que a fez sofrer com palavras tão injustas.

---

<sup>144</sup> MENEZES, Raimundo de. *Jose de Alencar: literato e político*. 1965, p. 118.

Tem início para ambos uma série de encontros e desencontros entremeados por cartas e por lances do destino: sua amada chama-se Carlota, tem dourados 16 anos e uma paixão indescritível por ele, mas é vítima de um verme que destruirá sua vida, “apesar dos meus dezesseis anos, apesar de minha organização, apesar de minha beleza e dos meus sonhos de felicidade” – como ela lhe narra em uma das missivas. Sua mãe é o anjo protetor de sua existência, zelando por sua saúde como se zelasse por um tesouro de valor inestimável, mas mesmo todos os seus esforços não poderiam vencer a fatalidade que lhe cercava. “As almas como as nossas quando se encontram se reconhecem e se compreendem”<sup>145</sup>, diz ela evocando o romantismo inebriado que os perpassa, julgando contudo que

deve ser cruel, bem cruel, meu amigo, quando, tendo-se apenas encontrado, uma dessas duas almas irmãs fugir deste mundo, e a outra, viúva e triste, for condenada a levar sempre no seu seio uma idéia de morte; a trazer essa recordação, que, como um crepe de luto, envolverá a sua bela mocidade; e fazer do seu coração, cheio de vida e de amor, um túmulo para guardar as cinzas do passado<sup>146</sup>!

Tão nobre abnegação arrebatava o narrador, que declara que seu amor arderá eternamente e que ele nunca precisará de qualquer garantia ou esperança, visto que ele as tem todas em seu coração, sereno e sagrado. O grave estado de saúde de Carlota exige uma viagem para a Europa e, desejando poupar a seu amado um longo martírio cujo final trágico seria iminente, ela parte para o porto da corte deixando-lhe uma última missiva, dispensando-lhe sinceramente de qualquer compromisso, dado que sua hora está marcada, mas convidando-o a cruzar os desertos do velho continente caso suas juras de amor fossem verdadeiras, caso ele estivesse realmente disposto a compartilhar a curta existência que lhe restava. Seu navio partirá em vinte e quatro horas, cabendo a ele decidir o futuro de ambos.

Nosso narrador encontrava-se em Petrópolis, e precisava tomar uma barca para chegar ao porto. Completamente desvairado ele se entrega à uma série de extravagâncias, tomando primeiramente uma montaria por um preço absurdo com o intuito de chegar ao porto local, tarefa baldada porque ele chega atrasado, assistindo ainda a morte de seu valoroso cavalo. Desesperado, ele requisita em seguida os serviços um pobre barqueiro que retornava de sua jornada de trabalho para o conduzir à corte, esforço novamente baldado porque a fadiga e algumas garrafas de vinho literalmente derrubam o pobre homem, que adormece e os deixa à deriva. Como desgraça pouca é bobagem, quando ele finalmente chega ao porto, após uma série de causalidade, as rodas do paquete já fendiam as águas e seu vulto avançava rumo ao horizonte, com um lenço abanando-lhe melancolicamente.

---

<sup>145</sup> *Cinco minutos*. 1991, p. 30.

<sup>146</sup> *Cinco minutos*. 1991, p. 31.

Um mês de extremas agonias consumiu nosso herói até a partida da próxima embarcação – dessa vez bem sucedida: eles se encontram em Nápoles e sua simples companhia é o suficiente para o fim dos tormentos de Carlota. No Golfo de Íschia, cenário romântico por excelência, seus lábios se tocam pela primeira vez e a doença da moça se esvai, contrariando os desalentadores prognósticos da medicina... O romance termina com a descrição dos “problemas” que rondavam o casal: os ciúmes que ela tinha dos livros dele, que lhe ocupavam por muito tempo, e os ciúmes que ele nutria pelas flores dela, que recebiam mais amor do que ele – problemas ínfimos, como o leitor pode perceber, que atestavam a felicidade completa do casal. Em suas últimas páginas um verdadeiro mimo de graça e imaginação – um *post-escriptum* de Carlota:

Tudo isso é verdade, D\*\*\*, menos uma coisa.

Ele não tem ciúmes de minhas flores, nem podia ter, porque sabe que só quando seus olhos não me procuram é que vou visitá-las e pedir-lhes que me ensinem a fazer-me bela para agradá-lo.

Nisto enganou-a; mas eu vingou-me roubando-lhe um dos meus beijos, que lhe envio nesta carta.

Não o deixe fugir, prima; iria talvez revelar a nossa felicidade ao mundo invejoso<sup>147</sup>.

A “estréia” de Alencar apresenta todas as características do gênero: paixões secretas, amores inabaláveis, loas à idílica vida no campo, em detrimento das cidades “de plástico”, cartas dramáticas, cenários facilmente reconhecíveis... Retomaremos mais tarde a “funcionalidade” literária e existencial dos “absurdos” na narrativa; por ora convém destacar as feições inabaláveis do amor que permeiam a obra. Ser romântico estava em voga, como Macedo já ironizara, e ambos os personagens emanam e desejam preservar a flama do amor mais puro em seus corações, o que delinea “o caminho das pedras” que ambos precisam percorrer. “Muitas vezes toma-se um capricho por amor”<sup>148</sup>, observa Carlota em certa momento, e as adversidades enfrentadas podem ser interpretadas como “testes” que avaliam a autenticidade de suas paixões – efetivamente tão autênticas que afastam a gélida sombra da morte.

A sociedade descrita por Alencar já exhibe certos requintes que nada deixam a desejar, ainda que pintada com cores rubras. Na “primeira vez que fui a um baile”, nos conta Carlota, “fiquei deslumbrada no meio daquele turbilhão de cavalheiros e damas, que girava em torno de mim sob uma atmosfera de luz, de música, de perfumes”.

Tudo me causava admiração; esse abandono com que as mulheres se entregavam ao seu par de dança, esse sorriso constante e sem expressão que uma moça parece tomar na porta da entrada para só deixá-lo à saída, esses galanteios sempre os mesmos e sempre sobre um tema banal, ao passo

---

<sup>147</sup> *Cinco minutos*. 1991, p. 60.

<sup>148</sup> *Cinco minutos*. 1991, p. 30.

que me excitavam a curiosidade, faziam desvanecer o entusiasmo com que tinha acolhido a notícia que minha mãe me dera da minha entrada nos salões.

Estavas nesse baile; foi a primeira vez que te vi.

Reparei que nessa multidão alegre e ruidosa tu só não dançavas nem galanteavas, e passeavas pelo salão como um espectador mudo e indiferente, ou talvez como um homem que procurava uma mulher e só via *toilettes*<sup>149</sup>.

Alencar era já um romântico em estado puro, como nos indicara em uma de suas críticas ao poema de Magalhães:

Há duas sublimes enfermidades do espírito humano, a *saudade* e a *nostalgia*, uma é a lembrança da pátria, outra é a lembrança do passado: como se chamará a *saudade* que sente das ilusões perdidas que por muito tempo encantaram a nossa existência, a *nostalgia* que sente o homem longe do mundo que sonhou?<sup>150</sup>

“Infância é cera”, comenta seu sobrinho Araripe Júnior, “e, se esta se consolida sem alteração profunda, as impressões então recebidas tornam-se indeléveis”<sup>151</sup>. Logo ele se indisporá com a vida da corte, refugiando-se nos recantos então sossegados da Tijuca e afastando-se cada vez mais da vida social que o cercava. Por ora, o cearense estava ainda empenhado na composição de uma obra estritamente nacional, visando superar a lacuna legada por Magalhães. A “falange” literária, no entanto, ainda daria mostras de sua criatividade.

### ***O segundo fôlego da ‘falange literária’: Os timbiras e A nebulosa***

Magalhães não foi o único a se dedicar à composição de um poema de proporções épicas: como observamos linhas atrás, seus três fiéis companheiros também tinham obras “no estaleiro”, provavelmente em uma empreitada conjunta pela grandiosidade da pátria. O “fracasso” de *A confederação dos Tamoios* não desanimou seus amigos mas aumentou imensamente as expectativas pelos poemas em “andamento”. Representante absoluto do indianismo em nossas letras, todos esperavam que Gonçalves Dias alcançasse êxito onde Magalhães falhara. *Os Timbiras*, no entanto, aquela que segundo Wilson Martins “deveria ser a grande epopéia indianista que estava no programa da escola romântica brasileira”<sup>152</sup>, foi tão mal sucedida quanto a primeira empreitada da confraria.

O poema começara a ser esboçado em 1847 e teve seus quatro primeiros cantos impressos em Dresden, onde o poeta exercia funções diplomáticas, igualmente dedicados ao

<sup>149</sup> *Cinco minutos*. 1991, 34-35.

<sup>150</sup> CASTELLO, José Aderaldo. *A polêmica sobre A confederação dos Tamoios*. 1953, p. 30.

<sup>151</sup> *José de Alencar*. 1894, p. 08.

<sup>152</sup> MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. 1977, vol. III, p. 52.

Imperador. Recitadas no Instituto Histórico por Porto Alegre e Macedo, suas linhas iniciais revelavam seus altos intentos:

*Os ritos semibárbaros dos Piagas,  
Cultores de Tupã, e a terra virgem  
Donde como dum tronco, enfim se abriram  
Da cruz de Cristo os piedosos braços;  
As festas, e batalhas mal sangradas  
Do povo Americano, agora extinto,  
Hei de cantar na lira. – Evoco a sombra  
Do selvagem guerreiro!... Torvo o aspecto,  
Severo e quase mudo, a lentos passos,  
Caminha incerto, – o bipartido arco  
Nas mãos sustenta, e dos despídos ombros  
Pende-lhe a rota aljava... as entornadas,  
Agora inúteis setas, vão mostrando  
A marcha triste e os passos mal seguros  
De quem, na terra de seus pais, embalde  
Procura asilo, e foge o humano trato<sup>153</sup>.*

Apesar do renome do poeta, a composição causou pouco efeito nos círculos literários do período – mesmo porque incompleta. *Os Timbiras* deveria ter dezesseis cantos, e Antonio Henriques Leal, amigo de Dias, afirma que em 1853 tivera contato com doze deles. Quando voltava de sua viagem derradeira à Europa, em 1864, Dias trazia na bagagem o poema completo – levando-o consigo para o fundo do mar.

O destaque do ano fica por conta de Macedo, que obteve enorme sucesso com seu longo poema *A nebulosa*, a epopéia romântica máxima – senão única – da literatura brasileira. Dividido em seis cantos e um epílogo, esse longo poema guarda certos ecos do romance *Vicentina* – tanto em sua temática ‘nebulosa’ quanto em cenas e situações extremamente parecidas. A trama gira em torno de um misterioso Trovador que se muda para um rochedo na Baía da Guanabara, supostamente assombrado por um espírito feminino intitulado “a Nebulosa”. Ignorando tais boatos o Trovador acaba conhecendo a verdadeira moradora do local, uma mulher tida por doida que entoa longas baladas à beira de terríveis precipícios. Ele passa a acompanhar as canções da moça com sua harpa, apaixonando-se perdidamente – mas a Peregrina, como é apelidada, vota ao desprezo o amor do rapaz. Uma estranha figura acompanha ocultamente as desventuras do mancebo: a Nebulosa, que por sua vez se apaixona pelo seu semblante trágico. Completamente desencantado, no sexto canto o rapaz posta-se à beira de um alto precipício e, à meia-noite, dá início à sua última canção – o *Hino da morte*. Em estrofes de seis versos rimados, com um refrão, o vate se despede lancinantemente da vida, e ao final de cada estrofe uma das cordas da harpa se rompe. Quando a última corda

<sup>153</sup> Citado por Hélio Lopes. *A divisão das águas: contribuição ao estudo das revistas românticas Minerva Brasiliense (1843-45) e Guanabara (1849-1856)*. 1978, p. 221.

arrebenta o rapaz é interrompido pela Peregrina, que declara seu amor arrebatado e, em um último abraço, os dois se lançam ao precipício, pranteados pela natureza que dá início a uma terrível tempestade. O poema foi declamado inteiro diante do Imperador, que sugeriu ligeiras alterações e custeou sua publicação no ano seguinte, promovendo ainda o poeta ao oficialato da Ordem da Rosa – uma honraria inestimável para o período.

Por toda essa trajetória, Macedo gozava então de uma notoriedade extrema. Vejamos como dele se lembrava Alfredo Taunay, seu aluno no Imperial Colégio de Pedro II:

Com que atenção ouvíamos aquele homem rodeado da auréola, então muito brilhante, de primeiro romancista brasileiro.

O autor da *Moreninha* e do *Moço Loiro*! dizíamos com orgulho e cheios de respeito.

Neste ano de 1858 foi que apareceu a *Nebulosa*, e o Miguel José Tavares lia nos trechos com indizível entusiasmo. Por causa desse poemeto, prodigiosamente medíocre, recebeu o Macedinho o oficialato da Ordem da Rosa e isto nos pareceu a consagração de um talento *hors ligne*, credor da admiração de toda a culta Europa<sup>154</sup>.

Porto Alegre seria o último dos quatro companheiros a intentar uma epopéia – e apesar do malogro de *A confederação dos Tamoios* e de *Os Timbiras*, em 1866 Machado de Assis festejava com antecedência o lançamento do *Colombo*:

O assunto de *Colombo* devia ser tratado por um americano; folgamos de ver que esse americano é filho deste país. Não é somente o seu nome que fica ligado a uma idéia grandiosa, mas também o nome brasileiro. Como se houve o Sr. Porto Alegre na concepção do poema? Já conhecemos alguns fragmentos, que, embora formosos, não nos podem dar todo o conjunto da obra. Mas o nome do Sr. Porto Alegre é uma fiança. O autor da *Brasilianas* é um espírito educado nas boas doutrinas literárias, robustecido por fortes estudos, afeito à contemplação dos modelos clássicos. Junte-se à isto um grande talento, de que tantas provas possui a literatura nacional. Estamos certos que as nossas esperanças serão magnificamente realizadas. Os fragmentos conhecidos são primorosos; por que o não será o resto?<sup>155</sup>

Impresso em Viena, onde Porto-Alegre exercia funções diplomáticas ao lado de Gonçalves de Magalhães, que corrigiu os quarenta e nove cantos da composição, o *Colombo* também foi dedicado ao Imperador D. Pedro II e pretendia narrar a grandiosa descoberta do navegador Genovês que “descobriu” o novo mundo como uma “legenda dos séculos”. Apesar das esperanças de Machado de Assis, a epopéia causou pouco impacto no período e tanto Wilson Martins quanto Hélio Lopes dedicaram mais atenção à suas falhas do que à suas virtudes.

Macedo e Porto-Alegre, ainda em 1857, literalmente trocam de cargo no IHGB: este é eleito primeiro-secretário e aquele assume a função de orador da instituição, posto que

<sup>154</sup> *Memórias*. 1960, p. 56.

<sup>155</sup> *Crítica literária*. 1959, p. 105-06.

ocupará praticamente até o fim de sua vida<sup>156</sup>. Macedo dedicará praticamente 37 anos de sua vida ao Instituto, alcançando a vice-presidência da instituição e a presidindo interinamente no ano de 1877, quando o Visconde do Bom Retiro partiria para a Europa com D. Pedro II. Em 1920 Max Fleiuss comentaria: “não houve até hoje quem aqui mais trabalhasse em tais lugares”<sup>157</sup>.

José de Alencar, que se insurrecionara contra a confraria de Magalhães, demarcaria seu nome em 1857 com *O guarani*. Empenhado ele mesmo em uma epopéia indianista quando da polêmica travada com a confraria patrocinada pelo Imperador, *Os filhos de Tupã*, caberia-lhe o recurso de trilhar as sendas do romance histórico, tal como aconselhara ao autor de *A confederação dos Tamoios* em uma de suas cartas. Estampada no *Diário do Rio de Janeiro* em apenas quatro meses, entre janeiro e abril, a história de Ceci e de Peri corresponde à visão do autor sobre a formação de nossa nacionalidade, resultante da síntese entre as culturas indígenas e portuguesas. O sucesso do folhetim foi imenso, mas o público pouco se interessou pelo volume: de sua tiragem inicial de mil exemplares, trezentos foram lançados ao fogo por conta de problemas de truncagem e os demais tiveram como destino os alfarrábios<sup>158</sup>, como comentaria o próprio José de Alencar.

Em 1858 Macedo conquista novas posições: é eleito Deputado Provincial para a 12<sup>a</sup> Legislatura e também é promovido à primeira cátedra de História e Corografia do Imperial Colégio de Pedro II, firmando-se definitivamente. Gonçalves de Magalhães publica *Os fatos do espírito humano*, um tratado de filosofia espiritualista com laivos do pensamento de seu antigo mestre, o Frei Francisco de Monte Alverne, cujo sucesso lhe garantiu a valiosa posição de primeira obra de alta filosofia nacional. Macedo e Magalhães, em seus planos literários, são considerados os chefes paradigmáticos do período.

Em 1859 o crítico Antônio Joaquim de Macedo Soares publica uma antologia de cantos nacionais intitulada *Harmonias Brasileiras*, cujas linhas buscam apontar um novo cânone para o período. Tomando como critério de seleção o tom nacionalista da produção de cada poeta, “o cosmopolitismo” representado por Gonçalves de Magalhães não corresponderia nem às aspirações da mocidade ou às tendências da época, bem como o

---

<sup>156</sup> Foram poucos os anos em que Macedo não ocupou a venerável tribuna do instituto, entoando um último adeus àqueles que partiram: 1870, 1872 e 1876. Seu último discurso será proferido em 1879, ainda que oficialmente continue ocupando a função até a data de sua morte.

<sup>157</sup> *Macedo no Instituto Histórico*. 1920, p. 06.

<sup>158</sup> *Como e porque sou romancista*. 1991, p. 62.

byronismo, completamente descaracterizado por todos aqueles que sucederam Álvares de Azevedo. “Em outras palavras”, segundo Wilson Martins:

Gonçalves Dias assumira o lugar de ‘chefe da literatura brasileira’ até então ocupado por Magalhães, enquanto o byronismo já começava a ser visto como um simples parêntesis episódico, sem ligações orgânicas com nossa inteligência artística<sup>159</sup>.

Os tempos, pois, como observamos, estavam mudando. À medida que os excessos ultra-românticos passavam a ser condenados a poesia social entrava em voga. Contrariando estas tendências, contudo, Magalhães seria em breve canonizado internacionalmente, como veremos adiante, e demonstrando a natural defasagem entre o gosto do público e a apreciação dos críticos, a população carioca foi presenteada nesse mesmo ano com a segunda edição de *Vicentina* – provavelmente incentivada pelo sucesso de *A nebulosa*.

### ***Joaquim Manuel de Macedo: historiador e político***

Em 1861 Macedo publica as *Lições de História do Brasil*, bem como *Os romances da semana*, uma coletânea de ‘romancetes’ já publicados no *Jornal do Commercio*. Elaboradas especialmente para os alunos do Imperial Colégio de Pedro II, além de preencher uma lacuna quanto às obras didáticas do período, as *Lições de história do Brasil* podem ser consideradas a ‘auto-consciência histórica’ de uma época, visto que passaram a figurar como a versão oficial de nossa história pátria difundida para o senso comum até 1930 – quando só então a obra foi retirada de circulação. Como sabemos, o autor tomou como base para sua narrativa a *História geral do Brasil*, de Francisco Adolfo de Varnhagem, inserindo, contudo, algumas novidades. Segundo Humberto Fernandes Machado e Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves, a *História geral do Brasil antes de sua separação e independência de Portugal*, de Varnhagen, teria encontrado “uma recepção bastante fria no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”.

Nascido no Brasil mas educado em Portugal, Varnhagen, membro do IHGB e diplomata do Império, tinha colocado a ênfase na influência civilizadora da colonização portuguesa e quase não tinha considerado a importância da contribuição do índio para a formação do Brasil. Cometera, assim, dois pecados capitais naquele momento<sup>160</sup>.

No parecer de ambos Macedo seria o verdadeiro autor de nossa história oficial, selecionando, entre 1500 e 1822, os fatos mais relevantes para a construção e afirmação de uma idéia de Brasil efetivamente nacional – conforme o gosto romântico da época. Apelidada “carinhosamente” por Wilson Martins de “Varnhagen para crianças”<sup>161</sup>, sua primeira edição

<sup>159</sup> *História da inteligência brasileira*. 1977, vol. III, p. 104.

<sup>160</sup> *O Império do Brasil*. 1999, p. 265-6.

<sup>161</sup> *História da inteligência brasileira*. 1978, vol. IV, p. 12.

percorria nossa história até o ano de 1581, destinando-se aos alunos da quarta-série, mas sua segunda edição, publicada em 1863, abrangeria o período de 1581 a 1822, alcançando até a sétima-série.

Macedo não publicou nenhum romance entre *O forasteiro*, em 1856, e *O culto do dever*, em 1865, ao que tudo indica embrenhado em severos impasses morais e estéticos, tal como nos indicia a coletânea *Os romances da Semana*, lançada em 1861. Enfaixando uma série de escritos publicados anteriormente no *Jornal do Comércio*, a obra não só nos apresenta textos de uma euforia decrescente como nos mostram um escritor distanciado de suas próprias criações, como demonstram certos comentários acrescentados às histórias. No primeiro, prefaciando *O fim do mundo*, menos significativo talvez, Macedo diz:

Hoje, relendo essas breves e risonhas páginas que em 1856 escrevi, sinto verdadeira tristeza, porque nelas encontro de mistura com inocentes gracejos os nomes de pessoas, algumas das quais a morte já arrancou do mundo, e entre eles o do meu amigo o comendador Manuel Moreira de Castro, de quem recebi provas de estima e confiança extrema.

O que então nos fez rir, fez-me entristecer agora<sup>162</sup>.

No segundo, prefaciando *O veneno das flores*, solicita o autor:

Tenho-vos feito ler não sei quantos romances alegres e brincões; em compensação, permiti que eu agora vos ofereça um outro de um gênero absolutamente diverso.

Será um romance triste; mas tão simples como breve: tolerai-o: e se nem com a tolerância quiserdes animar-me, não o leias<sup>163</sup>.

O tom dos “romances” apresentados decai de um romantismo leve e fantástico para narrativas cada vez mais negativas, não só acompanhando o abandono das histórias alegres que caracterizaram os primórdios de nosso romantismo – tal como podemos notar nas trajetórias do próprio Macedo e de Alencar – como sugerindo uma conscientização mais aguda da realidade brasileira, cada vez mais crítica. Ainda que não seja possível determinar a data de todas os “romances”, e nem apontar se o volume traz todos as publicações de Macedo no jornal ou apenas “as melhores”, o que apenas uma pesquisa mais extensa poderia averiguar, parece-nos possível tomar essa oscilação de humor como indicativa de um período de transição estética – senão espiritual – que culminará em *O culto do dever*, em 1865.

*A bolsa de seda*, a primeira narrativa, nos apresenta as desventuras de um jovem sonhador chamado Constancio que após um sonho marcante decide se apaixonar urgentemente por uma “alma caridosa” – em um período em que o país era assolado por uma grave epidemia de cólera e a caridade estava em alta. O romance se passa no mesmo período

<sup>162</sup> *Os romances da Semana*. 1937, p. 44-45.

<sup>163</sup> *Os romances da Semana*. 1937, p. 252-53.

em que se desenrolaram as peripécias narradas por Alencar em *Cinco minutos*, e as duas narrativas guardam um tom bastante parecido, com rapazes que se lançam desesperadamente em busca de vultos desconhecidos e desperdiçam dinheiro à rodo em suas trajetórias. Bastou apenas a visão de uma moça descendo de um carro encoberta por um véu para que o mancebo se extasiasse, sentimento que atingiu seu ápice quando seguindo sua pista ele a encontrou prestando cuidados à uma família pobre – o que só podia ser interpretado como um sinal divino. Ele passa a perseguir o vulto misterioso dia e noite sem sucesso, tomando como único indício uma *bolsa de seda* que ela estava tecendo para um leilão – encontrando no fim de suas buscas ninguém menos do que sua própria irmã, que em casa zombava de suas aspirações e que já havia oferecido ao rapaz todos os indícios de que o amor entre eles seria impossível...

*O fim do mundo*, seu segundo romance, é a história mais fantástica já legada pela pena de Macedo, figurando como personagem principal seu amigo Martinho Corrêa Vasques, um famoso ator dramático do período. Em 1856 os astrólogos previam a passagem de um cometa pela Terra, “e não poucos terroristas, improvisando-se profetas” determinaram o dia treze de junho “como o prazo fatal de um horroroso cataclisma, cujo resultado seria nada menos que o *fim do mundo*”<sup>164</sup>. Inconformado com a idéia de morrer, o endiabrado Martinho elaborou um plano completamente absurdo: construir uma escada para a Lua, seguindo o raciocínio “assim como o capoeira quebra o corpo tratando de livrar-se de uma facada, assim eu escaparei da cauda do cometa, fugindo em direção oposta àquela que ele segue”<sup>165</sup>. Se seu plano pode parecer absurdo, sua realização ultrapassa as barreiras do *non-sense*: no dia apazado, o rapaz passa a empilhar uma série de montes e montanhas formando uma base, sobre a qual deposita em seguida todos os grandes bancos do país, confiando sempre na *alta dos juros*... Sua “escada” não chegou a levá-lo para a Lua, como imaginava, mas o manteve afastado da cauda do cometa por tempo suficiente para que ele se salvasse. De volta à Terra, ele encontrou todas as casas intactas, exceto pelas janelas, “que o calor excessivo tinha derretido”<sup>166</sup>, mas todos os seres vivos paralisados, para seu imenso horror. Desnortado, ele se põe a “passear” pelo centro do Rio de Janeiro em busca de algum sobrevivente, flanando inclusive pela lendária Petalógica, onde encontrou personalidades como o saudoso Paula Brito, o bacharel Gonçalves (provavelmente Gonçalves de Magalhaes) e o barão de Tautphoeus. Já fatigado por seu lúgubre passeio, inusitadamente ele se depara com uma alma viva no Alcazar Lírico: uma bela corista por quem já havia se apaixonado anos atrás. Sabendo que ele fora o único sobrevivente

<sup>164</sup> *Os romances da Semana*. 1937, p. 44.

<sup>165</sup> *Os romances da Semana*. 1937, p. 54.

<sup>166</sup> *Os romances da Semana*. 1937, p. 61.

da tragédia a moça resolve morrer, frustrando os planos de re-povoação do ator, que já se imaginava um novo Adão diante de sua Eva. Desesperado ele a abraça e busca reanimá-la, mas assim que desperta a moça foge correndo, e no momento em que partia para buscá-la... ele se vê caído no chão, despertando de um penoso pesadelo.

*O romance de uma velha* conta a divertida disputa entre a sexagenária Violante e sua sobrinha Clemência por três namorados, cada qual contando com seus “dotes” pessoais: uma fortuna de trezentos contos de réis no caso da primeira, e a formosa beleza da juventude no caso da segunda. D. Violante é uma costumeira inimiga do progresso: em seu juízo, o Rio de Janeiro está completamente degradado e o amor definitivamente morto, soterrado pelo dinheiro. “Minha sobrinha”, diz ela, “agora não há mais amor, há *cálculo*; não há mais amantes, há *calculistas*; não há mais amadas, há *calculadas*”<sup>167</sup>. Romanesca e vaidosa, a jovem contesta os pensamentos exagerados e anacrônicos de sua tia, firmando-se uma aposta em que à perdedora caberia o “castigo” de entrar para o convento da Ajuda. Após inúmeras e engraçadas reviravoltas ambas se saem vitoriosas e derrotadas, pois comprovam que de fato os patifes estavam interessados apenas em dotes financeiros e que não cabia a nenhuma delas a ventura de se casar com um indivíduo assim.

A narrativa *Uma paixão romântica* poderia ser tomada como um receituário da paixão romanesca, delimitando passo a passo os elementos que instilavam nas almas de nossos patrícios esse doce sentimento inefável. O estudante Luciano fora prometido quando criança em casamento à infanta Dyonisia por suas famílias, mas as reviravoltas da vida acabaram afastando os dois e na idade adulta a simples menção da idéia deixava o rapaz enfurecido, entusiasta da liberdade como todos os moços de sua geração. Decididos a levar seu plano original a um bom termo, os pais dos jovens em conjunto passam a tecer ao redor do mancebo uma rede de intrigas à qual ele se entrega com furor, desposando no fim a adorável Dyonisia exatamente como seus pais previam.

*Inocência*, o “romance” menos trabalhado do volume, exhibe a destruição gradual dos sonhos de um jovem eivado dos mais puros sentimentos patrióticos e das virtudes mais valiosas na capital do império, onde noções como pátria e virtude não fazem qualquer sentido. Abrigado por seu padrinho, o cético Geraldo “Risota”, o mancebo chega ao Rio de Janeiro com os sonhos mais puros e com as aptidões mais favoráveis ao progresso do país, sendo em tudo preterido em nome do dinheiro e da habitual política de “apadrinhamento” a que ele não se julga digno de aceitar.

---

<sup>167</sup> *Os romances da Semana*. 1937, p. 87.

*O veneno das flores*, por fim, a narrativa mais amarga da coletânea, figura o drama da inocente Juliana, que se vê no auge de seu esplendor e de sua felicidade ao completar dezessete anos, formosa, querida por todos e noiva de um jovem encantador, Jorge de Almeida. “Ela brilhava no meio de trinta lindas gentis e faceiras jovens, como Vênus no seu esplendor matutino: não tinha rivais; era uma princesa formosa cercada de sua corte magnífica”<sup>168</sup>. A mimosa menina é adorada em segredo pelo pobre Fábio que, ciente da impossibilidade de sua ventura, tributa a ela a maior estima e todos os cuidados, empenhando-se em preveni-la do caráter de seu futuro noivo, segundo certos boatos um libertino de marca maior. Julgando-o um mero invejoso, com intenções de afastá-la de seu futuro gracioso, ela não lhe dá qualquer atenção e inadvertidamente se entrega mais e mais ao pérfido Jorge. Acreditando que as flores só têm os perfumes mais adoráveis, a donzela é deflorada pelo farsante e abandonada à própria sorte, sendo em seguida, evidentemente, estigmatizada por toda a sociedade. “Aquela que pouco antes era a donzela vaidosa que se supunha a mais bela de entre as mais belas das suas rivais, reconhecia agora que lhe era impossível colocar-se a par da menos bonita das jovens, que apenas a olhavam com inveja nos seus dias de triunfo”<sup>169</sup>. Segregada, confinando no peito um segredo abominável, Juliana começa a definhar lentamente, incapaz de suportar a sociedade que lhe reprime e a maldade do pretendido noivo que em breve se casa com outra. Cética, como muitas no período, na expressão severa do narrador, a moça nem sequer cogita buscar alívio para suas dores cruéis nas infundáveis graças de Deus, entregando-se resolutamente ao suicídio. “No coração do crente nunca se apaga de todo a esperança; o coração do incrédulo é um negro abismo, em cujo fundo mora o demônio do desespero”<sup>170</sup>.

Os panoramas figurados nestas histórias exibem uma percepção cada vez mais crítica da realidade brasileira, onde seus valores mais caros são progressivamente soterrados pela ganância, pela corrupção e pela falta de fé, como se no intervalo entre 1855 e 1861 a sociedade tivesse se deteriorado, como se suas clássicas histórias para mocinhas não valessem mais a pena ou, possivelmente, como se Macedo não pudesse mais apresentar *histórias para mocinhas* ao público... Mesmo levando-se em conta a probabilidade de que histórias mais leves tenham sido publicadas no *Jornal do comércio* durante o período em questão, a coletânea que o autor entregou ao público demonstra um entusiasmo decrescente e críticas sociais cada vez mais acerbadas, prenunciando a virada programática de 1865.

<sup>168</sup> *Os romances da Semana*. 1937, p. 256.

<sup>169</sup> *Os romances da Semana*. 1937, p. 338.

<sup>170</sup> *Os romances da Semana*. 1937, p. 340.

A política também interessa ao intelectual carioca, que já fora eleito para uma cadeira da Assembléia Provincial do Rio de Janeiro em 1854, reelegendo-se até 1859; mas agora é hora de intentar vôos mais altos, e em 1863 Macedo alcança um posto na Assembléia Geral. Além de ocupar cargos de destaque no IHGB, como já citamos, o escritor também é membro da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, do Conselho Diretor de Instrução Pública da Corte e sócio do Conservatório Dramático do Rio de Janeiro. “Como homem público, portanto, o Dr. Macedinho está muito bem cotado”<sup>171</sup>. Sua carreira literária segue no mesmo ritmo: no ano passado quatro de seus romances foram reeditados. O escritor está, portanto, à todo vapor – e na verdade até sem tempo, pois aproveita o período das aulas para revisar seus textos, enquanto os alunos desenham mapas no quadro negro – como nos revela seu antigo aluno José Viera Fazenda, mais tarde bibliotecário do IHGB<sup>172</sup>.

### ***Ferdinand Wolf e a canonização internacional da literatura brasileira***

Em 1863 os franceses foram agraciados com o volume *Le Brésil littéraire – histoire de la littérature brésilienne*, de Ferdinand Wolf.

*O império do Brasil viu nestes últimos anos sua influencia aumentar, a ponto de atrair a atenção de toda a Europa civilizada. Naturalistas, etnógrafos, historiadores, homens de estado, tomaram-no por objeto de seus estudos, de que resultou um numero considerável de obras importantes.*

*Apenas por um aspecto o Brasil continuou até agora uma terra desconhecida dos Europeus: sua literatura indígena e nacional conservou-se na obscuridade. Mal aparece entrevista em algumas obras sobre a literatura portuguesa, vindo inclusa como exíguo apêndice.*

*No entanto, a literatura do Brasil fez tais progressos, sobretudo de trinta anos a esta parte, que não se lhe pode recusar por mais tempo o lugar que lhe compete na história das literaturas nacionais.*

*O Brasil literário* pode ser tomado, como pensavam as más línguas da época, como o cânone supremo da confraria literária sustentada e protegida pelo Imperador – que aliás, patrocinou também a publicação da obra... Trata-se de um monumento bastante tardio à primeira geração romântica, já fragmentada e literariamente pouco influente no país. Gonçalves de Magalhães não publicou nada de significativo desde *A confederação dos Tamoios*; o poema nodal de Porto Alegre, *O Colombo*, ainda estava em fase de composição; Gonçalves Dias morreria no ano seguinte, levando consigo os cantos que deveriam completar *Os Timbiras*; e após a publicação de *O forasteiro*, em 1856, Macedo publicara apenas a coletânea *Os romances da Semana*, entregue de corpo e alma à política.

<sup>171</sup> SERRA, Tania. *Joaquim Manuel de Macedo ou Os dois Macedos: a luneta mágica do II Reinado*. 1994, p. 111.

<sup>172</sup> *Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro*. 1924, p. 248.

*O Brasil literário*, de Ferdinand Wolf, não foi só a primeira obra publicada no exterior sobre nossa literatura pátria, como foi também a primeira obra sistematicamente escrita sobre nossa literatura, visto que a planejada *História da literatura* de Joaquim Norberto de Souza Silva nunca veio à lume e, por outro, lado Silvio Romero só lançaria sua versão sobre o tema em 1888. O que interessa ao austríaco Ferdinand Wolf é a contribuição de cada autor para a nacionalidade de nossa literatura, apontando dois vultos como nossos maiores baluartes: Gonçalves de Magalhães e Joaquim Manuel de Macedo. A importância do primeiro é fenomenal: Wolf se porta diante dele como Hegel diante de Napoleão Bonaparte, isso é, como se estivesse diante do espírito absoluto de nossa literatura. “O verdadeiro romantismo com efeito não é mais que a expressão do gênio de um país, desembaraçado de todos os entraves da convenção”<sup>173</sup>, comentaria ele para retomar em seguida:

O nativismo recebera do romantismo sua consagração ideal, o desenvolvimento interior tinha tomado muita consistência para que se pudesse realizar este princípio, uma literatura nacional verdadeira tornou-se então possível. Faltava só que aparecesse um espírito de elite para procurar dar a vitória ao nativismo, para dar um corpo ao que estava no ar, para pronunciar o que estava nos lábios de todos, para emancipar a forma como já o espírito o havia sido previamente; não faltava numa palavra mais que a aparição do homem do século. E como sempre acontece nas épocas em que o coração de um país está prestes a transbordar, este homem apareceu também no Brasil e foi Domingos José Gonçalves de Magalhães, chefe da escola verdadeiramente nacional<sup>174</sup>.

É certo, como ficamos sabendo no prefácio da obra, que o autor foi profundamente “assessorado” e “aconselhado” pelo próprio Gonçalves de Magalhães, por Ernesto Ferreira França e por Manuel de Araújo Porto-Alegre, um grande amigo do primeiro – responsável, segundo as más línguas da época, pela fantasmagórica posição do poeta na obra de Wolf. Seja como for, Magalhães era assim alçado internacionalmente à constelação dos grandes astros literários brasileiros, por mais que em nosso país sua aura já estivesse se dissipando. Macedo, por sua vez, é apontado como o mestre do romance nacional, ainda que Wolf não tenha sido apresentado à José de Alencar – certamente como uma retaliação às cartas sobre *A confederação dos Tamoios* – e conceda especial atenção em seu livro à “epopéia” *A nebulosa* – considerada, ponderadamente, apenas um poema lírico e descritivo. Magalhães e Macedo, ao lado de Gonçalves Dias e Porto Alegre são sagrados como os maiores heróis de nossa literatura, ainda que em nosso país a situação fosse outra. Uma nova geração está em formação e em breve tomará de assalto as belas letras nacionais.

<sup>173</sup> *O Brasil literário*. 1955, p. 207.

<sup>174</sup> *O Brasil literário*. 1955, p. 209.

### *A virada literária de Joaquim Manuel de Macedo*

Em 1862 já se falava de *realismo* no Brasil e a majestade literária de Macedo passava a ser contestada pela crítica da época, sensibilizada pela pena de Alencar. Tais críticas, somadas às novas influências literárias e aos novos cargos ocupados, como aquele da Assembléia Geral, incentivam o autor a novos experimentos, e sua prosa passa a assumir novos contornos, mais críticos e cortantes. É possível que sua carreira política também influencie este quadro, pois em 1864 ele vai recusar um ministério oferecido pelo próprio Imperador, como comenta Salvador de Mendonça:

quando o Conselheiro Francisco José Furtado trabalhava para organizar o gabinete liberal de 31 de agosto de 1864, convidou o Dr. Macedo para a pasta de Estrangeiros. Macedo recusou-se por saber que essa era a pasta imediatamente gerida pelo Imperante e não querer sujeitar-se à mera referência de decretos. Como o Presidente do Conselho comunicasse ao Imperador a recusa de Macedo, o Chefe do Estado ordenou ao organizador do gabinete que mandasse o Dr. Macedo ter com ele, embora não fosse essa a praxe. E insistindo pessoalmente com o deputado fluminense para que aceitasse a pasta do Império, desde que não queria a de Estrangeiros, por se aquela também a Instrução Pública em que ele tão bons serviços podia prestar, Macedo, depois de outras desculpas, disse afinal: – “Admita-se que eu tenha as qualidades que Vossa Majestade me atribui; mas não sou rico, requisito indispensável a um ministro que queira ser independente, e eu não estou para sair do Ministério endividado ou ladrão!”.

À vista desta razão foi o Imperador quem cedeu, e eu sei quanto cresceu em sua estima o desistente<sup>175</sup>.

Macedo acredita tanto em sua “cruzada civilizatória” que recusa os louros óbvios da glória pública em detrimento de seus ideais: não usa a condecoração da Ordem da Rosa obtida com a publicação de *A nebulosa*, por se julgar pouco qualificado para tanto; recusa uma pasta ministerial, tão desejada por Alencar, por medo de ser subjugado à corrupção política reinante no país, tão flagrantemente denunciada em alguns de seu melhores romances; e, ainda, como se tais atitudes não bastassem, como se impaciente diante da sociedade, seus romances também se tornam menos condescendentes, substituindo elogios por críticas amargas.

Talvez sua publicação seguinte, como nos indica Tania Serra, possa oferecer subsídios para a compreensão dessa transição. Em *O culto do dever*, lançado em 1865, Macedo apresenta um código de conduta “adequado a um ‘homem de bem’, espécie de paradigma moral do ser humano *superior*”<sup>176</sup>, cuja máxima maior consiste na total obediência ao dever: nem dinheiro, nem bem-estar pessoal, mas o dever e a honra. Diretamente inspirada pela Guerra do Paraguai, iniciada nos fins de 1864, essa obra visa insuflar o patriotismo da população brasileira apresentando-nos o drama de Angelina e Teófilo. Na primeira parte da

<sup>175</sup> *Cousas do meu tempo*. 1964, p. 115-16.

<sup>176</sup> *Joaquim Manuel de Macedo ou Os dois Macedos: a luneta mágica do II Reinado*. 1994, p. 125.

obra, vemos os esforços de Domiciano, o pai da moça, para sustentar o seu lar, enquanto o jovem Teófilo estuda em Portugal. É Domiciano quem encarna a “voz” do autor e expõem suas idéias acerca do culto do dever, trabalhando para além de seus limites em nome do bem-estar da filha. Na segunda parte, quando Teófilo retorna de Portugal, a guerra estoura e o jovem se vê diante de um terrível dilema moral: seu casamento, que o livraria da guerra e garantiria à jovem uma vida tranqüila, ou a defesa da pátria. Estimulado pela própria noiva o rapaz se sacrifica “ao culto do dever” e parte para o campo de combate. Essa obra, que nunca foi re-editada, figura como um divisor de águas na ficção macediana, que passa a ser dividida por Tânia Serra em duas fases: o Macedo “das mocinhas”, que narra a estabilização da classe média brasileira e o cotidiano da população carioca, profundamente marcada pela evasão romântica; e o Macedo “dos adultos”, cujas obras são voltadas para as famílias e para a elite cultural do país, repletas de críticas ácidas e de personagens psicologicamente mais densas, em um esforço de atingir um público mais maduro.

Tania Serra estabelece uma total identidade entre o escritor e Domiciano: assim como o personagem, Macedo prefere viver de modo modesto, com seus próprios recursos, do que viver abastadamente, dependendo dos favores de outros – o que teria originado sua recusa da pasta ministerial. Ademais, o modo como Domiciano se desgasta no trabalho para dar à filha o mesmo conforto de sempre se assemelha aos amplos esforços do autor para o sustento de sua esposa – inclusive renunciando seu próprio fim: o personagem morre deixando a filha na miséria, legando-lhe apenas uma carta em que apresenta suas idéias acerca do culto do dever; o mesmo acontecerá com Macedo, que deixaria esse romance como uma “carta” para a esposa, justificando o triste fim de seus dias.

De um modo geral, observamos que a intelectualidade das décadas de 30 e 40 não se mostrará tão “entusiasmada” na década de 60, seja porque seus sonhos juvenis se foram com o tempo, seja porque a cruzada civilizatória encampada então lhes pareceria agora menos promissora. O Brasil se civilizava e se tornava mais moderno, certamente, mas não a par de seus áureos anseios. Visitando o Rio de Janeiro em 1871, Magalhães notou “alguns pequenos progressos materiais, mas a respeito de política, de moral e de religião”, comentaria ele, “a decadência é mui sensível e assustadora”<sup>177</sup>. Em 1877, em uma missiva destinada à seu amigo Porto Alegre, o diplomata escreveria:

quanto às coisas do Brasil, eu também não as vejo cor de rosa. Mas observo que apesar de tudo ele vai prosperando, que tem vencido grandes dificuldades, e que não há nada que

---

<sup>177</sup> *Cartas de Gonçalves de Magalhães a Manuel de Araújo Porto Alegre (I)*. 1934, p. 117.

nos contente. Somos mais inclinados à crítica que ao louvor e isso nos faz ver as coisas pelo lado mau”<sup>178</sup>.

Ainda que condicionada por imperativos de ordem pessoal, a virada literária de Macedo deve ser inserida em um quadro mais amplo de transformações estéticas e culturais. Seja lançando novas diretrizes, seja apenas antecipando uma tendência mais geral e inexorável, Macedo é o primeiro, entre os grandes literatos do século XIX, a cobrar do público uma maior adesão aos princípios veiculados em seus romances e à criticar severamente suas faltas morais com uma literatura mais engajada – atitude sobremaneira ligada à ruína dos ideais da “geração entusiasta”. Como veremos, ainda que brevemente, uma nova geração com ideais próprios começa a tomar vulto no final da década de sessenta, tomando de assalto todas as esferas do pensamento oitocentista. Fenômeno “singular” como o de Macedo, ou ligado às mesmas tendências históricas, Alencar também se voltará “contra” seu público usual, passando a investir em uma literatura pouco afeita aos padrões do período mas estritamente conjugada à suas concepções existenciais e estéticas. Como comentaria Eloy Pontes: “os artistas, sobretudo, não podem seguir em linha reta até o fim. A desordem nos esforços é a marca indelével que os realça”<sup>179</sup>.

Pouco dissemos sobre a trajetória de Alencar, mas foi ele quem, efetivamente, mais contribuiu para a história do romance em nosso país nesse intervalo. Com *Lucíola*, publicado em 1862, e com *Diva*, lançado em 1863, o escritor cearense legara ao público fluminense duas dádivas literárias de valor excepcional. Cada vez mais densas e realistas, as tramas de José de Alencar passam a se distanciar da tipicidade característica aos primórdios do romantismo para se ater à individualidades excepcionais, singulares. O maravilhoso ainda move os fios do destino, mas o cotidiano de suas personagens passa a assumir um colorido mais detalhado e preciso – à medida que os diálogos e as sensações de suas personagens passam a ser mais trabalhadas.

Cada vez mais distante da vida social da corte, Alencar se entregara ao teatro e à vida política, fonte de amarguras supremas para sua personalidade “aristocrática”. *Lucíola*, demônio da luxúria, e *Diva*, anjo da castidade, atraíram severas críticas ao romancista. Com *O gaúcho*, publicado em 1870, Alencar adentrará um universo literário absurdo, caracterizado por Araripe Júnior como “uma espécie de sala de hospício de alienados”<sup>180</sup>. Hostis e honrados, socialmente desajustados mas essencialmente virtuosos, os personagens de Alencar

<sup>178</sup> *Cartas de Gonçalves de Magalhães a Manuel de Araújo Porto Alegre (II)*. 1934, p. 493.

<sup>179</sup> *A vida inquieta de Raul Pompéia*. 1935, p. 113.

<sup>180</sup> *José de Alencar*. 1894, p. 162.

buscam demonstrar ao mundo a natural defasagem entre essência e aparência – ainda que cada vez mais inverossímeis. Seus romances passarão a vender como nunca, mas seu espírito continuará descontente. À partir de *O tronco do ipê*, lançado em 1871, ele passará a assinar suas obras com a alcunha de *Sênio* – completamente desiludido com a sociedade. Com *Senhora*, o terceiro perfil feminino que viria a se somar à *Lucíola* e *Diva*, Alencar atacaria uma das instituições brasileiras mais sagradas: o matrimônio. O escritor nunca abandonará o romantismo, mas suas personagens guardarão matizes cada vez mais realistas e seus esforços contribuirão muito para o “aperfeiçoamento” do romance brasileiro, influenciando de modo expressivo a obra de Joaquim Manuel de Macedo e de Machado de Assis.

Araripe Júnior considera que a monstruosidade dos personagens de seu tio refletia as agruras de seu gênio. “Diva e Lucíola traem a existência de um verme corrosivo, que em sua alma se introduzira, primeiro por emulação de escolas, depois por vaidade e desejo de armar ao público, e no fim por terem-lhe acirrado o temperamento”<sup>181</sup>. Canho, a herói de *O gaúcho*, seria “simplesmente um pesadelo concretizado, um fantasma saído das profundezas de uma alma alquebrada, projetando-se, por um esforço da fantasia, com todas as incongruências agitadas na imaginação onde gerou-se, em um cenário real, mas descrito de oitiva”<sup>182</sup>.

Acompanhando os sinais do tempo, as personagens de Macedo, bem como as personagens dos demais literatos a partir de então, passarão a exibir características nitidamente distintas das representadas nos primórdios do romantismo – como podemos observar, por exemplo, no que diz respeito à idade. Se nossos literatos retrataram em seus primeiros romances a juventude em seu gracioso esplendor, passarão agora a apresentar personagens mais velhas e a abordar problemas próprios à idade adulta, seja porque o público envelheceu como eles, seja porque a sociedade não se encontra mais na alvorada de seus anos ou seja ainda porque o público não se interessa mais pelas traquinagens da mocidade – mocidade esta, aliás, diferente da observada na década de 40. Como veremos com mais cuidado na segunda parte deste trabalho, a cruzada civilizatória oitocentista reorientou certos padrões culturais ligados à juventude herdados da sociedade brasileira colonial, e essa guinada literária rumo à idade adulta está atenta às estas transformações – especialmente no que toca ao casamento. Durante os anos da colônia e ainda nas primeiras décadas do império, nossos patrícios “subiam ao altar” muito cedo, o que atendia, por um lado, às necessidades populacionais do país, mas que trazia, por outro, uma série de infortúnios aos jovens

---

<sup>181</sup> José de Alencar. 1894, p. 84.

<sup>182</sup> José de Alencar. 1894, p. 142.

conjugues – prática cultural que tomou novos contornos sob a égide dos novos tempos, ditos “civilizados”, passando o matrimônio a ser indicado para indivíduos mais “maduros”.

Carolina, a emblemática figura central de *A moreninha*, de Macedo, foi “retratada” quando tinha quinze anos de idade, e seus endiabrados visitantes não contavam mais de dezoito; tanto o não identificado narrador de *Cinco minutos*, publicado por José de Alencar, como sua amada, a jovem Carlota, contavam apenas dezesseis anos de idade. Félix, o personagem principal do romance *Ressureição*, lançado por Machado de Assis em 1872, exibirá trinta e seis anos, e Lívia, sua “amada”, contará vinte e quatro. Estácio, traçado por Machado em *Helena*, no ano de 1876, vivera vinte e sete verões quando conheceu Helena, ainda no esplendor de seus dezesseis anos. Ao passo que o degenerado protagonista de *A pata da gazela*, publicado em 1870 por Alencar, Horácio de Carvalho, contaria vinte e nove anos, Aurélia Camargo, a intrépida protagonista de *Senhora*, contaria dezoito, e seu amado, Fernando Seixas, não chegara ainda aos trinta. Em *Um noivo à duas noivas*, de 1872, Macedo figurará um triângulo formado por Otávia, com trinta anos, Germano, com trinta e seis, e Júlia, com dezesseis. Irene, figura central de *A baroneza de Amor*, lançado pelo escritor de Itaboraí em 1876, contará vinte e três anos, ao passo que o Capitão Avante, seu par literário, contará vinte e cinco. O narrador das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, publicado por Machado em folhetins em 1880 e em volume no ano de 1881, falecera com sessenta e quatro anos; Rubião, o curioso protagonista de *Quincas Borba*, lançado por Machado em 1891, contará quarenta e um anos, ao passo que Cristiano de Almeida e Palha contará trinta e dois, e sua esposa, Sofia Palha, algo entre os vinte e sete e os vinte e oito anos.

Em 1867, as questões sociais estarão em alta: Macedo publica, sob o pseudônimo de Mínimo Severo, a novela em versos *Voragem*, o primeiro volume de *Mazelas da atualidade – romances de improviso*, “publicada pela *Semana Ilustrada*, de Henrique Fleiuss, que a ofereceu como brinde aos seus assinantes”<sup>183</sup>. *Voragem*, o primeiro romance da segunda fase literária de Macedo, narra a história da célebre cortesã Irene, a ‘Voragem’ que destrói sem qualquer problema moral a vida de alguns homens da sociedade fluminense após “devorar” suas fortunas. Carregando nas tintas, o autor retrata as orgias e depravações da época de modo bastante direto, aproximando-se do realismo e do naturalismo – o que justificaria o uso de um pseudônimo. Nesse ano ele lança ainda o primeiro volume das *Memórias de um sobrinho de*

---

<sup>183</sup> SERRA, Tania. *Joaquim Manuel de Macedo ou Os dois Macedos: a luneta mágica do II Reinado*. 1994, p. 134.

*meu tio*, uma inspirada continuação de seu romance de 1855 e reconhecidamente sua melhor produção ficcional.

### ***Uma nova geração***

Deixemos de lado, por algumas linhas, as atribuições existenciais e estéticas de Macedo para nos determos sobre alguns eventos mais amenos e singulares de nossa história literária, envolvendo outras figuras notáveis de nosso panteão literário – um verdadeiro encontro de gigantes.

No dia dezoito de fevereiro de 1868, Machado de Assis, com apenas 29 anos, recebeu uma missiva que se iniciava com as seguintes linhas:

Recebi ontem a visita de um poeta.

O Rio de Janeiro não o conhece ainda; muito breve o há de conhecer o Brasil. Bem entendido, falo do Brasil que sente; do coração e não do resto.

O Sr. Castro Alves é hospede desta grande cidade, alguns dias apenas. Vai a São Paulo concluir o curso que encetou em Olinda.

Nasceu na Bahia, a pátria de tão belos talentos; a Atenas brasileira que não cansa de produzir estadistas, oradores, poetas e guerreiros.

Podia acrescentar que é filho de um médico ilustre. Mas para quê? A genealogia dos poetas começa com seu primeiro poema. E que pergaminhos valem estes selados por Deus?

O Sr. Castro Alves trouxe-me uma carta do Dr. Fernandes da Cunha, um dos pontífices da tribuna brasileira. Digo pontífice, porque nos caracteres desta tempera o talento é uma religião, a palavra um sacerdócio.

Que jubilo para mim! Receber Cícero que apresentar Horácio, a eloquência conduzindo pela mão a poesia, uma glória esplêndida mostrando no horizonte da pátria a irradiação de uma límpida aurora!

Mas também quanto, nesse instante, deplorei minha pobreza, que não permitia dar a tão caros hóspedes régio agasalho. Carecia de ser Hugo ou Lamartine, os poetas-oradores, para preparar esse banquete da inteligência.

Se, ao menos, tivesse nesse momento junto de mim a plêiade rica de jovens escritores à qual pertencem o senhor, o Dr. Pinheiro Guimarães, Bocaiúva, Muzzio, Joaquim Serra, Varela, Resende Muniz e tantos outros!... Entre estes, porque não lembrarei o nome de Leonel de Alencar, (seu mano) a quem o destino fez ave de arribação na terra natal? Em literatura não há suspeição: todos nós, que nascemos em seu regaço, não somos da mesma família?

Mas a todos o vento da contrariedade os tem desfolhado por aí, como flores de uma breve primavera.

Um fez da pena espada para defender a pátria. Alguns têm as asas crestadas pela indiferença; outros, como douradas borboletas, presas da teia da aranha, se debatem contra a realidade de uma profissão que lhes tolhe os vôos<sup>184</sup>.

---

<sup>184</sup> Citada por Raimundo de Menezes. *José de Alencar: literato e político*. 1965, p. 233-34.

Assinada por ninguém menos que José de Alencar, a extensa carta não só nos apresenta novos detalhes acerca das concepções artísticas do escritor como nos indica o promissor alvorecer de uma nova geração.

Com efeito, no dia anterior Alencar recebera a inesperada visita de um jovem esguio e extravagante que o tratava por “Mestre”. O *Correio Mercantil* anunciara sua chegada, quatro dias antes, e Alencar já ouvira falar muito neste rapaz de gênio, apressando-se a recebê-lo e chegando mesmo a abraçá-lo após ler sua carta de apresentação. Entusiasmado, Alencar chama sua esposa e ambos ouvem o pálido poeta recitar o drama *Gonzaga* e uma série de poesias. Desgostoso da vida, o quadragenário Alencar tinha diante de si um vulcão em erupção, e não mediu esforços para apresentar o poeta baiano a seu amigo Machado de Assis, pedindo-lhe que se tornasse o “Virgílio do jovem Dante”:

Nesta capital da civilização brasileira, que o é também de nossa indiferença, pouco apreço tem o verdadeiro mérito quando se apresenta modestamente. Contudo, deixar que passasse por aqui ignorado e despercebido o jovem poeta baiano, fora mais que uma descortesia. Não lhe parece?

Já um poeta o saudou pela imprensa; porém, não basta a saudação; é preciso abrir-lhe o teatro, o jornalismo, a sociedade, para que a flor desse talento cheio de seiva se expanda nas auras da publicidade. Lembrei-me do senhor. Em nenhum concorrem os mesmos títulos. Para apresentar ao público fluminense o poeta baiano, é necessário não só ter o foro de cidade na imprensa da corte, como haver nascido neste belo vale do Guanabara, que espera um cantor.

Seu melhor título, porém, é outro. O senhor foi o único de nossos modernos escritores, que se dedicou sinceramente à cultura dessa difícil ciência que se chama crítica. Uma porção de talento que recebeu da natureza, em vez de aproveitá-lo em criações próprias, teve a abnegação de aplicá-lo a formar o gosto e desenvolver a literatura pátria.

Do senhor, pois, do primeiro crítico brasileiro, confio a brilhante vocação literária, que se revelou com tanto vigor.

Seja o Virgílio do jovem Dante, conduza-o pelos ínvios caminhos por onde se vai à decepção, à indiferença e finalmente à glória, que são os três círculos máximos da *divina comédia* do talento<sup>185</sup>.

A poesia de Castro Alves, talvez a mais emblemática da geração que se levanta, guarda ainda muitos laivos da estética romântica mas já nos indica certos traços de um novo programa – recebendo de Fausto Cunha o epíteto de “realismo romântico”. Já vimos que suas concepções acerca da missão do artista em nada se afastavam das prerrogativas estipuladas por Magalhães e sua plêiade, antes as reatualizando e reiterando sua validade em sua época. Efetivamente, a figura do gênio tem um papel central na organização do único volume de composições que o jovem autor lançou ao público, as *Espumas flutuantes*, em outubro de 1870. Arrastando a cruz da angústia, como destacaria na composição *Os anjos da meia noite*, Castro Alves tinha plena consciência de que alcançaria no futuro um posto no panteão da glória – no entanto, como repetiria uma voz fúnebre: “Teu Panteão – a pedra mortuária”.

<sup>185</sup> Citada por Raimundo de Menezes. *José de Alencar: literato e político*. 1965, p. 233-34.

*E eu sei que vou morrer... dentro em meu peito  
Um mal terrível me devora a vida:  
Triste Ahasverus, que no fim da estrada,  
Só tem por braços uma cruz erguida.  
Sou o cipreste, qu'inda mesmo florido,  
Sombra de morte no ramal encerra!  
Vivo que vaga sobre o chão da morte,  
Morto – entre os vivos a vagar na terra.  
Do sepulcro escutando triste grito  
Sempre, sempre bradando-me: maldito!<sup>186</sup>*

Ultra-trágico como um autêntico romântico, Castro Alves deixaria para trás dois marcos da geração de Magalhães: a crença no poder do Monarca e as idealizações amorosas. Republicano fervoroso, o poeta julgaria seu país conspurcado por duas escravidões: a dos negros pelos brancos, evidentemente, e a de todos ao Imperador. Como sabemos, suas composições abolicionistas não foram incluídas nas *Espumas flutuantes* e só viriam à lume mais tarde, mas ele será sempre lembrado como um ardente defensor da liberdade. Quanto à sua poesia lírica, ela se mostra mais candente que a de Gonçalves Dias, o único entre sua geração a se entregar às graças do amor – mas ao passo que o autor dos *Primeiros cantos* desejava, ainda que apenas retoricamente, unir suas harpa ao coro mais amplo do conjunto celestial, Castro Alves preferia antes se lançar aos prazeres do mundo:

*Morrer – é ver extinto dentre as névoas  
O fanal, que nos guia na tormenta:  
Condenado – escutar dobres de sino,  
– Voz da morte, que a morte lhe lamenta –  
Ai! morrer – é trocar astros por círios,  
Leito macio por esquife imundo,  
Trocar os beijos da mulher – no visco  
Da larva errante no sepulcro fundo<sup>187</sup>.*

Uma nova geração, da qual ele é um eminente representante, começa a tomar vulto, expressando novas idéias sociais e literárias. A Academia de Direito de São Paulo dá morada a todo um corpo de intelectuais que mais tarde terão influência decisiva na história do país: Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Ferreiras de Meneses, o próprio Castro Alves, Rodrigues Alves e Afonso Pena, para ficarmos apenas com os mais conhecidos. A situação política brasileira se encontrava bastante tensa e a própria monarquia passava a ser programaticamente questionada, como atesta o panfleto anônimo *A conferência dos divinos*, onde Dom Pedro II é retratado como um comandante superficial, esnobe e odiável – contracenando com Nero e com um ‘César Desconhecido’ num fórum romano completamente idealizado. Segundo Silvio Romero:

<sup>186</sup> *Espumas flutuantes*. 1997, p. 30-31.

<sup>187</sup> *Espumas flutuantes*. 1997, p. 30.

Rejeitando o velho romantismo lamuriento e pantafaçado, os moços fazem uma poesia de combate, interessam-se pelos problemas sociais, e todos eles, todos os jovens literatos são republicanos. Ao passo que os seus antecessores faziam versos aos príncipes, nascidos ou falecidos, e aos imperantes nos dias de seus anos, eles combatem os reis e lhes almejam a queda. É esta a face mais viva, mais rutilante dos novos pelejadores<sup>188</sup>.

Ao passo que o entusiasmo da geração romântica se esvai lentamente, esse grupo de jovens – sempre os jovens! – intelectuais se lança à cruzada civilizatória oitocentista embalado pela ventura e pelo entusiasmo – “signos brilhantes da aliança de Deus com a juventude”<sup>189</sup>, como bradaria Castro Alves. Devemos notar que em 1905 Silvio Romero irá se referir à essa geração como “a mais fátua e pretensiosa que se poderia imaginar”<sup>190</sup>, mas dentre em pouco ela destronará o romantismo com o apoio de suas palavras...

Em meio a tal clima, é publicado o volume *Literatura Pantagruélica: os avestruzes no ovo e no espaço (ninhada de poetas)*, atribuído à uma inusitada parceria entre Alencar, Macedo e Machado – até hoje não confirmada. De qualquer modo, Alencar encenaria ainda *A expiação*, tida como a segunda parte de *As asas de um anjo*, e após lançar o segundo volume das *Memórias de um sobrinho de meu tio*, Macedo publicaria nesse ano um novo romance, *A luneta mágica* – uma das poucas obras bem sucedidas de sua segunda fase.

### ***Macedo e o prenúncio de novas estéticas***

A crítica social sempre esteve presente nos romances do escritor de Itaboraí, ainda que com tons mais amenos, mas o público não perdoará sua virada brusca – a partir de agora suas obras terão uma baixa vendagem e, em geral, não serão re-editadas. Antes tão bem recebidos pela crítica especializada, seus romances serão agora violentamente criticados, como é o caso de *As vítimas-algozes: quadros da escravidão*, publicado em 1869, um libelo anti-escravagista apontado como “impróprio para os mais jovens” – por levar a escola realista para além de seus limites... Macedo publicará ainda *O rio do quarto*, igualmente marcado por um tom naturalista, mas desta vez revestido de um cunho histórico. É verdade que a prosa de Macedo percorria então caminhos novos, nesse caso renunciando o naturalismo, mas a verdade é bem outra: o público está se rebelando contra suas obras. Uma nova geração de escritores – caracterizados por Wilson Martins como “jovens lobos sedentos de sangue”<sup>191</sup> –

<sup>188</sup> *História da literatura brasileira – tomo quinto: diversas manifestações na prosa, reações anti-românticas na poesia*. 1960, p. 1690.

<sup>189</sup> *Espumas flutuantes*. 1997, p. 14.

<sup>190</sup> *História da literatura brasileira – tomo quinto: diversas manifestações na prosa, reações anti-românticas na poesia*. 1960, p. 1400.

<sup>191</sup> MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. 1977, vol. III, p. 301.

está buscando e consolidando seu espaço, e o autor, cada vez mais identificado com o Império por suas obras de encomenda, é *considerado passado*. É assim que dele se lembra Taunay, prosseguindo a citação tão graciosa que apresentamos mais acima: “Pobre Macedo! Vi-o, depois, tão ludibriado pelos *novos* que iam chegando, depreciado em todos os seus livros, repellido pelos editores”<sup>192</sup>.

Com *As vítimas-algozes – quadros da escravidão*, supostamente uma obra de encomenda, Macedo toma para si a tarefa de esclarecer a classe senhorial brasileira dos imensos prejuízos desta nefanda instituição em todas as esferas da existência do país – tanto no cotidiano das relações humanas como no futuro da própria civilização brasileira.

Em *Simeão – o crioulo*, Macedo aborda a situação em que são lançados os escravos criados no seio da família, longe do pantanal de vícios e horrores da senzala mas igualmente distantes de uma posição definida na sociedade. Criado como um membro da família após a morte de sua mãe, que fora ama da filha do casal, Simeão nunca conheceu os terríveis grilhões da escravidão, mas “não o fizeram aprender ofício algum, nem lhe deram tarefa, e ocupação na fazenda: abandonando-o à quase completa ociosidade”<sup>193</sup>. “Envenenado” por seus irmãos cativos ele abomina seus senhores por sua condição de escravo e, conhecendo todos os “segredos” de sua morada, lidera um trágico massacre em busca de sua liberdade. *Pai-Raiol – o feiticeiro*, nos apresenta a sinistra aliança do “charlatão” Pai-Raiol com a lasciva Esméria em busca da destruição da família de seus senhores, conduzida nas sombras pelo odioso envenenador e levada adiante pela bela mulata – que com a habitual dissimulação imposta por sua condição<sup>194</sup> conquistou facilmente as graças da família. Valendo-se de seus preciosos dotes físicos, estimulada pelo feiticeiro, Esméria tomou primeiramente o lugar de sua senhora na “mente” de Paulo Borges – pois Macedo faz questão de ressaltar a natureza puramente carnal das relações entre ambos, visto que “para o escravo a lascívia é que é amor”<sup>195</sup> – e lentamente se apossou de todos os domínios de sua vida, desestruturando a harmonia de seu lar e conduzindo sua esposa e seus filhos à morada dos anjos... *Lucinda – a mucama*, discute a pernicioso influência dos escravos na intimidade familiar, apresentando a perversão da jovem Cândida, cujo nome não poderia ser mais expressivo, sob a companhia de sua criada particular Lucinda – a fonte límpida em contato com o charco. Após transformar a

<sup>192</sup> *Memórias*. 1960, p. 56.

<sup>193</sup> *As vítimas-algozes*. 1991, p. 19-20.

<sup>194</sup> “Ninguém dissimula melhor do que o escravo: sua condição sempre passiva, a obrigação da obediência sem limite e sem reflexão, o temor do castigo, a necessidade de esconder o ressentimento para não excitar a cólera ameaçadora do senhor, o hábito da mentira, enfim, fazem do escravo o tipo da dissimulação”. *As vítimas-algozes*. 2001, p. 59.

<sup>195</sup> *As vítimas-algozes*. 1991, p. 143.

inocente mocinha em uma consumada namorada, a maliciosa mucama passou a investir na escolha do seu senhor e não só alimentou as brasas de um relacionamento impuro como chegou mesmo a permitir que o pérfido Dermany violentasse sua senhora, supostamente garantindo assim um casamento que nunca se realizaria de outra forma.

Ainda que esteja narrando apenas “histórias verdadeiras”, amplamente conhecidas por todos<sup>196</sup>, é inegável que Macedo carregou nas cores de seu romance. Todas as narrativas têm um final trágico, sem “concessões” para os personagens “bonzinhos”: os escravos malignos encontram a morte ou a prisão, mas só depois de destruírem a vida de seus senhores ou de desestruturarem suas economias, suas reputações e seus destinos.

A Providência marcava por diversos modos a punição dos criminosos; mas de envolta com essas punições acendia uma luz que somente os cegos não vêem, a luz do infortúnio, da desmoralização, da miséria moral, que em vingança implacável a escravidão impõe à sociedade escravagista<sup>197</sup>.

Estamos diante de uma obra evidentemente romântica, mas com elementos mais sérios e com cenas de violência e erotismo pouco usuais, que se diluem da primeira para a última narrativa, como se o autor temesse chocar demais seus leitores ou perdesse seu impulso realista – supondo-se que as histórias foram escritas na ordem em que foram publicadas no livro.

### ***1870 e os impasses da literatura***

Em 1870, um conjunto de novas idéias começa a se avultar nos horizontes intelectuais brasileiros, sobremaneira o positivismo de Auguste Comte, cujo principal representante em nosso seio foi o pensador Luís Pereira Barreto – mas o império francês sobre nossa intelectualidade estava com seus dias contados. Da Alemanha passam a soprar ventos cada vez mais fortes, e diversas teorias e pensadores germânicos passam a figurar em nossas páginas. Os domínios da política também se agitam: *A província*, de Tavares Bastos, figura como a primeira formulação do programa republicano no país – emulado posteriormente pelo *Manifesto Republicano*, publicado em dezembro por Quintino Bocaiúva, Salvador de Mendonça e Saldanha Marinho. Para os românticos, o advento destas idéias está ligado à crescente desmoralização de nossos costumes e ao esquecimento de Deus, mas para os impávidos representantes do progresso as páginas da história estavam apenas sendo viradas...

---

<sup>196</sup> *As vítimas-algozes*. 1991, p. 01.

<sup>197</sup> *As vítimas-algozes*. 2001, p. 310.

Em termos de sensibilidade, tomando a história do romance nacional como um amplo catálogo de representações, podemos notar a consolidação de padrões e comportamentos “sugeridos” pelas obras das décadas anteriores, tanto pelo abandono de certas questões quanto por sua naturalização nas páginas de nossos romancistas, bem como a problematização de novos temas e a complexificação de assuntos ainda em pauta, indiciada pela observação de aspectos “em aberto” de determinadas questões.

Literariamente a década de 70 foi agitada e conturbada. A crítica é unânime em conceder a primazia literária à Alencar, dando seguimento à seus “show de horrores” – e se o público estava interessado em seus romances altamente “fantasiosos” não é de se estranhar que a prosa moralizante de Macedo passe a ser deixada de lado. De qualquer modo, é nesta década que a primazia de ambos começa a ser questionada por um crítico tão furioso quanto apaixonado: Silvio Romero. Dois novos romancistas passam a ocupar as horas e a atenção do público fluminense, Alfredo d’Escagnole Taunay e Machado de Assis, buscando expandir as fronteiras do romantismo, justamente como seus mestres Macedo e Alencar – e com o avançar do século novas estéticas passam a se esboçar nos domínios da poesia, como veremos em breve.

Wilson Martins toma o ano de 1872 como um divisor nas águas de nossa literatura, “um ponto de encontro, confluência e dispersão entre a geração dominante e a geração ascendente, cada uma delas carregando consigo um ‘programa’ diferente, se não oposto, ao da outra”<sup>198</sup>. Os intelectuais do período, por outro lado, tomavam o ano de 1870 como baliza de novas idéias, práticas culturais e literárias – apontando o fim da guerra contra o Paraguai como o índice dessa “ruptura”, raciocínio inspirado por um dos clássicos “ídolos da história” que dominavam o pensamento historiográfico da época. Seja como for, encontraremos na produção literária deste período certa inflexão romântica, uma série de críticas programáticas e mesmo literárias ao romantismo e uma tortuosa peregrinação vacilante em direção ao realismo, acompanhando talvez movimentos espirituais mínimos da população fluminense. Esse *processo de amadurecimento* foi marcado por diversos impasses, ditados tanto pela prevalência de fórmulas antigas quanto por limitações artísticas pessoais e mesmo históricas – impasses que possivelmente acompanhavam as transformações da sociedade brasileira, ansiosa por novas feições mas ainda “presa” à antigas convenções culturais em processo bastante lento mas extremamente perceptivo.

---

<sup>198</sup> *História da inteligência brasileira*. 1977, vol. III, p. 368.

O casamento dominou absolutamente a atenção dos romancistas do período: todos os quatro romances de Machado de Assis da década, tidos como sua produção romântica, tem o matrimônio como eixo principal, bem como o único romance “urbano” de Franklin Távora, *O sacrifício*. Alencar enfocou o tema com esmero nos *Sonhos d’ouro* e em *Senhora*, e dos seis romances publicados por Macedo na época quatro foram dedicados ao assunto – e de modo paradigmático. Como veremos, seja unicamente por uma questão de primazia histórica ou efetivamente pela força de seu gênio, senão por uma aguda percepção dos problemas sociais que o rondavam, tanto os romances *Ressurreição*, de Machado de Assis, quanto os *Sonhos d’ouro*, de Alencar, desenvolvem tramas derivadas da apresentada por Macedo em *Nina*, e *O sacrifício*, de Távora, segue praticamente os mesmos moldes expostos em *A baronesa de Amor* – sem mencionar ainda *A mocidade de Trajano*, obra de estréia de Alfredo Taunay, que como as produções de Machado e Alencar nos apresenta reflexões suscitadas primeiramente nas páginas de *Nina*. As tradições a que estavam filiados conferem matizes distintos às discussões mais amplas sobre o tema, naturalmente, seguindo Macedo, Taunay e Távora por caminhos diversos dos trilhados por Alencar e Machado, fundamentalmente no que concerne ao papel social da mulher e à certos predicados românticos (dos quais Machado, em especial, busca se desvencilhar) – mas a preponderância do assunto nos indica sua relevância no período.

Bem entendido: quando nos referimos às diferentes nuances esboçadas pelos representantes de cada tradição não sugerimos que suas posições acerca do matrimônio entrassem em conflito, pois todos o tinham na mais alta conta, mas nos referimos às ênfases com que as duas tradições observarão o assunto: a linhagem de Macedo quebrando lanças pela mais completa observação e conservação das normas sociais vigentes, tais como esboçadas pelo seu “culto do dever”, e a linhagem de Alencar discutindo já novas configurações para a instituição – sem extravasar, no entanto, as delimitações da norma. Não devemos perder de vista, de qualquer modo, os impasses estéticos e sociais a que todos estavam submetidos, evocados logo de saída pelo tema em questão: tudo nos indica que o casamento, bem como seu fundamento maior, o amor, não passava por bons momentos.

O romance *Nina* pode ser compreendido como uma revisão de *A moreninha* diante das novas perspectivas de Macedo: se o capricho e a independência feminina podiam parecer adoráveis na década de 40, agora eles serão apresentados como problemas de caráter detestáveis. Nicolina é uma jovem de dezoito anos que domina as atenções de sua família e de seus círculo de amigos, noiva do promissor Dr. Vidal, que unicamente por uma questão de

capricho decide encenar uma paixão pelo provinciano Firmiano, irremediavelmente apaixonado por ela. Cada vez mais interessado na escola realista, Macedo deixa para trás as risonhas idealizações do passado para se ater unicamente à esmagadora evidência dos fatos: não há qualquer lugar na trama para o desajeitado, feio e pouco instruído Firmiano, especialmente diante da eminência do Dr. Vidal. Após suscitar as mais áureas esperanças no coração do mancebo, Nina reata seu noivado com o antigo noivo frustrando quaisquer perspectivas dos leitores por um final feliz.

Tanto os romances *Ressurreição*, de Machado de Assis, quanto os *Sonhos d'ouro*, de José de Alencar, seguirão a mesma trilha, indicando o destronamento do sentimento com relação à razão e aos imperativos sociais. Ambos abordarão situações idênticas às esboçadas por Macedo: em *Ressurreição* encontraremos um “triângulo” formado pela romanesca Lívia, pelo sonhador Menezes e pelo amargurado Félix, e nos *Sonhos d'ouro* nos depararemos com a tríade formada pela caprichosa Guida, pelo pobre mas virtuoso Ricardo e pelo endinheirado corretor Bastos – mas ao passo que Machado desestruturará completamente a vida de suas personagens, Alencar levará, após, inúmeras e imensas dificuldades, de modo quase inverossímil, o casal Guida e Ricardo ao altar.

Macedo, sem dúvida alguma mais experiente que os dois, aparentemente tinha plena consciência dessas dificuldades, retornando ao debate com o romance *A misteriosa*, publicado em 1872. Trata-se de um dos seus melhores textos, leve, curto e bastante divertido, onde ele se dedica à uma espirituosa sátira ao “desvairado” comportamento romântico – julgando implicitamente, contudo, que apesar de todas as críticas o gênero não poderia ser completamente abandonado, visto que ainda pautava o comportamento (e agradava ao paladar) de muitos jovens fluminenses...

Em 1855 os leitores fluminenses acompanharam as peripécias de um jovem extravagante que se lançara, nos enleios da mais exaltada paixão, em busca de um vulto misterioso com que se encontrara em um ônibus. Macedo retomará essa disposição inicial como uma homenagem à José de Alencar mas reiterará, apesar do final amargo de *Nina*, as prerrogativas da sensibilidade romântica no período. Desejando oferecer um exemplo aos leitores de Macedo, um jovem identificado apenas por “Fileno” lhe contara em um manuscrito sua triste história: após se apaixonar por um delgado vulto que saltara de um ônibus, o mancebo se atirara à sua pista pela cidade do Rio de Janeiro, completamente enfeitiçado pelo amor. Esquiva, a dama de sua adoração entregou-se aos prazeres da mesa durante toda a tarde, sem lhe dirigir palavra. Após inúmeros incidentes e o aparecimento de um rival, nosso

desvairado herói finalmente conseguiu ficar à sos com a elegante dama, apenas para descobrir que ela não passava de sua antiga professora de francês, “velha e de terrível aspecto”<sup>199</sup>...

Segundo Macedo, o Rio de Janeiro estaria repleto de *Filenos*, jovens dados aos arrojados românticos mais descabelados – identificando já um revés do romantismo, mais tarde atacado programaticamente pelas escolas realistas...

*Ressurreição* é, surpreendentemente, menos romântico do que os romances seguintes de Machado, mas não consegue, *estruturalmente*, superar os imperativos da escola e do período, reiterando inadvertidamente a posição de Macedo: a insuperabilidade da sensibilidade romântica. Lívia é uma personagem essencialmente romântica, tida por todos e por si mesma como uma desvairada, mas no fim é o seu modo de ser que prevalece. Felix, o homem novo do período, tão diferente do sonhador Menezes, “um homem complexo, incoerente e caprichoso, em quem se reuniam opostos elementos, qualidades exclusivas e defeitos inconciliáveis”<sup>200</sup>, é quem não está em seu tempo e é condenado à eterna solidão – talvez o personagem mais romântico do livro:

Dispondo de todos os meios que o podiam fazer venturoso, segundo a sociedade, Felix é essencialmente infeliz. A natureza o pôs nessa classe de homens pusilânimes e visionários, a quem cabe a reflexão do poeta: “perdeu o bem pelo receio de o buscar”. Não se contentando com a felicidade exterior que o rodeia quer haver essa outra, das afeições íntimas, duráveis e consoladoras. Não a há de alcançar nunca, porque o seu coração, se ressurgiu por alguns dias, esqueceu na sepultura o sentimento da confiança e a memória das ilusões<sup>201</sup>.

Dez anos se passaram: “longos e enfatiados para uns, ligeiros e felizes para outros”. Menezes e Rachel se casaram. “A piedade os uniu; a união os fez amados e venturosos”<sup>202</sup>. Lívia envereda pelo outono da vida, espiritualmente formosa mas fisicamente abalada. “Não esqueceu até hoje o escolhido de seu coração, e à proporção que volvem os anos, espiritualiza e santifica a memória do passado”<sup>203</sup>. Romântica incorrigível, abandonou a sociedade e vive no recôndito de seu lar, amparada pelo amor do filho, a quem se dedica com esmero. Felix, por sua vez, sofreu muito com o rompimento definitivo, mas se sofreu profundamente, sofreu por pouco tempo. “O amor extinguiu-se como lâmpada a que faltou óleo”<sup>204</sup>.

Machado explora uma diversidade de temperamentos e possibilidades existenciais mais amplas do que Alencar e Macedo, mas ainda regulados pela natureza e pelo tempo. Não estamos diante de espíritos “chapados”, movidos por sentimentos e desejos inalteráveis e

<sup>199</sup> *A misteriosa*. 1944, p. 119.

<sup>200</sup> *Ressurreição*. 1938, p. 11.

<sup>201</sup> *Ressurreição*. 1938, p. 234-35.

<sup>202</sup> *Ressurreição*. 1938, p. 231.

<sup>203</sup> *Ressurreição*. 1938, p. 232.

<sup>204</sup> *Ressurreição*. 1938, p. 233.

incorrigíveis, mas por uma série de indivíduos com características próprias e únicas com desenvolvimentos temporais distintos – apontando a mesma complexidade existencial mencionada nos romances que acabamos de abordar. Lívia e Felix não se transformam com a passagem do tempo, não ouviram a si mesmos, mas Rachel sim: com o passar do tempo as impressões de seu primeiro amor foram se apagando

e o coração da moça não achou melhor convalescença que desposar o enfermeiro. Se lho dissessem no tempo em que ela adoecera por amor do médico, levantaria desdenhosamente os ombros, e com razão. Donde se colhe quão acertado é aquele provérbio oriental que diz – que a noite vem pejada do dia seguinte. Qual fosse a aurora que a sua noite trazia no seio não o adivinhara Rachel, mas a sua atual opinião é que não a podia haver mais bela em toda a escala do tempo<sup>205</sup>.

Em 1852 Manuel Antônio de Almeida já dissera que o primeiro amor é sempre o último, isto é, que só amamos verdadeiramente a pessoa com quem estamos *agora*: e Machado de Assis acredita que o dito jocoso de outrora se aplica ao seu momento histórico – diferentemente de Alencar, que no romance *Senhora*, de 1875, reafirmará ainda a validade dessa máxima estritamente romântica.

Ao lado de *Nina*, Macedo publicou ainda em 1870 dois romances: *As mulheres de mantilha* e *A namoradeira*. Em 1872 ele publicaria mais três: *Um noivo à duas noivas*, *Os quatro pontos cardeais* e *A misteriosa* – que observamos rapidamente linhas atrás. Em uma carta escrita à Gonçalves de Magalhães, Joaquim Norberto comentou esse período da vida do escritor:

O Macedo está em Itaboraí. Deu agora em escrever à vapor. Produz muito, escreve romances e dramas aos centos, mas com pouco cuidado no seu estilo e enredo, de modo que o vaidoso Alencar vai lhe tomando os louros ganhos na áurea quadra dos Porta Alegre, Magalhães e Gonçalves Dias. Está armando ao dinheiro para pagar dívidas, segundo me disse<sup>206</sup>.

O tempo só respeita aquilo que é feito com tempo, já comentara Machado de Assis, e os romances de Macedo sofrerão muito com seu pouco cuidado estético – bem como por sua insistência moralizante. Referindo-se à década de 70, Guimarães Júnior já apontara a falta de seriedade de sua época:

os tipos de que lancei mão para esses ligeiros contos são grotescos e ridículos; meio único de divertir o leitor que não gosta de obituários e prefere o riso franco, rápido, efêmero, como o folhetim que lho arrancar dos lábios, à cruel e sensaborona tristeza, que é afinal de contas partilha de todos nós, os lidos e leitores da terra!<sup>207</sup>

*Um noivo à duas noivas* representa a maior investida de Macedo no universo dos romances psicológicos, aborda um problema de profunda amplitude existencial e coloca em

<sup>205</sup> *Ressurreição*. 1938, p. 231.

<sup>206</sup> PORTO ALEGRE, Manuel de Araújo. *Inéditos*. 1961, p. 157-58.

<sup>207</sup> *A família Agulha*. S/d, vol. I, p. VI.

cena o último elemento que mais tarde integrará o “cotidiano” naturalista – o cientificismo. Seja captando tendências estrangeiras ou mesmo vagos murmúrios nacionais, ao lado de nomes tradicionais como Shakespeare e Dumas o autor figura uma série de fisiologistas modernos como Lavater e Gall que em breve estarão na ordem do dia – lançando-se ainda ao estudo de uma questão simplesmente obrigatória para as próximas gerações: a frágil sensibilidade feminina, enfocando um de seus principais fantasmas, o histerismo, vivenciado na trama com boa parte das cores que em breve serão exploradas e ampliadas por outros romancistas. Casado ele mesmo com uma histérica, a julgar pelas condições que envolveram seu casamento, Macedo mergulha no universo dos estudos científicos em busca de maior precisão literária e se mostra em dia com as discussões do período – sem no entanto comprometer a moralidade da narrativa, que ainda se sobrepõe à suas dimensões estéticas. Nenhum dos autores vindouros evocará seu nome como uma influência, assim como nenhum crítico ou historiador literário percebeu este passo de sua obra, mas entre os grandes escritores de nosso país ele foi o primeiro a desenvolver essa tendência de seu período.

Publicado em 1872, *Um noivo à duas noivas* nos apresenta o intrincado envolvimento amoroso do sensual Germano de Castro com duas mulheres, Otávia e Júlia, respectivamente mãe e filha, em uma trama extremamente lenta e desenvolvida com exemplar desenvoltura, fugindo aos lugares comuns do folhetim do período – ainda que sem se alçar ao patamar da alta literatura. Extremamente reflexivo, denso e pesado, o romance deixa de lado a escrita correta sobre linhas tortas de Deus para evocar as fatalidades do destino e se encerra com um tom inimaginável para a prosa macediana.

O maior mérito do romance, sem dúvida alguma, situa-se no enfoque dedicado às características psicológicas de cada personagem, esquadrihadas conforme seus sexos, suas idades e suas posições sociais – compondo panoramas completamente distintos e individuais. Detendo-se por páginas e páginas em uma única cena, avaliando as reações dos personagens com relação às ações dos demais, bem como suas impressões e percepções íntimas, Macedo busca situar cada um deles em um plano único, singular e específico, diferentemente do plano chapado em que habitualmente todos estavam situados sem perceber as maquinações que os envolviam e onde naturalmente as reviravoltas folhetinescas soavam ainda mais ridículas do que se fossem enunciadas. Júlia exhibe a mentalidade de uma menina mimada e inocente, mas Otávia já conhece os imperativos da sociedade e as prerrogativas e limites de sua posição de viúva, subordinadas, de qualquer forma, à sua condição de mulher e mãe. Poderíamos mesmo dizer que Macedo traça o “esboço” de um estudo de personalidades, guiado pelas concepções

científicas do período. Se o comportamento dissoluto de Germano poderia ser atribuído à certas disposições orgânicas, “que Lavater pretenderia distinguir nas bossas de seu crânio”<sup>208</sup>, Otávia não é seduzida unicamente pelos pérfidos encantos do dissimulado libertino, mas por conta de suas próprias condições fisiológicas – ou mais propriamente por conta de sua idade: “ela amava, e não se esqueça que ela amava aos trinta e três anos, quando a mulher sente que a idade vai-se adiantando, e que à medida que se adianta, prenuncia o crepúsculo, que precede o ocaso...”<sup>209</sup>.

Na história das paixões amorosas da mulher, e na apreciação fisiológica dos seus extremos e estupendos arrojados a idade, ou as épocas da idade da vítima do homem são circunstâncias que nunca se devem esquecer.

A explicação do maior número dos tristes e completos rendimentos da mulher à sedução do homem, por qualquer motivo algoz do coração e do crédito, se acha quase sempre metade no amor fingido do homem que especula e que incendeia, e metade na idade que se precipita, ou na idade que já prevê e receia a decadência próxima, ou na idade enfim da mulher que principia a ser, mas não se submete a ser velha<sup>210</sup>.

Criada em uma verdadeira *estufa* de amor filial, Júlia nunca conheceu qualquer contrariedade à suas vontades, ainda que tenha perdido o pai muito cedo – o que mais contribuiu para o universo de felicidade que a cercava, na esperança de uma natural compensação por sua perda. Macedo vai figurar em sua sensibilidade e em sua esmerada educação a gênese de todas suas complicações, apontando em nossa degradada organização social e nos papéis designados às mulheres a fonte de sua ruína, em um jogo de luz e sombras típico à complexidade da vida:

Julia extremava-se pela sensibilidade exaltada, pela grandeza e generosidade da alma, pela pureza dos sentimentos, pela confiança da inexperiência de quem não suspeita o mal, porque não é capaz de fazê-lo, e enfim pelo arrebatamento de sua ardente imaginação que criava e a impelia à querer nesta terra os tesouros do céu, a perfeita felicidade que dão o amor sem nuvens e a virtude sem jaça, tesouros que ela julgava possíveis e fáceis, e que contava achá-los no coração de Germano, porque os tinha no seu<sup>211</sup>.

Em 1873, à pedido do governo Macedo escreve as *Noções de corografia do Brasil*, destinada a representar o Brasil em Viena e vertida para três línguas: francês, inglês e italiano. A obra corresponde à mais acabada expressão do “ufânico sentimento romântico do ‘vasto e opulento Império’ do Brasil”, responsável por delinear “aspectos étnicos, psicológicos e morais da população brasileira” aptos a sustentar a afirmação de sua grandeza. O Brasil era a única monarquia de todo o continente americano e o autor parece se perguntar: “se temos um

<sup>208</sup> *Um noivo à duas noivas*. S/d, vol. I, p. 86.

<sup>209</sup> *Um noivo à duas noivas*. S/d, vol. I, p. 209.

<sup>210</sup> *Um noivo à duas noivas*. S/d, vol. I, p. 210.

<sup>211</sup> *Um noivo à duas noivas*. S/d, vol. I, p. 61-62.

Império majestoso e um Imperador que sabiamente o conduz, por que haver República”<sup>212</sup>? Além disso, essa fachada visa chamar a atenção da comunidade internacional, atraindo imigrantes e, conseqüentemente, mão-de-obra civilizada, apta a dar seguimento ao processo civilizatório em curso – um problema bastante sério no período.

O ano seguinte será marcado pelo tratado *As três filosofias*, de Luís Pereira Barreto, tido como a maior obra do positivismo brasileiro. Macedo publica cada vez menos e recebe mais medalhas do governo: não produz nada entre 1874 e 1875, mas recebe, a “9 de maio de 1874, por serviços prestados à pátria, a comenda da Ordem de Cristo e também nova promoção na Ordem da Rosa”<sup>213</sup>. O seu passado glorioso não significa mais nada, o público não aprecia mais seus livros, o país parece relutar em aceitar suas idéias. O “cruzado” não desiste de sua missão, em consonância com seu particular “culto ao dever” e, enquanto seus romances são lentamente deixados de lado, exercendo pouca influência, portanto, sobre a juventude, ele encontra outras formas de contribuir para a “cruzada civilizatória” brasileira: os livros de encomenda que já citamos. É estranho e curioso notar que, à medida que perde o prestígio do público, ele passa a ser requisitado pelo governo – que está disposto a servir de braços abertos, com todos seus esforços. Mas o tempo é feroz demais, e Macedo, além de se ver em uma situação socialmente ambígua, enfrentará ainda alguns reveses do destino.

Em 1876, Macedo volta à literatura com *A baronesa de amor*, um perfil de mulher completamente alencariano. Novamente requisitado pelo governo, o autor lança também o *Ano biográfico brasileiro*, uma coletânea de 365 biografias de celebridades brasileiras destinada a representar o Brasil na Filadélfia, em uma exposição “comemorativa do centenário da Independência americana”<sup>214</sup>. Com suas biografias, uma para cada dia do ano, o autor firma a galeria final de nossas grandes personalidades, em um período em que o regime imperial era contestado como nunca. Em conjunto, suas três obras de encomenda correspondem à imagem que o país gostaria de exibir ou, mais propriamente, a imagem que as elites gostariam de exibir. Mas as jovens gerações conheciam outro semblante de seu país e viam o autor como um representante oficial do Império que precisava ser derrubado... Retomando a tradição regionalista, Franklin Távora publica *O cabeleira*. Retratando o ambiente citadino, Machado lançava *Helena*, no mesmo ano em que Gonçalves de Magalhães

<sup>212</sup> SERRA, Tania. *Joaquim Manuel de Macedo ou Os dois Macedos: a luneta mágica do II Reinado*. 1994, p. 188.

<sup>213</sup> SERRA, Tania. *Joaquim Manuel de Macedo ou Os dois Macedos: a luneta mágica do II Reinado*. 1994, p. 193.

<sup>214</sup> SERRA, Tania Rebelo Costa. *Joaquim Manuel de Macedo ou Os dois Macedos: a luneta mágica do II Reinado*. 1994, p. 194-5.

tornava à filosofia, com *A alma e o cérebro*. Ainda neste ano Macedo é promovido à vice-presidência do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, mas sela seu destino de modo implacável: em trinta e um de agosto assina uma letra de um conto de réis, com mais dois endossantes, Anastácio de Miranda Coelho e Carlos Fleiuss, a ser paga dentro de quatro meses à um negociante inglês chamado John Bradshaw. Aquele que recebeu o dinheiro, Fleiuss, contudo, não a pagou... Pouco se sabe de concreto sobre tais circunstâncias, mas ao que parece o escritor assumiu sozinho a responsabilidade por essa dívida, acabando-se em trabalhos a fim de cobrir os juros que cresciam dia a dia.

### *A morte de José de Alencar*

Com a morte de José Alencar, em 1877, toda uma era vem a baixo. Tomado por uma grave enfermidade, o romancista leiloara todos os seus bens, no ano anterior, e acompanhado da esposa Georgiana e de seus seis filhos, partira para a Europa em busca de um tratamento para sua saúde. Embora tenha programado uma estadia de dois anos no exterior, ele passou apenas oito meses visitando a Inglaterra, a França e Portugal, retornando logo ao Brasil. Decidido a infernizar a vida do Imperador antes de morrer, o que aconteceria em dezembro, o autor lançou o periódico *O protesto*, que em seus cinco números vociferou em alto e bom tom todos os impropérios possíveis, publicando ainda o romance *A encarnação* e o panfleto *Festa macarrônica*. Vejamos o tom de um de seus ataques ao IHGB, exibido em *O protesto*:

#### *Outro discurso, e discurso de outra sombra*

O presidente interino do Instituto Histórico figurou a sessão solene daquela sociedade um painel *buonarótico*. Recomendamos este novo termo ao Sr. João Cardoso, procurador fiscal da Sociedade Regenerativa da Língua Portuguesa.

Miguel Ângelo entre outras obras pintou na Capela Sistina um *Purgatório*, onde por sinal meteu certos cardeais com quem embirrava. Não é este decerto o painel do Instituto.

Eu daqui o estou vendo cheio de vultos homéricos, de Aquiles, de Heitores, de Ájaxs, uns romanticamente arrepiados como o Sr. Homem de Melo; outros classicamente rapados como o Sr. Cândido Mendes.

O Sr. Macedo declarou-se a *única sombra* no meio dessa luminária geral; e carregando a mão chamou-se de infeliz figura, ruga de velho em cara de moço, e não sei que horrores mais.

Cúmulo da modéstia! Eu que já vi uma vez a galeria viva do Instituto posso assegurar que o Sr. Macedo, apesar de já não ser o herói da *Moreninha*, fica um Antínoo no meio de seus consócios.

Também o Sr. Macedo usou de uma comparação geológica. O Sr. do Bom Retiro é uma Itatiaia, e ele a colina mais baixa. *Qual junto de um penedo outro penedo*. A planície e que estamos por saber quem é.

O ilustre presidente deu-nos o júbilo de ouvir que o Imperador ao partir DEZ VEZES recomendou: “Cuidem do nosso Instituto.” – *Dez vezes!* Foram contadas, e arquivadas no livro de ouro. Aposto que os ministros não se benzeram com esta augusta insistência a propósito dos negócios públicos.

“Nosso Instituto!...” Fraternal democracia, disse o Sr. Macedo; e eu exclamo: “Oh! terna, oh! sublime, oh! deliciosa fraternidade!”

Ficamos cientes de que o Sr. Conde d’Eu, ouvindo os elogios do Instituto pôde dizer: – *Res nostra agitur*. Em português: – Isto aqui é nosso. Nós é que temos direito de fazer a história.

Eu porém, como beócio, acredito que Sua Alteza prefere a espirituosa língua natal a aquele latim de artinha; e se alguma citação mental ele fez na sessão solene foi a de Voltaire: – *Et voilà comme on écrit l’histoire*<sup>215</sup>.

Os leitores que compraram o periódico de Alencar foram presenteados também com o folhetim *Exhomem*, publicado descaradamente pelo autor sob o pseudônimo de ‘Synerius’. Significando exatamente “o que já foi homem”, seu folhetim atacava mais uma vez a classe clerical, e mais precisamente a questão do celibato; segundo a crítica especializada, se concluído, o romance teria inaugurado o realismo em nossas letras. Ao saber de sua morte o Imperador se limitaria ao comentário: “era um homenzinho teimoso”.

“Não sei que escritor disse algures que o Tamisa era a morte dos poetas”<sup>216</sup>, comenta Araripe Júnior, julgando que as feições caóticas e a agitada vida científica e cultural de Londres teriam sido demais para o escritor cearense. Seu sobrinho acreditava que uma alma tão sensível e poética quanto a de Alencar não poderia suportar tanta modernidade e tanto desespero por originalidade, que já se esboçava por aqui.

Calcule-se uma sinfonia de Beethoven, de repente interrompida por uma descarga elétrica; calcule-se uma paisagem de Wateau, de repente invadida por uma turba de sátiros doidos, esgrudelhados: pois não seria outra a da exercida no autor da *Iracema* pela irrupção desse bando...<sup>217</sup>

É impossível não imaginar que estas palavras também caberia ao autor de *A moreninha* – tal como, em alguma medida, o próprio Araripe Júnior faria mais tarde. Poderia Macedo acompanhar as tendências de seu tempo? Teriam Macedo e Alencar se conhecido pessoalmente? Não é difícil imaginar que, vivendo no mesmo meio, ambos tivessem sido apresentados por amigos comuns, que o jovem Alencar tenha tido impulsos de conhecer o escritor que admirava, ou que o próprio Macedo tenha se rendido à curiosidade de conhecer o Alencar maduro que influenciou sua obra; no entanto, não temos nenhum relato sobre quaisquer relações entre ambos. Temos as farpas que Alencar lançou para os “meios” em que Macedo vivia. Macedo teria comparecido ao enterro de Alencar?

Em 1878 o escritor itaboraíense escreve uma última obra de “encomenda”, totalmente afinada com sua produção ficcional: *Mulheres célebres*, “obra adotada pelo Governo Imperial para a leitura nas escolas de Instrução primária do sexo feminino do Município da Corte”,

<sup>215</sup> Citado por Wilson Martins. *História da inteligência brasileira*. 1977, p. 531.

<sup>216</sup> *José de Alencar*. 1894, p. 172.

<sup>217</sup> *José de Alencar*. 1894, p. 176.

como está escrito na folha de rosto de sua primeira e única edição<sup>218</sup>. O livro traz a biografia de 25 mulheres célebres da história ocidental, como Cornélia, a mãe dos Gracos, Joana D'Arc e D. Maria Joaquina Dorotéia de Seixas, a famosa Marília de Dirceu. Macedo – que dedicou boa parte de sua obra à formação e à educação das mulheres, como podemos notar pela simples menção de alguns títulos como *A moreninha*, *Rosa*, *Nina*, *Vicentina*, *A baronesa de amor*, *A namoradeira*, *A misteriosa* e *As mulheres de mantilha* – produz agora uma obra modelar para as jovens do belo sexo, repleta de grandes exemplos que podem ser seguidos sem restrições. Nesse ano o Dr. Macedinho retorna à política, com nova ascensão do Partido Liberal, eleito para a Assembléia Geral, mas vive cada vez mais recluso. No ano seguinte ele publicaria as *Memórias da rua do Ouvidor*, famosa coletânea de crônicas sobre a fisionomia da capital do Império, mas teria todos os seus bens leiloados como desenlace da letra fatal.

### ***Breve entreato: a “falsa” poesia de 1870***

Como temos acompanhado até aqui, a geração que começou a tomar vulto no final da década de sessenta e tomou de assalto a literatura brasileira na década de setenta abandonou programaticamente determinadas características da cruzada romântica sem alterar, contudo, seus predicados progressistas, antes os levando ao extremo. O industrialismo, a ênfase civilizatória e, principalmente, a confiança nas luzes da ciência estavam na pauta do dia como nunca até então, e o cientificismo que já se esboçava no plano dos romances encontrará na poesia sua morada definitiva – ainda que em um movimento isolado, em termos literários, visto que socialmente antenado à mentalidade do período, e de vida bastante curta.

Darwin, Moleschott, Büchner, Lyell, Vogt, Virchow, Comte, Mill, Spencer, Buckle, Draper e Bogehot, entre muitos outros pensadores, estão na pauta do dia. “Estes nomes”, comentaria o furioso crítico Silvio Romero:

exprimem a grande transformação das ciências da natureza, invadindo a esfera das ciências do homem. Todos sabem que a religião, a linguagem e a história, o direito, a política e a literatura são agora tratados por método bem diverso d’aquela porque o eram, há trinta anos<sup>219</sup>.

Filha unicamente do engenho humano, completamente dissociada de sua aura “sobrenatural”, divina, a poesia deveria estar em dia com os padrões de seu tempo, atrelada à grandiosidade da ciência e às suas inúmeras descobertas no século XIX, “logo espalhada aos

<sup>218</sup> SERRA, Tania. *Joaquim Manuel de Macedo ou Os dois Macedos: a luneta mágica do II Reinado*. 1994, p. 208.

<sup>219</sup> *Cantos do fim do século*. 1878, p. VI-VII.

quatro ventos pela voz dos livros, das revistas e dos jornais”<sup>220</sup>. Moderníssimo, ele mesmo tomou para si a tarefa de lançar ao público uma amostra dessa nova arte em seu volume de poemas *Cantos do fim do século*, lançado em 1878 mas apresentando composições escritas entre 69 e 73. Segundo ele:

nesta altura, sua primeira obrigação, entre nós, há de ser o completo abandono de meia dúzia de célebres questões, que não são o eterno martelar dos autores brasileiros. Por este modo, esquecer-se há de índios e de luzos para lembrar-se da humanidade; não indagar se é nacional para melhor mostrar-se humano, cumprindo-lhe o maior desprezo de quantas musas imperceptíveis, há cinquenta anos, trazem de ferro em punho a turba laureada de nosso heróis das letras!<sup>221</sup>

Dedicado à América, com uma epígrafe bastante sintomática de Thomaz Hood, “Work, work, work!”, o livro é dividido em duas partes: *A humanidade* e *A natureza*. Na primeira, Romero esquadrinha os arcanos maiores da história com o prisma cotidiano da ciência, deixando para trás uma série de idealizações “românticas” e “atrasadas” para nos legar figuras demasiadamente humanas, tal como poderiam ser compreendidas por qualquer indivíduo. Deus, o Diabo, Jesus, Maomé, o Monarca, as Cruzadas, a Religião, a Alma e a Morte, bem como personalidades históricas como Mazzini e Saladino são re-apresentadas ao público através de leituras extremamente pessoais mas, em seu juízo, completamente razoáveis e poéticas. A figura de Jesus, por exemplo, guarda muitos traços de sua habitual sacralidade, mas é traçada conforme padrões estritamente humanos:

*Era justo, sublime, – era inefável;  
Mostrava a candidez da estrela d’alva,  
Pensamento profundo como os mares  
Eternos, impassíveis, que meditam!*

*Seu nome? – Ele era um Deus! exclama Pathmos,  
Abrindo do Vidente o Apocalipse.  
– Ele era a humanidade sublimada! –  
Diz dos séculos a voz embevecida;  
De luto brada o Gólgota: – Eu o confirmo –<sup>222</sup>.*

Em *O céu*, do mesmo modo, o autor nos oferece uma visão pragmática e completamente material da dimensão tão adorada por nossos românticos idealistas, tratada agora simplesmente como a esfera física que circula a humanidade:

*Quem há aí que não deixe o pranto inútil,  
Se as centelhas da luz provam que é fútil  
A fumaça que o vento esvaece?  
Quem não gosta de ver uns seios tímidos  
De camélias, ainda tímidos  
Do orvalho que amanhece?*

<sup>220</sup> *Cantos do fim do século*. 1878, p. VII.

<sup>221</sup> *Cantos do fim do século*. 1878, p. XIV.

<sup>222</sup> *Cantos do fim do século*. 1878, p. 25.

*Do céu nos basta a abobada dourada  
 Basta o íris, chega a nuvem esmaltada;  
 Para que mais que o sol e os corações?  
 Em febre a sede santa das estrelas...  
 Todos nós queremos vê-las,  
 Ah! quimeras!... ilusões!...*<sup>223</sup>

Ao lado do abandono das idealizações celestes, meras “quimeras” e “ilusões”, o autor nos indica ainda uma percepção um tanto ousada da sensualidade humana – ao mesmo tempo índice da passagem dos tempos e ênfase pessoal por uma naturalização do humano, antes recalcada pelo romantismo e por padrões culturais, na sua opinião, avessos à natureza dos indivíduos.

Seguindo a dessacralização da poesia, condizente com o progresso da humanidade, no poema *A civilização* o autor reitera ainda, como não poderia deixar de ser, a validade da cruzada civilizatória oitocentista, mas já em outros moldes:

*Sim: o grito de guerra seja um brado  
 De apóstolo que ensina ao povo rude;  
 Muito pranto, sorvido em alegrias,  
 Não faça mais da vida um alaúde.*

*A nossa alma não chama-se proscrita,  
 Que padece do céu a nostalgia,  
 Denomina-se a crente arrebatada  
 Que dos astros o canto preludia*<sup>224</sup>.

Os intelectuais, os artistas, tal como os figuravam os românticos, conservam ainda a sabedoria de tragar as amarguras “que a sorte atroz atira-lhes na arena”<sup>225</sup>, mas não devem mais carregar o fardo da genialidade impossível e nem manter seu olhar fixo nas estrelas inalcançáveis – mas nas delícias e nos conflitos terrestres.

A segunda parte da obra, *A natureza*, mal parece ter saído da pena do irado polemista: tratando de temas estritamente bucólicos, como *A estrela*, *A nuvem*, *A flor*, *O veneno*, *O abismo*, *A camélia* ou ainda *O pampa*, o autor se entrega ao lirismo mais inusitado, como podemos notar em *O espinho*:

*A flor se enlaça em sonhos delicados,  
 E o espinho, o que faz? Sofre, soluça?  
 Não! Quem guarda uma bela adormecida,  
 Escuta-lhe o ressonar efluvioso,  
 Tendo em paga o perfume de seu colo,  
 E o orvalhoso suor de seu corpinho, –  
 Pode sofrer, chorar? Fora loucura!*

<sup>223</sup> *Cantos do fim do século*. 1878, p. 64-65.

<sup>224</sup> *Cantos do fim do século*. 1878, p. 102.

<sup>225</sup> *Cantos do fim do século*. 1878, p. 100.

*Espreitar tanto encanto concentrado  
N'um botão se entreabrindo, e, ainda demente,  
Dizer: "a vida é negra, só de lágrimas  
Me nutro..." Oh! isso fora em olhos vividos  
De uma criança ler a morte!*<sup>226</sup>

Cantando a grandiosidade da terra ou a imensidão do mar, as composições de Romero guardam descrições de uma doçura inacreditável, como nos versos iniciais dos poemas *A manhã* e *A nuvem*:

*Mas eis chega a manhã... tudo radia  
As idéias se alargam mais ainda  
Para prender nas fibras transparentes  
A sorte, a vida, o mundo, a glória infinda*<sup>227</sup>

*Oh! como o céu está lindo  
Trajado de ouro e de azul  
Como oscula a flor sorrindo  
Lânguida em aragem do sul!*<sup>228</sup>

Como comentaria mais tarde o próprio Romero, “em cada um dos temas idealizados nos *Cantos do fim do século* disfarçamos simbolicamente a idéia científica sob as roupagens do lirismo”<sup>229</sup>.

A ciência é toda grave; sem método deve ser o jogo de princípios incontestáveis; a *prosa* é sua natural expressão, prova severa como as correções que saber ter as idéias claramente definidas numa cabeça de sábio. Nada pode emprestar à arte, além da grande intuição do mundo e da humanidade. E é quanto a ela basta para alçar o vôo, despreocupada e fecunda.

O poeta deve ter as grandes idéias que a ciência de hoje certifica em suas eminências; não para ensinar geografia ou lingüística, pré-história ou matemática; mas para elevar o belo com os lampejos da verdade, para ter a certeza dos problemas, além das miragens da ilusão<sup>230</sup>.

Esse apelo à ciência, ou melhor dizendo, esse diálogo necessário com a ciência, exigido pelas contingências do período, não deveria se deixar corromper pelo pedantismo, não deveria se entregar à didática – a poesia deveria ser riso e delírio, não deveria jamais “despir sua roupagem de encantos, deixar aquele ar de gracejos que parecem sair dos lábios de uma deusa”<sup>231</sup>.

Romero não desejava encabeçar qualquer movimento nem lançar as diretrizes de uma nova estética, apenas oferecer uma humilde contribuição às tendências de seu tempo – mas em 1881 o escritor Isidoro Martins Júnior lançaria “um ensaio de poesia moderna”, ou, mais

<sup>226</sup> *Cantos do fim do século*. 1878, p. 158-59.

<sup>227</sup> *Cantos do fim do século*. 1878, p. 208.

<sup>228</sup> *Cantos do fim do século*. 1878, p. 139.

<sup>229</sup> *História da literatura brasileira – tomo quinto: diversas manifestações na prosa, reações anti-românticas na poesia*. 1960, p. 1666.

<sup>230</sup> *Cantos do fim do século*. 1878, p. XXII.

<sup>231</sup> *Cantos do fim do século*. 1878, p. XXII.

propriamente, como ele mesmo reconsideraria, “um ensaio de poesia científica”<sup>232</sup>. Inegavelmente influenciado por Silvio Romero, bem como pelas tendências do período, seu volume de poesias também integrará às belas letras todo o vocabulário científico em voga no período – com matizes ainda mais poéticos do que os de seu êmulo. “A arte de hoje”, comentaria ele:

se quiser ser digna do seu tempo, digna do século que deu ao mundo a última das seis ciências fundamentais da classificação positiva, deve ir procurar as suas fontes de inspiração na Ciência; isto é: na generalização filosófica estabelecida por Auguste Comte sobre aqueles seis troncos principais de todo o conhecimento humano<sup>233</sup>.

O volume se inicia com a aparição da *Poesia*, a mágica sereia do mar do coração e do sentimento:

*Ela me apareceu correta e flamejante:*

*Vestia simplesmente a túnica vibrante  
Das austeras Judites, das rubras heroínas,  
Que nas mãos ideais, nervosas, pequeninas,  
Empunhavam outrora as lanças e as espadas*

*Tinha: – No largo olhar cintilações iriadas;  
Sobre a régia cabeça uma abundante coma  
Anegrada: da cor das saturnais de Roma.*

*Um rebelde barrete, ereto, escarlate,  
Dava-lhe à testa grega uns longes de rebate  
Surgiu em minha frente à hora do crepúsculo:  
Quando a Terra põe luto e o Sol é como um músculo  
Cortado, à ensangüentar o mármore do espaço.*

*Trazia em seu perfil, de uma pureza de aço,  
Os traços marciais, profundos, puritanos,  
Que há nos bustos senis dos deuses espartanos  
E nas telas pagãs, onde se encontram atletas  
Brandindo herculeamente envenenadas setas*

*Era uma alta mulher serena e gloriosa  
Como essas criações da idade esplendorosa,  
Artística, imortal, chamada Renascença,  
As quais tinham vigor e uma bondade imensa  
Nas linhas sensuais, nítidas, varonis.*

*Havia em toda ela a frescura do liz.  
E a forte majestade atlética do mar.*

*Na púrpura do lábio andava-lhe à pairar,  
Como um astro no azul, o beijo cor dos sois  
Que serve para estrelar a testa dos heróis.*

*E quando me avistou curvado e pensativo,  
De pé, no negro chão, como um derviche esquivo,  
Ou como um menestrel sombrio e lacrimoso...*

<sup>232</sup> *Visões de hoje*. 1886, p. 09.

<sup>233</sup> *Visões de hoje*. 1886, p. 09-10.

*Ela veio para mim num passo harmonioso  
Cheio de intrepidez, como o passo da História*<sup>234</sup>.

Tal como prefiguravam os poetas do romantismo, Martins Júnior seria invocado pela própria *Poesia* à lutar pelo progresso da pátria, com uma verve inaudita em seu tempo. Após a aparição da musa, o vate sucumbiria à uma estranha vertigem e seria acometido por quatro visões, por quatro *sínteses*, onde observaria, como em um extenso painel, a história da ciência, da política, da religião e da arte, de seus primórdios obscuros à hora atual, coordenadas pelas leis inexoráveis da evolução. Diante destes panoramas, os contendores de seu tempo deveriam compor estrofes-bisturis capazes de “anatomizar o cadáver do Mal”, guiados pelas concepções de uma época em que a *Ciência* seria mais serena que Jesus... Sua descrição do quadro de degradação do país, sob os augúrios de um “*clown* mascarado a papos de tucano”, evidentemente o Imperador D. Pedro II, guarda, apesar da distância temporal, as mesmas cores indicadas por Macedo:

*Não há mais pundonor na tua gente. O ouro  
Desposta como um rei, possante como um touro,  
Está feito o talismã com que se vence tudo,  
Com que se compra a seda, as rendas, o veludo,  
E compram-se também crenças, convicções,  
Sentimentos, ideais: o luxo e os corações!*<sup>235</sup>

Inebriado pelo entusiasmo da geração de 60, senão pelo natural entusiasmo típico à juventude, Martins Júnior nos lega com *As visões de hoje* um último manifesto literário em prol da civilização do país em seu período. Como veremos, um desespero inúmeras vezes mais “doentio” que o *spleen* de Álvares de Azevedo se abaterá sobre nossos patrícios durante a década de 80.

### ***Os novos rumos da literatura brasileira***

A década de 80 comprovou que a história não passava de uma grande loureira<sup>236</sup>, como comentaria Machado de Assis nas *Memórias póstumas de Brás Cubas* – tanto social quanto literariamente.

Existencialmente, encontraremos neste período a realização plena das transformações sociais apregoadas pela cruzada civilizatória oitocentista mas nos depararemos também com sua desagregação formal. Atrelada por nossos românticos à divindade imperial, ela passara no

<sup>234</sup> *Visões de hoje*. 1886, p. 23-25.

<sup>235</sup> *Visões de hoje*. 1886, p. 43.

<sup>236</sup> *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 1997, p. 21.

final da década de 60 a tomar feições republicanas sem quaisquer críticas à seus imperativos morais, isto é, à instauração do amor filial, à defesa do sexo feminino e ao elogio do casamento e da maternidade, à civilização dos costumes brasileiros, enfim, e na véspera da queda do trono, quando podemos identificar a completa normatividade de todas estas transformações, nem mesmo suas feições republicanas importarão mais – pois a própria crença na civilização do país passará a ser contestada. Com o desmoronar do Império, desejado por tantos, desmoronará também o impulso conjunto pelo progresso do país.

Literariamente, o realismo que se esboçara na década de setenta alcançará sua autonomia, à revelia de críticos como Silvio Romero que abjuram os traços literários do momento. Diferentemente dos românticos, que em grande medida colocaram as armas do classicismo à favor de sua corrente literária, os realistas passaram a criticar ferozmente os males “herdados” do romantismo, sem questionar as prerrogativas sociais dele herdadas, antes as reiterando em bloco – no entanto, sem quaisquer dimensões programáticas. A literatura, que tomara para si a tarefa de civilizar o país, abandonará em grande medida suas atribuições sociais para se ater, estritamente, aos domínios da arte.

“Os escritores de idéias são redatores de catálogos, não são artistas”<sup>237</sup>, diria Raul Pompéia, um dos avatares da nova era: “todo o problema de moralidade é estranho à arte. Toda a utilidade social é alheia ao fim da composição”<sup>238</sup>. Muitos naturalistas darão seguimento à cruzada civilizatória da literatura, especialmente Aluísio Azevedo, mas os problemas sociais serão deixados de lado, em grande medida, pelo grupo que formará a Academia Brasileira de Letras, com Machado de Assis à sua frente – para nada dizermos acerca das hostes parnasianas. Olavo Bilac, um de seus mestres, será tomado no século XX por uma verve patriótica inaudita, rompendo com os princípios da “arte pela arte” – um caso isolado, no entanto.

Para além das transformações da mentalidade do período, ou antes sobre elas influenciando, as novas feições do romance realista não guardavam mais espaço para narrativas moralizantes. A descrição de *O Ateneu*, publicado por Raul Pompéia em 1888, destaca todas as características da nova estética:

o romance é vazado em moldes inteiramente modernos, sem intriga, de pura observação e fina crítica, passando pelas escabrosidades com a delicadeza e o fino trato de um artista de raça, acentuando os ridículos com a nitidez de uma fotografia<sup>239</sup>.

<sup>237</sup> Citado por Eloy Pontes. *A vida inquieta de Raul Pompéia*. 1935, p. 219.

<sup>238</sup> Citado por Eloy Pontes. *A vida inquieta de Raul Pompéia*. 1935, p. 327.

<sup>239</sup> Citado por Eloy Pontes. *A vida inquieta de Raul Pompéia*. 1935, p. 190.

Como comentaria Eloy Pontes: “o romance abandonava a indumentária espetaculosa, as invencionices sentimentais, as arquiteturas cenográficas, para se ater às realidades, que o espírito de análise, a observação direta e as experiências dos laboratórios sugeriam”<sup>240</sup>. Ao invés de abordar problemas sociais ou mesmo pessoais mais gerais, *solúveis*, limitados ao momento histórico das personagens, o romance realista passará a abordar questões existenciais individuais mais profundas – como a dúvida, no caso do célebre *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, ou como o preconceito racial, tratado com esmero nas páginas de *O mulato*, de Aluísio Azevedo. As personagens realistas, por assim dizer, deixarão de ser o centro do universo, tal como nas narrativas românticas: o mundo nunca deixará de girar por conta de suas ausências, mesmo porque elas representam uma parte mínima, ainda que extremamente significativa, da realidade. Elas não serão mais as “rainhas” dos salões ou os mancebos mais honrados do Rio de Janeiro: integrarão o cotidiano banal que compõem a totalidade de uma sociedade qualquer – *sendo por isso apreciáveis literariamente, justamente por conta de suas individualidades completamente palpáveis, mundanas*. As tramas se encerrarão unicamente sobre seus semblantes: ao passo que Macedo e Alencar, entre outros, revelavam aos leitores os destinos de todas as personagens de suas histórias, aos realistas será indiferente o desenrolar das trajetórias das personagens “acessórias”.

A percepção da existência própria ao período nos oferece um interessante índice de distinção entre as duas estéticas. Nossos primeiros literatos reconheciam que diversos males sociais rondavam o país e que inúmeras agruras aguardavam todos os indivíduos, mas julgavam que o Brasil estava no rumo da civilização e que a vida era um valor supremo – senão neste, em um outro plano, muito mais promissor e glorioso. Ao se encontrar com Pandora, a personificação da Natureza, o personagem Brás Cubas, de Machado de Assis, descobriu que após a morte lhe esperava apenas a “voluptuosidade do nada”<sup>241</sup>, e no romance *Quincas Borba* o escritor menciona, com certo pesar, que a vida “compõem-se rigorosamente de quatro ou cinco situações, que as circunstâncias variam e multiplicam aos olhos”<sup>242</sup>.

Abandonando as “tendências hereditárias do homem para o país do maravilhoso”<sup>243</sup>, nossos literatos passam a ver o século dezenove – período de intensas revoluções e do progresso civilizatório mais promissor – como um “século de tremendas catástrofes e de uma

<sup>240</sup> *A vida inquieta de Raul Pompéia*. 1935, p. 09.

<sup>241</sup> *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 1997, p. 30.

<sup>242</sup> *Quincas Borba*. 1997, p. 163.

<sup>243</sup> CARVALHO, Horácio de. *O cromo*. 1888, p. 130.

nevrose geral”<sup>244</sup> – estarecidos agora com a inexorável passagem do tempo e com o absurdo do *nada*.

É certo que Machado de Assis já abrisse seu romance de estréia, *Ressurreição*, com uma reflexão bastante funesta sobre a passagem do tempo<sup>245</sup>, mas em 1872 suas notas dissonavam do espírito da época e não haviam ainda adquirido a mordacidade de seus romances “maduros”. Objetivo e irrevogável, o tempo se instaura com uma intensidade avassaladora e a atualidade assume foros cada vez mais precisos e cortantes. Assim como o romance de Machado, *O Ateneu* de Raul Pompéia também exhibe em sua primeira página algumas considerações sobre o tempo:

Eufemismo, os felizes tempos, eufemismo apenas, igual aos outros que nos alimentam, a saudade dos dias que correram como melhores. Bem considerando, a atualidade é a mesma em todas as datas. Feita a compensação dos desejos que variam, das aspirações que se transformam, alentadas perpetuamente do mesmo ardor, sobre a mesma base fantástica de esperança, a atualidade é uma. Sob a coloração cambiante das horas, um pouco de ouro mais pela manhã, um pouco mais de púrpura ao crepúsculo – a paisagem é a mesma de cada lado beirando a estrada da vida<sup>246</sup>.

*O cromo*, de Horácio de Carvalho, possivelmente o romance mais equilibrado da década, publicado em 1888, registra com precisão o impacto do *nada* sobre nossos patrícios tomando como esteio as reflexões do Dr. Lins Teixeira - “folha sem alma no rio da existência”<sup>247</sup>. Amante inebriado da ciência e ilustrado como poucos, o Dr. Teixeira compreendia que os sofrimentos espirituais cresciam “na razão direta da complexidade e aperfeiçoamento dos organismos”<sup>248</sup> e que “o nada das grandes coisas”, o “valor constantemente, absolutamente relativo de tudo”<sup>249</sup>, não lhe permitia qualquer vôo metafísico, restando-lhe apenas o tédio da existência, a “nostalgia do *Nada* que nos precedeu, ou essa aspiração budica, pessimística do *Nirvana*, do mesmo *Nada* que nos vai suceder”<sup>250</sup>.

A história da vida no planeta, em todos os planetas do espaço, seria eternamente isto: – antes a eternidade inconsciente, o *nada*, a matéria bruta em suas transformações constantes; no meio um pedacinho de consciência (a vida), a brilhar na escuridão de uma noite sem aurora, como o lapso de luz de errante vaga-lume; depois... depois ainda o *nada*, a eterna INCONSCIÊNCIA para todo o sempre! E lá se ia a imaginária imortalidade da alma, outro edifício humano em que se trabalhara com afincos depois da vinda de Platão, edifício modernamente derrocado pelo escalpelo da Fisiologia, que invadiu triunfante os velhos domínios teológicos. E lá se ia Deus com toda a sua

<sup>244</sup> CARVALHO, Horácio de. *O cromo*. 1888, p. 99.

<sup>245</sup> Discutindo o primeiro dia do ano, Machado diz: “aqueles para quem a idade já desfez o viço dos primeiros tempos, não se terão esquecido do fervor com que esse dia é saudado na meninice e na adolescência. Tudo nos parece melhor e mais belo – fruto da nossa ilusão –, e alegres com vermos o ano que desponta, não reparamos que ele é também um passo para a morte”. *Ressurreição*, 1938, p. 09.

<sup>246</sup> *O Ateneu*. 1997, p. 11.

<sup>247</sup> *O cromo*. 1888, p. 55.

<sup>248</sup> *O cromo*. 1888, p. 199.

<sup>249</sup> *O cromo*. 1888, p. 121.

<sup>250</sup> *O cromo*. 1888, p. 56.

majestade nunca vista, com todos os seus atributos incompatíveis, com toda a sua glória inimitável<sup>251</sup>.

Materialista convicto e adepto do naturalismo, ainda que um de seus representantes mais comedidos, Horácio de Carvalho atrelava a falta de sentido da vida à natureza estritamente animal e biológica dos homens: “O homem, enquanto tiver um sistema-nervoso, há de ser sempre um animal, sempre! sempre! – igual ao porco, igual ao cavalo, seja ele o último dos ignorantes ou o maior dos sábios”<sup>252</sup>.

Porque fizeste as tuas cidades, as tuas bibliotecas, as tuas torres, as estradas de ferro, o telegrafo, o telefone; porque vais dominar o mundo com a descoberta da direção do aeróstato, conquistando mais terreno à Natureza, descobrindo-lhe mais segredos; porque criastes as matemáticas, a astronomia, a física, a química, a biologia, a sociologia e a moral; porque fizeste uma literatura, porque criaste uma Arte – crês tu, vil animal, que o teu espírito, conjunto das funções de teu cérebro, possa ser imortal, viver separado dele, no tempo e no espaço!? Olha para os teus irmãos, para todos os outros animais! são como tu, vivem como tu, sentem, pensam, gozam, sofrem, morrem como tu!... Para eles um termo final – para ti não admities um termo<sup>253</sup>!

A consciência da realidade adquirida com a passagem dos tempos e com o progresso das ciências concedia à época uma imagem bastante criteriosa da existência humana, exuberante e complexa e como nunca, mas completamente circunscrita à si mesma, isso é, sem quaisquer possibilidades de transcendência. Outra personagem de *O cromo*, a radical Esther, ilustrada aluna do Dr. Teixeira, também compreendia que as potencialidades do humano se restringiam à suas dimensões propriamente físicas e biológicas – ou, de um modo mais direto, “o que via no homem era a sua escravidão completa, a sua absoluta passividade à Natureza”<sup>254</sup>.

– Então! Onde estava essa liberdade do homem? esse livre-arbítrio? Porque não se lembrava do que queria? Então era liberdade preferir entre duas cousas a que mais lhe agradava? Não havia nisso uma escravidão dos sentidos à maneira simpática com as nossas vísceras ou a nossa intelectualidade escolhia *instintivamente* as coisas de que precisava? Nesses casos não seria o *motivo*, que determinava as preferências, uma força superior à *Vontade* e portanto de que a *Vontade* dependia? E se a *Vontade* dependia, onde estava a sua liberdade<sup>255</sup>?

As *Canções sem metro*, de Raul Pompéia, registram com esmero a *negatividade* que se abatera sobre o período. Escritas entre 1883 e 1895, mas publicadas unicamente em volume após a morte do escritor, suas canções em prosa invadem os domínios mais obscuros da existência humana e nos indicam um niilismo simplesmente inimaginável pelos escritores que o sucederam – especialmente se levarmos em conta a obra de escritores como Macedo e Alencar. Avalie desde já o leitor nossas impressões pelo *prólogo* da composição:

<sup>251</sup> *O cromo*. 1888, p. 123.

<sup>252</sup> *O cromo*. 1888, p. 408.

<sup>253</sup> *O cromo*. 1888, p. 416.

<sup>254</sup> *O cromo*. 1888, p. 291.

<sup>255</sup> *O cromo*. 1888, p. 290.

*Viver, viver! Vibra o abismo etéreo, a música das esferas; vibra a convulsão do verme, no segredo subterrâneo dos túmulos. Vive a luz, vive o perfume, vive o som, vive a putrefação. Vivem à semelhança os ânimos.*

*A harpa do sentimento canta no peito, ora o entusiasmo, um hino, ora o adágio oscilante da cisma. A cada nota, uma cor, tal qual nas vibrações da luz. O conjunto é a sinfonia das paixões. Eleva-se a gradação cromática até à suprema intensidade rutilante; baixa à profunda e escura vibração das elegias.*

*Sonoridade, colorido: eis o sentimento.*

*Daí o simbolismo popular das cores*<sup>256</sup>.

Alma eternamente atormentada, certamente um neurastênico, que no dizer de Eloy Pontes “só sentia bem no fogo das lutas”<sup>257</sup>, sempre inconformado com a tranqüilidade das aulas, Raul Pompéia inverte completamente o “simbolismo popular das cores” com um pessimismo espiritual assustador:

#### VERDE, ESPERANÇA

*A impetuosa alegria da terra, à passagem de Flora, a primavera verde, compromisso maternal do outono e da opulência.*

*Náufragos no mar!*

*Sem pão, sem rumo. Em roda, o gume afiado do horizonte, a reverberação do sol nas águas e o silêncio solene das calmarias. A vela do barco, flácida, pendente – imagem do abatimento. Ligeira viração, depois; denso nevoeiro... quatro dias! sudário de brumas que envolve o barco elimina o Céu. Não acabar, assim, amortalhados na bruma. Um ramo, apenas, sobre as águas, um ramo cor da esperança. Salvos! Adivinha-se o continente salvador, através da névoa e o panorama verde das florestas*<sup>258</sup>.

Precisos e cortantes, os belíssimos cromos que compõem o volume traçam um panorama lúgubre da existência em que a vida nada oferece de positivo aos seres humanos. Em harmonia com os estados espirituais dos indivíduos, as cores, as estações e as instituições sociais apenas representam seus aspectos mais tristes e sombrios, relegando o homem à solidão mais angustiante – apartado dos seus e de qualquer esperança de salvação, como nos indica a fria composição *Rumor e silêncio*:

*Ouvis, lá embaixo o rumor da cidade, a grita dos homens, o estridor dos carros, o tropel dos ginetes, o fragor das indústrias? Ouvis da outra banda a voz do arvoredo, os pássaros saudando a tarde, o vento angustiando a harpa eólica das frondes? Ouvis esse clamor ingente que as ondas mandam? É a sinfonia da vida!*

*Diz-se, então, que o silêncio é a morte.*

*Multiplicai esses rumores. Agravai o tumulto industrial dos homens na paz com as perturbações estrepitosas da guerra; refoçai as vozes da floresta e do mar; juntai-lhes a solene toada das catadupas, o pungente mugir dos oceanos, lanceados pelo temporal, as explosões elétricas do raio, a crepitação fragorosa dos gelos derrocados pelo primeiro sopro da primavera polar, o garganteio monstruoso dos vulcões inflamados; fazei rugir o coro das catástrofes humanas e dos cataclismas geológicos.*

<sup>256</sup> *Canções sem metro*. 1964, p. 112.

<sup>257</sup> *A vida inquieta de Raul Pompéia*. 1935, p. 103.

<sup>258</sup> *Canções sem metro*. 1964, p. 112-13.

*Dizei, depois, onde mais intensa é a vida e maior o assombro, se embaixo ou lá em cima, no zimbório diáfano que a noite vai conquistando agora, na savana imensa onde transita a migração dos dias e viajam as estrelas, onde os meteoros vivem, onde os cometas se cruzam como espadas fantásticas de arcanjos em guerra – na mansão dos astros e do sagrado silêncio do infinito<sup>259</sup>?*

Raul Pompéia foi sem dúvida um indivíduo trágico, que em termos conscientes abjurava completamente todos os valores do romantismo. Inadvertidamente, e talvez isso imprima sobre sua face a sombra da tragédia, o autor foi no realismo uma figura mais romântica do que boa parte de nossos românticos. Impulsivo, introspectivo e em combate declarado contra tudo e todos, Pompéia ponteou toda sua obra com a desesperança mais negra do coração humano, invertendo boa parte dos predicados aceitos até então e nos indicando uma ruptura definitiva com as luzes risonhas do passado. Praticamente todos os seus contos são permeados pela tragédia mais acerba, assim como seu romance de estréia, *Uma tragédia no Amazonas*, escrito quando o autor tinha apenas quinze anos – período em que já lia Buckner e Spencer, traduzindo *A origem das espécies* do original. Segundo Capistrano de Abreu:

o talento de Raul Pompéia é ultra-trágico. Não há uma só pessoa que não morra na *Tragédia*. Por que? Disse-me um seu companheiro que para demonstrar que não há Providência. Disse-me ele que por ser a morte a única coisa séria da vida. Escolham o que quiserem. O certo é que, até pouco tempo, não havia um conto seu, mesmo microscópico, em que não morresse alguém. Agora ele contenta-se em mutilar ou desfigurar os personagens. Já é um progresso. Além de correccionalmente trágico, Pompéia é refratário ao cômico. Já lhe viram alguma página espirituosa? Sabem algum dito engraçado seu? Lembram-se de alguma gargalhada sua, franca e gostosa? Por minha parte, respondo: Não – a todos os quesitos. Na sua concepção de romance, ainda há resquício de *romanchalhão*. Ainda há roubos, assassinatos e *coups de main*. O deus ex-machina põem de vez em quando a calva à mostra<sup>260</sup>.

Eloy Pontes, provavelmente seu maior biógrafo, julgava Raul Pompéia um perfeito neurastênico, vítima de seu próprio talento: o escritor sempre teve enormes dificuldades para se relacionar com as pessoas, especialmente do sexo feminino, e um orgulho acima de todas as provas. Rompeu uma longa amizade com Capistrano de Abreu porque este perdeu os originais de um artigo que se encarregara de publicar. Com o tempo sua “insociabilidade” se agravou, alcançando seu *zenith* durante o advento da república, quando a política tomou o lugar da literatura em seu coração: participou da fundação do Partido Republicano Nacional, compondo seu programa e redigindo um manifesto inflamado, e se bateu em duelo com Olavo Bilac por adversidades políticas. A política, terra de ninguém em nosso país, como Macedo e Alencar já haviam percebido, nunca foi uma atividade fácil, e as afrontas vinham de todas as partes. Florianista radical, Pompéia foi atacado violentamente por seu amigo Luiz Murat, o que destruiu completamente seu espírito. Deu início à publicação de uma série de artigos de

<sup>259</sup> *Canções sem metro*. 1964, p. 134-35.

<sup>260</sup> Citado por Eloy Pontes. *A vida inquieta de Raul Pompéia*. 1935, p. 44-45.

crítica literária no jornal *A notícia*, não assinados justamente por temer eventuais “críticas”, mas por algum motivo qualquer o periódico atrasou a publicação do segundo artigo, o que ele interpretou como mais uma afronta, uma afronta mortal. No dia de natal de 1895 ele buscou na morte um alívio para sua consciência. A descrição de seu suicídio é de um colorido e de uma intensidade que merece ser aqui reproduzida:

Ergueu-se. Foi à mesa. Garatujou estas linhas, rápidas e incisivas: “‘*À Notícia*’ e ao Brasil declaro que sou um homem de honra”. Pôs o nome no fim, nervosamente, datando-as. Depois, estendendo-se, de novo, na *chaise longue*, varou o coração com uma bala. Ao estampido a irmã Alice, que tinha acompanhado os passos do enfermo, sentira, de longe, a desgraça. Partiu aos gritos, pela casa, para cair à porta, abatida por uma crise de nervos. D. Rosa correu aos aposentos do filho, a tempo de ampará-lo. Do pequeno orifício no peito o sangue esguichava contra a parede próxima. Raul Pompéia disse ainda: “*Vá ver a Alice*”. Depois quis água. D. Rosa pretendeu dar-lhe leite em pequenas colheradas. Ele, porém, não se movia. Era cadáver<sup>261</sup>.

É certo que nossos românticos, notadamente Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias, como observamos com maior minúcia, não tinham o mundo na mais alta conta – para nada dizermos acerca da geração byroniana. “Basta a mais rápida vista d’olhos lançada sobre o mundo”, comentara Macedo, “para tornar transparente o extenso quadro da miséria humana<sup>262</sup>”. Na longa composição *Os mistérios*, Magalhães se refere ao mundo como um vasto cemitério “consagrado à morte”<sup>263</sup> e admite a fugacidade da existência, farta de dores e balda de bens – “se a fé não vem dourá-la”<sup>264</sup>. Fazendo coro com Magalhães, no poema *Espera* Gonçalves Dias também enumera os pesares da existência, apontando do mesmo modo a figura de Deus como um bote de salvação suprema cuja garantia residia justamente na amplitude dos tormentos vivenciados:

*Quem há no mundo que aflições não passe,  
Que dores não suporte?  
Mais ou menos d’angustias cabe a todos,  
A todos cabe a morte.*

*A vida é um fio negro d’amarguras  
E de longo sofrer:  
Semelha a noite; mas fagueiros sonhos  
Pode de noite haver.*

*Porque então maldiremos este mundo  
E a vida que vivemos,  
Se nos tornamos do Senhor mais dignos,  
Quanto mais dor sofreremos<sup>265</sup>?*

<sup>261</sup> *A vida inquieta de Raul Pompéia*. 1935, p. 287.

<sup>262</sup> *Considerações sobre a nostalgia*. 1844, p. 04.

<sup>263</sup> *Cantos fúnebres*. 1864, p. 56.

<sup>264</sup> *Cantos fúnebres*. 1864, p. 40.

<sup>265</sup> *Poesias*. 1926, vol. I, p. 262.

Os literatos da década de 80, por sua vez, intensificando o desencantamento do mundo prefigurado por Silvio Romero nos *Cantos do fim do século*, tomados por uma melancolia doentia que faria o *spleen* de Álvares de Azevedo parecer um sentimento à toa, não acreditam em qualquer via de salvação e indicam o mesmo abandono espiritual mencionado por Raul Pompéia – demarcado com esmero na composição *A flor da decadência*, de Fontoura Xavier:

*Sou como o guardião dos tempos do mosteiro!  
Na tumular mudez dum povo que descansa,  
As criações do Sonho, os fetos da Esperança  
Repousam no meu seio o sono derradeiro.*

*De quando em vez eu ouço os dobres do sineiro:  
É mais uma ilusão, um féretro que avança...  
Dizem-me – Deus... Jesus... outra palavra mansa,  
Depois um som cavado – a enxada do coveiro!*

*Minh'alma, como o monge à sombra das clausuras,  
Passa na solidão do pó das sepulturas  
A desfilar a dor no pranto da demência.*

*– E é de cogitar insano nessas coisas,  
É da supuração medonha dessas lousas  
Que medra em nós o tédio – a flor da decadência<sup>266</sup>!*

Esse desespero que rondava os literatos do período está ligado à ruína do processo civilizatório idealizado pela geração entusiasta que se levantou com D. Pedro II e à percepção cada vez mais crítica dos problemas sociais brasileiros – antenados, de qualquer modo, à crise espiritual que se abateu praticamente sobre todo o ocidente no final do século XIX. O processo civilizatório posto em marcha com a chegada de D. João VI, no plano da construção da sensibilidade brasileira, não cessará sua marcha por conta desse descrédito pela vida, mas a crença na prosperidade do país será profundamente influenciada por esse niilismo.

Antonio Arnoni Prado notou que a idéia de pátria “atravessou incólume o desmoronar do Segundo Reinado”<sup>267</sup>, sem atentar contudo as dimensões simbólicas que passaram a revesti-la. Se tanto monarquistas quanto republicanos adoravam sua pátria com o mesmo fervor e se dedicavam a ela, sem restrições, todos os seus esforços, tinham diante de si horizontes diferentes. Como comentará Eloy Pontes, “à partir de 1889 caímos numa espécie de marasmo precoce, imposto pelas razouras da democracia”<sup>268</sup>. A República brasileira não conseguiu, como a Monarquia o fizera, atrelar seus ideais à um esforço conjunto pelo progresso da nação. Se a população brasileira tivesse de crer em alguma instituição,

<sup>266</sup> Citado por Silvio Romero. *História da literatura brasileira – tomo quinto: diversas manifestações na prosa, reações anti-românticas na poesia*. 1960, p. 1669.

<sup>267</sup> *Nacionalismo literário e cosmopolitismo*. 1994, p. 599.

<sup>268</sup> *A vida inquieta de Raul Pompéia*. 1935, p. 10.

comentaria Oliveira Vianna, “esta seria a Monarquia, ou antes, o Monarca, o Imperador, entidade feita de carne e osso”<sup>269</sup>, que ela sabia estar vivo e presente na corte. Quanto à intelectualidade, classe talvez mais decisiva nesse processo, muitos daqueles que pelejaram pelo advento da República ingressaram às hostes monarquistas após 1889 – como Afonso Celso, talvez o mais emblemático de todos.

Certo, o sentimento da fé nas antigas instituições havia desaparecido – e Nabuco bem o frisou quando disse uma vez que, nos últimos anos do Império, havia mais coragem em se dizer alguém monarquista do que em ser republicano. Mas é certo também que o sentimento republicano não estava de modo algum generalizado na consciência das elites – e, muito menos, na consciência das massas<sup>270</sup>.

Devemos notar, contudo, que esse desespero não se abateu sobre a população brasileira de um modo geral, visto que muitos ainda levarão adiante os impulsos patrióticos de Magalhães e companhia. O que podemos observar, sumariamente, é uma divisão de estados de ânimo até então inexistente. *Todos os românticos acreditavam no progresso no Brasil* – mas à partir deste período nossos intelectuais passam a conviver em campos distintos, divididos entre entusiastas e niilistas. *Canaã*, de Graça Aranha, *Os sertões*, de Euclides da Cunha, e *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, registram um descrédito imenso pelo progresso do país, mas fazem par ao romance *Porque me ufano de meu país*, de Afonso Celso, e à parceria patriótica de Olavo Bilac e Coelho Neto, que nos legaram obras como *A terra fluminense*, *Contos pátrios* e *A pátria brasileira*.

Deixemos de lado esta discussão mais ampla acerca da cruzada civilizatória brasileira e da sensibilidade de nossos patrícios, que deve ser levada à cabo em um estudo próprio, e voltemos às características mais específicas da estética realista. Talvez as representações femininas legadas pelos escritores do período nos ofereçam o índice mais significativo da transição entre as duas estéticas e das mentalidades que as acompanhavam: literalmente do céu à lama. Com os impasses literários da década de setenta a figura feminina sofrera certas revoluções mas ainda resistira impávida. Macedo e Alencar passaram a observar suas personagens femininas de modo mais severo e a exhibir mulheres mais decididas e inteligentes, como a baroneza de Amor e a célebre Aurélia Camargo, mas ainda resguardando a imagem imaculada dos primórdios do romantismo para a maior parte das representantes do gênero. Machado de Assis e Aluísio Azevedo, os maiores representantes da nova estética, nos apresentarão mulheres mais fortes e mesmo maquiavélicas, em diversos sentidos superiores aos seus conjugues.

<sup>269</sup> *O ocaso do Império*. 1959, p. 100.

<sup>270</sup> VIANNA, Oliveira. *O ocaso do Império*. 1959, p. 99.

Se em seus primeiros romances Machado nos apresentara perfis femininos bastante românticos ao lado de mulheres mais maduras, indicando já uma maior complexidade de personalidades, seus romances realistas só nos apresentarão mulheres impávidas e dominadoras – cuja palma da vitória cabe à Capitu, sem sombra de dúvidas, sem desmerecer no entanto os perfis de Sofia Palha e das diversas “amadas” de Brás Cubas. Mais condescendente, ou menos ressentido que o bruxo de Cosme Velho, Azevedo ainda demarcará certas oposições entre suas personalidades femininas – cabendo destaque, apesar de tudo, às *femme-fatalles*, eminentemente à pérfida condessa Vésper e à desvairada Filomena Borges. Raul Pompéia nos apresentará mulheres muito parecidas com as pintadas por Machado, criaturas extremamente fortes – opiniões oriundas, segundo Eloy Pontes, de decepções, contrariedades e desgostos, argumentação que inclusive permite ao crítico defender a “masculinidade” do escritor, muitas vezes até então posta em cheque... Em suas anotações íntimas encontramos os seguintes “elogios”:

A mulher é uma criatura inferior. Faltam-lhe todas as qualidades, que constituem a nobreza humana. Sua prática são os seus ódios, a inteligência é curta e incapaz, as paixões são violentas, mas efêmeras e disparatadas. Prefere bestialmente a força à graça. Falta-lhe absolutamente o instinto artístico; o seu amor é apetite material; quando se deprava deixa a perder de vista a depravação dos homens; é cruel; não conhece senão vaidade; é religiosa por covardia ou loucura. Não tem talento, não tem gosto, não tem coração, não tem dignidade. O seu pudor é uma *coquetterie* e uma esperteza. Deseja o homem como a mãozinha de marfim acabada de baleia, que por aí há, para matar comichões. A comichão é a sua alma. Se não fossem o amor do homem e a maternidade a mulher seria uma aberração.

Pelo menos a maternidade, tão sagrada (e talvez unicamente por ser tão sagrada), sobreviveu ao bombardeio... Mas como se tanto “veneno” não bastasse, ele ainda arremata suas reflexões com uma injúria cruel: “por isso nada pior neste mundo do que uma velha”<sup>271</sup>. No conto *A tona d’água*, de 1882, o escritor nos apresentará uma jovem simplesmente inimaginável na prosa de Macedo ou Alencar, a apaixonada Rosália que não só abandonou a família para fugir com seu amante como ainda vibrou com o final trágico de sua odisséia particular, à bordo de uma singela barcarola:

Pela segunda vez depara com o ferro; mas agora com atenção. Aquele aço não brilha, entretanto cai sobre ele o luar. A jovem estende languidamente a mão e o segura. Violento palpita-lhe o coração.

Pressentimento... Ela fita profundamente o semblante amoroso do companheiro e murmura:

– Sangue?!...

O mancebo faz um movimento brusco. A canoa estremece. O remeiro vai cantando...

O moço, que se afastara da jovem, pega-lhe nervosamente nos formosos braços, apenas velados por brandos filós e diz-lhe, com os dentes cerrados, fora de si:

– Teu pai vinha matar-te, desgraçada!

<sup>271</sup> Citado por Eloy Pontes. *A vida inquieta de Raul Pompéia*. 1935, p. 296.

E Rosália atira-se sobre ele e solta um grito de furor:

– Assassino, eu te amo<sup>272</sup>!

As mulheres conquistavam cada vez mais espaço na sociedade, como observaremos com mais cuidado na segunda parte deste trabalho, e a estética realista registrará esse processo de modo vivo e às vezes amargo – como observamos rapidamente nas últimas linhas. Seja como for, as representações da mulher brasileira legadas pelos escritores do período guardam uma grande distância da imagem veiculada no alvorecer do romantismo – mas a mulher, “o advogado natural da espécie perante os sentidos”<sup>273</sup>, segundo Raul Pompéia, continuará a dominar, exatamente como antes, a atenção máxima de nossos literatos.

Mas é hora de determos nossas palavras, pois aquele que nos serviu de guia nessa narrativa “desabou para sempre na infundável noite em que não há estrelas nem esperanças de aurora”<sup>274</sup>, ignorado como um qualquer à indiferença impávida do tempo.

### ***Réquiem para uma geração***

A primeira sessão ordinária do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de 1882, no dia nove de junho, foi marcada pelo pesar.

Às 7 horas da noite, reunidos na sala do Instituto os Srs. Visconde de Bom Retiro, Joaquim Norberto de Souza Silva, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Joaquim Pires Machado Portella, Tristão de Alencar Araripe, José Ribeiro de Souza Fontes, Maximiano Marques de Carvalho, Antonio Henriques Leal e Conde de Baependy, anunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que, recebido com as honras do estilo, tomou assento. O Sr. Presidente [Visconde de Bom Retiro] abriu a sessão, e em seguida disse: que sendo essa a primeira vez que o Instituto se reunia este ano depois do falecimento do ilustrado e benemérito consócio o Dr. Joaquim Manoel de Macedo, de sempre saudosa memória, julgava bem interpretar os sentimentos de todos propondo, que, obtida a vênua imperial, se levantasse a sessão, conforme a praxe nunca interrompida, em demonstração de profundo pesar por tão lamentável acontecimento, permitindo-se entretanto ao Sr. Joaquim Norberto ler as palavras, que havia destinado recitar por ocasião de descer ao túmulo o cadáver daquele pranteado consócio. Sendo tudo unanimemente aprovado, leu o Sr. Joaquim Norberto o seguinte discurso.

“O poeta idolatrado do povo brasileiro, que fez as delicias da geração entusiástica, a qual se levantara com o presente imperador, quando essa brilhante plêiade composta de Araújo Porto Alegre, de Magalhães, de Gonçalves Dias e de outros astros radiantes, perlustrava com suas inspirações o céu da pátria, apartou-se de nós, e para sempre! Foi pedir à terra de seu berço, que ele amou tanto, um punhado de argila como a mortalha mais digna de seus restos, e seu espirito já sulca os espaços celestes embalado pelas ondas harmônicas, que produzem os astros, que gravitam no infinito.

O Dr. Joaquim Manoel de Macedo, para quem hoje só temos lagrimas de saudade, era um talento, que se fazia admirar pela sua fecundidade sempre brilhante, e que se reproduzia em todos os estilos.

<sup>272</sup> *Obras – vol. III (Contos)*. 1981, p. 84.

<sup>273</sup> Citado por Eloy Pontes. *A vida inquieta de Raul Pompéia*. 1935, p. 296.

<sup>274</sup> AZEVEDO, Aluíso. *O touro negro*. 1961, p. 29-30.

Menino sublime – saiu do berço entre risos e flores, tendo nas mãos a *Moreninha* e o *Moço louro*, e para logo o acolheu o povo como o primeiro romancista do país. Desde então produções como os *Dois amores*, *Vicentina*, *Rosa*, e outras condignas de seu grande talento, vieram ocupar na literatura pátria o competente lugar de honra, e nem ficarão somenos às bonitas produções românticas, que nos deu depois José de Alencar, pois basta a *Nebulosa* para o aureolar com a majestade de seus raios. [...]

Prostrado sobre o leito da morte, revestia-se o seu semblante de uma serenidade santa, como se já refletisse a luz sidérea da eternidade. Via os seus amigos, estendia-lhes a destra, balbuciando seus nomes e lhes dirigia um olhar brilhante, eloqüente, expressivo, como si quisesse tomar um raio da lua e escrever sobre a superfície da baía de Niterói, não os versos divinos da *Nebulosa*, mas aquelas palavras que dão testemunho de sua santa resignação:

Já sou demais nesta terra! Devo morrer!...

Demais? sim, demais!... Era já a harpa sem cordas. Os companheiros de suas lides, os cantores de *Colombo* e dos *Timbiras*, mestres, discípulos, amigos, admiradores de seu gênio, todos ou quase todos haviam baixado ao sepulcro, um em terra estranha, outro ao tocar as praias da pátria, tendo por túmulo o fundo do Oceano, e muitos e muitos no próprio ninho paterno. Restava a inveja em pé ante ele, a inveja, que esquecia os seus triunfos, e que nem curvou-se ao passar do seu féretro!

E eu, que o precedi no berço uns dezoito dias, sobrevivo-o para chorá-lo, como ele chorou comigo o ente, que me foi tão caro nesta vida, pedindo a Deus que o fizesse anteceder na morte à sua esposa – egoísmo, dizia ele, do santo amor conjugal. E quem soube enriquecer a empresários teatrais, trabalhando às mais das vezes só por amor das letras, quem soube proporcionar tantos lucros aos editores de suas obras, morre legando apenas a sua amável consorte a menos das cobiçadas heranças – a pobreza!

Receba ele agora do Instituto Histórico, que tanto abrilhantou com os seus escritos, o adeus da externa saudade.

Disputaram-lhe a glória, e ela lhe pertence. Deifica-o esplêndida apoteoses. Convertem-se as suas produções em estrelas brilhantes como a constelação do seu céu. É sua a posteridade!”

Concluída a leitura deste discurso, levantou-se a sessão<sup>275</sup>.

Com efeito, Macedo morreu no dia onze de abril, em sua terra natal, a pacata Itaboraí, após longos padecimentos. Segundo os relatos de um de seus antigos alunos, Macedo sofreria de alguma perturbação mental que lhe causava enorme sofrimento:

vinham-lhe aquelas temerosas lacunas de memória, e ele quase chorava... Abateu-se-lhe aos poucos, em longos anos, o refulgente edifício, e nas ruínas de uma simples animalidade uma lanterninha não se apagou: Macedo falava, e julgava encarnar a sua criação de Moço Loiro<sup>276</sup>.

Pouco sabemos sobre a possível loucura de Macedo: Tania Serra julga que seus contemporâneos teriam abafado a questão para não ofender mais a honra do escritor, já tão debilitada. Ao que tudo indica, seu enterro foi bastante simples, mas cinco anos depois um mausoléu foi inaugurado em sua campa, uma última retribuição de seus conterrâneos. No dia sete de julho do mesmo ano, seus companheiros do IHGB propuseram que seu busto adornasse a sala de reuniões do instituto, o que foi unanimemente aceito.

A quarta reunião ordinária da instituição, realizada no dia vinte e um de julho, foi igualmente dedicada à morte de um grande bastião de nossas letras: Gonçalves de Magalhães.

<sup>275</sup> Acta da 1ª sessão ordinária do IHGB, realizada em 9 de junho de 1882. 1882, p. 437-41.

<sup>276</sup> Citado por Tania Serra. *Joaquim Manuel de Macedo ou Os dois Macedos: a luneta mágica do II Reinado*. 1994, p. 231.

O poeta morreu em Roma, no dia dez do mesmo mês, como embaixador brasileiro. Inaugurador do romantismo em nosso país, Magalhães foi o último a se desprender de seu “cárcere de pó”. Com sua morte, o romantismo estava oficialmente encerrado.

Muitos resquícios do romantismo, no entanto, ainda pairavam no ar e sua “árvore” continuava a dar frutos – poucos e de “gosto amargo”, conforme a crítica, mas ainda desejados pelo público. Em 1887, cinco anos depois, portanto, segundo Eloy Pontes, “a sociedade ainda se constituía de grandes damas e senhores de escravos”, “os pagens e as mucamas formigavam nos lares abastados” e “as iaiás liam Joaquim Manuel de Macedo e Alencar. A literatura mantinha seus aspectos românticos”<sup>277</sup>. Aluísio Azevedo, por sua vez, comentaria, em 1883, que o público navegava ainda em 1820, ao passo que a crítica especializada não admitia qualquer manifestação literária fora dos padrões da atualidade<sup>278</sup>...

A sentimentalidade romântica, na mira dos literatos desde a década de 70, mantinha ainda inúmeras de suas prerrogativas, atacadas programaticamente por Aluísio Azevedo – inadvertidamente, talvez o maior herdeiro da antiga estética em sua geração. A mente de Gabriel, personagem principal do romance *A condessa Vésper*, foi um dos palcos “realistas” em que se travou mais um agitado “embate” entre a razão e a emoção, quando da primeira vez que ele foi acometido pela idéia do suicídio. Apartado de sua amada, o rapaz se dirigia para a estação das barcas de Niterói:

Ia perfeitamente decidido a morrer; mas, pelo caminho, à medida que se aproximava do seu triste destino, assistia-lhe um estranho interesse por tudo que o cercava. Ele, que naqueles últimos tempos não ligava importância a coisa alguma, sentia agora reviver no seu organismo, mais forte do que nunca, a sensação do mundo exterior. A gente que passava, homens, mulheres e crianças, todos lhe prendiam a atenção diretamente, como se de súbito em cada um deles descobrisse a seu respeito íntimas correlações na luta pela existência.

E quanto mais se avizinhava da morte, mais preso se sentia à vida, sem coragem todavia para arrostá-la de frente. E, cheio de inveja por todos aqueles destinos que pela última vez lhe passavam furtivamente defronte dos olhos, comparava com eles a sua sorte e, sucumbindo por dentro à compaixão de si mesmo, julgava-se a mais desgraçada e desprezível das criaturas humanas.

Sim! Era preciso morrer!...

– Além disso, considerava o mísero, afirmei a Gaspar, sob palavras de honra, que partiria com ele para a Europa dentro de poucos dias; jurei igualmente que nunca mais me aproximaria de Ambrosina, e não tenho ânimo de ir, nem de ficar aqui sem ela!

E caminhava resolutamente para o ponto das barcas.

– Sim, sim, disse-lhe então dentro uma voz assustada e débil, que vinha do fundo do coração; tudo isso é verdade, mas tu bem podias dizer adeus àquela infeliz, antes de partires para sempre... Ela, coitada, está muito mal, e talvez se reanimasse um pouco só com saber que o teu último pensamento lhe foi consagrado... Seria uma obra de caridade!

<sup>277</sup> *A vida inquieta de Raul Pompéia*. 1935, p. 189.

<sup>278</sup> *O touro negro*. 1961, p. 49.

– Nada disso! intervinha por sua vez a Razão, com uma voz terrível. Nada de imprudência! Se lá fores, será capaz muito de perdoar tudo e... Adeus, dignidade! Adeus vergonha!

– Juro-te que não! replicava o Coração, sempre com a sua vozinha hipócrita; prometo que não havemos de demorar ao lado d’Ela! Aquilo é chegar, fazer as despedidas, e pedir as suas ordens para o outro mundo!

– Sim! sim! bradava a Razão. Já te conheço as lábias, meu finório! Não é a mim que embaças! Está bem aviado quem se guiar por ti!

E o Coração protestou, jurou, suplicou, e afinal começou a soluçar.

A Razão reagiu ainda, apresentou seus melhores argumentos; mas o diabo do Coração, tanto fez, tanto chorou, tanto prometeu, que a tola da Razão teve de ceder, e – Gabriel tomou o caminho da Praia do Russell<sup>279</sup>.

Silvio Romero, furioso avatar do realismo, admitia em 1904, aliás com certo júbilo, que a “nova geração” surgida na década de 70 já se esfacelara e declarava sem temor que a escola romântica fora “mais rica em produções de mérito do que qualquer das quatro ou cinco que a substituíram”, concluindo seu juízo com uma sentença arrebatadora: “e até do que todas elas juntas”<sup>280</sup>.

Um grupo de imbecis, tomados de não sei que prurido de exibição, entendeu de cindir a evolução do pensamento brasileiro em duas fases inteiramente desacordes, onde deveriam campear, também radicalmente inarmônicas, – a antiga e a nova geração.

Em vez de idéias, de doutrinas, de sistemas, de teorias, faziam-se os tais maganos portadores de uma folha de papel, enrolavam-se na certidão de idade e investiam contra a gente descuidada!... Eram os novos hyksos da ignorância e da estolidez. Eu previ logo o esfacelamento desse bando de ciganos, que passavam pela zona literária a tocar seus tachos e chocalhos velhos; mas incapazes de fixar pousada e trabalhar seriamente. Um pouco experimentado, já conhecera antes vários bandos desses talentos, desses gênios de arribação, fáceis em surgir e desaparecer, como nuvens de gafanhotos. Predisse ser a praga de pouca duração; os coleópteros haviam de afugentar-se, e nós outros tínhamos de ficar intactos em nossos postos.

O tempo, o portentoso fator darwiniano, o magnífico aliado que sabe matar o que não presta e dar vida ao que tem valor, sem o menor esforço, em diminuto lapso, deu com a traquitana embaixo, e hoje vemos por aí desdentados, trôpegos, gafentos os grandiosos tolos da nova geração, daquela apolínea turma de heróis, que se propunham fazer o sol mais dourado, o céu mais azul, e não sei que outras brincadeiras deste gênero<sup>281</sup>...

Podemos identificar certos traços e sinais do realismo na década de 70, mas eles não se igualam de modo algum às características românticas que “sobreviveram” ao movimento e se prolongaram ainda por quase duas décadas. Martins Júnior, que publicara as moderníssimas *Visões de hoje*, retornará ao romantismo com seus *Estilhaços*, em 1885, e Olavo Bilac revisará, em 1909, as *Lições de história do Brasil* de Macedo, sem alterá-las significativamente... Em termos de comportamento e de estruturas mentais, então, as reminiscências do romantismo serão imensas: praticamente todos os romances realistas representarão a realização plena das “reformas” instauradas com a chegada de D. João VI e

<sup>279</sup> *A condessa Vesper*. 1959, p. 200-02.

<sup>280</sup> *História da literatura brasileira – tomo quinto: diversas manifestações na prosa, reações anti-românticas na poesia*. 1960, p. 1649.

<sup>281</sup> *História da literatura brasileira – tomo quinto: diversas manifestações na prosa, reações anti-românticas na poesia*. 1960, p. 1630.

encampadas pela geração de Magalhães – bem como alguns de seus revezes, como observaremos com mais cuidado na segunda parte deste ensaio. O romance *Hortêncio*, publicado por Marques de Carvalho em 1888, não só nos legará uma série de representações inebriadas pela sensibilidade mais romântica como reiterará o alcance da cruzada civilizatória oitocentista para além dos limites da corte imperial, figurando sua trama na distante região do Pará – um dos maiores centros culturais do país no período, certamente, mas significativamente afastado do Rio de Janeiro, de qualquer modo.

Se hoje o fantástico é recebido com certo desdém, porque o humano experimentou possibilidades demais e não sabe para onde conduzir suas potencialidades, o século XIX o vivenciou de um modo bem outro – expandindo-se consideravelmente. “A inverossimilhança era, por paradoxo, o valor romanesco por excelência, a chave da evasão estética para um público que balbuciava realmente as suas primeiras letras na prosa de ficção”<sup>282</sup>.

Digamos, simplesmente, que o cavalo do narrador de *Cinco minutos* não morreu em vão: os comportamentos tidos como “extravagantes” nos primórdios do romantismo se tornarão triviais durante a década de 60 e, dada sua normatividade, passarão a ser *combatidos* à partir dos anos 70... Em uma sociedade tão “rústica” quanto a brasileira no alvorecer do segundo reinado, que maravilhas não proporcionaram os romances de Macedo e Alencar, expandindo com suas inverossimilhanças e com o maravilhoso o universo mental de nossos patrícios, ainda em formação?

---

<sup>282</sup> MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. 1977, vol. II, p. 301.

## **SEGUNDA PARTE**

*A medicina e a construção da sensibilidade brasileira*

Como é feliz o homem em apreciar da Natureza os produtos! Prolongai um olhar sobre a terra, observai este solo que habitamos, e vede como a Criação se reproduz cada vez mais encantadora! Às vezes a ilusão será tão plena que vos julgareis transportado ao fabuloso jardim das Hespérides, onde o sumo dos pomos de ouro vos refresca as faces ardidas pelo sol escaldante! Como é sublime a Criação! Quanto extasia, arrebatada, e enleva a alma, quando a Aurora envolta em seu róseo manto, as auríferas portas do Ocidente abre a Febo, que apressado solta o dia da mortalha noturna, e açoita as trevas por trás dos montes com a basta e dourada coma! Quando a harmônica orquestra dos anjos, repetida por pulmosos cantores, saúda fulguerosa o alvorecer da manhã! Quando o zéfiro cobiçoso da brilhante matizada corola, que o copado arbusto atavia, lhe faz expandir celeste eflúvio! Quando começa a decair o dia, o solene adormecer da Natureza, quando Febo cansado se retira ao palácio da Amphitrite, e que o véu das trevas se descobre e estende recamando-se de faróis, que desferem uma luz melancólica e misteriosa!<sup>283</sup>

A passagem acima poderia certamente figurar em qualquer um dos folhetins românticos do século XIX, mas integra a introdução da tese médica *Princípio nervoso*, defendida pelo Dr. Alexandre Mendes Calaza na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1853. A continuação da passagem nos revelaria sua natureza científica, sem no entanto se distanciar do pensamento romântico do período:

Como desafia a sensibilidade, como é ebreativo o contemplar esses simbólicos quadros, esses deliciosos panoramas, fiéis transuntos do quanto o espírito humano de mais sublime imaginar pode! É no centro desta sedutora natureza, tão pródiga de belezas, tão cheia de encantos, que o filósofo naturalista estabelecendo o paralelo entre os homens e os outros animais, reconhece o quanto lhe é superior, e os fisiologistas interrogando a vida vão encontrar o mistério dessa superioridade no seu princípio animador, no princípio nervoso<sup>284</sup>.

Temporalmente atreladas ao movimento romântico em nosso país, visto que a primeira foi defendida em 1834, as teses médicas oitocentistas poderiam ser compreendidas como um outro gênero literário – dadas suas semelhanças com as demais produções do período. Uma tese com o título *Considerações sobre o amor* dispensa maiores comentários, e não poderia se iniciar de modo menos enfático:

Vamos falar d'amor; desse manancial de prantos e prazeres; dessa fonte de risos, e de dores, onde as gerações, umas após as outras, vem molhar os lábios! Vamos falar d'amor, dessa divindade da melhor quadra da vida, e de quem no desfolhar da idade, o homem se despede com uma lágrima de saudade! Amor! delicioso sentir! Canteiro de venturas, e infortúnios, palavra de mágica harmonia, que ecoas em nossa alma, como a esperança em hora d'agonia! Quem, quem deixará de querer-te? Tu roubaste ao céu sua ambrosia para derramá-la na terra, tu esmaltas e douras a cadeia que nos prende à galé; e se tu não foras, os homens renunciariam a vida de amargores! Paixão divina, somos teu filho, e bem quiséramos mostrar-te ao mundo como saíste das mãos de Deus, e

<sup>283</sup> CALAZA, Alexandre Mendes. *Princípio nervoso*. 1853, p. I-II.

<sup>284</sup> *Princípio nervoso*. 1853, p. I-II.

reivindicar teus direitos esquecidos por uma civilização: e mostrarmos como médico, a tua utilidade ao homem<sup>285</sup>.

Vibrante nas páginas dos romances oitocentistas, o amor também ocupou a mente de diversos doutores do período – inspirados pelas mesmas musas que regiam o destino de nossos escritores. Tido como o “alimento da vida”<sup>286</sup> pelo Dr. Laurindo Marques de Ataíde Marcorvo, o amor seria, para o Dr. José Luiz da Costa, “a paixão que mais tem concorrido para a civilização da humanidade, e por consequência podíamos igualmente concluir, a mais conveniente a sua saúde”<sup>287</sup>.

Descrevendo a situação das crianças criadas por amas “mercenárias”, isso é, que prestariam serviços às desalmadas mães que não desejavam amamentar pessoalmente seus filhinhos, ou àquelas que, infelizmente, não podem se entregar à tão elevada missão – situações que por si só renderiam lacrimosos romances – o Dr. José Ribeiro dos Santos Zamith expressa-se do seguinte modo:

o aspecto das pobres crianças submetidas a esta alimentação insuficiente é inteiramente característico; seu corpo é magro, seus olhos encovados, suas feições desfeitas, o seu rosto enrugado, parecem pequenos velhos. O pouco de alimento que elas tomam não serve senão para alimentar sua diarreia; elas só respiram para darem gritos de dor. Não se compreende como estas pobres crianças podem viver neste estado; são verdadeiros cadáveres ambulantes<sup>288</sup>.

A descrição de certos males por nossos doutores atingia, por vezes, um patamar tão exasperante que o leitor deveria entrar em pânico só de imaginá-los, tamanho o colorido da linguagem – como no caso do onanismo descrito pelo Dr. Candido Teixeira de Azeredo Coutinho:

A nefanda masturbação, horror dos vícios e caos que por milhões de vezes tem levado aos túmulos as mais belas constituições da mocidade, é infelizmente abraçada e idolatrada nos nossos colégios pelos jovens inexperientes e completamente néscios de suas funestíssimas consequências! e o que mais espanta é ver-se que várias pessoas de ambos os sexos, sabendo que ela pode causar e causa a tísica, raquitismo e muitos outros males, fogem à luz, às vozes da razão, e aos exemplos fatais que sabem e presenciam; prestam-lhe obstinado culto, que só deixa de ser exercido quando já, no profundo marasmo da morte, tem-se perdido toda a sensibilidade, movimento e consciência, assistindo apenas a tais desgraças – o cadáver, teatro asqueroso das cenas de tão hediondo vício<sup>289</sup>.

Nem todos carregavam suas sentenças com as graciosas metáforas do romantismo, como o autor da *Dissertação acerca da origem da vida*, o austero Dr. Augusto Tiago Pinto, e outros ainda não se julgavam capazes de alcançar os domínios habitados pelos literatos, como

<sup>285</sup> COSTA, José Luiz da. *Considerações sobre o amor*. 1848, 05.

<sup>286</sup> *Algumas considerações higiênicas e médico-legais sobre o casamento e seus casos de nulidade*. 1848, p. 42.

<sup>287</sup> *Considerações sobre o amor*. 1848, p. 29.

<sup>288</sup> *Do aleitamento natural, artificial e misto em geral, e particularmente do mercenário em relação às condições da cidade do Rio de Janeiro*. 1869, p. 33.

<sup>289</sup> *Esboço de uma higiene dos colégios aplicável aos nossos*. 1857, p. 25.

o Dr. Frederico Augusto dos Santos Xavier<sup>290</sup>, mas muitos foram aquele que nos legaram passagens extremamente espirituosas, eivadas do romantismo mais exaltado, como o Dr. Laurindo Marcorvo em sua tese *Algumas considerações higiênicas e médico-legais sobre o casamento e seus casos de nulidade*:

A reciprocidade nos direitos e nos deveres conjugais é uma condição essencial de harmonia e de felicidade.

Muito se engana o traidor, quando pensa que o véu do segredo envolve seus desvios... Muito se ilude, quando, tomadas todas as precauções, prevenidas todas as hipóteses de suspeita, em vez de colher flores no próprio jardim, onde as há belas, puras, perfumosas, e sem o menor perigo, vai colhê-las furtivamente em jardins alheios, e em vez do aroma delicioso, que esperava achar nas que mais belas lhe pareciam, sorve o veneno, que inseto peçonhento havia depositado nas pétalas dessas flores!...

Se ao menos esse veneno fosse concentrar-se no coração do insensato, e aí se convertesse em reomorso... mas não... vai transmitir-se à inocente família, e fazer talvez a desgraça de uma família inteira!<sup>291</sup>

As teses médicas oitocentistas não apenas guardam semelhanças lingüísticas e temáticas com os romances do período como são guiadas pelo mesmo estro civilizatório que acompanhamos na primeira parte deste ensaio. Estudante de medicina, coube à Joaquim Manuel de Macedo, provavelmente por conta de sua notoriedade no período, a tarefa de proferir o discurso de formatura do ano de 1844 – evento que tradicionalmente contava com a augusta presença de D. Pedro II abençoando os jovens formados. Após as ovações de praxe, onde exalta a especificidade do momento vivido, nosso autor passa ao panegírico da classe em que está prestes à ingressar:

E o futuro?... O futuro saudamos nós com todo esse fogo da esperança, que sempre flameja no coração da mocidade. Não que menor se nos afigure a importância e magnitude de nossa missão; não que impotente vaidade nos encha de sobeja aridez para desafirmos trabalhos e tormentas; mas porque um gênio lisonjeiro, que no dia de hoje nos embala e para nós sorri, abrindo o livro da vida do Médico, talvez só dele nos mostra a página de ouro, a bela página, que faz sempre a ventura e o encanto dos cultivadores da Medicina. Sim! Nós saudamos o futuro com todo o ardor da esperança! Nós almejamos representar o papel, que nos deverá competir, nessas cenas eloqüentes, em que hoje uma família inteira, que rodeia o leito de um moribundo, anelante corre a receber o Médico, que entra; silenciosa... suspensa entre a dúvida e a esperança embebe nele os olhos, como num ser da mais sublime natureza; ansiosa acompanha a pena, que formula; trêmula recebe esse papel, que lhe é como uma sentença de vida ou de morte; oprimida vê partir esse homem, que lhe parece o juiz de seu presente e de seu porvir, da vida do moribundo, e da fortuna dessa casa; e o amanhã?... amanhã o Médico chega, e a família outra vez o rodeia... o pai, o esposo está salvo!... e os filhos e a esposa caem nos braços do salvador, e exclamam: – És o nosso anjo! – Tu salvaste meu Pai! – Tu me conservaste meu Esposo! Nós desejamos mostrar bem depressa a nossos Mestres, que as lições, que recebemos, não foram soltas e perdidas, como os perfumes, que

<sup>290</sup> “Não procuraremos”, comentaria ele, “pintar o quadro do casamento, porque nos faltam essas brilhantes cores de que só dispõem os escritores distintos, que com suas hábeis penas tem descrito os sentimentos, as aspirações e os destinos do homem e da mulher sobre a terra; não os acompanharemos nos ardentes arroubos da imaginação explicando a origem do casamento nos desígnios do Criador, nem como o poeta descrevendo as cenas arrebatadoras do amor que, na frase de um escritor notável, terminam para sempre pela união de duas almas que juntas sofrerão os mesmos tormentos e juntas desfrutarão os mesmos prazeres. *Dos casamentos sob o ponto de vista higiênico*. 1876, p. 09-10.

<sup>291</sup> *Algumas considerações higiênicas e médico-legais sobre o casamento e seus casos de nulidade*. 1848, p. 38.

as flores exalam, e que as brisas levam; que antes ficaram impressas em nossas almas, como essas doces recordações do tempo da infância, que duram sempre, e que se ruminam ainda na cabeça do ancião... lá no invernar da consciência. Nós ardemos por mostrar, que sabemos perdoar as impertinências do menino, sofrer os caprichos do velho, e respeitar o pudor das donzelas; que compreendendo devidamente a honra e o dever do Médico, nossas almas sabem ser um túmulo para o segredo das famílias; e em nossos corações soa tão fortemente o gemido exigente do rico, como o ai abafado do pobre. Tal é a nossa saudação do futuro<sup>292</sup>.

A citação é longa, certamente, mas o leitor notará que oportuna. Após o panegírico da classe médica, que como ingresso cobrou a cada aluno seis longos anos de estudo, o autor dirige suas palavras para a mais ilustre figura do auditório, invocando sua glória e sua sagrada missão:

E agora, permita V.M.I., que nós rendamos os mais ferventes agradecimentos a V.M. pela graça, que se dignou a fazer-nos, honrando com Sua Augusta Presença o ato do nosso doutoramento. Senhor, o Monarca de uma nação livre, que ama e protege as Letras, é o representante das belas idéias do século, e, ainda mais, era a necessidade palpitante de nosso país. Oh! não será infrutífero o sagrado esforço, com que V.M.I. trabalha por espancar de todo as trevas, e fazer em um céu alvo e sereno brilhar para o Brasil o sol da civilização em seu mais vivo esplendor: imenso... fértil... rico... tão rico, que a própria ambição ainda não achou sonda, que tocasse o fundo de seu vasto mar de riquezas, o Brasil terá, não tarde, de representar o nobre papel, que lhe cabe entre as nações. Se fracos e desalentados somos nós para servir em tão grande obra, ao menos, Senhor, nós vemos com entusiasmo essa cabeça loira de uma juventude esperançosa, que se ergue para responder ao forte empenho de V.M.I.; nós sentimos ferver nessa cabeça uma imaginação ardente, como o sol de nossa pátria: seu pensamento livre, como o favônio matinal de nossas campinas, animado pela alta proteção de V.M.I., vai arrojando vãos de gênio: é o futuro, Senhor, que se quer vingar do passado!... é uma brilhante cruzada, que se levanta à voz de V.M.I.! é uma coorte mais inspirada e briosa!... a ela a vitória; pois que sua bandeira é sagrada!... a ela os triunfos; pois sempre o delírio do poeta e do herói, que exprime essa imagem flamante, que está sempre diante dos olhos do gênio em toda a vida... até o túmulo... e a quem ele deixa, além do túmulo, o cuidado de eternizá-lo!... a ela o triunfo; pois que seu único interesse, seu grito de guerra, e seu alvo, é esse mote de fogo, que terminando aqui, Senhor, repetiremos com efusão de nossas almas: - à Glória! à Glória!<sup>293</sup>

Vemos nessa passagem que em 1844 Macedo já tinha consciência da cruzada em curso e que com seu habitual patriotismo desejava aderir à suas valorosas fileiras. Nosso autor tem então vinte e quatro anos e já é um homem célebre: seu romance *A moreninha* acaba de ser lançado e causou certo furor na corte imperial. Já o vimos elogiar as belas letras diversas vezes, mas e quanto à seu panegírico da classe médica? Tendo em vista sua já comprovada verbosidade não teríamos problemas em levar tal interpretação adiante – mas a verdade é bem outra. Como já fez com outros temas, Macedo retomará seu elogio da classe médica em um outro contexto, desta vez destinado à um público muito mais amplo.

Deus legou aos homens pensamentos grandes, importantes e sagrados, em sua passagem, de padecimentos para ele e de salvação para nós; em sua passagem por este mundo, dizemos, cada passo que deu, cada ação que fez, cada palavra que pronunciou, foi uma lição de virtude angélica, uma amostra do caminho do céu, um pensamento de santidade; e o cumprimento de cada um desses pensamentos é o emblema, o mote de cada classe da sociedade; entre eles, se fosse possível dar-se mais beleza a uma do que a outras idéias do Espírito Divino, seria um dos mais sublimes e

<sup>292</sup> Discurso transcrito por Tania Serra em *Joaquim Manuel de Macedo ou Os dois Macedos: a luneta mágica do II Reinado*. 1994, p. 251-2.

<sup>293</sup> Discurso transcrito por Tania Serra em *Joaquim Manuel de Macedo ou Os dois Macedos: a luneta mágica do II Reinado*. 1994, p. 252.

difíceis – a caridade. – E os missionários dessa virtude angélica, são especialmente os médicos. A medicina é o sacerdócio da caridade.

O negociante de receitas, aquele que, mercê de seu título, anda por aí curando, se pode, os seus doentes, tendo em vista somente o pobre interesse; que só presta o seu conselho a troco de ouro; que morde os outros médicos, como em concorrentes que lhe diminuem o ganho; esse, que não compreende o gemer da alma da humanidade; que não sabe o que é o sofrimento mal gemido, as angústias abafadas do homem pobre; esse, que enquanto receita com a mão direita, tem já a esquerda estendida para receber dinheiro; esse, que define a medicina – somente um meio de vida; – esse, que não entende que a religião de Jesus Cristo, a nobreza de sua ciência, e a honra do coração marcam-lhe o posto ao pé de quem geme, e não unicamente ao pé de quem paga; esse... é apenas um mercador de receitas.

Mas aquele que, no exercício da medicina, não faz distinção entre rico e pobre, e só vê indivíduos que de seus cuidados carecem; aquele que combate as enfermidades, disputando contra a morte dia por dia, hora por hora, instante por instante, o campo da vida; que invade corajoso a atmosfera da peste; que se expõe com marcial bravura ao contágio mortífero, respirando aqui ar miasmático e envenenado, banhando-se ali em suor fétido e peçonhento, para caridoso levar socorros a infelizes, de quem sabe não receberá um ceutil; aquele que nem mesmo desanima, nesse viver trabalhoso, ante o monstro que tantas mil vezes fere o coração do médico – a ingratidão; – que paciente se amolda à impertinência da infância, ao capricho da velhice e ao pudor da virgindade; que não conhece no homem só os padecimentos da matéria; que entende e fala também o idioma da sensibilidade, o eloqüente dizer da alma; aquele que tem na cabeça a medicina para curar, nas mãos metade do ouro que recebeu do rico para espalhar sobre a miséria da pobreza; nos lábios consolações salutíferas para com elas abrandar os tormentos do infeliz; e no coração uma sepultura para eternamente encerrar os segredos das famílias; esse sim... esse é médico.

E se acaso se orgulha de sê-lo, tem, de sobra, razão para orgulhar-se<sup>294</sup>.

Visando um público mais vasto que a seleta platéia de seu discurso de 1844 Macedo rearticula seu elogio à classe médica nas páginas do romance *Os dois amores*, em 1848 – público este, portanto, justamente mais necessitado de suas notáveis palavras. Essa glorificação evidentemente não é gratuita mas faz parte da “estratégia de ação” do autor dentro das coordenadas maiores da “cruzada civilizatória” em marcha. O discurso higienista da classe médica espalhava-se para além de seus domínios imediatos e se diluía em todos os setores da sociedade, tomando no presente caso as belas letras como forma de divulgação e realização de seus saberes – na mesma medida em que era influenciado e respaldado pelos padrões da literatura vigente.

Muitos foram aqueles que se dedicaram às musas da literatura e também às musas da medicina. Dos quatro grandes vultos da primeira geração romântica três passaram pela academia de medicina – mas ou a arte de Hipócrates não oferecia muitos atrativos para os homens da época ou, como bons românticos, eles tinham maior afinidade com os enlevos do espírito do que com a vida prática: Magalhães optou pela poesia e pela filosofia, Macedo pelo romance e Porto Alegre pela pintura. Manuel Antônio de Almeida também se formou em medicina, mas foi no jornalismo que ele encontrou sua redenção. Marques Rebelo, biógrafo de autor, comenta que “doutorar-se em medicina, numa época em que ser doutor importava

---

<sup>294</sup> *Os dois amores*. S/d, p.7-9.

muito, era o recurso em moda para os que não podiam ir bacharelar-se em São Paulo. Não era, portanto, uma verdadeira vocação”<sup>295</sup>. Segundo Ubiratan Machado:

a dificuldade de se obter uma colocação decente na sociedade imperial levou, também, muitos jovens a estudarem medicina sem qualquer vocação. Não queriam clinicar, mas obter um diploma que lhe abrisse portas, mesmo que essas portas conduzissem a caminhos que nada tinham a ver com a profissão<sup>296</sup>.

Gonçalves de Magalhães, por sua vez, figurara um distinto doutor nas páginas do romance *Amância*, e talvez suas reflexões nos ajudem a compreender a aproximação entre as duas esferas. Passeando pelas ruas do Rio de Janeiro, extasiado com tanta beleza, o bom doutor foi acometido por um desejo singular:

desejei então ter uma fantasia de poeta; e como que minha alma extática poetizava em silêncio, sem achar palavras que exprimissem a infinidade de seus pensamentos, tão vagos como o espaço, tão serenos como a noite, e tão brandos como o murmúrio das mansas vagas, que preguiçosamente deslizavam morrendo sobre a praia da Glória. Oh! Os poetas têm momentos deliciosos! Momentos de embriagues celeste, a que nada se pode comparar! Oh, poetas! Ministros da Divindade, que convosco ri-se, com vossos cânticos se apraz! Em daria metade da minha monótona existência para gozar na outra metade desses vossos delírios de inefável deleite! O riso mais angélico da inocência, que docemente salpica os lábios da infância, apenas é para o médico uma abstração; mas a vossos olhos o que não revela esse riso? o que não diz à vossa imaginação criadora? O amor é um objeto de especulação para o egoísta, um instinto sensual para o comum dos homens, mas para vós, oh poetas, é uma fonte perene de suaves melodias, é uma divindade pura, uma fragrância contínua, uma harmonia inesgotável do coração, um êxtase infinito, uma adoração de todos os sentidos e de todas as faculdades, um sacrifício d’alma, uma elevação a Deus! Feliz o poeta, porque ele só sabe gozar o amor puro, verdadeiro e endeusado! Feliz a bela que inflama o coração do poeta; porque só ela entre todas as belas, recebe o tributo digno da beleza!<sup>297</sup>

Já vimos como no início do segundo reinado as lucubrações ardentes dos literatos estavam associadas aos desvarios “inocentes” da juventude, e as teses médicas ofereceriam aos estudantes uma última empreitada “literária” antes do advento da vida “madura”, onde não poderiam mais compor versos.

Ademais, e talvez isso importe mais do que o fascínio que a literatura exercia sobre a juventude, *o próprio pensamento da época não guardava restrições às duas classes intelectuais*, isto é, ambas tinham à sua disposição o mesmo conjunto de idéias e de conhecimentos, conduzidos, de qualquer modo, pelo entusiasmo civilizatório deflagrado com a chegada de D. João VI. Não competia aos intelectuais do período a extrema especialização típicas aos dias de hoje – vigorando antes uma ampla aspiração pelo conhecimento, tal como comentaria o Dr. Alexandre Stockler Pinto de Menezes: “e, pois, se vê que o imortal Auguste

<sup>295</sup> *Vida e obra de Manuel Antônio de Almeida*. 1943, p. 18.

<sup>296</sup> *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. 2001, p. 172.

<sup>297</sup> *Amância*. 1865, p. 351-52.

Comte tem muita razão, querendo que o médico e o padre fossem ao mesmo tempo filósofos, isto é, abrangessem o conjunto do saber humano”<sup>298</sup>.

As belas letras ocupavam papel de destaque nesse panorama científico, e nossos doutores dominavam tanto os grandes nomes da medicina quanto da literatura. Brito Broca comentou certa vez que nossos literatos oitocentistas “não se conformavam em escrever prosa ou verso sem entremear por toda parte, nem sempre com muita adequação, nomes de autores, personagens de romances ou de poemas”<sup>299</sup>, mas seu juízo pode ser estendido aos jovens doutorandos sem qualquer restrição. Safo, Hipócrates, Vitor Hugo, Lamartine, Alexandre Dumas e muitos outros pensadores e escritores de todos os tempos tinham morada certa nas teses médicas oitocentistas. Nas vinte e duas páginas de sua *Dissertação acerca da origem da vida*, o Dr. Augusto Tiago Pinto mencionou nada mais nada menos que oitenta e um autores! No ideário médico do século XIX, Anaxágoras e Hipócrates seriam tão confiáveis quanto Lamarque e Buffon, para nos mantermos aos mencionados pelo Dr. Augusto Pinto.

A cientificidade própria às primeiras teses médicas amalgamava indistintamente praticamente todos os conhecimentos existentes no mundo, das sagradas escrituras às idéias mais modernas que circulavam no período. As barreiras entre as diversas ciências não guardavam ainda a exclusividade que conhecemos hoje ou mesmo as especificidades que começarão a se manifestar à partir da década de setenta, como se todo o conhecimento tivesse uma fonte única e inequívoca a irrigar todos os seus ramos sem quaisquer restrições. Ainda que muitos estudiosos da cultura brasileira ridicularizem a cientificidade do período, julgando que em nosso país a ciência só passou a se esboçar à partir de meados do segundo reinado, nossos intelectuais, eminentemente modernos, não sentiam qualquer dificuldade em amparar suas idéias na Bíblia ou mesmo nas teorias do pai da medicina – o ilustre Hipócrates, nascido 460 anos antes de Cristo. Efetivamente, seja no Brasil ou mesmo na Europa, onde muitos buscavam as luzes do saber, as faculdades não dispunham de muitas especialidades, oferecendo um número reduzido de cursos que em sua totalidade preenchiam à contento todos os horizontes do conhecimento – mesmo porque, como pensava Gonçalves de Magalhães, “todas as ciências devem estar em harmonia, ou não há verdade nelas”<sup>300</sup>. Epistemologicamente, não há diferença formal entre o conhecimento do período e o nosso, visto que todas as épocas estão na plenitude de suas potencialidades. Para além do desprezo

---

<sup>298</sup> *Da responsabilidade legal dos alienados*. 1887, p. 05.

<sup>299</sup> *O que liam os românticos?* 1959, 0. 164.

<sup>300</sup> *Factos do espírito humano*. 2001, p. 76.

de nossos intelectuais, notadamente Eduardo Campos Coelho e Gabriela dos Reis Sampaio<sup>301</sup>, aos quais certamente poderíamos acrescentar muitos outros, nossos doutores não se julgavam atrasados sequer à intelectualidade francesa, tida como a mais avançada do século. Sabiam eles que muito estava por ser feito e que nossos centros de pesquisa não eram tão avançados, mas tal como o país, e em nome dele, a medicina nacional tinha um futuro glorioso à sua espera.

Se durante os primórdios do romantismo muitos doutores “desejavam” ser poetas, à partir da década de 70 muitos literatos “desejarão” ser médicos. Já vimos Macedo citar Lavater em 1872, mas no romance *A família Agulha*, publicado em 1870, Guimarães Júnior já tomara um compêndio médico como fonte de referência para o estudo da gravidez: “Debay, nos seus cursos de higiene militante, apresenta os mais fabulosos casos a propósito desse tempo excepcional no excêntrico organismo da mulher”<sup>302</sup>. Com o passar do tempo, as ciências integrarão cada vez mais o universo das belas letras e as teses médicas serão requisitadas por inúmeros literatos – de tal modo que alguns romances poderiam ser tomados propriamente como estudos científicos, como é o caso de *O cromo*, lançado por Horácio de Carvalho em 1888, cujo sub-título indicava sua filiação científicista: *estudo de temperamentos*.

E ia descer os degraus, quando a porta da sala se abriu e D. Eufrásia apareceu, toda desfigurada e em susto, a gritar que a filha estava em delírio.

Correram todos para o quarto.

Com efeito, tinha a rapariga entrado em luta com a visão horrível, com a tremenda alucinação visual da cobra que a perseguia.

Desde os primeiros momentos viu logo o médico que havia uma complicação na moléstia de sua doente, complicação resultante de um desequilíbrio funcional dos centros nervosos.

Isso o assustou a princípio; pareceu-lhe vento em fogueira. Se o combustível era pouco, desapareceria rapidamente. O fato que acabava de observar filiava-se para ele àqueles que os neurologistas denominam de *eretismo cerebral*, *cerebração inconsciente*, etc., em que, involuntariamente, em relação à vontade, e, espontaneamente em relação ao cérebro, este vibra, e desdobra, sem antecedentes de associação de idéias, as imagens que contém sua parte afetada, apresentando casos de verdadeiras alucinações sensoriais. Se isto continuasse, prejudicaria em extremo a cura da anemia cerebral, porque gastaria o sangue depauperado da enferma na feitura de

<sup>301</sup> Ainda que julgue não estar cometendo qualquer desvio presentista, “isto é, a uma ilegítima avaliação dos resultados da medicina do século XIX com os critérios da medicina do final do século XX”, Eduardo Coelho se arrisca a afirmar que “os médicos sabiam que não sabiam, estavam cientes de que não curavam e da nulidade das suas terapias”. *As profissões imperiosas: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro – 1822-1930*. 2003, p. 110, nota n. 12. Gabriela Sampaio, por sua vez, comenta que “nas primeiras décadas do estabelecimento das faculdades de medicina, lutou-se principalmente por sua institucionalização, sendo aos poucos, principalmente após a década de 1870, que a preocupação com a produção científica passou a ser primordial”, e que “a crença na medicina científica não era ainda algo consolidado, mesmo no final do Império”<sup>301</sup>. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*. 2001, pgs. 144 e 149, respectivamente.

<sup>302</sup> *A família Agulha*. S/d, vol. I, p. 101.

imagens, pensamentos, idéias e outros fatos mentais. Convinha portanto corta a causa pela raiz. Mas, se a causa era moral, de que serviria um remédio físico?

E conservava-se imóvel, vendo-a, estudando-a nos menores movimentos, nas mais insignificantes particularidades.

– Era uma cascavel enorme, que para ela avançava, com as presas de fora, trêmula a bipartida língua.

– Uma impressão talvez da infância, pensou o médico consigo.

Num desespero enorme, debatia-se a moça a fugir da visão horripilante. Fitava-a de olhos fixos, acompanhando-lhe no espaço a suposta evolução, tirando-a do pescoço, onde ela se enrolava, com mãos rápidas, nervosas, e gritando de uma maneira horrorosa, com o rosto desfeito nas expressões do pânico.

– Que diabo fazer? pensava o doutor, sacudido por aquela situação, quase bestificado.

E teve uma idéia: – impor-se pelo terror<sup>303</sup>.

Tido como o romance mais “científico” da literatura brasileira, *O cromo* nos apresenta o estranho envolvimento do Dr. Teixeira Lins com sua discípula e paciente Esther em uma São Paulo às vésperas da queda do trono e de sua ascensão definitiva sobre o Rio de Janeiro. Qualquer leitor de folhetins do período perceberia facilmente que o médico se via diante de um caso de histeria, apesar de diagnosticar a moléstia da moça como um caso de *anemia cerebral durante todo o romance*. Severamente influenciado por *O homem*, de Aluísio Azevedo, bem como outros dois lançamentos do mesmo ano, *A carne*, de Júlio Ribeiro, e *Hortência*, de Marques de Carvalho, o mérito de *O cromo* residiria justamente em sua abordagem da histeria – uma doença tão complexa que nem sequer teria sido realmente “descoberta” na trama, ainda que tratada exemplarmente.

Lembrou-se de casos parecidos com aquele, de mulheres nevropatas e histéricas nos hospitais de Paris, e em cujas crises o terror, imposto até com armas de fogo, tinha sido de resultados espantosos.

O segredo da coisa estava em desviar a atenção da doente da imagem que a absorvia, essa espécie de hipnotismo espontâneo, de auto-sugestão.

E de um pulo, com os olhos estatelados, a fronte carregada como a de um assassino, convencido do bom êxito de sua tentativa, – deu um formidável berro, cara a cara com a doente, prendendo-lhe os pulsos com força e sacudindo-a brutalmente.

Ela ficou estupefata, a olhá-lo espantada, como se acordasse de um pesadelo, ou como se fosse a primeira vez que visse um homem. Reparava-o traço por traço, todo o semblante, todos os contornos do rosto, até que afinal ano pode tirar os seus olhos dos olhos dele, que se enterravam nos dela, agudos e ferozes, a refletir a luz como um reverbero, umedecidos, espelhados pela intensidade da emoção.

– Então! Que era aquilo? perguntou ele e começou a falar.

Não havia palavras que a deixassem bem convencida de que era falso o que ela vira, de que tudo aquilo era delírio, de que a tal cobra só tinha existência no pensamento dela.

E quis fazê-la deitar-se, e não conseguira.

Já agora, depois que ele afrouxara, dirigindo-lhe mansamente a palavra, havia ela tirado os olhos dos olhos dele, que tinham voltado à sua expressão natural.

---

<sup>303</sup> *O cromo*. 1888, p. 60-61.

Ela se desprendia do fio moral com que ele a prendera um momento antes, e, mais senhora de si, ia voltando de novo, a pouco e pouco, às mesmas excitações, sentada no leito, segura pelos outros para se não levantar em camisa, para se não decompor aos olhos do médico, acusando de novo os sintomas característicos do medo: – o olhar atônito; as pálpebras, em espasmo nervoso, muito abertas, arqueadas quase em círculo; os músculos frontais, contraídos sobre os supercílios; a boca, em desânimo, caída nos cantos, mole e também um pouco aberta; desfeitas as faces e decomposta a fisionomia toda.

Seu colo arquejava numa excitação extraordinária, e os seus braços começavam a bater no ar, a arrancar de si o monstro, que neles se enroscava espiralando.

E pegou a gritar, e agarrou a camisa pela cintura, tentando desfazer-se da cascavel.

O dr. Teixeira lembrou-se de hipnotizá-la. Não seria difícil consegui-lo, pois a experiência que acabara de fazer dera bom resultado. Mas a um novo grito, a um novo berro, queria ela prestar-lhe atenção, esquecer-se um momento, um só que fosse, da visão que tinha em mente?

Os gritos da moça eram terríveis, cortantes<sup>304</sup>.

De um preciosismo impressionante, a cena que estamos observando não só nos indica vivamente a complexidade do caso de Esther, como registra um delicado esforço literário de apropriação do universo médico, legando-nos um quadro bem amplo de representações acerca da percepção da figura do médico no período e de suas relações com a família brasileira.

Então, cara a cara, deu-lhe o doutor outro grito formidável... e ela não o ouviu.

O médico empalideceu.

A situação era desesperadora para os da família. Havia lágrimas e dores imensas. Todos julgavam que era chegada a hora da morte.

E o dr. Teixeira perguntou se não havia um metal qualquer que produzisse som, – uma lata, um bronze, uma campainha, fosse o que fosse?

Nada! absolutamente nada!

E ele entrou pela casa a dentro, ligeiro, esquadrinhando, perguntando, nervoso quase como a própria doente.

Passou a mão numa lata de querosene vazia e num pedaço de pau, e subindo em cima da cama, meteu o pau na lata com toda a força que tinha.

A moça levantou os olhos para cima e ficou de novo estupefata, a olhá-lo espantada.

Ele atirou a lata a um canto e desceu, do alto daquele barulho, como uma estrela salvadora, tomando-lhe os pulsos com força, sacudindo-a novamente e repreendendo-a com severidade. Os seus olhos estavam dilatados, agudos e ferozes, enterrando-se nos dela que pararam, tranqüilos, mansos como o cristal de um lago, presos aos dele, imóveis, enquanto lhe ouvia a palavra sugestiva, que lhe desviava as imagens opressoras, substituindo-as por outras aproximadas, gradualmente, até chegar, como ele queria, a uma outra imagem inteiramente diversa, que não relembresse nem de longe as primeiras.

E fê-la ver o que ela supunha cobra, não passava de um cinto que lhe estava atado à cintura, e até com muita elegância.

Para tornar o efeito seguro, mesmo porque eram as primeiras experiências que ele fazia, tinha mandado que lhe rodeassem a cinta com um cadarço. E nele pegando, junto à pele da rapariga, puxava-o para um e outro lado, mostrando-lhe que era um cadarço, e que ela se havia enganado<sup>305</sup>.

Como uma “estrela salvadora”, extremamente criativa, o Dr. Lins Teixeira conseguira lentamente superar a crise de delírios da moça, mas não a moléstia – que manteria seu

<sup>304</sup> *O cromo*. 1888, p. 61-63.

<sup>305</sup> *O cromo*. 1888, 63-64.

domínio sobre ela por mais alguns meses, curada apenas pelas “setas do cupido”... Seja como for, não nos custa observar o final da cena que estamos acompanhando e a eficácia das medidas do médico:

E como os seus olhos não se movessem ele desceu-lhe as pálpebras, e as pálpebras não se levantaram.

– Abrisse-os! ordenou com império.

Ela os abriu.

– Levantasse os braços!

Ela os levantou.

O dr. Teixeira estava que não cabia em si de alegre.

– Que se deitasse!

Ela deitou-se.

– Se quando ela acordasse viesse a se iludir mais uma só vez que fosse, com a cobra, ele lhe cortaria a cabeça.

Depois acrescentou:

– Queria agora, *ordenava* que ela desse uma risada, muito boa, muito chique.

E o rosto da doente se iluminou e ouviu-se no grande quarto uma risada cristalina, bela, comunicativa.

Todos riram-se também.

Finalmente o médico *ordenou-lhe* que dormisse uma hora, muito sossegadamente, muito quietinha, sem sonhos, sem sobressaltos, acordando ao fim desse tempo.

Ela, fechando as pálpebras, imobilizou-se num sono delicioso

O dr. Teixeira era desses médicos para quem o bom êxito da maior parte das curas dependia em muita da influência moral, especialmente nas moléstias do sistema nervoso<sup>306</sup>.

Valorosamente empenhada na cruzada civilizatória deflagrada com a chegada de D. João VI, a medicina contribuiu imensamente para a construção da sensibilidade brasileira oitocentista cujo desenvolvimento acompanhamos brevemente na primeira parte deste ensaio. Compete-nos agora avaliar os subsídios de que a classe médica lançou mão e as representações que ela nos legou acerca desse processo, cotejando seus discursos com os registros dos literatos do período – profundamente influenciados, como veremos, por suas ações. Para compreendermos tanto o pensamento como, especialmente, a medicina do século XIX, devemos, antes de tudo, observar com mais cuidado a completa e total indivisibilidade entre as dimensões físicas e espirituais do ser humano – ou a tese da indivisibilidade entre corpo e alma.

---

<sup>306</sup> *O cromo*. 1888, p. 64-65.

### *A indivisibilidade entre o corpo e a alma*

Entre os médicos do século XIX era generalizada a crença de que o homem era a criatura suprema de Deus, animado pelo amor a “domar feras, serenar mares, espalhar tormentas, inventar artes, e ciências, chamar os astros à terra para interrogá-los, investigar as entranhas da terra, e converter o mundo em um vasto jardim!<sup>307</sup>”. “Possuindo uma inteligência que abarca a imensidade, remontando ao infinito”<sup>308</sup>, comentaria o Dr. José Mariano de Amorim Carrão, as idéias do homem, “qual fluído elétrico”, voariam de nação em nação, “como que escurecendo a veloz carreira dos tempos, e levando em si o cunho do Gênio”<sup>309</sup>.

“Mas”, acrescentaria o Dr. Carrão:

se pela sua organização, a ainda mais por esse Raio Divino, que o aclara, é o homem superior aos outros animais, não deixa contudo de estar sujeito a numerosas e terríveis paixões, que escurecendo-lhe a razão, degradam-no do seu verdadeiro ser, arrojam-no à precipícios, cujos males mui tarde conhecerá ele.

Só demasiado zelo na sua educação poderá, apartando-o da errada vereda para onde muitas vezes arrastam-no as suas inclinações, prevenir as funestas conseqüências, que necessariamente hão-de provir da pratica de ações a que o homem pode avezar-se<sup>310</sup>.

Para todas as esferas do pensamento do século XIX, o fim único do homem na terra seria a propagação da espécie, preceito amparado, segundo o Dr. Laurindo Marques de Ataíde Marcorvo, no conhecidíssimo preceito “do Autor da Natureza”: crescei-vos e multiplicai-vos<sup>311</sup>. “Todas as paixões humanas concorrem para o mesmo fim”, no parecer do Dr. José Luiz da Costa, “a civilização da espécie humana, a sua redenção”<sup>312</sup>, e evidentemente a saúde seria uma condição necessária a esse processo. O instinto de conservação, ainda segundo ele, seria “inato no homem”, “um princípio reator de sua organização, para lutar contra a morte: é a força mediatriz da natureza, que nas doenças o impele a curar-se, e busca eliminar o agente malificante”<sup>313</sup>. Do mesmo modo, o Dr. José de Amorim Carrão apontaria que “a base da felicidade física consiste na saúde, que não é outra coisa mais do que a regularidade nas funções”<sup>314</sup>. “Compenetrado então do seu dever”, comentaria ele, “redobra o homem de esforços, trabalha para a sua felicidade e para a dos seus semelhantes, único fim que lhe é dado a preencher na terra”<sup>315</sup>. “A saúde consiste na harmonia de todas as funções corporais e

<sup>307</sup> COSTA, José Luiz da. *Considerações sobre o amor*. 1848, p. 13.

<sup>308</sup> *Algumas considerações sobre o homem*. 1848, p. 01.

<sup>309</sup> *Algumas considerações sobre o homem*. 1848, p. 02.

<sup>310</sup> *Algumas considerações sobre o homem*. 1848, p. 02.

<sup>311</sup> *Algumas considerações higiênicas e médico-legais sobre o casamento e seus casos de nulidade*. 1848, p. 17.

<sup>312</sup> *Considerações sobre o amor*. 1848, p. 13.

<sup>313</sup> *Considerações sobre o amor*. 1848, p. 15.

<sup>314</sup> *Algumas considerações sobre o homem*. 1848, p. 05.

<sup>315</sup> *Algumas considerações sobre o homem*. 1848, p. 02.

cerebrais”, retomaria o Dr. Alexandre Stockler Pinto de Menezes às vésperas da queda do trono, demonstrando sua validade para além dos domínios do romantismo: “a moléstia é a desarmonia dessas funções e como tal afeta todo o organismo”<sup>316</sup>. Sua confiança na correspondência entre as dimensões físicas e morais dos indivíduos o levaria a afirmar que “o médico atua no maior número de casos, mais pela confiança que inspira do que pelas drogas que receita”<sup>317</sup> – como, aliás, tivemos oportunidade de observar nas passagens de *O cromo* mencionadas há pouco.

Segundo o Dr. Cândido Teixeira de Azeredo Coutinho, o organismo tenderia para a plenitude da vida, “como a alma para o ideal”<sup>318</sup>. Diferentemente de nossos literatos, que agiam “apenas” sobre o espírito de nossos patrícios, ou mais propriamente sobre sua moralidade, os médicos deveriam atuar tanto sobre o corpo quanto sobre o espírito dos cidadãos brasileiros. É claro que, como as próximas linhas indicarão, ao influenciar o espírito de seus leitores, os escritores do período influenciavam também suas dimensões físicas, mas nossos médicos deveriam cuidar *ativamente* dos dois domínios – seja com sua atuação direta sobre os pacientes, seja influenciando as demais esferas do pensamento brasileiro, alcançando assim, entre outros, os discursos dos literatos e dos educadores, classes cuja atuação seria fundamental para o sucesso de suas intervenções.

Gonçalves de Magalhães, não só um iminente poeta mas considerado também um dos maiores, senão o maior, pensador do nosso romantismo, sintetizaria o pensamento da época em seu célebre tratado *Fatos do espírito humano*, oferecendo-nos algumas chaves para a compreensão das idéias do período. Segundo suas palavras, discutindo a tese que temos em pauta, “a simplicidade não é o caráter da verdade nas humanas coisas; complicadíssimo é o nosso corpo, intrincadíssimos são os nossos órgãos dos sentidos, e a menor das funções vitais de tal concurso de situações depende, que espanta a quem seriamente as estuda”.

Não menos complicadas que as do corpo são as funções do espírito, e o mais simples de seus atos deriva de um concurso de faculdades. A unidade da natureza, como nas obras de arte, não provém da simplicidade dos meios empregados, senão da coordenação e harmonia das partes em relação ao sujeito e ao objeto<sup>319</sup>.

Desse modo, nossos médicos tinham diante de si a tarefa – *ou mesmo o dever* – de intervir tanto sobre o corpo quanto sobre o espírito de seus pacientes, estendendo sua atuação sobre duas instituições essenciais à vida social brasileira: o casamento e a educação –

---

<sup>316</sup> *Da responsabilidade legal dos alienados*. 1887, p. 15.

<sup>317</sup> *Da responsabilidade legal dos alienados*. 1887, p. 14-15.

<sup>318</sup> *Esboço de uma higiene dos colégios aplicável aos nossos*. 1857, p. 26.

<sup>319</sup> *Factos do espírito humano*. 2001, p. 107.

concorrendo ainda para a fomentação dos dois sentimentos que deveriam conduzir o estro civilizatório de suas marchas, o patriotismo e a religião. Nas palavras do Dr. Coutinho:

O estado de civilização de uma nação se reflete no povo; a moralidade é o apanágio da civilização, e é um absurdo dizer-se que a imoralidade progride com ela; a educação é o corretivo da natureza humana; e a classe que fornece maior número de pessoas à prostituição é sem dúvida a de indivíduos sem educação, e os fastos criminais das plenas provas de que é a falta de educação que leva às prisões maior número de condenados. O cristianismo é a civilização, e esta ainda é imperfeita em nossos dias, mas é esta a religião que criou a família, restabelecendo o casamento e profligando a poligamia: as instituições antigas com seus cultos às Vênus Afrodísíacas dormem nas estantes das bibliotecas e cobrem-se de poeira nos museus da Itália<sup>320</sup>.

Ainda segundo o Dr. Coutinho, “desde tempos remotos até nossos dias, a conservação e o aperfeiçoamento da espécie humana são considerados uma necessidade indispensável”.

Nos esplendores da civilização atual, nos desertos da Arábia, no centro da Grécia belicosa e no tempo das grandezas da Roma antiga, embora se revista do espírito religioso, ou se ostente no patriotismo espartano, tome a forma de princípio humanitário, é sempre a higiene ditando os preceitos para a conservação e o aperfeiçoamento das forças humanas.

*Moisés* foi o primeiro que nos antigos tempos prescreveu regras tendentes à saúde do povo que conduzia e doutrinava, há três mil anos, nos desertos da Arábia: esse povo bárbaro que as idéias religiosas tinham arrancado ao cativo do Egito, indócil e pronto à revolta, submetia-se pacificamente à prescrição do legislador hebreu: a sabedoria deste fez com que os preceitos sanitários, sem os quais a multidão barbara que ele conduzia teria perecido, fossem severamente observados; a palavra Deus era o meio mais profícuo de fazer manter as suas prescrições por um povo indisciplinado caminhando para a terra da promessa; as tribos barbaras recebiam as palavras do seu chefe como inspiradas por um gênio divino, e os preceitos sanitários eram recebidos como emanções da divindade<sup>321</sup>.

A religião e o temor de um Deus seriam “a base de toda a moral”<sup>322</sup>, segundo o Dr. Antenor Guimarães, e seu colega Cândido Coutinho acreditava que “quando os princípios magníficos de Cristo houverem criado raízes na mocidade, o futuro será certo e a civilização caminhará à seu termo”<sup>323</sup>.

O casamento, união que “converteria o mundo inteiro quase num paraíso, se fosse bem compreendido”<sup>324</sup>, segundo o Dr. Marcorvo, recebeu especial atenção da classe médica, como veremos mais adiante. Por ora, compete ao Dr. Antônio Nunes de Gouvêa Portugal declamar o interesse dos médicos sobre a sagrada instituição:

o casamento e [as] boas qualidades hereditárias preparando de antemão o organismo concorre em muito para que vingue e cresça o fruto da concepção, e para que a espécie se perpetue e aperfeiçoe; por isso trataremos de examinar suas influencias, que, não sendo tomadas em consideração como o devem ser, trarão mil males para o ente que se vai formar, e daí para sua educação física, que, uma vez pervertida, perverterá a moral, pois que o físico e o moral estão muito ligados<sup>325</sup>.

<sup>320</sup> *Esboço de uma higiene dos colégios aplicável aos nossos*. 1857, p. 24-25.

<sup>321</sup> *Esboço de uma higiene dos colégios aplicável aos nossos*. 1857, p. 03.

<sup>322</sup> *Dissertação sobre a higiene dos colégios*. 1858, p. 56.

<sup>323</sup> *Esboço de uma higiene dos colégios aplicável aos nossos*. 1857, p. 25.

<sup>324</sup> *Algumas considerações higiênicas e médico-legais sobre o casamento e seus casos de nulidade*. 1848, p. 35.

<sup>325</sup> *Influência da educação física do homem*. 1853, p. 03.

Segundo o Dr. Antenor Augusto Ribeiro Guimarães, inspirado pelo mesmo patriotismo que inflamava a mente de nossos literatos oitocentistas, a sociedade necessitaria de homens de ferro, e a educação atual deveria

ter em vista a produção de homens sãos, ágeis, e elegantes e evitar um desenvolvimento do corpo a tal ponto exagerado, que ultrapasse as proporções compatíveis com a grande capacidade intelectual de que são em geral dotados os Brasileiros<sup>326</sup>.

Os médicos deveriam, assim, atentar para as próprias condições dos casamentos e continuar tutelando os membros da família em formação, seja acompanhando o cotidiano dos conjugues, seja “patrulhando” a educação das crianças – futuros membros da sociedade que mais tarde deveriam prolongar e aperfeiçoar a trajetória de seus pais.

Ainda que não estivessem propriamente interessados em “dominar” a sociedade brasileira, como apontaria – e em alguma medida mesmo “desejaria” – Jurandir Costa em inúmeras passagens do clássico *Ordem médica e norma familiar*, alguns de nossos médicos apresentavam idéias bastante exclusivistas acerca de seus domínios. “Os resultados que provém da aplicação dos preceitos higiênicos são incalculáveis; e é só no médico que as famílias encontrarão o seguro intérprete dessas leis”, nas palavras do Dr. Frederico Augusto dos Santos Xavier. “É com os seus conselhos”, continuaria ele, “que elas poderão constituir-se com segurança, resistindo ao jogo da vida e garantindo às gerações por vir a tranqüilidade na certeza da saúde”<sup>327</sup>.

A higiene, estendendo sempre os seus domínios, procurando com passo seguro e certo a felicidade dos conjugues, marcha com vantagem, e vai, depois de celebrado o casamento, entrar na vida íntima dos esposos, oferecendo preceitos que serão de grande utilidade em referencia as relações conjugais<sup>328</sup>.

Detentor único dos conhecimentos que concederiam às famílias a chave da felicidade, nossos médicos não deveriam ser consultados apenas sobre a viabilidade dos casamentos, mas deveria acompanhar também o cotidiano dos conjugues, tutelando suas relações do princípio ao fim. No entanto, e justamente contestando as “paranóia” de Jurandir Costa, a influência dos doutores sobre a vida de nossos patrícios não era tão ampla quanto eles desejavam, como lastimaria o Dr. Frederico Xavier:

Infelizmente, como já dissemos no correr deste nosso trabalho, pouco apreço se dá à higiene, vasto ramo das ciências médicas que tem por fim prolongar a vida; e assim, o médico nunca pode obter das famílias essa confiança tão necessária para reconhecer a sua história, máxime, quando for consultado em questão de casamento, não podendo muitas vezes dar esses conselhos tão úteis, que serviriam de base futura para a vida dos contraentes, derramando nesse os sãos princípios da higiene<sup>329</sup>.

<sup>326</sup> *Dissertação sobre a higiene dos colégios*. 1858, p. 42.

<sup>327</sup> *Dos casamentos sob o ponto de vista higiênico*. 1876, p. 71.

<sup>328</sup> *Dos casamentos sob o ponto de vista higiênico*. 1876, p. 63.

<sup>329</sup> *Dos casamentos sob o ponto de vista higiênico*. 1876, p. 71.

“Está fora de dúvida que a educação deve ter por fim o aperfeiçoamento de todas as partes do nosso ser, físico, moral e intelectual, mas de um modo conveniente, à partes intimamente ligadas e que concorrem todas para o mesmo fim – a sua vida total”<sup>330</sup>, diria o Dr. Antenor Guimarães, e como a sombra segue o corpo, “todos os males herdados na infância acompanham o homem até o túmulo”<sup>331</sup>, comentaria o Dr. Zeferino Justino da Silva Meireles.

Levando-se em conta a reciprocidade entre as dimensões físicas e morais do ser humano, tanto o momento da concepção de um novo indivíduo, o período de sua gestação e também sua amamentação deveriam ser objeto dos maiores cuidados. Segundo o Dr. Frederico dos Santos Xavier, “as paixões paternas, os prazeres, os vícios concorrem poderosamente para a vida futura dos filhos” e muitas deficiências mentais legadas às crianças devem ser “atribuídas ao estado de saúde dos pais no momento da cópula”<sup>332</sup>.

Quanto à mulher grávida, o Dr. José Joaquim Ferreira Monteiro Barros apontaria que ela deveria evitar as grandes cidades,

onde os tumultos e cenas multiplicadas se reproduzem a cada passo, algumas das quais a podem afetar de uma maneira grave, como a notícia de roubos, mortes, assassinatos: onde o constante dobrar dos sinos, anunciando aos vivos o *passamento* de alguns, produz sobre a mulher terríveis efeitos, que podem provocar o aborto, como muitas vezes tem acontecido, e outras complicações, além do desânimo e susto em que são lançadas por semelhante motivo<sup>333</sup>.

Por sua vez, o Dr. Thomas José Xavier dos Passos Pacheco Costa acreditava que a educação moral das crianças deveria ser iniciada quando elas completassem quarenta dias de vida – quando o recém-nascido “começa a conhecer os objetos que o cerca”. Devemos aproveitar, prosseguiria ele, sua

flexibilidade natural para se lhe formar o espírito, e o coração. A primeira infância é a idade da imitação, são bebidas com o leite, para assim dizer, as boas, e as más idéias; e os hábitos, que se adquirem então, são tanto mais difíceis de destruir-se para o futuro, quando mais profundas são as suas raízes. O que é natural, dificilmente se pode reformar, e com muita razão se diz, que, se os homens têm qualidades, ou vícios, é sua ama de leite, quem primeiro deve ser louvada, ou censurada, porque ela foi sua primeira instituidora<sup>334</sup>.

“Se remontarmos à história”, complementaria o Dr. Zeferino Meireles, que dedicou ao assunto sua tese de doutorado:

veremos os antigos atribuir a crueldade de Calígula, desse monstro sanguinário, à fereza de sua ama, que para obrigá-lo a mamar untava os bicos dos peitos com sangue. Veremos *Ambroise Paré*

<sup>330</sup> *Dissertação sobre a higiene dos colégios*. 1858, p. 06.

<sup>331</sup> *Breves considerações sobre as vantagens do aleitamento materno*. 1847, p. 15.

<sup>332</sup> *Dos casamentos sob o ponto de vista higiênico*. 1876, p. 10.

<sup>333</sup> *Considerações gerais sobre a mulher, e sua diferença do homem; e sobre o regime que devem seguir no estado de prenhes*. 1845, p. 18.

<sup>334</sup> *Considerações gerais sobre os cuidados que se devem prestar aos recém nascidos quando vem no estado de saúde e sobre as vantagens do aleitamento maternal*. 1840, p. 16.

e *Rosen* fazer menção de leas aleitadas por vacas tornarem-se tão doces como estas, e cães nutridos por leas herdarem a ferocidade destas<sup>335</sup>.

A primeira infância das crianças deveria ser repleta de cuidados, mas ínfimos em comparação à adolescência, ou mais propriamente, à puberdade, como, “época cheia de perigos, que a melhor vigilância não pode de todo impedir” – como comentaria o Dr. Antenor Guimarães. Segundo ele:

o estímulo moral, fonte de sofrimentos e de felicidades íntimas, exerce um poder absoluto sobre o organismo. A poesia reveste a idade crítica, os fenômenos morais continuamente sucedem uns aos outros, e circunscrevem os indivíduos em um drama íntimo, onde o amor, a saudade, o entusiasmo, e a dor tem cores diversas e expressões diferentes; – um desejo concentrado, indefinido e novo se ostenta ora em uma melancolia profunda, ora em um fervido entusiasmo<sup>336</sup>.

Ainda que estas considerações fossem válidas para ambos os sexos, caberia às mulheres um maior número de atribuições e transformações. Nas palavras do Dr. Antônio Gonçalves de Lima Torres:

a mulher admira-se dos seus novos atributos; sentimento inteiramente desconhecido para ela a torna mais tímida e reservada; vaga solicitude a impele para um bem que ignora; está na mais risonha época da vida, não conhece a miséria, nem a necessidade, e supõe que os prazeres durarão sempre. Os olhos lânguidos e ternos anunciam os seus desejos, temores e receios: o sentimento da própria fraqueza, e as novas sensações que experimenta fazem com que não se aproxime dos companheiros da infância sem abaixar os olhos. O coração lhe transborda de amor, e se anuncia pelo pudor, véu misterioso dos desejos. Esta paixão não deve ser um capricho, mas sim a necessidade, a satisfação de procriar; a mulher não deve entregar-se ao homem para o prazer brutal do momento; este prazer não é o amor para aquele que ama verdadeiramente; quem ama, não busca manchar o objeto do seu culto e adorações, nem corromper o coração ainda puro de sensualidade com o sórdido bafo da imunda luxúria<sup>337</sup>.

Nossos literatos conheciam muito bem as atribuições próprias à juventude, retratando-as com intensidade nas páginas de seus romances. Esse conjunto de idéias legado por nossos doutores pode ser observado com esmero na paixão que o jovem Leonardo Pataca inspirou à desenxabida Luisinha, nas clássicas *Memórias de um Sargento de Milícias*:

Desde o dia em que Leonardo fizera a sua declaração amorosa, uma mudança notável se começou a operar em Luisinha; a cada hora se tornava mais sensível a diferença tanto do seu físico como do seu moral. Seus contornos começavam a redondar-se; seus braços, até ali finos e sempre caídos, engrossavam-se e tornavam-se mais ágeis; suas faces magras e pálidas, enchiam-se e tomavam essa cor que só sabe ter o rosto da mulher em certa época da vida; a cabeça, que trazia habitualmente baixa, erguia-se agora graciosamente; os olhos até aqui amortecidos começavam a despedir lampejos brilhantes; falava, movia-se, agitava-se.

A ordem de suas idéias alterava-se também; o seu mundo interior, até então acanhado, estreito, escuro, despovoado, começava a alargar os horizontes, a iluminar-se, a povoar-se de milhões de imagens, ora amenas, ora melancólicas, sempre porém belas.

Até então indiferente ao que se passava em torno de si, parecia agora participar da vida, de tudo que a cercava; gastava horas inteiras a contemplar o céu, como se só agora tivesse reparado que ele era azul e belo, que o sol o iluminava de dia, que se recamava de estrelas à noite<sup>338</sup>.

<sup>335</sup> *Breves considerações sobre as vantagens do aleitamento materno*. 1847. p. 15-16.

<sup>336</sup> *Esboço de uma higiene dos colégios aplicável aos nossos*. 1857, p. 22.

<sup>337</sup> *Breves considerações sobre o físico e o moral da mulher nas diferentes fases de sua vida*. 1848, p. 16-17.

<sup>338</sup> *Memórias de um Sargento de Milícias*. 1997, p. 90.

Referindo-se à identidade entre corpo e alma, o romancista registrou ainda esta interessante passagem:

quanto ao moral, se os sinais físicos não falham, quem olhasse para a cara do Sr. José Manuel assinalava-lhe logo um lugar distinto na família dos velhacos de quilate. E quem tal fizesse não se enganava de modo algum; o homem era o que parecia ser. Se tinha alguma virtude, era a de não enganar pela cara<sup>339</sup>.

Outro romancista que concedeu especial atenção à identidade entre corpo e alma foi José de Alencar. Observamos na primeira parte deste ensaio a desvairada paixão de um jovem não identificado por um vulto com quem se encontrara em ônibus, descrita nas páginas do romance *Cinco minutos* – mas não mencionamos que, apesar de inflamado pela paixão mais ardente, ele só se convenceu de ter encontrado o amor de sua vida após conhecer o semblante da jovem misteriosa. Oras, para alguém tão apaixonado, a beleza física do ente adorado não deveria ser tão significativa assim, poderíamos pensar – mas justamente por conta das correlações entre as dimensões físicas e morais dos indivíduos, a beleza física seria um índice indispensável acerca da moralidade do ser amado. Vejamos, de qualquer modo, a cena em que ele finalmente desvela, literalmente, a beleza do vulto que inflamara sua paixão:

Lancei-me para a saleta onde havia luz, e coloquei o lampião sobre a mesa do gabinete em que estávamos.

Para mim, minha prima, era um momento solene; toda essa paixão violenta, incompreensível, todo esse amor ardente por um vulto de mulher, ia depender talvez de um olhar.

E tinha medo de ver esvaecer-se, como um fantasma em face da realidade, essa visão poética de minha imaginação, essa criação que resumia todos os tipos.

Foi, portanto, com uma emoção extraordinária que, depois de colocar a luz, voltei-me.

Ah!...

Eu sabia que era bela; mas a minha imaginação apenas tinha esboçado o que Deus criara<sup>340</sup>.

Alencar retomaria essa discussão nas páginas do hilário *A pata da gazela*, desenvolvendo com maior clareza suas idéias acerca do tema. O romance segue a mesma trilha esboçada no folhetim de 1855, quando dois vultos encapuzados entram em um coche e deixam cair um embrulho, recolhido pelo jovem Horácio de Almeida, “o primeiro conquistador do Rio de Janeiro”<sup>341</sup>, com grande curiosidade. Tratava-se de um sapatinho que, estava completamente convencido “o leão das modas”, só poderia pertencer à mais esplêndida maravilha da capital fluminense. Figurado na década de 70, o tom da narrativa incide sobre a febre materialista que corromperia o século enfocando a adoração de nossos patricios pelos pés femininos – elevada no romance à categoria de “fetiche”.

<sup>339</sup> *Memórias de um Sargento de Milícias*. 1997, p. 74.

<sup>340</sup> *Cinco minutos*. 1991, p. 32.

<sup>341</sup> *A pata da gazela*. 1992, p. 39.

“Era uma botina, já o sabemos”, diria Alencar, “mas que botina! Um primor de pelica e seda, a concha mimosa de uma pérola, a faceira irmã do lindo chapim de ouro da borralheira”<sup>342</sup>. Endinheirado e desgastado pelos prazeres da vida, o *dandy* Horácio passará a tributar sua vida à adoração da botina, dedicando seu tempo útil à encontrar o pé que lhe servira de modelo - “vê-lo e morrer”<sup>343</sup>. Em uma das cenas mais marcantes do romance, Alencar nos indicaria o grau de veneração que o jovem tributava à botina encontrada casualmente:

Recolhendo, Horácio acendia duas velas transparentes e colocava-as a um e outro lado da almofada de veludo escarlata, sobre uma mesinha de charão, embutida de madreperlas. Tirava de um elegante cofre de platina a mimosa botina, e com respeitosa delicadeza deitava-a sobre a almofada, de modo que se visse perfeitamente a graciosa forma do pé que habitara aquele ninho de amor.

Então acendia o charuto, sentava-se numa cadeira de espreguiçar, defronte, porém distante, para que o fumo não se impregnasse na botina; e ficava em muda e arrebatada contemplação até alta noite<sup>344</sup>.

A trama se complexifica quando o leão das modas conta sua desventura ao amigo Leopoldo Castro – que por sua vez se apaixonará por uma moça e fora incumbido de buscar-lhe uma encomenda em um sapateiro. Inadvertidamente, o rapaz viu que se tratava de uma bota enorme, horrível, que só poderia servir à uma pessoa da pior espécie.

O Castro, que não admirara o matiz da rosa, notou a mácula e desgostou-se dela. Ele sentia-se com forças para amar o feio e o desgracioso, mas não o disforme, o horrível. Essa aberração da figura humana, embora em um ponto só, lhe parecia o sintoma senão o defeito, de uma monstruosidade moral<sup>345</sup>.

“Mas por que há de ser assim”, questionava-se José de Alencar?

A mutilação é um fato humano; o aleijão é um fato natural. Essa aberração do princípio criador, esse desvio da forma primitiva, indicam sem dúvida um vício na essência do organismo. Não se tem verificado que nos corpos mal conformados de nascença habita sempre uma alma enferma? Nos corcundas sobretudo, porque a espinha dorsal é o tronco da inteligência. A deformidade de um membro, de um ramo apenas, não denota eiva tão profunda do espírito, é certo, mas revela que a alma não é nobre e superior. Não se concebe o anjo dentro de um aleijão<sup>346</sup>.

No final das contas os dois jovens perceberiam que haviam se enganado acerca de suas amadas, cabendo à Horácio a desventura de encontrar o “aleijão” e à Leopoldo a ventura de se casar com a dona do pé mimoso – visto que ele resolvera, por sua conta e risco, ignorar as idéias acerca da correspondência entre o físico e o moral dos indivíduos. “Não amo a sua beleza material”, refletiria o moço:

<sup>342</sup> *A pata da gazela*. 1992, p. 14-15.

<sup>343</sup> *A pata da gazela*. 1992, p. 31.

<sup>344</sup> *A pata da gazela*. 1992, p. 30.

<sup>345</sup> *A pata da gazela*. 1992, p. 33.

<sup>346</sup> *A pata da gazela*. 1992, p. 45.

o que eu adoro nela é a beleza moral, a alma nobre e pura, a criatura celeste, a luz, o anjo. Qualquer que fosse o invólucro de seu espírito imaculado, creio que havia de adora-la tanto, como a adorei desde o momento em que primeiro a vi<sup>347</sup>.

Voltemos, sem mais demora, à cruzada civilizatória da classe médica. Por conta de seus inumeráveis atributos caberia à mulher, como membro fundamental da família brasileira, uma posição de destaque na condução das amplas reformas existências necessárias ao progresso do país. Antes de observar seu glorioso papel e as transformações da família oitocentista, contudo, devemos nos aproximar primeiramente da figura do médico, “juiz íntegro e órgão sublime da sociedade”<sup>348</sup>.

### ***O médico, suas práticas e seu templo***

Todas as épocas estão no auge de suas potencialidades científicas, levando-se em conta que a realidade é situada sempre à partir do momento presente e das especificidades de cada cultura, mesmo que em diálogo com países e com práticas mais “avançadas” – e por mais “arcaica” que a medicina praticada em nosso país no século dezenove possa parecer, assim como os literatos do período nossos médicos se julgavam na alvorada da modernidade, detentores dos conhecimentos mais nobres e sofisticados. Evidentemente a medicina oitocentista era muito distinta da que observamos na atualidade, tanto científica quanto “tecnologicamente”. Observemos, antes de tudo, alguns aspectos de sua dimensão material.

Começemos com a figura do médico, inúmeras vezes mais divinizada, mas curiosamente representada de modo muito mais humano do que nos dias de hoje. O asséptico vulto de branco que nos vem à mente cai logo por terra, visto que segundo Augusto Paulino eles atuavam vestidos como estavam, levantando

apenas ligeiramente as mangas do paletó e da camisa (retirando ou arregaçando os punhos) e iniciava a operação. Alguns, para evitar salpicar a roupa de sangue, vestiam por cima do paletó um outro mais largo e mais usado (em geral uma sobrecasaca já imprestável) e, algumas vezes, colocavam um estreito e pequeno avental ou toalha em sua frente<sup>349</sup>.

Além disso, “foram pobres de instrumentos os cirurgiões antigos. Aliás, muito de acordo com e em relação com a espécie de cirurgia que praticavam”<sup>350</sup>, como comenta Lycurgo Santos Filho de modo levemente desdenhoso. Os mais abastados importavam “instrumentos” de Portugal ou da França, no fundo apenas ligeiramente superiores aos

<sup>347</sup> *A pata da gazela*. 1992, p. 44.

<sup>348</sup> XAVIER, Frederico Augusto dos Santos. *Dos casamentos sob o ponto de vista higiênico*. 1876, p. 12.

<sup>349</sup> Citado por Lycurgo Santos Filho. *História da medicina no Brasil: do século XVI ao século XIX*. 1947, vol. II, p. 214-15.

<sup>350</sup> *História da medicina no Brasil: do século XVI ao século XIX*. 1947, vol. II, p. 215.

nacionais, que seriam usados, como os demais, geralmente até a exaustão. Via de regra as cirurgias eram realizadas nas casas dos próprios pacientes, sobre a mesa da sala ou em seus leitos pessoais<sup>351</sup>, evidentemente sem anestesia – “descoberta” somente em 1846 (mas já ministrada no Brasil no ano seguinte), muito distinta, de qualquer forma, da que conhecemos hoje. Diante destas “condições” o leitor não deve se admirar com a exultante taxa de mortalidade pós-operatória do período, que “subia invariavelmente a 80 e 90%”, principalmente por conta de infecções e supurações – atribuídas à chamada podridão dos hospitais, tratada pelo Dr. Antônio José de Melo, entre outros, em sua tese de doutorado.

“A ‘doença dos hospitais’ causou mais mortes entre os internados que do que todas as demais afecções reunidas”, segundo o historiador da medicina Lycurgo Santos Filho:

A inobservância dos mais mezinheiros princípios de higiene, a falta de assepsia, o não isolamento dos doentes contagiosos, contribuíram para criar nos hospitais uma atmosfera de tal modo impregnada de toda a sorte de germes patogênico, que as enfermarias tornaram-se, na verdade, o único lugar para onde *não deveriam* ser encaminhados os portadores de ferimentos, fraturas expostas, recém-operados, etc.

A “podridão de hospital” declarava-se às vezes “de cama em cama”, logo após os cirurgiões e enfermeiros realizarem curativos, ‘de cama em cama’, sem sequer lavarem as próprias mãos, quanto mais o material e instrumentos utilizados<sup>352</sup>.

“Foi somente em 1867”, retomaria ele mais tarde,

que Lister, após longa observação, aconselhou que antes de cada intervenção, o instrumental cirúrgico e as mãos do operador sofressem desinfecção prévia numa solução fenicada. Notara o grande cirurgião inglês, que quanto maior limpeza houvesse, maior probabilidade de salvação teria o operado<sup>353</sup>.

A “novidade” foi logo incorporada ao arsenal de conhecimentos dos nossos doutores e em breve “o cirurgião não mais operou com instrumentos sujos e mãos por lavar”. Tanto suas “ferramentas” quanto seu local de trabalho passaram a ser esterilizados com a solução de Lister, borrifada no ambiente antes e depois das operações. Contudo, Lycurgo ressalta que esse processo foi adotado primeiramente nas maiores capitais, vigorando no interior “as antigas condições” – de modo que “os pacientes procuravam, a conselho dos médicos assistentes, os hospitais dos grandes centros para intervenções de alta cirurgia”<sup>354</sup>.

As idéias que “circulavam” no período também podem nos alarmar em um primeiro momento, seja por conta de concepções que hoje podem soar extremamente extravagantes,

<sup>351</sup> “As intervenções cirúrgicas, nos séculos passados, realizavam-se em qualquer local, geralmente na casa do paciente. O operado sentava-se num banco ou permanecia no próprio leito ou era ainda deitado sobre a mesa da sala de jantar”. BARBOSA GUERRA, citado por Lycurgo Santos Filho. *História da medicina no Brasil: do século XVI ao século XIX*. 1947, vol. II, p. 213.

<sup>352</sup> *História da medicina no Brasil: do século XVI ao século XIX*. 1947, vol. II, p. 175.

<sup>353</sup> SANTOS FILHO, Lycurgo. *História da medicina no Brasil: do século XVI ao século XIX*. 1947, vol. II, p. 212.

<sup>354</sup> *História da medicina no Brasil: do século XVI ao século XIX*. 1947, vol. II, p. 213.

seja pela presença habitual do fantástico que inundava as manifestações literárias que lhe faziam par. Segundo uma proposição do Dr. Antônio Nunes de Gouvêa Portugal o baço não era considerado “essencial à vida”<sup>355</sup>, e o Dr. Thomas José Xavier dos Passos Pacheco e Costa, certamente como muitos outros, não encontrava mal algum em utilizar tesouras enferrujadas na secção do cordão umbilical de recém-nascidos – o que particularmente corrobora, e em alguma medida ameniza, as precárias condições materiais mencionadas acima. A secção do cordão umbilical, segundo ele, deveria

ser feita quatro dedos travessos do abdômen com uma tesoura bem apropriada, ou com um bisturi, e que não esteja enferrujada, não porque haja algum inconveniente, mas porque, se o menino adoecer, seus pais não deixarão de achar no estado do instrumento a causa da sua moléstia<sup>356</sup>.

Um dos grandes recursos de nossos médicos foram os casos notáveis. Desejando convencer seus leitores da terrível influência da hereditariedade, o Dr. Frederico Augusto dos Santos Xavier nos relata o seguinte caso, amparado, inclusive, no estudo de um colega francês:

Sanson cita a observação de um indivíduo de nome Appleton, que sucumbiu a uma hemorragia, deixando filhos e netos em número de 17, os quais apresentavam predisposição para essa moléstia, da qual mais tarde a maior parte deles foi vítima<sup>357</sup>.

O Dr. Vicente Maia, por sua vez, também tomando um autor estrangeiro como guia para suas lucubrações, refere-se ao “caso de uma jovem de quatorze anos, mencionado pelo Dr. Wendt, que apesar de sua índole dócil e de suas excelentes características morais, lançou-se sobre seu pai e devorou seu coração quando do aparecimento das primeiras regras!”<sup>358</sup>. “Se algumas mulheres são regradas aos quatro, cinco anos, e menos”, comentaria o Dr. Antônio de Lima Torres, “outras, às vezes, por toda a vida sentem a falta desta função. Kahleis, refere que uma mulher foi menstruada pela primeira vez depois do terceiro parto”<sup>359</sup>.

Ainda mais contundentes que os relatos notáveis eram as estatísticas, que, como ainda hoje, provavam indiscutivelmente qualquer tese. Dando seguimento à passagem que observamos há pouco, o Dr. Xavier se entrega à inexorabilidade dos números:

se recorrermos às estatísticas feitas com toda a reflexão, notaremos 165 casos de artro-reumatismo, provocando-se em 81 a herança; e em 431 alienados, 337 que adquiriram de seus pais esta terrível enfermidade<sup>360</sup>.

---

<sup>355</sup> *Influencia da educação physica do homem; Do aparelho em que figura ou deve figurar o baço e que deduições se podem tirar de sua estrutura para seus usos e funções.* 1853, p. 26.

<sup>356</sup> *Considerações gerais sobre os cuidados que se devem prestar aos recém-nascidos quando vem no estado de saúde, e sobre as vantagens do aleitamento maternal.* 1840, p. 04.

<sup>357</sup> *Dos casamentos sob o ponto de vista higiênico.* 1876, p. 36.

<sup>358</sup> *A menstruação na etiologia das nevroses e psicoses.* 1897, p. 87.

<sup>359</sup> *Breves considerações sobre o físico e o moral da mulher nas diferentes fases de sua vida.* 1848, p. 14.

<sup>360</sup> *Dos casamentos sob o ponto de vista higiênico.* 1876, p. 37.

As pesquisas estatísticas ainda não estavam muito desenvolvidas em nosso país, o que muito lamentavam os doutores do período, mas a utilização de estatísticas elaboradas por terceiros era bastante recorrente em suas teses – e em especial àquelas que se referiam à alienados. Com o passar do tempo estes padrões se transformarão e nossas teses passarão a exibir diversos gráficos e mesmo algumas análises de casos específicas e individuais em anexos. Apesar disso, devemos notar que em 1897 o Dr. Vicente Maia não deixou de conceder atenção às reflexões do Dr. Negrier, que julgava que o tamanho dos ovários estava em completa consonância com comportamentos sexuais desviantes, conduzindo à masturbação, à ninfomania e aos delírios eróticos<sup>361</sup> ...

“Juizes da vida e da morte”<sup>362</sup>, os médicos não tinham poderes ilimitados diante da natureza, e alguns acreditavam mesmo que deveriam apenas “auxiliá-la”, afastando os obstáculos “que porventura possam embargar sua marcha para a saúde”, segundo pensava o Dr. Reginaldo Celestino de Torres Quintanilha<sup>363</sup> – como também pensava o “doutor” Félix, que cuidou da jovem Rachel nas páginas do romance *Ressurreição*, de Machado de Assis. Após receber um tratamento completamente diverso do que fora até então ministrado pelo médico da família, que aliás julgava o caso perdido, a situação da moça passou a apresentar melhoras consideráveis e quinze dias depois ela entrava em convalescença. “No sentir dos pais, era Felix o salvador da filha. Fora ele quem lhes restituíra a esperança, e a realizara com os seus bons conselhos e diligente desvelo”<sup>364</sup>, como nos narra Machado, mas referindo-se à cura da donzela o próprio Félix, um médico da alma<sup>365</sup>, na opinião de Machado, limitaria-se ao comentário: “auxiliei a natureza, nada mais”<sup>366</sup>. Outro que julgava que a ciência não poderia corrigir a natureza foi o Dr. Cunha, apresentado nas páginas do romance *A família Agulha*, de Guimarães Júnior, que acreditava, como o Dr. Félix, que se não corrigia, pelo menos “auxiliava”<sup>367</sup>.

“A cura, ou a passagem da moléstia à saúde é o resultado de uma alteração íntima que se opera no organismo”, julgava o Dr. Quintanilha, alteração “necessariamente subordinada ao *poder*, que preside à todos os fenômenos da vida”<sup>368</sup> – como demonstrou Machado de

<sup>361</sup> *A menstruação na etiologia das nevroses e psicoses*. 1897, p. 79.

<sup>362</sup> MACEDO, Joaquim Manuel de. *Um noivo à duas noivas*. S/d, vol. III, p. 194.

<sup>363</sup> *Como se deve compreender a cura das moléstias, e qual é a influência que nestas possam ter os meios terapêuticos?* 1853, p. 04.

<sup>364</sup> *Ressurreição*. 1938, p. 107.

<sup>365</sup> *Ressurreição*. 1938, p. 61.

<sup>366</sup> *Ressurreição*. 1938, p. 123.

<sup>367</sup> *A família Agulha*. S/d, vol. I, p. 99.

<sup>368</sup> *Como se deve compreender a cura das moléstias, e qual é a influência que nestas possam ter os meios terapêuticos?* 1853, p. 03.

Assis com o caso de Rachel, figurando na *paixão* da moça pelo próprio Félix essa *força* poderosa capaz de salvar uma vida, ainda que ela fosse a causa íntima de sua perdição...

Outro caso de cura pelo poder supremo da vida, o amor, foi retratado por José de Alencar no romance *Cinco minutos*. O Dr. Valadão, que cuidara da jovem Carlota, diagnosticara que a tísica que lhe devorava a saúde não teria cura, mas o amor suscitado pelo não identificado narrador foi capaz de um verdadeiro milagre. Após o primeiro beijo trocado entre eles, já no Golfo de Íschia, onde a moça buscava uma solução impossível, ela

foi pouco e pouco restabelecendo-se, ganhando as forças e a saúde; sua beleza reanimava-me e expandia-se como um botão que por muito tempo privado de sol se abre em flor viçosa.

Esse milagre, que ela, sorrindo e corando, atribuía ao meu amor, foi-nos um dia explicado bem prosaicamente por um médico alemão, que fez-nos uma longa dissertação a respeito da medicina.

Segundo ele dizia, a viagem tinha sido o único remédio, e o que nós tomávamos por um estado mortal não era senão a crise que se operava, crise perigosa, que podia mata-la, mas que felizmente a salvou<sup>369</sup>.

“Se, por feliz compensação, muitas vezes produz a natureza curas inesperadas”, comentaria o Dr. José Carrão, discutindo os martírios de sua profissão,

milhares d’outras fica o médico triste espectador de um mal, que, destruindo toda a força orgânica da criança, deixa-a, no fim de algum tempo mais ou menos longo, frio cadáver, há pouco delícias da terna e carinhosa mãe, que lamenta agora a perda do seu adorado filho!<sup>370</sup>

O medico, “o sacerdote da ciência”<sup>371</sup>, integrante de um exército de “valentes atletas”<sup>372</sup>, nos juízos ebreativos do Dr. Frederico Xavier, tinha uma importante missão no panorama da cruzada civilizatória que temos elaborado até aqui, como já deve ser evidente. “Se grande é a missão do médico representando na sociedade um grandioso papel”, refletiria ele,

concorrendo com sua inteligência para resolver questões da mais alta importância, quer como conselheiro das famílias, quer como perito nos tribunais judiciários; se tendo em uma das mãos o livro da ciência, e na outra a balança da justiça, depois de acurado estudo, respeita somente os ditames da consciência, não menos brilhante é a sua missão como higienista, sectário desse ramo da medicina, que tem por fim cuidar dos interesses privados e públicos, prodigalizando à sociedade o fruto de suas lucubrações, e concorrendo muitas vezes à prosperidade dos povos.

Mas com que grande numero de dificuldades não tem ele de lutar, suportando a indiferença de uns, não satisfazendo as exigências de outros e o egoísmo de muitos? Necessitando de um espírito forte e desprevenido, que o abriguem da calúnia, arrostará com coragem os golpes da maledicência, e firme no juramento que prestou, exhibirá a sua opinião com calma e prudência. É então que ele se eleva, e que em toda a sua plenitude se reconhece a sua abnegação e caráter acima de todas as dúvidas e suspeitas que muitas vezes inimigos gratuitos procuram fazer sobre ele pairar<sup>373</sup>.

<sup>369</sup> *Cinco minutos*. 1991, p. 58.

<sup>370</sup> *Algumas considerações sobre o homem*. 1848, p. 08.

<sup>371</sup> *Dos casamentos sob o ponto de vista higiênico*. 1876, p. 11.

<sup>372</sup> *Dos casamentos sob o ponto de vista higiênico*. 1876, p. 40.

<sup>373</sup> *Dos casamentos sob o ponto de vista higiênico*. 1876, p. 70.

Se influentes na sociedade, por vezes em suas próprias casas os médicos não reinavam absolutos: “o dr. Amâncio não receitava para sua família, alegando que não tinha sobre ela a necessária força moral. De fato: as filhas não lhe tomavam os remédios e nem acreditavam na sua medicina. O médico da casa era o dr. Silveira, colega do dr. Amâncio”<sup>374</sup>. Personagem do romance *O cromo*, o Dr. Amâncio não exercia entre os seus o imperioso domínio que certamente devia exercer sobre seus clientes – restando-lhe, contudo, a possibilidade de requisitar os serviços de outros doutores, então tão respeitados e influentes quanto ele.

Inúmeros foram os médicos figurados nas páginas de nossos romances oitocentistas, e mencionar todos seria uma tarefa extenuante, para não dizer impossível. Aluísio Azevedo figurou diversos doutores nas páginas de seus romances, mas concedeu posição de destaque ao Dr. Cobalt, célebre por ter descoberto a histeria, moléstia que o romancista apresentou em praticamente todos os seus romances.

O Dr. Cobalt, durante esse tempo, apresentou à Academia Francesa um livro de fisiologia e de filosofia, revolucionando a ciência de então com as suas novas idéias materialistas. A obra fez grande alvoroço e foi condenada a um tempo pela Sorbona, pelo Papa e pelo Parlamento. Mas ele, sustentando entusiasticamente pelos discípulos de Moraud, Picard e Hecquet, não desanimou e prometeu voltar a campo, armado agora para a luta com um novo trabalho, ainda mais formidável que o primeiro, em que se propunha provar que as famosas convulsões, provocadas pelo milagroso diácono Paris, no cemitério de Saint-Médard, nada mais eram do que fenômenos nervosos de histeria, moléstia que só então começou a ser estudada e conhecida em França<sup>375</sup>.

Um “médico apaixonado pela sua ciência”<sup>376</sup>, o Dr. Cobalt não acreditava que a moléstia que estava estudando assomava unicamente as mulheres, e passou a observar com extremo cuidado o jovem Ângelo, um religioso por quem sua amiga, a pérfida Alzira, se apaixonara. Sua grande oportunidade surgiu quando a moça faleceu e o mancebo se apresentou em seu velório. Deixando-o à sós com o cadáver de Alzira, o Dr. Cobalt se postou à observar escondido o “encontro” dos dois e, como suspeitava, viu o Ângelo beijar os frios lábios da moça perdida. Após beijar o cadáver de Alzira Ângelo caiu ao chão, sem sentidos, “produto sem dúvida de um profundo abalo nervoso”, no julgamento do médico.

Vou tratar dele. Hei de curá-lo e estudar o caso, que me parece muito bonito. O que me convém saber é qual era o seu estado patológico antes desta crise, e qual o valor dos agentes estranhos que poderiam ter contribuído para ela. Como sabem, a nossa ciência neste ponto ainda está muito atrasada em toda a Europa. Quase nada se conhece desse grande mundo, extraordinário, fantástico, impalpável, quase incompreensível; esse mundo de fenômenos psíquicos fornecido pelas afecções nervosas! Basta dizer-lhes que entre nós a histeria é ainda um mistério; a sugestão magnética é um divertimento!! as suas singularíssimas manifestações escapam ao médico e são exploradas pelo clero, que as explica como obra do diabo e receita para todos os casos os milagres de Saint-Médard! Estamos mais atrasados que nas épocas empíricas de Platão; mas, tempo virá, meus amigos, em que esta mesma França, ignorante de hoje, há de dar sobre este assunto as mais belas

<sup>374</sup> *O cromo*. 1888, p. 386.

<sup>375</sup> *A mortalha de Alzira*. 1961, p. 117.

<sup>376</sup> *A mortalha de Alzira*. 1961, p. 131.

lições de ciência. O futuro vingará minha obra, tão ferozmente amaldiçoada pela Sorbona e pelo Parlamento! Juro-lhes que a histeria, com todo o seu carnavalesco e brilhante cortejo de loucuras, não será um mistério no século XIX!<sup>377</sup>.

Já vimos que José de Alencar figurara em *Cinco minutos* um médico que diagnosticara o fim dos dias da jovem Carlota, o Dr. Valadão, legando-nos uma simpática apreciação da classe médica nas palavras da própria Carlota: “o poder da ciência, o olhar profundo, seguro, infalível, desse homem que lê no corpo humano como em um livro aberto, tinha visto no meu seio um átomo imperceptível”<sup>378</sup>. Em *Diva* ele nos apresentará o Dr. Augusto, para quem a medicina seria um verdadeiro sacerdócio<sup>379</sup>, bem como o Dr. Amaral, que fora certa vez “espancado” pela jovem Emília durante um simples exame.

Alfredo Taunay figurou no personagem principal de *Inocência* o “doutor” Cirino Ferreira de Campos, filho de um boticário que lhe legara todos os seus conhecimentos e lhe concedeu assim, inadvertidamente, o título de doutor. “Em localidade pequena, de simples boticário não há mais que um passo”, explicaria o narrador.

Cirino, pois, foi aos poucos, e com o tempo, criando tal ou qual prática de receitar e, agarrando-se a um Chernoviz, já sebooso de tanto uso, entrou a percorrer, com alguns medicamentos no bolso e na mala de garupa, as vizinhanças da cidade à procura de quem se utilizasse de seus serviços<sup>380</sup>.

O Dr. Lins Teixeira, protagonista de *O cromo*, que conhecemos páginas atrás, foi descrito por Horácio de Carvalho nos seguintes termos:

O dr. Teixeira, alma de seleção, tinha 33 anos de idade, dos quais os últimos 10 consumira-os ele conscientemente, e sem tréguas, no culto de Hipócrates. Muito modesto, tinha o dr. Teixeira uma grande reputação merecida, como médico e como homem de bem, em toda a extensão do vocábulo. A natureza dera-lhe um cérebro forte, de brilhante talento e invejáveis sentimentos morais. Pelo vigor da imaginação a sua alma era uma alma de poeta<sup>381</sup>.

Além dele, Horácio nos apresentou ainda o Dr. Vergueiro, o Dr. Campos, o Dr. Miranda, o Dr. Azevedo e o Dr. Mesquita, debruçando-se com esmero sobre o Dr. Barreto: “que médico! que operador! Era um tigre, de virar a gente às avessas e tornar à concertar. Em operação, então – cortava a carne como quem corta manteiga! E, em cima de tudo, ainda filósofo”<sup>382</sup>. Ricardo, irmão de Esther, não escondia sua admiração pelo médico Carlos Botelho, filho do barão do Pinhal, formado na Europa, “um rapagão bonito”, “sim senhor, lá isso é que era também uma verdade”.

<sup>377</sup> *A mortalha de Alzira*. 1961, p. 144.

<sup>378</sup> *Cinco minutos*. 1991, p. 37.

<sup>379</sup> *Diva*. 1993, p. 60.

<sup>380</sup> *Inocência*. 1947, p. 29.

<sup>381</sup> *O cromo*. 1888, p. 52-53.

<sup>382</sup> *O cromo*. 1888, p. 230.

Afinal de contas o que ele lhe invejava eram os bigodes: – uns bigodes chiques, cor de peles de lontras preparadas, curvos e graciosos, uns bigodes educados que ficavam onde os dedos os deixavam, como os animais bem ensinados<sup>383</sup>.

Horácio de Carvalho nos legou ainda um registro acerca das relações entre os médicos, indicando-nos que quando um novo formado desejasse abrir uma clínica em uma região pequena, como a Campinas em que o romance se passava, seria de bom tom entrar previamente em contato com os práticos da região.

Falava-se agora em um novo médico que ia para lá. Ele tivera a delicadeza de escrever ao dr. Teixeira, pedindo informações, solicitando a sua amizade e proteção, caso julgasse que a clínica do lugar dava para dois médicos, sem que o dr. Teixeira fosse prejudicado, e caso o aconselhasse a que fosse<sup>384</sup>.

Joaquim Manuel de Macedo também nos legou uma infinidade de doutores, mas parece-nos mais interessante analisar o caso de histeria que ele estampou nas páginas de *Um noivo à duas noivas*, que teve início quando Júlia, aconselhada por sua mãe e por seus avós, rompeu seu noivado com o sensualista Germano. A moça começou a definhar à olhos vistos e os médicos consultados identificaram os primeiros indícios de uma tísica que poderia se desenvolver, caso a situação não se resolvesse. Temendo pela saúde da menina, sua família resolveu abrir as portas da casa ao pretendido e eles reataram o noivado. “Naturalmente o moral reage com benigna influência sobre o físico”, comentaria Macedo,

e como por encanto, o que era possível observar-se em repentinas melhoras, observou-se repentinamente na jovem doente. A face animou-se, os olhos retomaram seu doce brilho normal, os lábios perderam a leve contração que negava o sorriso, o abatimento gera cedeu à ação viva da força vital acordada e como que desprendida pelo espírito que, das paixões contraentes passara às expansões da felicidade<sup>385</sup>.

“Recebendo no confessionário da medicina a confidência do amor contrariado de Julia”, os médicos compreenderam “a origem das melhoras inesperadas, e não hesitaram em aconselhar ainda, não imediato casamento de Julia e Germano; mas o seu ajuste solene e a freqüência do noivo na casa do barão”.

Não era o poder da ciência médica, era o milagre de amor que lograria curar a interessante e apaixonada donzela<sup>386</sup>.

“Os médicos admirados e esclarecidos”, concluiria Macedo, “tomavam nota daquela ação poderosa da vida moral sobre o a vida física, notando como a matéria parecia render preito de vassalo obediente ao espírito, seu rei dominador”<sup>387</sup>.

---

<sup>383</sup> *O cromo*. 1888, p. 231.

<sup>384</sup> *O cromo*. 1888, p. 398.

<sup>385</sup> *Um noivo à duas noivas*. S/d, vol. III, p. 78.

<sup>386</sup> *Um noivo à duas noivas*. S/d, vol. III, p. 80.

<sup>387</sup> *Um noivo à duas noivas*. S/d, vol. III, p. 110.

Lima Barreto, por sua vez, inseriu quatro médicos nas páginas do *Triste fim de Policarpo Quaresma*: o Dr. Segadas, “um clínico afamado no lugar, que não podia admitir que Quaresma Tivesse livros: ‘se não era formado, para quê? Pedantismo!’”<sup>388</sup>; o Dr. Bulhões, que nutria grande estima e mesmo certa veneração pelos talentos musicais do “trovador” Ricardo Coração dos Outros; o Dr. Campos, que além oferecer seus serviços aos moradores das redondezas também ocupava a presidência da Câmara da província de Curuzu, onde Quaresma passou a buscar sossego após sair do sanatório em que fora internado; e o Dr. Armando Borges, que se casara com a afilhada de Quaresma. Distante dos áureos quadros do romantismo, Lima Barreto derramará sobre o semblante e sobre as práticas destes doutores comentários muito pouco lisonjeiros. Sobre o Dr. Campos, por exemplo, ele dirá o seguinte:

Não nascera em Curuzu, era da Bahia ou de Sergipe, habitava, porém, o lugar há mais de vinte anos, onde casara e prosperara, graças ao dote da mulher e à sua atividade clínica. Com esta, não gastava grande energia mental: tendo de cor uma meia dúzia de receitas, ele, desde muito, conseguira enquadrar as moléstias locais no seu reduzido formulário<sup>389</sup>.

O Dr. Armando Borges foi o que recebeu maior atenção do romancista, sendo descrito, contudo, com cores ainda menos coloridas que o anterior:

Médico e rico, pela fortuna da mulher, ele não andava satisfeito. A ambição de dinheiro e o desejo de nomeada esporeavam-no. Já era médico do Hospital Sírio, onde ia três vezes por semana e, em meia hora, via trinta e mais doentes. Chegava, o enfermeiro dava-lhe informações, o doutor ia, de cama em cama, perguntando: “Como vai?” “Vou melhor, seu doutor”, respondia o sírio com voz gutural. Na seguinte, indagava: “Já está melhor?” E assim passava a visita; chegando ao gabinete receitava: “Doente nº 1, repita a receita; doente 5... quem é?”... “É aquele barbado”... “Ahnn!” E receitava.

Mas médico de um hospital particular não dá fama a ninguém: o indispensável é ser do governo, senão ele não passava de um simples prático. Queria ter um cargo oficial, médico, diretor ou mesmo lente da faculdade<sup>390</sup>.

Comprovando a infalibilidade dos médicos oitocentistas, Lima Barreto nos apresentaria ainda o caso de histeria de Ismênia, filha do General Albernaz.

A filha enlouquecera de uma loucura mansa e infantil. Passava dias inteiros calada, a um canto, olhando estupidamente tudo, com um olhar morto de estátua, numa atonia de inanimado, como que caíra em imbecilidade; mas vinha uma hora, porém, em que se penteava toda, enfeitava-se e corria à mãe, dizendo: “Apronta-me, mamãe. O meu noivo não deve tardar... é hoje o meu casamento”. Outras vezes recortava papel, em forma de participações, e escrevia: Ismênia de Albernaz e Fulano (variava) participam seu casamento.

O general já consultara uma dúzia de médicos, o espiritismo e agora andava às voltas com um feiticeiro milagroso; a filha, porém, não sarava, não perdia a mania e cada vez mais se embrenhava o seu espírito naquela obsessão de casamento, alvo que fizeram ser da sua vida, a que não atingira, aniquilando-se, porém, o seu espírito e a sua mocidade em pleno verdor<sup>391</sup>.

<sup>388</sup> *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 1997, p. 17.

<sup>389</sup> *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 1997, p. 107.

<sup>390</sup> *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 1997, p. 116-17.

<sup>391</sup> *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 1997, p. 130.

Além dos doutores formados, o escritor nos apresentaria ainda a “rival” do Dr. Campos em Curuzu, a sinhá Chica, uma famosa rezadeira da região.

Não havia quem como ela soubesse rezar dores, cortar febres, curar cobreiros e conhecesse os efeitos das ervas medicinais: a língua-de-vaca, a silvina, o cipó-chumbo – toda aquela drogaria que crescia pelos campos, pelas capoeiras, e pelos troncos das árvores.

Além desse saber que a fazia estimada e respeitável, tinha também a habilidade assistir partos. Na redondeza, entre a gente pobre e mesmo remediada, todos os nascimentos se faziam aos cuidados de suas luzes<sup>392</sup>.

Os tempos mudavam, e a figura do médico perdia sua “aura” de santidade para se ater à sua respeitável posição de soldado da ciência, quando sua cruzada civilizatória já teria se desvanecido...

Quanto ao *hospital*, o templo dos médicos, poucas referências encontraremos nos romances oitocentistas. Como já vimos, o usual seria o atendimento domiciliar pelo médico da família, e quando este não estivesse disponível, um outro seria chamado – *para o lar da família necessitada*. A população do sertão, distante de tudo e muitas vezes de todos, tinha a seu dispor, ainda que sem qualquer regularidade, indivíduos como o “doutor” Cirino figurado em *Inocência*, que desbravavam imensos caminhos em busca de doentes – e a população carente, tanto dos centros urbanos como das províncias, poderia dispor ainda das rezadeiras, como nos indicou Lima Barreto. O hospital, retomando as palavras de Lycurgo Santos Filho, seria o último lugar procurado por um enfermo.

Seja como for, encontraremos uma rápida referência à uma casa de saúde nas páginas de *A carteira do meu tio*, publicado por Joaquim Manuel de Macedo, e algumas referências breves em *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, com as quais ficamos sabendo que o hospital fechava às oito horas da noite<sup>393</sup>. Marques de Carvalho foi o único que dedicou alguma atenção ao templo de nossos doutores, já em um período em que a medicina progredira significativamente – e durante o período em que os saberes médicos mais atraíam nossos literatos, a década de 80. De qualquer forma, como veremos, a instituição ainda não gozava de boa reputação.

Enveredou Hortência pela rua Nova, seguindo-a em toda a sua extensão. Foi sair ao lado das paredes de uma enorme construção em andamento, onde trabalhavam centenas de operários nus da cintura para cima, expondo ao sol a lisa pele das costas. Seguiu para o largo do Palácio, que atravessou transversalmente, caminhando por sinuosa vereda trançada entre forte capinzal que crescia na praça. E logo chegou à calçada do Colégio. Estava a poucos passos do largo da Sé, defronte do edifício do hospital. O hospital! Esta palavra ressoou-lhe no cérebro como o eco doloroso de um enorme grito de angústia, exalado pela ilimitada garganta da humanidade sofredora. Tinha para ela um sentido especial, fora da razão comum dos termos usuais – com a

<sup>392</sup> *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 1997, p. 155.

<sup>393</sup> *O cortiço*. 1997, p. 136.

significação indefinida de uma entidade misteriosa e impressionadora; dava-lhe à mente a sensação moral dos males da sociedade, como se ela devesse recebê-los e suportá-los, para atenuá-los caridosamente por sua parte, cumprindo a sina ditada pelo destino inelutável. Passaram-lhe repentinamente pelo espírito, numa velocidade solícita e fantástica de mirabolante caleidoscópio, mil cenas de sangue, dessas que se dão em todos os hospitais e casas de saúde. Eram amputações de membros esmagados, dilacerações de ventres proeminentes, profundos rasgões em seios túmidos, na apoiadura, espasmódicas contrações de dor, e rostos lúgubres, de uma lividez de moribundo, gritos dilacerantes, estertores sinistros, um interminável arquejar aflito e horrendo de peito que perde o alento vital. Crianças gritavam agudamente, mulheres soluçavam, homens proferiam blasfêmias imorais entre gestos enérgicos e reles. E aquilo mesmo era a vida: crianças que apareciam no mundo, adultos que se aniquilavam num derradeiro esforço impotente da vontade presa à terra<sup>394</sup>.

Descontando a verborragia naturalista e extremamente fatalista de Marques de Carvalho, podemos notar que em 1888 os hospitais ainda não pareciam muito atraentes àqueles que necessitavam de cuidados médicos, mas saberemos, por outras passagens, que, ao menos no Pará, onde o romance se passa, eles ficavam abertos o dia inteiro e que contavam com “solícitas enfermeiras”<sup>395</sup> – classe à que Hortência desejava fazer parte. Já empregada, ela “sentia-se menos desgraçada no meio da labutação: o espetáculo de desditas e falecimentos a que assistia dava-lhe ensejos de estabelecer cotejo entre os seus males e os do próximo e julgar-se, com verdade, menos infeliz do que supunha”<sup>396</sup>.

Muito distantes, portanto, do templo asséptico, reconfortante e seguro de nossos dias, estavam os hospitais brasileiros no século XIX. A norma seria o recurso ao *médico da família*, que acompanharia sua evolução e conheceria cada membro em particular, estendendo sua tutela para além de meras “consultas ocasionais”. Como já observamos, nossos médicos não se interessavam unicamente pela saúde física de nossos patrícios, mas desejavam alcançar todas as esferas de seu cotidiano. Vejamos agora as transformações que a classe médica imprimiu sobre o semblante da família brasileira oitocentista.

### ***A criação do amor filial e as transformações da família oitocentista***

O amor foi a pedra de toque do século dezenove, permeando praticamente todas as esferas sociais do cotidiano brasileiro – “a paixão que mais tem concorrido para a civilização da humanidade”<sup>397</sup>, como já mencionou o Dr. José Luiz da Costa. Essência do cristianismo, tido primordialmente como uma religião civilizadora, o amor foi um dos principais recursos de que lançaram mão nossos médicos em sua cruzada, mediatizando tanto as relações entre os

<sup>394</sup> Hortência. 1997, p. 51-52.

<sup>395</sup> Hortência. 1997, p. 34.

<sup>396</sup> Hortência. 1997, p. 152-53.

<sup>397</sup> *Considerações sobre o amor*. 1848, p. 29.

membros da família, em sua dimensão filial, quanto as relações desta com o país, em sua dimensão patriótica. Para compreendermos com maior clareza as transformações da família brasileira no século XIX e para aquilatar com maior propriedade as conquistas de nossos médicos, em parceria com os literatos, nesse plano, devemos entrar em contato, ainda que brevemente, com as feições da sociedade colonial brasileira. Tomando o desenvolvimento do romance nacional como correlativo ao desenvolvimento da sensibilidade de nossos patrícios, observamos apenas o hiato temporal que se estendeu dos anos 40 até a década de 80 e, ainda que alguns literatos tenham dedicado certa atenção ao período colonial, devemos recorrer a outras fontes para delimitar a situação do país antes da chegada da corte de D. João VI.

Primeiramente, devemos notar que, praticamente abandonados à si próprias, as famílias se concentravam sobre si mesmas como unidades autônomas, pouco ou nada recorrendo às demais esferas da sociedade. Livres de quaisquer laços simbólicos com seu meio e com poucos recursos sociais à sua disposição, a casa colonial tinha de se provir de tudo por sua própria conta. Como comentaria Gilberto Freyre, “a família, não o indivíduo, nem tampouco o Estado nem nenhuma companhia de comércio, é desde o século XVI o grande fator colonizador no Brasil”<sup>398</sup>. Jurandir Costa, outro estudioso do período, diria que

a mulher quase não tinha necessidade de ausentar-se da casa para obter o que precisava. O comércio procurava atender à família *in loco*, sustentando o sistema econômico que inibiu e paralisou durante tanto tempo o desenvolvimento urbano do Brasil. O que não era produzido na casa era oferecido nas portas pelos vendedores<sup>399</sup>.

A constituição da família colonial, por sua vez, em nada se assemelhava à estrutura nuclear típica ao século XIX, era antes constituída por um grande emaranhado de escravos, filhos naturais e agregados que pulverizavam e impediam possíveis manifestações sentimentais, com todas suas atenções direcionadas à figura do pai – chefe supremo e inabalável da família. Quanto mais distante emocionalmente de sua família, mais poder um senhor patriarcal acumularia, segundo Jurandir Costa.

Mulheres e filhos ouviam-no, de tempos em tempos, para obedecer. Não havia necessidade de contato permanente e prolongado para que a ordem, na residência colonial, produzisse seus efeitos. O medo à punição bastava. As relações sentimentais íntimas era, em consequência, dispensáveis<sup>400</sup>

Mulheres e crianças tinham pouca mobilidade e mesmo valor nessa configuração social, restritas sempre ao jugo da figura paterna. Sem necessidade de deixar o lar para o provimento da casa, as mulheres viviam reclusas, dedicadas ao marido e à organização das inúmeras atividades domésticas requeridas pelo grande contingente que a cercava. Quanto às

<sup>398</sup> *Casa grande & senzala*. 2001, p. 92.

<sup>399</sup> *Ordem médica e norma familiar*. 1983, p. 103.

<sup>400</sup> *Ordem médica e norma familiar*. 1983, p. 96.

crianças, elas viviam soltas pelos grandes sobrados, aos cuidados indiferentes de mães ou escravas, ignoradas pelos pais. Em casa, até os cinco anos, comentaria Gilberto Freyre, “os meninos de família andavam nus do mesmo modo que os muleques; mais tarde é que vinham as roupas pesadas e solenes distinguir os filhos-família dos mulecotes da senzala”<sup>401</sup>.

Os viajantes que aqui estiveram no século XIX são unânimes em destacar esse ridículo da vida brasileira: os meninos, uns homenzinhos à força desde os nove ou dez anos. Obrigados a se comportarem como gente grande: o cabelo bem penteado, às vezes frisado à Menino Jesus; o colarinho duro; calça comprida; roupa preta; botinas pretas; o andar grave; os gestos sisudos; um ar tristonho de quem acompanha enterro<sup>402</sup>.

“À menina”, continuaria ele, “a esta negou-se tudo o que de leve parecesse independência. Até levantar a voz na presença dos mais velhos. Tinha-se horror e castigava-se a beliscão a menina respondona ou saliente; adoravam-se as acanhadas, de ar humilde”<sup>403</sup>. Submissas ao pai, seriam depois igualmente submissas ao marido. Como comentaria Jurandir Costa:

A criança, até o século XIX, permaneceu prisioneira do papel social do filho. Sua situação sentimental refletia a posição que este último desfrutava na casa. A imagem da criança frágil, portadora de uma vida delicada merecedora do desvelo absoluto dos pais, é uma imagem recente. A família colonial ignorava-a ou subestimava-a. Em virtude disto, privou-a do tipo e quota de afeição que, modernamente, reconhecemos como indispensáveis a seu desenvolvimento físico e emocional<sup>404</sup>.

Dado o reduzido contingente populacional do período, as mulheres se casavam cedo. “Aos doze, treze, quatorze anos”, comentaria o historiador. “Com filha solteira de quinze anos dentro de casa já começavam os pais a se inquietar e a fazer promessa a Santo Antônio ou São João. Antes dos vinte anos, estava a moça solteirona”<sup>405</sup>. Casamentos em geral arranjados, determinados pela vontade do pai, sem qualquer consulta à futura esposa.

Não havia tempo para explodirem em tão franzinos corpos de menina grandes paixões lúbricas, cedo saciadas ou simplesmente abafadas no tálamo patriarcal. Abafadas sob as carícias de maridos dez, quinze, vinte anos mais velhos; e muitas vezes inteiramente desconhecidos das noivas. Maridos da escolha ou da conveniência exclusiva dos pais. Bacharéis de bigode lustrosos de brilhantina, rubi no dedo, possibilidades políticas<sup>406</sup>.

Haviam casos de raptos românticos e amores sinceros, mas poucos. Gilberto Freyre nos relata um caso de fuga, por volta de 1680, que nos demonstra, como revés, a pouca importância que as afeições pessoais tinham no período.

<sup>401</sup> *Casa grande & senzala*. 2001, p. 466.

<sup>402</sup> *Casa grande & senzala*. 2001, p. 465.

<sup>403</sup> *Casa grande & senzala*. 2001, p. 474.

<sup>404</sup> *Ordem médica e norma familiar*. 1983, p. 155.

<sup>405</sup> *Casa grande & senzala*. 2001, p. 400.

<sup>406</sup> *Casa grande & senzala*. 2001, p. 395.

Ocorreu a fuga bem na véspera do seu casamento com ilustre bacharel da escolha dos pais. Estes ofereceram logo ao noivo ludibriado a mão de outra filha, que foi imediatamente aceita. De modo que o casamento realizou-se tranqüilamente, sem outro incidente que o perturbasse<sup>407</sup>.

Assim, tanto por conta da escassez de habitantes, quanto pela rarefação do meio social, a sociabilidade do período colonial se restringia à poucos eventos, praticamente de natureza religiosa. A vida dos aristocratas do açúcar seguia morosa, sem quaisquer distrações ou divertimentos externos. “Os dias se sucediam iguais; a mesma modorra; a mesma vida de rede, banzeira, sensual. E os homens e as mulheres, amarelos, de tanto viverem deitados dentro de casa e de tanto andarem de rede ou de palanquim”<sup>408</sup>. Segundo Jurandir Costa:

A família colonial recebia pouco. A recepção era um item da conduta social desvalorizado e pouco exercitado. Numa sociedade em que prevalecia a mentalidade rural e religiosa a “festa privada” perdia parte de seu sentido. A família restringia sua sociabilidade ao comparecimento a festejos públicos, em especial aos religiosos<sup>409</sup>.

O quadro apresentado na primeira parte deste ensaio serve de contraste gritante a toda essa configuração. A vida social oitocentista atingira tal grau de aceleração durante a década de 50 que nossos médicos já aconselhavam às mulheres grávidas o sossego do campo. As crianças se atiravam à todas as traquinagens possíveis, como os peraltas apresentados nas páginas das *Memórias de um Sargento de Milícias* ou das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, e os jovens aos desvarios da juventude descritos por Macedo ou Alencar. Donzelas extrovertidas e agitadas como a Carolina, figurada em *A moreninha*, seriam inimagináveis no universo colonial, bem como um sem número de pais amorosos. Toda essa revolução existencial foi alcançada com a cruzada posta em marcha com a chegada de D. João VI, na qual, entre outras classes intelectuais, nossos literatos e doutores tomaram parte ativa.

Primeiramente, coube ao século XIX desenvolver o patriotismo, descrito pelo doutorando Joaquim Manuel de Macedo como “o doce visco que conglatina o homem com o lugar, em que respirou o primeiro ar de vida”. Segundo ele, o patriotismo

é um poderoso e apertado laço tão belo, como necessário, que nos fraterniza, e nos arrebanha em povo, como em pequeno quadro se observa um grupo de indivíduos coligados em famílias; é um sentimento grande e majestoso, para o qual todo coração humano tem um escaninho, e toda alma um sagrado fogo, que o sopro da virtude aviva de contínuo<sup>410</sup>.

Em seguida, competiria ao século, embalado pelas luzes do romantismo, em nosso país antes um movimento de renovação espiritual do que literário e estético, desenvolver aquilo que hoje chamamos de “amor filial”, semeado pela própria religião católica, tida como “a única e verdadeira”. Em *O gaúcho*, José de Alencar diria que “quando Deus encarna as

<sup>407</sup> *Casa grande & senzala*. 2001, p. 395.

<sup>408</sup> *Casa grande & senzala*. 2001, p. 483.

<sup>409</sup> *Ordem médica e norma familiar*. 1983, p. 104.

<sup>410</sup> *Considerações sobre a nostalgia*. 1844, p. 09.

almas, para semear a terra, imprime-lhes dois emblemas indelévels: a consciência da divindade e a intuição da maternidade; o verbo divino e o verbo humano”<sup>411</sup>, demonstrando como estas idéias já faziam parte indelével do cotidiano oitocentista. Como comentaria o Dr. Antônio Gonçalves Torres:

A natureza pôs no coração da mãe a fonte das virtudes dos filhos; a nossa religião é a de nossa mãe; o ensino frio das escolas não se grava senão na memória, e Jesus Cristo só quer colocado o seu santuário no coração. Não são pois os mestres, mas sim ela, quem deve dar esta educação<sup>412</sup>.

À mulher coube um papel de destaque neste amplo quadro de reformas sociais e existenciais, como veremos com mais cuidado em seguida. O poder antes depositado na figura paterna patriarcal será transferido para este anjo de candura sob as vestes da mais doce submissão, quando na verdade ela passaria a governar a sociedade e o mundo. Como nos adiantaria Joaquim Manuel de Macedo, “é a mulher que faz o marido, preparando-o antes de casar, e completando-o depois de casada”<sup>413</sup>. Joana, apresentada no romance *A namoradeira*, seria “uma das últimas filhas do antigo e condenado sistema de educação da mulher, e representava legitimamente, tanto na austeridade dos costumes, na vida modesta e recolhida, como na obediência absoluta e irrefletida a vontade do homem à que pertencia”. As palavras de Macedo poderiam mesmo ser consideradas a fonte de que Gilberto Freyre se serviria, dada sua recorrência no período:

Joana era esposa como tinha sido filha, voluntária escrava de seu marido, como fora escrava voluntária do pai: tinha por todo seu mundo a sua casa, por toda a felicidade na vida o amor e a estima de Ursini; por seu primeiro dever a submissão mais completa ao senhor do seu destino, e com o trabalho assíduo e o maior zelo nos cuidados domésticos enchia tranqüila e satisfeita os dias que lhe iam correndo<sup>414</sup>.

Rosina, a filha do casal, por sua vez, escaparia aos “erros da antiga educação amesquinhadora e deprimente da mulher”<sup>415</sup>, mas correria ainda os riscos da educação moderna, tão cheia de vícios e corrompida pelo dinheiro, como julgavam praticamente todos os românticos do século XIX – em consonância com a classe médica, como veremos oportunamente. Seja como for, a situação feminina era já outra, muito distinta da esboçada no período colonial.

Antônio Manuel de Almeida registrou nas *Memórias de um Sargento de Milícias* um dos inúmeros “últimos” remanescentes da antiga mentalidade colonial, o patife José Manuel,

---

<sup>411</sup> *O gaúcho*. 1964, p. 54.

<sup>412</sup> *Breves considerações sobre o físico e o moral da mulher nas diferentes fases de sua vida*. 1848, p. 08.

<sup>413</sup> *Os quatro pontos cardeais*. S/d, p. 63.

<sup>414</sup> *A namoradeira*. S/d, vol. I, p. 39.

<sup>415</sup> *A namoradeira*. S/d, vol. I, p. 43.

aquele que, como vimos páginas atrás, “se tinha alguma virtude, era a de não enganar pela cara”<sup>416</sup>.

Tinha-se José Manuel tornado para Luisinha um verdadeiro marido-dragão, desses que só aquele tempo os conta tão perfeitos, que eram um suplício constante para as mulheres. Depois que se havia mudado de casa de D. Maria, nunca mais Luisinha vira o ar da rua senão às furtadelas, pelas frestas da rótula: então chorava ela aquela liberdade de que gozava outrora; aqueles passeios e aquelas palestras à porta em noite de luar; aqueles domingos de missa na Sé, ao lado de sua tia com o seu rancho de crioulinhas atrás; as visitas que recebiam, e o Leonardo de quem tinha saudades, e tudo aquilo enfim a que não dava nesse tempo muito apreço, mas que agora lhe parecia tão belo e tão agradável<sup>417</sup>.

Como o narrador complementaria, “tendo-se casado com José Manuel, para seguir a vontade de D. Maria”, Luisinha “votava a seu marido uma enorme indiferença, que é talvez o pior de todos os ódios”<sup>418</sup>.

Outra revolução na mentalidade do século dezenove registrada tanto por médicos quanto por literatos se deu no plano da escolha dos conjugues – tema central do romance *Amância*, como já observamos, mas também presente em inúmeras páginas de Macedo, Alencar e Aluísio Azevedo, defendida com esmero por nossos doutores. Segundo o Dr. Marcorvo, “a família bem constituída é um reflexo da Santíssima Trindade”:

a ventura que se goza na paz do lar doméstico é uma prelibação de néctar celestial – um lampejo da eternidade feliz<sup>419</sup>.

A família, antes dissipada em uma rede sem fim de escravos e agregados, passará agora a se centrar nos conjugues e em seus filhos, formando assim a “trindade” mencionada pelo Dr. Marcorvo – ainda que atrelada à escravidão, mal que ocupará a mente de todas as classes intelectuais do período e, portanto, também de nossos médicos e literatos. A figura da famigerada “ama escrava” será o principal empecilho encontrado pelos doutores, mas eles encontrarão uma saída bastante sagaz para sua erradicação.

Por fim, todo esse quadro deveria ter como esteio a educação, na qual tanto nossos literatos quanto nossos médicos influíam de modo indireto com suas recomendações – tornando-se menos “curiosas” as diversas teses sobre a higiene dos colégios legadas pelos doutorandos pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Segundo o Dr. Cândido de Azeredo Coutinho:

A Europa, e especialmente a França e Alemanha, não podiam ser indiferentes à higiene das primeiras idades; nestes países cultos é a infância cercada de cuidados, e só a desampara quando adulta se confunde na massa comum da população; os auspícios que recebem as pobres mães próximas a darem à luz o produto da concepção, as creches que recebem os meninos durante que

<sup>416</sup> *Memórias de um Sargento de Milícias*. 1997, p. 74.

<sup>417</sup> *Memórias de um Sargento de Milícias*. 1997, p. 145.

<sup>418</sup> *Memórias de um Sargento de Milícias*. 1997, p. 145.

<sup>419</sup> *Algumas considerações higiênicas e médico-legais sobre o casamento e seus casos de nulidade*. 1848, p. 31.

seus parentes na ocupação nos trabalhos diurnos, as casas de expostos, as leis severas contra o infanticídio, as diferentes instituições caridosas para a infância, os surdo-mudos e os cegos que recebem dos homens de coração apoio e proteção, sem o que tantas vidas se consumiriam inúteis a si e à sociedade; professores que cursam aulas especiais, tudo isto se observa e se pratica na Europa.

Não é somente a educação científica que merece cuidado, a educação física é convenientemente dirigida, a ginástica, e as belas artes fazem parte importante da educação, desenvolvendo o corpo e corrigindo as naturezas ásperas; o sentimento do belo, do justo, e do honesto é inoculado na mocidade pelo complexo dos diferentes ramos do ensino<sup>420</sup>.

É certo que ele acrescentaria que “os cuidados que se devem prestar à infância são quase desconhecidos entre nós; no que é relativo à educação a higiene ainda não prestou o seu apoio, e seus preceitos ou são ignorados, ou desprezados em nossos colégios”<sup>421</sup>, mas a educação em nosso país já apresentava melhoras significativas – como nos acalmaria o Dr. Antenor Guimarães:

Era quase geral o grito pela reforma radical no nosso sistema de educação; seu fundo, sua forma, a parte das famílias, e da instituição pública, eram, e continuam com razão a ser ainda atacadas. Palpitava a necessidade de uma renovação geral nos princípios, nos métodos e nos agentes que devem formar o bom homem social. Felizmente vai já este importante assunto despertando algum interesse em todos aqueles, que nutrem algum sentimento pelo bem da humanidade<sup>422</sup>.

A primeira manifestação “oficial” da estética romântica em nosso país, *Os suspiros poéticos e saudades*, de Gonçalves de Magalhães, no apresenta em 1836 uma sensibilidade muito distinta da legada pelo Brasil colonial. Ainda que suas palavras não conseguissem exprimir todos os seus sentimentos, como o vate lamentaria no poema *Invocação à saudade*, seus poemas expõem sensações e situações geralmente inimagináveis nos anos anteriores – a começar pela própria introdução da obra.

Quem ao menos uma vez separou-se de seus pais, chorou sobre a campa de um amigo, e armado com o bastão de peregrino, errou de cidade em cidade, de ruína em ruína, como repudiado pelos seus; quem no silêncio da noite, cansado de fadiga, elevou até Deus uma alma piedosa, e verteu lágrimas amargas pela injustiça, e misérias do homem; quem meditou sobre a instabilidade das coisas da vida, e sobre a ordem providencial que reina na história da Humanidade, como nossa alma em todas as nossas ações; esse achará um eco de sua alma nestas folhas que lançamos hoje a seus pés, e um suspiro que se harmonize com o seu suspiro<sup>423</sup>.

Como sabemos, o extenso volume de poemas foi escrito durante os anos em que ele viveu na Europa, e uma de suas últimas composições, escrita em 1833, narra sua despedida do seio familiar. Suas linhas iniciais são dedicadas, como não poderia deixar de ser, à mãe do poeta:

*Choram por mim... Por mim a mãe querida  
Em soluços – adeus – nem dizer pode...  
Debalde balbucia; os lábios tremem,  
E a dor a voz lhe embarga...*

<sup>420</sup> *Esboço de uma higiene dos colégios aplicável aos nossos*. 1857, p. 06-07.

<sup>421</sup> *Esboço de uma higiene dos colégios aplicável aos nossos*. 1857, p. 07.

<sup>422</sup> *Dissertação sobre a higiene dos colégios*. 1858, p. 05.

<sup>423</sup> *Suspiros poéticos e saudades*. 1999, p. 40.

*Banhado tem o rosto  
De cristalino pranto, e cor de sangue  
Os olhos já cansados<sup>424</sup>.*

Em seguida, vem a figura do pai, ainda semelhante à usual no período colonial, mas observada com uma veneração tocada por novos ares:

*Lá vejo o caro pai sisudo e grave,  
A quem anos as faces enrugaram,  
E a fonte encaneceram;  
A mão ao filho estende, e a benção lança:  
“Boa viagem, diz, boa viagem;  
Deus te guie, e te traga  
Na sua santa guarda,  
Sempre digno de mim, da Pátria digno”.*

*Memorandas palavras!  
Palavras de meu pai... n'alma do filho  
Ausente, eternas ficarão gravadas<sup>425</sup>.*

Seus irmãos, por sua vez, receberiam as seguintes palavras:

*Ternos irmãos – adeus – me estão dizendo  
Com tão fúnebre acento,  
Como se eu condenado à morte fosse.  
Um por um os abraço, e adeus lhes digo.  
Quero partir... forcejo; os olhos cerro...  
Porém a dor, que o coração me preme,  
Forças me tira, e me franqueia os passos;  
Em borbotões rebentam  
Lágrimas que enxugar em vão pretendo<sup>426</sup>.*

O poeta lamentaria unicamente que nenhum de seus amigos o acompanhasse até o porto, indicando assim a importância da amizade no período – como observaremos em breve. Seja como for, não podemos deixar de indicar a nota vibrante do volume, mais um sinal dos novos tempos: “nada por mim, por minha Pátria tudo”<sup>427</sup>.

Até aqui temos discutido o processo de construção da sensibilidade brasileira indistintamente, mas homens e mulheres tinham papéis sociais muito bem definidos na composição da sociedade oitocentista – papéis sociais que foram em grande medida delimitados e reiterados por médicos e literatos nas páginas de suas composições. Ao descobrir que fora ludibriado em uma de suas maiores conquistas, quando julgava possuir a bolsa de seda de seu adorado anjo de caridade, o personagem Constancio de *A bolsa de seda* sentiu bem o peso da cisão sexual que o cercava: “Vi... vi, e, coisa extraordinária, não desmaiei! tive naquele momento pena de não ser mulher; se eu o fosse, teria arranjado um

<sup>424</sup> *Suspiros poéticos e saudades*. 1999, p. 361.

<sup>425</sup> *Suspiros poéticos e saudades*. 1999, p. 361-62.

<sup>426</sup> *Suspiros poéticos e saudades*. 1999, p. 362.

<sup>427</sup> *Suspiros poéticos e saudades*. 1999, p. 87.

faniquito a propósito”<sup>428</sup>. Do mesmo modo a ilustrada Esther, de *O cromo*, lamentava os domínios circunscritos ao seu gênero:

essa formosa rapariga, nos seus momentos de entusiasmo pela separação de São Paulo, lastimava-se de ter nascido mulher. Desejava ser homem para agitar as massas, acordar o espírito público, de há muito narcotizado por um garrafão de clorofórmio – o sr. d. Pedro II<sup>429</sup>.

Cada sexo deveria se restringir à suas características, por assim dizer, *inatas*, sob o risco de se “descaracterizarem” existencial e, mais propriamente, socialmente. Pouco disseram sobre os homens “afeminados” nossos doutores, mas dedicaram muitas linhas às mulheres – a figura de maior importância do século XIX. Segundo o Dr. José Luiz da Costa:

As Zenobias, as Semíramis, que endossaram couraças: as Borgias, as Fredegondes, as Brunéhauts, as Margaridas de Borgonha, as Joannas de Nápoles, cujos nomes recordam crimes horríveis; não são a mulher que formou a natureza para amiga, e consolação do homem: são organizações masculinas, que trouxeram por engano órgãos sexuais feminis; também foram elas, mais devassas do que ternas, mais libertinas que amantes<sup>430</sup>.

Discutindo alguns casos de hermafroditismo, o Dr. Marcorvo descreve a camponesa Elisabeth Rocca no seguintes termos:

Elisabeth era bastante alta, de aspecto assaz agradável, de compleição vigorosa, e casada; tinha algum buço, o pescoço magro, a cartilagem tiróide notavelmente saída, e o peito largo, posto que nenhum vestígio houvesse de mama, e o bico do peito fosse tão pequeno e rudimentar como no homem. As suas coxas eram delgadas, a voz grave, as feições muito pronunciadas, os olhos pretos, o olhar pronto e seguro, e a inteligência mui desenvolvida; enfim ela não tinha nenhuma dessas formas que caracterizam uma mulher<sup>431</sup>.

“Geralmente as faculdades afetivas predominam na mulher”, comentaria o Dr. José Monteiro Barros, “e as faculdades intelectuais no homem; a observação de um e de outro sexo em todas as circunstâncias de sua vida, suas respectivas funções em as sociedades, são a prova desta verdade”<sup>432</sup>.

O destino marcado pela natureza aos dois sexos parece vir em apoio do que temos dito sobre a predominância dos sentimentos na mulher: o homem concebe por seu espírito, e executa com a força de seu braço; a mulher, mais fraca a todos os respeitos, é a mais própria a prodigalizar à família os cuidados que ela reclama de sua ternura e do seu afeto<sup>433</sup>.

E não pensemos que os médicos de outrora reproduziam em suas teses apenas impressões ingênuas acerca do papel da mulher na sociedade, posto que suas observações muitas vezes estavam coordenadas à uma complexa organização da realidade – como nos

<sup>428</sup> MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os romances da Semana*. 1937, p. 23.

<sup>429</sup> CARVALHO, Horácio de. *O cromo*. 1888, p. 383.

<sup>430</sup> *Considerações sobre o amor*. 1848, p. 19.

<sup>431</sup> *Algumas considerações higiênicas e médico-legais sobre o casamento e seus casos de nulidade*. 1848, p. 15.

<sup>432</sup> *Considerações gerais sobre a mulher, e sua diferença do homem; e sobre o regime que devem seguir no estado de prenhes*. 1845, p. 07.

<sup>433</sup> *Considerações gerais sobre a mulher, e sua diferença do homem; e sobre o regime que devem seguir no estado de prenhes*. 1845, p. 07.

sugerem certas reservas do Dr. José Monteiro Barros, comentando algumas idéias do célebre Dr. Gall:

Com efeito, Gall observa que as mulheres têm geralmente a cabeça mais volumosa na parte posterior, e a fronte mais estreita; e sabemos que ele atribui às partes posteriores do cérebro as faculdades afetivas, e às partes anteriores as faculdades intelectuais. Muitos filósofos, fazendo abstração da organização primitiva da mulher, têm observado sua fraqueza física como o resultado do gênero de vida que a sociedade lhe impõe, e sua inferioridade nas ciências dependente unicamente de sua má educação: mas nós pensamos de outra maneira, e julgamos que o nosso estado social deve ser considerado aqui antes como efeito do que como causa. O que é certo é, que algumas mulheres que se nos apresentam para provar esta oposição, são todas pouco próprias para o fim santo ao qual a natureza as destina, e para as funções a que se devem restringir para a perfeita execução deste mesmo fim. A felicidade da mulher dependerá sempre da impressão que ela fizer sobre o homem, e pensamos que aqueles que lhe tiverem verdadeiro afeto não desejarão vê-las com a arma ao ombro, marchando a passo dobrado para a guerra, ou discorrendo do alto de uma tribuna sobre os interesses das nações; isto, que não está em relação com as suas faculdades, lhes ficaria mal<sup>434</sup>.

Como nossos patrícios faziam questão de ressaltar as especificidades cabidas à cada sexo nos deteremos por alguns instantes sobre cada um deles em particular. “Limite-se”, como diria o Dr. José Joaquim Firmino Júnior, “cada sexo ao que for compatível com a sua organização; não busquem transgredir as raias de seus deveres, e sua felicidade será completa”<sup>435</sup>.

### ***Mulher: a alma do homem***

A mulher, tema central do pensamento brasileiro oitocentista, recebeu da pena de nossos doutores todas as atenções e cuidados possíveis. Como no caso dos literatos, sua imagem será bastante idealizada no início do Segundo Reinado, passando a ser recoberta por uma aura de mistério indevassável com o passar das décadas – por conta de sua sensibilidade extremamente esquisita<sup>436</sup>, como diria, entre muitos outros, o Dr. José Monteiro Barros. José de Alencar, aquele que primeiro se dedicou a esquadrihar os recônditos da psicologia feminina em nossas letras, completamente convencido de que a mulher seria toda sentimento, abandonaria, no romance *Senhora*, de 1875, a tarefa de investigar seu universo mental, alegando que “ninguém sabe que maravilhas ou que monstros vão surgir desses limbos”<sup>437</sup>.

Nossos doutores, certamente em parceria com outras classes intelectuais, passarão a construir a imagem da mulher calcada no amor, alegando que ambos teriam sido criados em

<sup>434</sup> *Considerações gerais sobre a mulher, e sua diferença do homem; e sobre o regime que devem seguir no estado de prenhes.* 1845, p. 08.

<sup>435</sup> *Dissertação sobre a menstruação, precedida de breves considerações sobre a mulher.* 1840, p. 08.

<sup>436</sup> *Considerações gerais sobre a mulher, e sua diferença do homem; e sobre o regime que devem seguir no estado de prenhes.* 1845, p. 05.

<sup>437</sup> *Senhora.* 1997, p. 78.

conjunto<sup>438</sup>, e que sua vida se resumiria em amar e ser amada<sup>439</sup>. Como declararia o Dr. José Luis da Costa:

a mulher é um composto de paixões exalantes, que a impele a viver pegada ao homem, como a trepadeira a um tronco; não tendo senão um fim em sua existência, ela emprega todas as forças de sua alma, converte todos os seus afetos, algumas vezes os mais estranhos, em conseguir esse fim, sem mesmo atender à sua conveniência individual<sup>440</sup>.

Antes atreladas ao jugo do senhor patriarcal, as mulheres seriam “libertadas” em nosso país tanto pelas luzes do novo século como pela religião de Cristo, onde ela ocupa um lugar eminente. “A religião de Maomé conserva enclausuradas as mulheres do Oriente; elas vivem em lupanares domésticos onde a ignorância está a par da bestialidade”, comentaria o Dr. Cândido Coutinho. “O cristianismo liberta a mulher que brilha no lar doméstico pela educação, pela graça e pela virtude”<sup>441</sup>.

Responsável pela sagrada missão da maternidade, a mulher foi “escolhida” pela classe médica, senão por todo o pensamento do século XIX, como figura principal de suas “estratégias” civilizatórias por conta de sua eminente função educadora, responsável tanto pela criação dos filhos quanto pela re-educação de seus maridos, como Macedo nos adiantou rapidamente linhas atrás. Tida como “a alma do homem”<sup>442</sup> por José de Alencar, com quem poucos poderiam fazer par em nossas letras no terreno do estudo feminino, a mulher seria o objeto de veneração máxima do *dandy* Horácio de Almeida, “a Vênus deste Olimpo em que vivemos”<sup>443</sup>:

A mulher era para ele a obra suprema, o verbo da criação. Toda a religião como toda a felicidade, toda a ciência como toda a poesia, Deus a tinha encarnado nesse misto incompreensível do sublime e do torpe, do celeste e do satânico: amálgama de luz e cinzas, de lodo e néctar<sup>444</sup>.

Já vimos como Afrânio Peixoto, escondido pela alcunha de Júlio Afrânio, dedicaria igual veneração à figura feminina na virada do século, com sua *Rosa mística* – e encontraremos uma veneração semelhante nas páginas das teses médicas oitocentistas. “A mulher é soberana; governa o mundo”, julgaria o Dr. Marcorvo. “Seu trono é o amor; seu cetro – a beleza; seu diadema – a virtude, em suas diversas manifestações, especialmente na

<sup>438</sup> BARROS, José Joaquim Ferreira Monteiro. *Considerações gerais sobre a mulher, e sua diferença do homem; e sobre o regime que devem seguir no estado de prenhes*. 1845, p. 16.

<sup>439</sup> BARROS, José Joaquim Ferreira Monteiro. *Considerações gerais sobre a mulher, e sua diferença do homem; e sobre o regime que devem seguir no estado de prenhes*. 1845, p. 10.

<sup>440</sup> *Considerações sobre o amor*. 1848, p. 18-19.

<sup>441</sup> *Esboço de uma higiene dos colégios aplicável aos nossos*. 1857, p. 25.

<sup>442</sup> *Sonhos d'ouro*. 1964, p. 155.

<sup>443</sup> *A pata da gazela*. 1992, p. 17.

<sup>444</sup> *A pata da gazela*. 1992, p. 20.

pureza; sua glória natural é a constituição da família”<sup>445</sup>. No parecer do Dr. José Luis da Costa:

em todas as quadras da vida, a mulher se distingue do homem, pelo maior desenvolvimento de paixões exalantes: na infância, quando os dois sexos se assemelham por seus caracteres físicos, a mulher é mais risonha, estranha menos, é mais sensível aos afagos: na meninice, não tem a inquietação do homem, nem os seus jogos, nem as suas inclinações, em vez de cobrir-se com uma barretina de papel, de fazer um pau espingarda, entretém-se dia e noite com uma boneca, a quem dá o nome de filha, fala-lhe como se animada fosse, etc., etc.: na juventude, isto é, quando se veste de graças, quando as rosas vem manchar-lhe as faces, o garbo adornar-lhe o corpo, e o sentimento alumiar-lhe os olhos: oh! quanto amor não exala a mulher! Então, desabrocham todas as paixões até ali em botão, que lhe dão um espírito angélico, que a divinizam, que a faz adorar de joelhos! Então torna-se esse ente prestigioso, cheio de poesia, que enche a imaginação humana, que se lhe imprime n’alma, ou para melhor dizer, que se mistura à sua alma, que se envolve em uma atmosfera de amor, como o sol de luz, como de aromas a rosa<sup>446</sup>.

“Na mulher o sentimento do amor, esta afeição universal que atea o facho de todas as existências, que aformoseia e exalta a vida, é mais profundo e mais arraigado que no homem”, determinaria o Dr. Marcorvo.

Agradar é sua partilha; ser adorada é o cúmulo de toda a sua felicidade; a linguagem do coração, à qual cede na maior parte dos casos, é por ela melhor compreendida, que a lê no coração do homem, penetra os seus mais secretos pensamentos, e conhece o mágico poder de um olhar despedido de seus feiticeiros olhos, de uma palavra desprendida de seus melífluos lábios, por isso que suas faculdades afetivas são suscetíveis de maior elevação e do desenvolvimento de qualidades que não são o apanágio de seu sexo<sup>447</sup>.

“Considerando na mulher as suas formas graciosas e angélicas, a delicadeza das suas fibras”, suspiraria por sua vez o Dr. Antônio de Lima Torres,

deve-se esperar dela as mais puras e santas afeições. Essa criatura delicada, e frágil, que implora o nosso apoio pela sua fraqueza, suporta calma e resignada longo pungir de dores junto do leito de sofrimento de seu filho, pai ou esposos moribundos! Que é da sua extrema delicadeza? Desaparece em presença das torturas, que martirizam entes tão caros ao seu coração; comprida série de noites lá está no seu posto de honra, o lugar onde ouve gemer, onde sabe que há quem sofra!<sup>448</sup>.

Podemos observar em todas estas passagens a glorificação das características estritamente femininas sempre em contraposição aos caracteres que deveriam caber aos homens. “Ela foi formada para sentir como o homem foi criado para pensar”, refletiria o Dr. José Luis da Costa. “Superior a ele em sagacidade, e prontidão em compreender, é contudo muito inferior ao raciocínio, e reflexão: aquelas que tem apresentado uma inteligência superior, tem sido sempre às custas de suas qualidades feminis”<sup>449</sup> – como outros doutores já haviam apontado há pouco. Esther, a jovem que se lançara aos profundos estudos da ciência, no romance *O cromo*, seria definida pelo Dr. Teixeira, seu mestre, como “um cérebro de

<sup>445</sup> *Algumas considerações higiênicas e médico-legais sobre o casamento e seus casos de nulidade*. 1848, p. 31.

<sup>446</sup> *Considerações sobre o amor*. 1848, p. 20.

<sup>447</sup> *Algumas considerações higiênicas e médico-legais sobre o casamento e seus casos de nulidade*. 1848, p. 05-06.

<sup>448</sup> *Breves considerações sobre o físico e o moral da mulher nas diferentes fases de sua vida*. 1848, p. 05.

<sup>449</sup> *Considerações sobre o amor*. 1848, p. 20.

homem sobre um sistema nervoso de mulher”. “Com efeito”, justificaria o narrador, “o poder de compreensão e conservação de idéias marcava naquela moça um fato admirável de ordem mental entre mulheres”<sup>450</sup>. No julgamento sintético do Dr. Antenor Guimarães, “uma descrição da organização da mulher então nos faria ver que os seus destinos se encerram nas palavras – beleza, maternidade e fraqueza”<sup>451</sup>.

É certo que nem todos pensariam assim, como nos comprova a seguinte passagem da tese *Breves considerações sobre o físico e o moral da mulher nas diferentes fases de sua vida*, defendida pelo Dr. Antônio de Lima Torres: em 1848

A despeito dos bárbaros prejuízos de outrora, a que tem de ser a nossa glória, a companheira da nossa vida, tem pensamentos, alma, inteligência, e as frívolas questões sobre a sua inferioridade entraram no número das pouco cavalheiras, e mesmo podemos dizer ridículas<sup>452</sup>.

Aqueles que não julgavam a mulher sequer uma criatura humana, continuaria ele, “hoje o crêem firmemente, pois que Jesus Cristo escolheu uma Mulher para nela Humanizar-se”<sup>453</sup>. Fazendo par com estas afirmações, o Dr. Marcorvo, no mesmo ano, e provavelmente influenciado pelos mesmos autores, senão pelos mesmos professores, declamaria a superioridade feminina nos seguintes termos:

A mulher é superior ao homem. Para que negá-lo?

Mil argumentos o provam. Bastem-nos dois:

O homem foi feito de barro; a mulher foi tirada da costela, isto é, do osso e da carne do homem, ou, como diz Lacordaire, do escudo natural que cobre o coração do homem.

Jesus Cristo – Deus humanado – não tem pai na terra, tem Mãe!...

Notai bem: este argumento não é poético, nem lisonjeiro, é lógico e concludente<sup>454</sup>.

Inferior ao homem em certos aspectos, para muitos, caberia à mulher, de qualquer forma, por suas inumeráveis outras virtudes, a sagrada missão da maternidade, como retomaria o Dr. Marcorvo:

Há diversas fontes de amor. A maior de todas é a beleza. Há diversas belezas. A maior de todas é a beleza da mulher – ente misterioso, que, na escala da criação, está entre os homens e os anjos; – farol criado por Deus para nos guiar durante a peregrinação desta vida, fazer a nossa ventura neste mundo, e ensinar-nos o caminho certo da Jerusalém celeste...

A obediência moral nasce da vontade; a vontade nasce do coração; o coração é formado pela mulher: é um jardim, cujas flores são os instintos, as inclinações, os afetos.

Ninguém sabe cultivar esse jardim com tanto cuidado, delicadeza e gosto, como a jardineira natural – a Mãe<sup>455</sup>.

<sup>450</sup> *O cromo*. 1888, p. 125.

<sup>451</sup> *Dissertação sobre a higiene dos colégios*. 1858, p. 50.

<sup>452</sup> *Breves considerações sobre o físico e o moral da mulher nas diferentes fases de sua vida*. 1848, p. 08.

<sup>453</sup> *Breves considerações sobre o físico e o moral da mulher nas diferentes fases de sua vida*. 1848, p. 08.

<sup>454</sup> *Algumas considerações higiênicas e médico-legais sobre o casamento e seus casos de nulidade*. 1848, p. 33.

<sup>455</sup> *Algumas considerações higiênicas e médico-legais sobre o casamento e seus casos de nulidade*. 1848, p. 32.

Do sexo feminino “deve sair uma geração inteira, que se há de ir perder com milhares d’outras lá na eternidade dos séculos”<sup>456</sup>, como comentaria o Dr. Antônio de Lima Torres. “A natureza, ao mesmo tempo [em] que se esmerou, atendendo às graças, teve por fíto objetos mais nobres e essenciais à saúde do indivíduo e a conservação da espécie”<sup>457</sup>, “objetos” aos quais, levando-se em conta todos os predicados indicados acima, somente a mulher poderia atender:

a natureza pôs no coração da mãe a fonte das virtudes dos filhos; a nossa religião é a de nossa mãe; o ensino frio das escolas não se grava senão na memória, e Jesus Cristo só quer colocado o seu santuário no coração. Não são pois os mestres, mas sim ela, quem deve dar esta educação<sup>458</sup>.

Palavras que seriam decalcadas por Joaquim Manuel de Macedo em seu romance *Nina*: “não é o pai, nem o mestre, nem o padre, é a mãe, ou a ama, ou enfim a mulher encarregada dos cuidados da criação, quem prepara o coração do menino, semeando nesta terra vigem os germens dos sentimentos que serão as fontes e as bases da sua vida moral”<sup>459</sup>.

“A mulher tem mais influência sobre os costumes dos homens, do que geralmente se presume: é um poder que por isso que vem acobertado com a dedicação de uma mãe, e a ternura de uma esposa, encontra menos resistência da parte dele”, segundo o Dr. José Luis da Costa.

Formosa, cheia de graça e voluptuosidade, animada pelo amor e o desejo de ser amada; a mulher rodeia de agrado e de encanto, o homem a quem ama, consagra-lhe sua vida, para que ele faça a sua felicidade, e para melhor obrar sobre seu espírito, enche-o de venturas, derrama toda a sua graça em tudo que os rodeia, como um astro radioso colora e enriquece tudo que recebe seus raios<sup>460</sup>.

Do mesmo, demonstrando a validade destas idéias no círculo médico, o Dr. Marcorvo diria:

a mulher, como Deus a quer, seja mãe, filha, esposa ou irmã, exerce um poderoso e benéfico impulso no futuro da sociedade; tem um poder de origem divina, uma soberania legítima, benéfica, providencial<sup>461</sup>.

“A mulher emprega a sua vida já completa em completar uma outra por meio da educação da prole, preenchendo assim um dos fins do casamento, talvez o mais nobre de todos, o desenvolvimento do físico e do moral, da inteligência e do caráter do filho”<sup>462</sup> – arremataria o Dr. Antônio de Lima Torres.

<sup>456</sup> *Breves considerações sobre o físico e o moral da mulher nas diferentes fases de sua vida*. 1848, p. 10.

<sup>457</sup> *Breves considerações sobre o físico e o moral da mulher nas diferentes fases de sua vida*. 1848, p. 10.

<sup>458</sup> *Breves considerações sobre o físico e o moral da mulher nas diferentes fases de sua vida*. 1848, p. 08.

<sup>459</sup> *Nina*. 1951, p. 07.

<sup>460</sup> *Considerações sobre o amor*. 1848, 23.

<sup>461</sup> *Algumas considerações higiênicas e médico-legais sobre o casamento e seus casos de nulidade*. 1848, p. 33.

<sup>462</sup> *Breves considerações sobre o físico e o moral da mulher nas diferentes fases de sua vida*. 1848, p. 25.

Veremos com maior atenção tanto a sagrada tarefa da maternidade quanto à importância do casamento na sociedade oitocentista em breve; por ora, parece-nos acertado discutir a percepção mútua de literatos e médicos quanto à educação feminina em nosso país. Encarregadas da educação de toda uma nação, as mulheres deveriam, por sua vez, ser também educadas de acordo com sua valorosa missão – talvez a tarefa mais árdua que nossos intelectuais lograram empreitar. Se muitos foram os “problemas” herdados dos tempos coloniais, inúmeros outros se apresentaram à sociedade brasileira no século XIX, correspondentes, sem dúvida, à complexificação social conquistada com a “modernidade”. Se antes do advento do Império a educação feminina poderia ser tida como retrógrada e precária, médicos e literatos se viam, na época do progresso, diante de um sistema de ensino “corrompido e viciado” – em consonância com a melancolia romântica típica ao período.

Segundo o Dr. Antônio Luis da Silva Peixoto existiriam mais mulheres alienadas na França do que na Inglaterra justamente *por conta do vício de educação das primeiras*:

a preferência que se dá às artes de puro gosto, a leitura de romances, que sendo ainda elas mui jovens as obriga a desenvolverem uma atividade prematura, superior ao seu desenvolvimento, faz nelas desenvolverem-se desejos, para os quais ainda não estão elas preparadas, desperta-lhes idéias de uma perfeição imaginária, e que não encontrarão senão nos romances; a grande freqüência de espetáculos, de círculos, abuso de música, e a falta de ocupação fazem aumentar em França o número das alienadas. Na Inglaterra ao contrário as mulheres recebem uma educação mais forte, elas passam uma vida mais recolhida, mais interior, entregam-se mais aos seus serviços e mais se edificam; elas não ocupam no mundo um lugar tão importante como as primeiras<sup>463</sup>.

“Não devemos fazer consistir a sua beleza, só nos atrativos físicos”, comentaria o Dr. Antônio de Lima Torres. “Torna-se mister ainda dar-lhe educação moral, cuidar dos dotes da sua alma; lembremo-nos sempre, de que o tempo rouba as graças, destrói os encantos, a morte ceifa tudo, e que só as virtudes são lembradas além do tumulto”<sup>464</sup>. Concorrendo para a educação do sexo feminino, segundo ele, estaríamos concorrendo para a educação de todos: “dando-lhe altos e nobres pensamentos, acabaremos de uma vez com as nossas mesquinhas ambições, com as nossas paixões mundanas”<sup>465</sup>. Por sua vez, o Dr. Antônio de Gouvêa Portugal diria que “educação moral que se dá às meninas no nosso país não é das melhores, pois que muito cedo principiam elas a sorver tragos de prazer nos salões dos bailes e nos teatros”<sup>466</sup>. Entoando a mesma ária, coube ao Dr. José de Amorim Carrão registrar que:

a educação das meninas não é certamente a mais conveniente entre nós, parece até que nos colégios elas recebem uma educação toda contrária aos preceitos da higiene; a missão da mulher na sociedade não entra na consideração das diretoras em vem vez de dirigirem a educação com o fim de preparar boas mães de famílias, a instrução física e moral não é completada neste sentido:

<sup>463</sup> *Considerações gerais sobre a alienação mental*. 1837, p. 05.

<sup>464</sup> *Breves considerações sobre o físico e o moral da mulher nas diferentes fases de sua vida*. 1848, p. 08.

<sup>465</sup> *Breves considerações sobre o físico e o moral da mulher nas diferentes fases de sua vida*. 1848, p. 08.

<sup>466</sup> *Influência da educação física no homem*. 1853, p. 22.

poucas saem dos colégios, e que em um futuro pouco remoto podem ter o doce prazer de amamentar seus filhos; às vezes, ou quase sempre, são obrigadas a procurar o primeiro alimento para o fruto de suas entranhas em uma mulher mercenária, incapaz de bem as substituir; entretanto estes colégios finalizam habilmente os seus trabalhos anuais com um esplêndido *baile*: o luxo dos vestidos depende da riqueza dos parentes, os quais enxergam um prazer na ostentação das pompas da moda em uma menina de onze a doze anos; a vaidade se aninha nestas almas juvenis – o desejo de brilhar, de sobressair, e de aparecer as acompanha em todas as fases de suas vidas, sacrificam muitas vezes à vaidade a saúde, o repouso e a família! é uma luta interminável com a higiene; acusemos uma mulher nestes casos; mas como, e porque? Inocentes vítimas de uma educação imperfeita morrem sem ao menos saberem a causa de seus males!<sup>467</sup>.

Juízos que encontraremos também nas páginas de *A namorada*, de Joaquim Manuel de Macedo:

criamos e educamos nossas filhas tão vâmente preocupados da idéia de prepará-las para agradar e cativar os homens com os adornos do espírito, com a beleza do rosto, com a gentiliza do corpo e com os enfeites dos vestidos, que por isso elas recebem de nós uma segunda natureza na vaidade. Não nasceram vaidosas, não: poderiam não tê-lo sido; mas os pais plantam a vaidade no berço das filhas<sup>468</sup>.

A vaidade, sentimento inato às mulheres, segundo o pensamento da época, seria a pior característica destas “Vênus” adoráveis, inoculado e desejado pela sociedade corruptora que as libertara da “escravidão” colonial... “O que é a vaidade na mulher”, questionaria-se Machado de Assis, “senão essa mesma vertigem que alucina o homem sob o nome de glória? Sede insaciável de luz, embriagues de admiração, na qual muitas vezes afogam-se a honra e a virtude”<sup>469</sup>, prosseguiria ele, desatento às inúmeras críticas veiculadas pela sociedade à vaidade feminina, indiferente à sede de glórias masculina...

Cândida, uma das personagens de *As vítimas-algozes*, seria apresentada por Macedo como uma donzela modelo, graças à “prática prudente de não ter sido a menina levada até então aos bailes, e às sociedades sem caráter de reunião limitada a famílias de íntima amizade e confiança”<sup>470</sup>. Alencar, já bastante descrente da sociedade, em um período de grandes críticas ao romantismo, nos relataria que D. Camila, figurada em *Senhora*, felizmente

tinha dado a suas filhas, a mesma vigorosa educação que recebera; a antiga educação brasileira, já bem rara em nossos dias, que, se não fazia donzelas românticas, preparava a mulher para as sublimes abnegações que protegem a família, e fazem da humilde casa um santuário<sup>471</sup>.

Libertadas do jugo patriarcal e criadas conforme os modelos que temos apresentado, as mulheres brasileiras do século XIX passariam verdadeiramente a “dominar” seus pais – e mais tarde – desde cedo, criadas em verdadeiras estufas de amor filial. “Da repreensível negligência dos pais, d’essa mal entendida força de amor que os cega”, diria o Dr. José de Amorim Carrão, “nascer talvez numerosos e nocivos hábitos, origem de tantos vícios, contra

<sup>467</sup> *Esboço de uma higiene dos colégios aplicável aos nossos*. 1857, p. 09.

<sup>468</sup> *A namorada*. S/d, vol. I, p. 07.

<sup>469</sup> *Iaiá Garcia*. 1938, p. 33.

<sup>470</sup> *As vítimas-algozes*. 1991, p. 161.

<sup>471</sup> *Senhora*. 1997, p. 33.

os quais ainda clamam célebres escritores, e debalde procuram desarraigar do seio da Sociedade”<sup>472</sup>. Retomando todas estas idéias, o Dr. José Monteiro Barros diria:

não podemos deixar de lembrar a força que uma educação bem cuidada pode ter sobre o melhoramento do moral da mulher; desgraçadamente nós, em vez de inspirarmos os sentimentos de virtude, e só estes em nossas filhas, somos os primeiros a favorecer com escandalosa condescendência as tendências para o mal, com o fim ridículo, e pouco calculado, de lhes procurarmos uma feliz existência, cercada de grandezas e adorações!<sup>473</sup>

Passemos então à mais sagrada missão da mulher, a maternidade, e às transformações que sofreram o casamento, prerrogativa básica dessa função, e a criação da prole, resultado de tão desejado enlace, sob os auspícios das novas luzes do século.

### ***Maternidade: a missão sagrada da mulher***

Tanto as construções da maternidade quanto da necessidade do casamento alcançaram tamanho êxito na sociedade brasileira oitocentista que se entranharam à vida social do país como prerrogativas inquestionáveis, inerentes à própria essência dos indivíduos. Se alguns inimigos da pátria se eximiam ao casamento, os detestáveis celibatários, praticamente nenhuma mulher sequer imaginar a possibilidade de não ser mãe um dia.

A “construção” desta missão feminina alcançou tamanho êxito que nossas patrícias nem sequer conseguiam desejar ou mesmo imaginar um futuro diferente para si mesmas. Ana Rosa, a protagonista de *O mulato*, romance de Aluísio Azevedo, era bastante radical quanto a isso, indignada quanto ao fato de que “havia por aí mulheres que eram contra o casamento”!

Não! Ela não podia admitir o celibato, principalmente para a mulher!... “Para o homem – ainda passava... viveria triste, só; mas em todo caso – era um homem... teria outras distrações! Mas uma pobre mulher, que melhor futuro poderia ambicionar que o casamento?... que mais legítimo prazer do que a maternidade; que companhia mais alegre do que a dos filhos, esses diabinhos tão feiticeiros?...” Além de que, sempre gostara muito de crianças; muita vez pedira a quem as tinha que lhes mandasse a fazer-lhe companhia, e, enquanto as pilhava em casa, não consentia que mais ninguém se incomodasse com elas; queria ser a própria a dar-lhes a comida, lavá-las, vesti-las, e acalentá-las. E estava constantemente a talhar camisinhas e fraldas, a fazer toucas e sapatinhos de lã, e tudo com muita paciência, com muito amor, justamente como, em pequenina, ela fazia com as suas bonecas<sup>474</sup>.

Algumas personagens de Macedo, temporalmente anteriores às de Azevedo, como sabemos, tinham idéias mais “avançadas” e não pensavam necessariamente em se casar, ainda que fatalmente se entregassem aos sublimes laços do himeneu – após encontrarem o homem de suas vidas, claro. Nos romances posteriores à geração estritamente romântica de Macedo,

<sup>472</sup> *Algumas considerações sobre o homem*. 1848, p. 07.

<sup>473</sup> *Considerações gerais sobre a mulher, e sua diferença do homem; e do regime que devem seguir no estado de prenhes*. 1845, p. 11.

<sup>474</sup> *O mulato*. 1969, p. 41-42.

contudo, torna-se mais difícil encontrar essas “mulheres independentes”. Aparentemente nossas patricias “modernas”, por assim dizer, foram tomando cada vez maior consciência de sua sagrada missão, o que comprova a eficiência dos discursos médicos e literários. Poderíamos pensar, certamente, que nossos escritores “realistas” simplesmente optavam por não representar essas “exceções à regra”, julgando-as heróicas demais para sua época, o que faziam suplantando os últimos impulsos românticos de sua imaginação; mas isso só comprovaria nossa hipótese, de qualquer modo, demonstrando que as primeiras não passavam de tipificações que fugiam à norma – agora, indubitavelmente, ainda mais ferrenha.

Para o alcance de tamanho êxito o pensamento do século XIX precisou primeiro erradicar a terrível prática dos casamentos arranjados, herdada dos tempos coloniais. Como diria a Augusta, personagem de *O cortiço*, “isto de casamentos empurrados a força acabam sempre desgraçando tanto a mulher como o homem”<sup>475</sup>. “A liberdade de escolha é condição natural do casamento”<sup>476</sup>, confirmaria o Dr. Antônio de Lima Torres. Como ele acrescentaria, poucos seriam os remanescentes da antiga mentalidade em 1848:

não contamos com esses, que sacrificam tudo ao ouro, até a sua própria filha, querendo vê-la arrastar vida de luxo, que a desgosta, contanto que, vivendo vida menos ruidosa no centro de família, que a estime, só porque este não será apontado como grosso capitalista, nem contará entre os seus maiores fidalgos de alta linhagem! Felizmente, tão raros são esses hoje, que poucos os terão conhecido<sup>477</sup>.

Em 1858, contudo, o Dr. Antenor Guimarães ainda lastimava essa terrível prática:

pouco se atende principalmente entre nós as conveniências da idade, do gosto e do temperamento. Os ricos e fidalgos procurando para suas filhas um esposo nas mesmas circunstâncias só encontram-no na idade madura quando já enervado pelos prazeres e muitas vezes afetado de moléstias.

A moça pela sua parte, reprimindo os impulsos de seu coração, e levada pelas instigações de sua mãe, que se crê amestrada, considera a fortuna como o melhor bem, dá pouco apreço às qualidades físicas e morais e precipita-se nos braços de um velho rico, quase sempre doentio e nojento<sup>478</sup>.

“Nas classes inferiores”, continuaria ele, “a influência do dinheiro não é menos tirânica, e aí a necessidade traz consigo talvez mais freqüentemente a violação do trono nupcial”<sup>479</sup>. Tal costume “doentio”, no entanto, havia de lhes proporcionar inúmeros inconvenientes, como ele asseveraria à seguir:

Os especuladores de casamentos talvez estranhem levar em conta a vida dos filhos, que hão de vir; mas bem tarde se arrependerão de ter preferido a fortuna ao real elemento da prosperidade; seu

<sup>475</sup> *O cortiço*. 1997, p. 61.

<sup>476</sup> *Breves considerações sobre o físico e o moral da mulher nas diferentes fases de sua vida*. 1848, p. 21.

<sup>477</sup> *Breves considerações sobre o físico e o moral da mulher nas diferentes fases de sua vida*. 1848, p. 22.

<sup>478</sup> *Dissertação sobre a higiene dos colégios*. 1858, p. 16.

<sup>479</sup> *Dissertação sobre a higiene dos colégios*. 1858, p. 16.

coração se despedaçará à vista dos males presentes e dos que prevem; as moléstias e a morte acometerão desapiadadamente a sua casa e lhe prepararão uma velhice triste e solitária<sup>480</sup>.

É certo que Brás Cubas pouca ou nenhuma importância deu à proposta de casamento que seu pai lhe oferecera, já no século do progresso<sup>481</sup>, mas a mãe de Luciano, personagem da narrativa *Uma paixão romântica*, incluída na coletânea *Os romances da Semana*, publicado por Macedo, horrorizada, afastaria de seu filho qualquer idéia acerca de tão terrível decisão: “não seremos nós, meu filho, que exigiremos jamais de ti um sacrifício doloroso: um casamento que te repugna, não poderia fazer a tua felicidade, que é tudo quanto no mundo desejamos”<sup>482</sup>.

Afastada a sombra dos casamentos arranjados, caberia à nossos doutores cuidarem das condições do himeneu, visando tanto a felicidade dos noivos quanto da futura prole – ocupando-se, para tanto, das qualidades físicas e das idades dos noivos, como já se pronunciaram o Dr. Coutinho e o Dr. Marcorvo. “Abisma com efeito ver o pouco cuidado que se presta à melhoria da raça humana”, comentaria por sua vez o Dr. Antenor Guimarães, estendendo-se assim:

e entretanto muitos há que se admiram do grande número de figurinhas que cada vez mais cresce, e desta multidão de raquíticos, escrofulosos, tuberculosos e malucos que povoam os hospitais, sem atender que é isto devido aos vícios de educação e maneira porque se contraem a maior parte dos casamentos<sup>483</sup>.

“O casamento descansa sobre o reconhecimento mútuo dos direitos dos dois contraentes”, diria o Dr. Antônio de Lima Torres, “porque é com esta condição, que pode haver amor e concurso para a procriação, e conservação da espécie”<sup>484</sup>. “O casamento, pois, é essa união legal e sagrada entre dois entes que se idolatram”, como comentaria o Dr. Marcorvo, “com o fim de satisfazerem suas necessidades físicas, perpetuarem sua espécie e educarem seus filhos, e prolongarem a vida compartilhando os dissabores e doçuras dela”<sup>485</sup>. Assim, nossos médicos passarão a discorrer sobre a idade em que o casamento deveria se realizar, visando sobretudo erradicar um dos costumes herdados dos tempos coloniais. Como já observamos, nos anos da colônia nossas patrícias se casavam bem cedo, o que, se por um lado correspondia às necessidades populacionais do período, por outro lhes acarretava dois grandes males: uma acelerada decrepitude física e a quase geral entrega dos filhos à amas escravas. Já notamos, na primeira parte deste trabalho, que por volta da década de 70 os

<sup>480</sup> *Dissertação sobre a higiene dos colégios*. 1858, p. 17.

<sup>481</sup> MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 1997, p. 72.

<sup>482</sup> *Os romances da Semana*. 1937, p. 145.

<sup>483</sup> *Dissertação sobre a higiene dos colégios*. 1858, p. 16.

<sup>484</sup> *Breves considerações sobre o físico e o moral da mulher nas diferentes fases de sua vida*. 1848, p. 21.

<sup>485</sup> *Algumas considerações higiênicas e médico-legais sobre o casamento e seus casos de nulidade*. 1848, p. 01-02.

brasileiros subiam ao altar mais “maduros” – mas essa conquista só foi possível com os preceitos de nossos médicos e literatos, certamente em parceria com outras classes intelectuais.

“Debaixo de qualquer ponto de vista que seja encarada esta questão”, apontaria o Dr. Frederico Xavier:

é necessário que os contraentes se achem na época da vida em que o seu vigor é maior e há aptidões mútuas em igualdade de forças para a propagação. Se estudarmos todas as fases da vida do homem e da mulher, reconheceremos que aos 24 ou 25 anos está o homem habilitado a contrair casamento e a mulher aos 19 ou 20 anos<sup>486</sup>.

Confirmando estes juízos, o Dr. Antenor Guimarães comentaria que “raramente são fortes os filhos de pais de menos de 22 anos e de mais de 45, e de mães de menos de 18 ou de mais de 40”<sup>487</sup>. “Os filhos que em geral descendem de conjugues muito moços não oferecem o vigor e a constituição que apresentariam se os progenitores se tivessem casado na idade mais conveniente e exigida pela higiene”<sup>488</sup>, diria o Dr. Frederico Xavier. O Dr. Antônio de Gouvêa Portugal registrou que “a mulher deveria se casar entre os dezoito e os vinte e oito, ao passo que os homens deviam se casar entre os vinte e dois e os quarenta anos”<sup>489</sup>. “Os casamentos não convém em começo da puberdade”, explicaria ele,

porque não estando os órgãos no grau de desenvolvimento necessário, não passarão incólumes quando se tenha tomado um estado como o de casado, em que uma das mais importantes vai tomar campo, a geração. Muita gente seduzida pelos encantos, brilhos e aparatos da cidade, que só traduz magias, enlevos e paixões; da idade, cujo retrato excede ao de um lindo botão de rosa ao desabrochar, em que o sangue fervendo nas veias, e os olhos cintilando de expressão, tudo impõe, prende e comove; em que a linguagem muda dos olhos vence em muito a linguagem da palavra; em que emblemas de guerra se apresentam para denotar que soa a hora de uma função sair a campo; em que a natureza, prevendo que certas partes se envergonharão de estar descobertas, por isso as reveste de pelos; em que duas bandeiras de paz se desenrolando e aparecendo pouco a pouco tenderão a trazer a conciliação e a paz futura que se manifestará pelo troco de um choro, por um sorriso do inocente filho, quando amamentado por sua mãe; muita gente, dizíamos nós, tem crido ser esta a melhor idade para o casamento, como se fosse esta a melhor idade para o bem pensar!<sup>490</sup>

Por outro lado, os casamentos tardios também não seriam nada aconselháveis. Em seu parecer, “na velhice os casamentos não convém, porque os órgãos em geral estão enfraquecidos e as funções destes se acham em grande parte perturbadas, ou completamente abolidas em alguns dentre eles”<sup>491</sup>. O Dr. Frederico Xavier comentaria:

quando a ciência não se pronunciasse contra os casamentos tardios, bastavam os fatos que se observam, algumas vezes, de velhos em avançada idade unirem-se à virgens no vigor dos anos, ou

<sup>486</sup> *Dos casamentos sob o ponto de vista higiênico*. 1876, p. 28.

<sup>487</sup> *Dissertação sobre a higiene dos colégios*. 1858, p. 17.

<sup>488</sup> *Dos casamentos sob o ponto de vista higiênico*. 1876, p. 29.

<sup>489</sup> *Influência da educação física no homem*. 1853, p. 07.

<sup>490</sup> *Influência da educação física no homem*. 1853, p. 07.

<sup>491</sup> *Influência da educação física no homem*. 1853, p. 07.

juvencs prenderem-se pelos laços do matrimônio à velhas que não podem apresentar atrativo algum, nem cumprirem o que a natureza lhes impõe.

As conseqüências que dimanam de tais uniões são reprovadas pela ciência, pela sociedade e pela moral<sup>492</sup>.

Mais verborrágico, o Dr. Antônio de Gouvêa Portugal se expressaria nos seguintes termos:

seria bom que em nosso país não se dessem casamentos entre pessoas que uma desproporção muito considerável tenham em suas idades; por exemplo: um velho rabugento não iria procurar uma senhora dos quatorze aos vinte anos, bem certo de que os seus milhões ou contos de réis dão-lhe direito a viver a par de um anjo. A mulher geralmente gostando de riquezas, por causa dos prejuízos de uma má educação moral e pelas pompas falsas deste mundo, deixa-se prender, obtém em verdade a riqueza, e muito ufana fica de si, como se não tivesse obtido também a sífilis e outras moléstias e males que tenderão a fazê-la infeliz. Demais, quem reserva casamentos para tal idade, ou já chafurdou nos prazeres da libertinagem, ou está louco<sup>493</sup>.

Prenúncio das glórias do paraíso, quando reflexo da Santíssima Trindade, o casamento traria inúmeras venturas *na terra* aos seus contraentes – conclamado, aliás, pela própria natureza. No parecer do Dr. Vicente Maia:

após os candores da infância, abre-se no cenário da vida da mulher uma nova fase, em que resplandecem os mais belos capítulos do romance sexual, aliados ao papel sublime da maternidade.

À princípio um ser infantil, ligeiramente diferenciado do sexo contrário, experimenta, ao explodir da puberdade, sensíveis metamorfoses, que sintetizam a estabilidade do seu organismo, há pouco solicitado, por uma imperiosa necessidade de evolução. Abre o cortejo destas transformações o aparecimento do *fluxo menstrual*, oriundo de órgãos, até então latentes e onde o berço de um futuro ser se prepara<sup>494</sup>.

“O homem isolado”, por sua vez, nas palavras do Dr. Frederico Xavier,

sem o apoio da mulher que com ele participa dos prazeres e desgostos da vida, que o auxilia, modificando os seus sofrimentos, e concorrendo à tornar-lhe menos espinhosa a peregrinação pelo mundo, em pouco tempo seria presa da moléstia; e mais tarde, depois de engolfado nos prazeres, quando procurasse o arrimo da família, iria levar um germe viciado à geração (p. 05) futura, por cujos males seria ele o único responsável.

O homem entregue a si próprio, carecedor de tudo que adoce as suas privações, concentra-se; e, refletindo no que é, reconhece a necessidade e a vantagem de unir-se a um ser de sexo diverso, de constituir uma família, e de lançar para longe esse vácuo que em si existe. É então que um sentimento belo e admirável nele se origina, sentimento que tem sido objeto de importantes considerações de distintos escritores, tão poeticamente descrito por Mme. de Stael – o amor<sup>495</sup>.

A regularidade da vida em família corresponderia à felicidade dos conjugues e de seus filhos, que mais tarde prestariam à seus pais os devidos tributos demarcados pelo amor filial em expansão. Como continuaria o Dr. Xavier:

entrai no albergue do pobre – vê-de esse grupo composto de esposo, mulher e filhos, ressentindo-se por toda a parte a miséria; olhai para as suas fisionomias, e vereis desenhada a alegria, contemplando os risos dos filhinhos, aos quais distribuem o alimento do dia. A miséria os poderia

<sup>492</sup> *Dos casamentos sob o ponto de vista higiênico*. 1876, p. 32.

<sup>493</sup> *Influência da educação física no homem*. 1853, p. 06.

<sup>494</sup> *A menstruação na etiologia das nevroses e psicoses*. 1897, p. 07.

<sup>495</sup> *Dos casamentos sob o ponto de vista higiênico*. 1876, p. 05-06.

acabrunhar, mas, lembrando-se de que esses seres constituem a epopéia da união conjugal, resignam-se, e no meio da pobreza, vivem felizes, tendo por conforto a religião<sup>496</sup>.

Todas essas “vantagens” passariam à integrar o imaginário da população brasileira de tal forma que o casamento lhes pareceria uma instituição irrecusável, conclamada pela própria natureza, como já mencionamos. Horácio de Carvalho registrou esse “chamado” nas páginas do romance *O cromo*, em ambos os sexos. Vejamos primeiro o caso do Dr. Lins Teixeira, que dedicara longos dez anos ao estudo mas que não escapou à sina de seu tempo:

tinha necessidade de alguma coisa mais, que não estava nos livros, que os livros não podiam dar, e que nem estava na ave que canta, na aurora que arrebatava, na estrela que deslumbra, na música enfim solene e terna da Natureza infinita. Precisava de um *não sei que*, que não sabia o que era, e nem onde estava, mas que era uma coisa que se não define e que estava na própria espécie – precisava talvez de uma mulher, que lhe fosse a companheira da existência, porque a vida sem a mulher era um nome vão, um crime de lesa-Natureza perante as leis fatais do Universo<sup>497</sup>.

“Desperto”, o Dr. Teixeira se entregava à fantasia e imaginava “um lar alegre, vivificado pelo barulho das crianças, risos, choros, gritos, gargalhadas, notas cristalinas, concertos de aves no ninho – sonho! sonho do amor na vida, suprema felicidade da existência”<sup>498</sup>. “Nesse tempo, enquanto ele receitasse ou estivesse visitando os seus doentes” sua esposa “cuidaria dos anjos no remanso da família, toda amor e cuidados, e iria esperá-lo à porta quando ele voltasse!”<sup>499</sup>. Esther, por sua vez, estava irremediavelmente apaixonada por um sujeito que vira em um baile, cuja imagem se fixara em sua mente.

Dormira abraçada com os seus pensamentos, os seus maiores algozes. Eles lhe haviam plantado no espírito a erva brava das impressões daninhas. A sua sensibilidade, o seu coração, apercebiam-se de coisas até esse dia: – um querer indefinido e um não querer caprichoso; um desejo vago, com medo de muito desejar; um devaneio que não era cisma, ou cisma que não tinha perspectiva; um estado dúbio finalmente, um despertar de sentimentos embrionários, primeiros balbucios, talvez, de um coração que se ia completar, de uma criatura que surpreende em si mesma os uivos instintivos da carne, as primeiras revoluções do cio<sup>500</sup>.

O rapaz não vivia em sua cidade, a então pacata Campinas, mas em São Paulo, e quando ela tomou um trem para a capital paulista pela primeira vez, viajou embalada por sentimentos e sensações muito semelhantes às do Dr. Teixeira. Esperando encontrar o rapaz desconhecido e provocando a memória,

via-o loiro, loiro como o Nazareno, embelezado por sua fantasia, apaixonado por ela, noivo, depois esposo, depois pai! Sentia mesmo com antecedência, por um fenômeno de concentração mental, por uma espécie de pré-sensação dos instintos maternos – essa adorável ternura das mães, uma das mais belas páginas do livro da Natureza<sup>501</sup>.

<sup>496</sup> *Dos casamentos sob o ponto de vista higiênico*. 1876, p. 24.

<sup>497</sup> *O cromo*. 1888, p. 56.

<sup>498</sup> *O cromo*. 1888, p. 70.

<sup>499</sup> *O cromo*. 1888, p. 70-71.

<sup>500</sup> *O cromo*. 1888, p. 19.

<sup>501</sup> *O cromo*. 1888, p. 215.

Encerrando essa discussão, o Dr. Antônio de Gouvêa Portugal nos legaria a seguinte passagem:

o casamento, diz Michel Lévy, consolida a vida em sua carreira e prolonga sua duração média. As estatísticas oferecidas por Hufeland, Deparcieuz, Odier e Casper, provam que o termo da vida é maior para os indivíduos casados do que para os celibatários; que o número dos alienados diminui naqueles em relação a estes, e assim também o número dos suicidas. Falret assevera que os dois terços dos indivíduos que se suicidam são celibatários. Georget nos mostra dentre o número de 1726 mulheres alienadas que 980 são celibatárias, 291 viúvas e só 397 casadas. Dentre 764 homens alienados, continuam o mesmo, 492 são celibatários, 59 viúvos e 201 casados. À vista destes fatos, pergunta Georget, se o celibato predispõem à loucura? Michel Lévy responde afirmativamente. Quanto aos crimes cometidos, inda os casados ficam com menor porção do que os celibatários. No nosso país não temos dados estatísticos que nos esclareçam a tal respeito, mas o senso comum mostra que o mesmo deve dar-se<sup>502</sup>.

Nas páginas dos romances oitocentistas, muitos foram os jovens salvos da ociosidade e de um futuro bem pouco promissor pelo casamento, verdadeira máquina de estabilização social. Em *Como e porque sou romancista*, o próprio Alencar declararia que no dia vinte de junho de 1864 deixara “a existência descuidosa e solteira para entrar na vida da família onde o homem se completa”<sup>503</sup>. Aqueles que se entregassem à uniões inviáveis, pelo contrário, teriam um destino bastante cruel, como Aluísio Azevedo nos assegurou em seu romance *A condessa Vésper* ao descrever as relações de Gabriel com a Rita Beijoca – que só pela alcunha revela ao leitor boa parte de suas “qualidades”. Após ser “abandonado” por sua amada, a terrível Ambrosina, e ainda por cima trocado por uma mulher, a já não tão cândida Laura, Gabriel deu em beber e a se meter em todas as pândegas possíveis – o que o levou a conhecer a dita moça, quando, depois de uma ceia “de estrondo” no ‘Frères Provençaux’ em que ele nem sequer conseguia voltar para casa, “tomou aposentos nesse hotel, guardando a seu lado por companhia de desregramento, a mulher que o acaso lhe deu àquela noite, a Rita Beijoca, uma loura vinte anos mais velha que a mesma devassidão”<sup>504</sup>. E assim teve início para o mísero Gabriel

essa deplorável existência cor de goivo e cheirando a morte, bem conhecida de alguns moços ricos do Rio de Janeiro – acordar à uma da tarde, fazer duas de *toilette* e outras tantas de Rua do Ouvidor, vermutear até o momento de se abrir na tábua predileta a primeira banca de roleta, jantas às horas da ceia, e cera depois da meia-noite<sup>505</sup>.

Note o leitor, de passagem, que este parágrafo é sucedido por uma frase curta, mas incisiva: “a ausência de Gaspar”, o pai de criação do jovem desvairado, “favorecia toda essa desgraça”. A Rita Beijoca representava uma figura obrigatória nestes “ambientes” decaídos, uma espécie de cortesã que, no dizer do próprio Azevedo, “apesar de simples hóspede no

<sup>502</sup> *Influência da educação física no homem*. 1853, p. 07-08.

<sup>503</sup> *Como e porque sou romancista*. 1990, p. 68.

<sup>504</sup> *A condessa Vésper*. 1959, p. 243-44.

<sup>505</sup> *A condessa Vésper*. 1959, p. 244.

hotel, podia a justo título dizer-se o braço direito” de seus espertos gerentes, visto que recebia, “sobre as despesas extraordinárias a que obrigasse os fregueses de boa lã, certa percentagem que lhe era abatida nas próprias contas”<sup>506</sup> – situação que é retratada pelo infortúnio de um mineiro que acabara de chegar de sua província com a “intenção de assistir pacificamente às festas do carnaval do Rio” e que, às três e meia da tarde, resolveu entrar no hotel dos Príncipes para jantar. O pobre homem “comeu com apetite e achou até muito bom o que lhe serviram”, mas logo caiu nas graças de uma mulher bonita que “olhava para ele com meiga insistência”, a Rosa Cantagalense, por assim dizer uma “especialista” na arte de deparar os incautos clientes que adentrassem seus temerosos domínios. Graças ao recatado mineiro ela pôde provar “uma salada de ananás cozido em madeira, um pudim negro e borgonha para destemperar o *cliquot*”<sup>507</sup>, sem contar a champanha e os habituais charutos, cigarrilhos, cafés e licores que ordinariamente sucediam estes banquetes, iguarias de preço elevado que o turista dificilmente pediria por conta própria mas que faziam a fortuna dos gerentes “bem amparados”. E observe o leitor que estas “comensais” não tinham limites, pois que após ajudar o bom mineiro a se livrar de seus cobres a Rosa ainda acompanhou com chalaça um quarteto bastante animado, como veremos na seqüência...

No domingo de carnaval o quarto de Gabriel foi assomando por dois outros patifes, “o Costa Mendonça e o Juca Paiva, dois belos rapagões, que ninguém sabia donde tiravam os cabritos que vendiam”. O primeiro “era bonito e perfumado, tresandando a mulheres”, ostentando jóias caras e roupas bem feitas, muito conhecido pelas surras que levou de “uma tal Aninha Rabicho, célebre entre os libertinos dos dois sexos”, “a sujeita a quem ele de corpo e alma pertencia desde os seus primeiros passos na vida de pândega fluminense”. Já o outro, o Paiva, “tinha o ar mais sério e a roupa menos apurada”, visto que herdara de seus abastados pais apenas “uma medíocre fortuna e uma rara ignorância”. “A fortuna comeu-a ele logo que se emancipou”, comentaria o autor, mas “a outra, porém, é que se não deixou tragar assim tão facilmente, e a cada nova aurora reflorescia mais grimpadora e viçosa”<sup>508</sup>. O “quarteto” se lançou às mais desvairadas dissipações materiais e sensoriais oferecidas pelo carnaval carioca, ceando no Hotel dos Príncipes com a Rosa Cantagalense, entregando-se após as duas da manhã “aos Tenentes do Diabo” e decidindo, após as quatro, vagar para a Tijuca. Exaustos de tantas libertinagens, Gabriel e Mendonça cederam aos apelos do sono e se deixaram prostrar sob as almofadas do carro em que seguiam, ao passo que a Rita Beijoca e o Juca “pegaram-se

<sup>506</sup> *A condessa Vesper*. 1959, p. 245.

<sup>507</sup> *A condessa Vesper*. 1959, p. 246.

<sup>508</sup> *A condessa Vesper*. 1959, p. 244.

a beijos”<sup>509</sup>. Pois além de viver com uma mulher mais velha, devassa e dissipadora, Gabriel tinha de suportar cenas como essas? É certo que ele estava dormindo, e que aquilo que não foi vivido fenomenicamente não conta – mas parece ser justamente isso o que Azevedo deseja destacar: para além dos males conscientes, os desregrados do Rio de Janeiro sofreriam ainda uma grande variedade de males secundários e desconhecidos, de toda espécie. O episódio reflete bem o ideário acerca do cotidiano vazio e desagregador em que viviam aqueles que se abstinham das comodidades de um lar familiar – o que desde o começo foi destacado com a frase: “a ausência de Gaspar favorecia toda essa desgraça”<sup>510</sup>.

Observadas as melhores condições para o casamento, discutidas amplamente pela classe médica, a mulher poderia se entregar à sagrada missão da maternidade. “Mãe! que nome mais sublime, que nome de maior magia”, exclamaria o Dr. Zeferino Meireles.

A mãe é essa fonte fecunda e sagrada da vida; a mãe é esse ser vivificante que nos aquece em seu regaço, nos aleita em seu seio, nos recolhe em seus braços e protege (p. 09) nossa infância com sua inesgotável ternura; a mãe, enfim, é esse ser o mais respeitável da natureza.

Quanto é nobre e sublime essa missão da mulher! Que objeto mais digno no mundo das vistas da Divindade, do que uma mãe, que amamenta seu filho! Os seus deveres, posto que trabalhosos, não deixam contudo de ser um manancial de delícias. Que prazer maior para uma mãe do que contemplar suspenso em seu peito o tenro filhinho!<sup>511</sup>.

“Que tesouro de sentimento e de delicadeza que é um coração de mãe, meu amigo!”, exclamaria por sua vez José de Alencar nas páginas do romance *Cinco minutos*. “Que tato delicado, que sensibilidade apurada, possui esse amor sublime!”<sup>512</sup>. Macedo, em *Um noivo à duas noivas*, nos legaria as seguintes palavras:

Ah!... velha, bem velhinha, ainda mesmo rude, anacrônica no trajar, desfigurada e trêmula pela idade, pelos trabalhos, pelas modéstias, velhinha, bem velhinha a mãe é um anjo!...

E custa tão pouco fazer sorrir, encher de alegria, felicitar uma mãe!!!<sup>513</sup>

Maria Benedita, personagem do romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis, quando grávida,

considerava-se a si mesma um templo divino e recatado, em que vivia um deus, filho de outro deus. A gestação ia cheia de tédios, de dores, de incômodos que ela ocultava o mais que podia ao marido; mas tudo isso dava maior apreço à criaturinha futura. Acolhia o mal com resignação, – se é que não o agasalhava com alegria, – uma vez que era a condição da vindo do fruto. Fazia cordialmente o ofício da espécie<sup>514</sup>.

<sup>509</sup> *A condessa Vesper*. 1959, p. 247.

<sup>510</sup> *A condessa Vesper*. 1959, p. 244.

<sup>511</sup> *Breves considerações sobre as vantagens do aleitamento maternal*. 1847, p. 09-10.

<sup>512</sup> *Cinco minutos*. 1991, p. 35.

<sup>513</sup> *Um noivo à duas noivas*. S/d, vol. I, p. 79-80.

<sup>514</sup> *Quincas Borba*. 1997, p. 150.

A construção do mito da maternidade alcançou tal grau de perfeição que *mesmo grávida de seu próprio irmão*, a personagem Hortência, figurada no romance de mesmo título, publicado por Marques de Carvalho em 1888, julgava-se extremamente venturosa, exibindo todas as representações relativas à expectativa de um filho, já após a queda do romantismo.

Por certo que lhe seria doce o prazer de possuir um filho, a inocente reprodução encantadora da sua pessoa e do homem que primeiro a gozara, do ente a quem mais amava e ao qual dera deliberadamente as flores todas da sua virgindade e dos seus puríssimos afetos. Ver aquela criancinha a dormir tranqüila na entorpecida inconsciência da primeira idade; trazê-la ao colo, pendente dos fartos seios arredondados na turgidez da apojadura – alimentá-la, assim com o seu sangue; acarinhá-la docemente, longamente, com todos os requintes e quindins das mãos rejubiladas com a posse do primeiro filho; depois, depois – oh! primeira delícia da primeira compensação! receber-lhe o límpido olhar brilhante como um pedaço de céu estrelado e o mudo sorriso fascinador que parece conter milhares de místicos poemas de agradecimento; auxiliá-la, em seguida, a ensaiar os indecisos passos; fazê-la aprender as principais palavras do primeiro uso; e, por fim, receber dela as dulcíssimas carícias dos beijos e as leves maciezas dos afagos, que são como os ósculos mudos das mãos que abençoam – tudo isto constituía para Hortência mil fontes de grandes esperanças festivas, para cujo acolhimento o seu enorme afeto por aquele entezinho em formação já preparava alegres madrigais de beijos sonoros e meigas canções embaladoras, duma ternura intensa e boa de santa mãe amorável<sup>515</sup>.

Tarefa completamente conjugada à missão suprema da mulher, quando não ainda superior a esta, o aleitamento materno foi um dos temas mais explorados pela literatura médica do período, em total sintonia com a ação de nossos literatos. “É sobre o seio materno que a criança recebe as primeiras lições de sensibilidade”, diria o Dr. Zeferino Meireles.

Para uma verdadeira mãe tudo é prazer na ação de aleitar; que doces emoções não deve sentir seu coração quando o filho, em sinal de reconhecimento, da ternura, amor e cuidados de que é ele objeto, com suas tenras mãozinhas acariciar seus peitos, e quando de seus lábios colher o seu primeiro e infantil sorriso!<sup>516</sup>

“Todos os autores médicos ou moralistas que têm escrito sobre o aleitamento são unânimes em reconhecer a superioridade do aleitamento materno”, afirmaria o Dr. José Ribeiro dos Santos Zamith. “Se consultarmos a história nós veremos os poetas decantar os seus encantos, os naturalistas e os filósofos demonstrar a sua importância, os médicos aconselhar o seu uso”<sup>517</sup>.

Tanto a história da humanidade quanto a própria natureza selvagem exibiriam exemplos vivos desta nobre tarefa olvidada por nossas patrícias. Seguindo o célebre Virey, o Dr. Meirelles asseverava que “nunca as baleias, as leas, as panteras recusaram as mamas a seus filhos; isto estava reservado à mulher, não para a pobre e desculpável pela sua miséria,

<sup>515</sup> *Hortência*. 1997, p. 143.

<sup>516</sup> *Breves considerações sobre as vantagens do aleitamento materno*. 1847, p. 10.

<sup>517</sup> *Do aleitamento natural, artificial e misto em geral, e particularmente do mercenário em relação às condições da cidade do Rio de Janeiro*. 1869, p. 05.

porque esta não é tão desnaturada; mas para a rica, rodeada de todos os favores”<sup>518</sup>.

Recorrendo ainda ao esclarecedor “livro de ouro” do passado, o Dr. diria:

revolvi a história e vereis as antigas Gregas e Romanas, cuja beleza foi tão célebre, ao menos nas felizes épocas da liberdade desses povos, aleitar por si mesmas seus filhos: vereis ainda hoje as belas Circassianas e Georgianas, entregar-se a esse dever sagrado; e no entanto tem nelas degenerado a beleza das formas, seus tecidos ter-se-ão enlanguescido? não; são ao contrário as mais formosas do universo; são elas a quem os déspotas do Oriente procuram para embelezar seus serralhos<sup>519</sup>.

Além de descerem ao último degrau da escala social, as senhoras que se furtassem à nobre missão da amamentação estariam ainda sujeitas à terríveis males físicos:

o útero, que antes da prenhes estava em um estado de inação, sem falar do estímulo periódico da menstruação, torna-se depois da concepção a sede de uma excitação permanente, atraindo por conseqüência um grande afluxo de líquidos que vão concorrer para a nutrição e desenvolvimento do feto; este estado, a que chamamos prenhes, dura pouco mais ou menos nove meses, época em que o produto da concepção vem à luz. É neste tempo que a excitação do útero achando-se bastante exaltada pelo trabalho do parto, atrai uma maior quantidade de fluidos, que não sendo mais admitidos com a mesma facilidade em conseqüência das mudanças de forma e estado que se operam, tenderiam a sobrecarregar o organismo, e acumular-se em diferentes órgãos, se a natureza, previdente como é em todos os seus atos, não tivesse de antemão destinado órgãos que servissem como de depósito ou excretoras desses líquidos: esses órgãos são as mamas. Mas se a mulher, desprezando o inocente fruto de seus amores, arredá-lo de seus peitos e infringir assim a ordem da natureza, pensais que ficará impune esse ultrage? Quanto vos enganais! A falta de estímulo exercido pela criança não entretendo a secreção e a super-excitação do útero pelo trabalho do parto, faz que se agrave mais este último órgão pelo afluxo de líquidos, que não tendo saída, aí se acumulam e muitas vezes são causa de metrites, de peritonites, flebites e muitas outras lesões. Longe de por esse meio iníquo conservar a graça e frescura das mamas, acumulando-se nelas o leite, sentireis intensíssimas dores; serão elas muitas vezes a sede de erisipelas, flemões, abscessos e algumas vezes se converterão em cancros<sup>520</sup>.

Aquela que aparta seu filho de seus seios, “que faz calar em seu coração a poderosa voz da natureza, e que despreza enfim esse imperioso dever, não tem direito ao sagrado título de mãe, não é verdadeiramente mãe”<sup>521</sup> – e deveria mesmo ser apartada da sociedade, na qual não cumpriria qualquer papel<sup>522</sup>. Segundo o Dr. José de Amorim Carrão:

no estado natural entre os povos, que um civilização mal entendida não tem corrompido nem degenerado, só há uma espécie de aleitamento. A mãe compenetrada da sua alta missão aleita por seus próprios seios a seu filho sem pensar em entregá-lo a mães estranhas, e esta admirável harmonia que reina entre a composição íntima do leite materno e as necessidades gradual e insensivelmente crescentes, mantém ao mesmo tempo em um estado de saúde perfeito os dois entes que ficam por este modo ligados um ao outro pelos laços sagrados da natureza<sup>523</sup>.

Assim, como confirmaria o Dr. Thomas Pacheco e Costa, muitos males estavam reservados àquelas que se furtassem à tão nobre tarefa: “a experiência mostra, que as conseqüências cruéis do parto são muito mais raras entre as mulheres, que têm nutrido, do que

<sup>518</sup> *Breves considerações sobre as vantagens do aleitamento maternal*. 1847, p. 12.

<sup>519</sup> *Breves considerações sobre as vantagens do aleitamento maternal*. 1847, p. 11.

<sup>520</sup> *Breves considerações sobre as vantagens do aleitamento materno*. 1847, p. 12-13.

<sup>521</sup> *Breves considerações sobre as vantagens do aleitamento materno*. 1847, p. 11.

<sup>522</sup> *Breves considerações sobre as vantagens do aleitamento materno*. 1847, p. 01.

<sup>523</sup> *Algumas considerações sobre o homem*. 1848, p. 01.

naquelas, a quem a sua fraqueza não tem permitido o cumprir este dever da maternidade”<sup>524</sup>. Segundo o Dr. Antenor Guimarães, “as mães que abandonam seus filhos à uma estranha acreditam conservar assim a frescura de seus encantos, mas enganam-se; fazem-se pelo contrário velhas antes do tempo”<sup>525</sup>. “Mas se a mãe, desprezando a sua conservação, expuser-se a esses perigos e sair incólume”, arremataria o Dr. Zeferino Meireles, “outros males a surpreenderão; será vítima do remorso, será ferida no âmago do coração”<sup>526</sup>.

Seja por conta do luxo, da vaidade ou mesmo de impossibilidades físicas, também listadas, consideradas e, evidentemente, lamentadas, por nossos doutores, muitas mulheres entregavam seus filhos à amas mercenárias, um verdadeiro flagelo. Primeiro, porque a estas o filho teria mais afeição, como já destacou Macedo. Em segundo, porque como as qualidades morais seriam passadas às crianças com o leite, os costumes da ama se fariam notar nos futuros cidadãos brasileiros – e como geralmente as amas saíam dos funestos palcos da escravidão, o futuro do “fruto de seus amores” estaria condenado.

O recurso às amas de leite, geralmente escravas, tão presente na vida social do Brasil oitocentista, como sabemos, tinha origem na época colonial, por razões muitas vezes diversas das apontadas por nossos doutores em suas teses. Desconhecendo os imperativos das modas francesas ou inglesas, por motivos históricos evidentes, como comentou Gilberto Freyre<sup>527</sup>, e ignorantes das dimensões culturais da sagrada missão materna a que estavam destinadas desde seu nascimento, mesmo porque essa missão só seria construída mais tarde, nossas patricias se entregavam à tarefa da maternidade muito cedo, com doze ou treze anos, período em que, como nossos doutores notaram com clareza, não estavam fisicamente preparadas para amamentar seus filhos – vendo-se praticamente obrigadas a entregar “o fruto de seus amores” às negras escravas da casa. Essa negligência interpretativa de nossa classe médica estava ligado à reformulação da própria estrutura da família brasileira oitocentista que, procurando se espelhar na Santíssima Trindade, deveria dar fim à escravidão e aos agregados, responsáveis pela pulverização das relações pessoais no período colonial. Quando necessárias, as amas deveriam ser escolhidas com muito cuidado – cuidados aos quais nossos doutorandos também dedicaram especial atenção, buscando orientar as desafortunadas mães que não poderiam conhecer as “mil blandícias indizíveis” do aleitamento materno.

---

<sup>524</sup> *Considerações gerais sobre os cuidados que se deve prestar aos recém nascidos quando vem no estado de saúde, e sobre as vantagens do aleitamento maternal*. 1840, p. 12.

<sup>525</sup> *Dissertação sobre a higiene dos colégios*. 1858, p. 27.

<sup>526</sup> *Breves considerações sobre as vantagens do aleitamento materno*. 1847, p. 13.

<sup>527</sup> *Casa grande & senzala*. 2001, p. 413.

Seja como for, antes de observarmos a importância da infância e da adolescência no período, devemos notar o contraste conquistado por estes cuidados com relação à aparência física de nossas patrícias – senão real, o que não teremos nunca como comprovar, pelo menos no plano das representações. Entregando-se ao casamento muito cedo e gestando inúmeras crianças, as brasileiras dos tempos coloniais adquiriam muito cedo o aspecto de velhas, literalmente acabadas, como nos refere Gilberto Freyre. No século XIX, por outro lado, aquelas que não se entregassem à amamentação, como vimos acima, é que teriam seus corpos desgastados, e nas páginas da literatura a beleza seria conquistada com a idade – especialmente para Machado de Assis, que nos legou este brilhante retrato de Sofia Palha, personagem do romance *Quincas Borba*. Segundo ele, Sofia

era daquela casta de mulheres que o tempo, como um escultor vagaroso, não acaba logo, e vai polindo ao passar dos longos dias. Essas esculturas lentas são miraculosas; Sofia rastejava os vinte e oito anos; estava mais bela que as vinte e sete; era de supor que só aos trinta desse o escultor os últimos retoques, se não quisesse prolongar ainda o trabalho, por dois ou três anos<sup>528</sup>.

Como ressaltaria o Dr. Antônio de Lima Torres, na idade adulta

a graça feminina é cercada de uma auréola de majestosa dignidade; a mulher exprime a satisfação, e o seu caráter é o da confiança em si mesma; a frescura, o colorido da cutis e os encantos da puberdade vão desaparecendo; todavia ela conserva o encanto das formas exteriores, e atinge o maior grau de desenvolvimento possível, o que lhe dá novo gênero de beleza, não menos importante ou mais ainda, do que o que tinha na puberdade<sup>529</sup>

As fases da vida de uma mulher seriam tão distintas umas das outras que Horácio, o leão de *A pata da gazela*, decifraria a idade da portadora da botina que encontrou com grande facilidade: “esta botina é de moça; e moça em todo o viço da juventude: a sola apenas roçada junto à ponta, o salto quase intacto, não estão descrevendo com a maior eloquência a sutileza do passo ligeiro? Eu sinto, posso dizer, eu vejo, esse andar gentil, que manifesta a deusa<sup>530</sup>”, dizia o mancebo, grande conhecedor do belo sexo, concluindo ainda:

só quando toda a seiva se precipita para o coração, quando germinam os botões que mais tarde se abrirão em flor, só nesse momento de assunção é que a mulher tem este andar sublime e augusto. É o andar do passarinho, que, roçando a relva, sente o impulso das asas; é o andar do astro nascente, caminhando para a ascensão; é o andar do anjo, que, mesmo tocando a terra, parece prestes a fugir ao céu; é, finalmente, a elação d’alma que aspira de Deus os eflúvios do amor, do amor, único ambiente do coração!<sup>531</sup>

As crianças, “esses diabinhos tão feiticeiros”, ocupavam um papel de grande destaque na organização social do Brasil oitocentista – de tal modo que as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, encerram-se com as lamentações do narrador sobre a ausência

<sup>528</sup> *Quincas Borba*. 1997, p. 41.

<sup>529</sup> *Breves considerações sobre o físico e o moral da mulher nas diferentes fases de sua vida*. 1848, p. 19.

<sup>530</sup> ALENCAR, José de. *A pata da gazela*. 1992, p. 16-17.

<sup>531</sup> ALENCAR, José de. *A pata da gazela*. 1992, p. 17.

de filhos, aos quais ele poderia ter legado a miséria da existência<sup>532</sup>. *O cromo*, por sua vez, encerra-se quando Esther comunica ao Dr. Lins Teixeira que eles esperavam um filho.

Ela parou, e numa pré-sensação de maternidade, anunciou-lhe baixinho, quase como uma prece – que no seu jardim, naquele mês, não se tinham desabrochado as rubras *flores de Hypáthia*. [...]

E dos olhos dele, amorosos, fixos nos dela, caíram de jubilo as primeiras lágrimas de pai<sup>533</sup>.

Machado de Assis já figurara a importância das crianças no romance *Ressurreição*, no momento em que o amargurado Félix encontra pela primeira vez o filho de Lívia:

Luis encarou o médico; depois olhou para a mãe, e fez um gesto para descer. Lívia pô-lo no chão.

– Posso ir à chácara?

– Podes; leva-o, Clara.

Luiz deitou a correr seguido pela mucama. A mãe acompanhou-o com os olhos até vê-lo desaparecer do terraço.

Durante esta cena, Felix parecera completamente estranho a tudo que o rodeava. Não ouvia as repreensões da moça, nem a tagarelice da criança; ouvia-se a si mesmo. Contemplava aquele quadro com deleitosa inveja, e sentia pungir-lhe um remorso.

– É mãe, repetia o moço consigo; é mãe!

– Olhe, dizia a moça, debruçada sobre o parapeito que dava para a chácara; veja como ele vai correndo...

Felix debruçou-se também; o menino corria efetivamente adiante de Clara que o acompanhava de longe. De quando em quando, parava o menino aguardando a mucama; mas tão depressa esta se lhe aproximava, a criança negaceava o corpo, e deitava a correr outra vez. A mãe parecia esquecida de tudo mais; Felix contemplava-a com religioso respeito. Estiveram assim calados alguns segundos. De repente Lívia voltou-se para o médico:

– Vê? disse ela; a pouco se reduz a minha felicidade: o senhor e aquela criança.

Dizendo isto, deixou pender a fronte: Felix beijou-a ardentemente, mas não pode dizer nada. A comoção embargou-lhe a voz: a reflexão impoz-lhe silêncio<sup>534</sup>.

Lívia, por sua vez, percebeu logo o encanto que o menino provocara em Félix. Em outra passagem Machado comentará: “Lívia não o contemplava só com olhos de mãe; via nele como que o elo de outro entre uma quimera desfeita e uma quimera realizada”<sup>535</sup>. Criadas conforme os preceitos higiênicos veiculados pelo período, as crianças passaram a conquistar uma posição simplesmente inimaginável durante o período colonial, muitas vezes mesmo tiranizando seus pais. Para além das muitas mocinhas veiculadas por Macedo, Lima Barreto nos legou um interessante registro dessa situação ao apresentar as relações entre o ex-quitandeiro Coleoni e sua filha Olga. Ele aceitava bem a tirania da filha, segundo o romancista, mas

havia momentos que se aborrecia um tanto com os propósitos da menina. Gostando de dormir cedo, tinha que perder noites e noites no Lírico, nos bailes; amando estar sentado em chinelas a

<sup>532</sup> *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 1997, p. 235.

<sup>533</sup> *O cromo*. 1888, p. 485.

<sup>534</sup> *Ressurreição*. 1938, p. 71-72.

<sup>535</sup> *Ressurreição*. 1938, p. 203.

fumar cachimbo, era obrigado a andar horas e horas pelas ruas, saltitando de casa em casa de modas, atrás da filha, para no fim do dia ter comprado meio metro de fita, uns grampos e um frasco de perfume.

Era engraçado vê-lo nas lojas de fazendas, cheio de complacência de pai que quer enobrecer o filho, a dar opinião sobre o tecido, achar este mais bonito, comparar um com outro, com uma falta de sentimento daquelas coisas que se adivinhava até no pagá-las. Mas ele ia, demorava-se e esforçava-se por entrar no segredo, no mistério, cheio de tenacidade e candura perfeitamente paternais.

Até aí ele ia bem e calcava a contrariedade. Só contrariavam bastante, as visitas, as colegas da filha, suas mães, suas irmãs, com seus modos de falsa nobreza, os seus desdêns dissimulados, deixando perceber ao velho empreiteiro o quanto ele estava distante da sociedade e das amigas e das colegas de Olga<sup>536</sup>.

A percepção romântica acerca da morte das crianças também nos parece um índice bastante significativo das transformações da sensibilidade brasileira – especialmente se observarmos a tradição colonial do “enterro dos anjos”. Antes do advento do império, e mesmo ainda por algum tempo, em certas localidades “menos civilizadas”, a morte das crianças não só não era lamentada como se constituía em um motivo para festividades. Gilberto Freyre e Jurandir Costa estudaram diversos viajantes que nos legaram uma série de relatos acerca dessa tradição e, evidentemente, do espanto que ela causava aos estrangeiros que aqui aportavam, tal como a seguinte descrição de John Luccock:

Em uma dessas ocasiões foi ouvida uma mãe que assim se exprimia: “ó como estou feliz! ó como estou feliz, pois que morreu o último dos meus filhos! Que feliz que estou! Quando eu morrer e chegar diante dos portões do céu, nada me impedirá de entrar, pois que ali estarão cinco criancinhas a me rodear e a puxar-me pela saia e exclamando: Entra Mamãe, entra! Ó que feliz que estou!” repetiu ainda, rindo a grande.

“Se isso fosse um exemplo isolado de sentimentos maternais estranhos, poderia ainda ser considerado efeito de um desvio mental passageiro”, comentaria ainda o viajante, buscando atenuar a extravagância do caso, acrescentando “que a satisfação em tais momentos é geral demais, e por demais ostensiva, para que deixe lugar à desculpa dessa espécie”<sup>537</sup>. Gilberto Freyre afirmaria: “a verdade é que perder um filho pequeno nunca foi para a família patriarcal a mesma dor profunda que para uma família de hoje. Viria outro. O anjo ia para o céu. Para junto de Nosso Senhor, incansável em cercar-se de anjos”<sup>538</sup>. Leila Algranti comenta que o coronel Costa Aguiar, que viveu no século XVIII, não expressou qualquer sinal de pesar ao ser referir à morte de uma filha de três meses, mas que suas linhas dedicadas à um filho que se formara em Coimbra denotavam algum orgulho – mais pela atenção dedicada do que propriamente por evidências precisas<sup>539</sup>.

<sup>536</sup> *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 1997, p. 52.

<sup>537</sup> Citado por Jurandir Freire Costa. *Ordem médica e norma familiar*. 1983, p. 160-61.

<sup>538</sup> *Casa grande & senzala*. 2001, p. 419-20.

<sup>539</sup> *Famílias e vida doméstica*. 1997, p. 139.

Imersos em uma outra sensibilidade, mesmo porque seus avatares, Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias vivenciaram a perda de seus filhos como fatalidades inestimáveis, registrando seus sentimentos em composições elegíacas valiosíssimas. Magalhães, aquele que julgara que as graças do amor nunca seriam derramadas sobre sua existência, teve seus dois primeiros filhos levados pelo anjo da morte em Nápoles, e assistiu ainda a morte de um terceiro em Turin, sendo contudo agraciado com a ventura de tomar em seus braços mais duas crianças – diferentemente de Gonçalves Dias, cuja única filha foi ceifada no ano de 1855, distante de sua presença, tragédia ainda maior porque ele a amava mais do à sua esposa e porque sabia que, provavelmente, nunca mais poderia ter filhos, dada a sífilis genital que lhe atormentava e que efetivamente o conduziu à beira da morte e à viagem fatídica em que seu espírito se despediu deste mundo. *À minha filha*, escrita em 1861, nas solidões da Amazônia, decanta sua dor e suas saudades pela ausência da consolação suprema de sua vida:

*O nosso índio errante vaga;  
Mas por onde quer que vá,  
Os ossos dos seus carrega:  
Por isso, onde quer que chega,  
Da vida no amplo deserto,  
Como que a pátria tem perto,  
Nunca dos seus longe está!*

*Tem para si que a poeira  
D'aquele que choram morto,  
Quando a alma já descansa  
Da eternidade no porto,  
Nenhures está melhor  
Do que na urna grosseira,  
Que a cada momento enxergam,  
Que de instante a instante regam  
Com seu prantear d'amor!*

*Ando, como ele, incessante,  
Forasteiro, vago, errante,  
Sem próprio abrigo, sem lar,  
Sem ter uma voz amiga,  
Que em minha aflição me diga  
Dessas palavras que fazem  
A dor no peito abrandar!*

*E sei que estás morta, filha!  
Sei que a dor de te perder  
Enquanto eu for vivo, nunca,  
Nunca se há de esvaecer!*

*Mas qual teu jazigo, e onde  
Jazem teus restos mortais...  
Esse lugar que te esconde,  
Não vi, não verei jamais!*

*Não sei se aí nasce a relva,  
Se algum arbusto s'enflora  
A cada nova estação;  
Se a cada nascer da aurora,  
O orvalho lágrimas chora  
Sobre esse humilde torrão!  
Se aí nasce o triste goivo,  
Ou só espinhos e abrolhos;  
Ou se também de alguns olhos  
Recebes pia oblação!*

*Sei que o pranto que se verte  
Longe do morto, não basta!  
É pranto que a dor não gasta,  
Que nenhum alívio traz!  
Sei que ao partir-me da vida,  
Minha alma andarás perdida  
Para saber onde estás!*

*Irei beijar teu sepulcro,  
Chorar meu último adeus;  
Depois, remontando aos céus,  
Direi a Deus: "Aqui estou!"  
Tu, d'entre o coro dos anjos,  
Dos serafins resplendentes,  
Então as asas candentes,  
Que a vida não maculou,  
Desprega! – e meiga e humilhada  
Ao trono do Eterno vai  
E na linguagem dos anjos  
Dize a Jesus: "É meu pai!"*

*Ele humanou-se! – quis ser  
Filho também de mulher;  
Mas d'homem não; porque os céus  
Não tinham bastante espaço  
Para um homem pai de Deus!*

*Bem sabe ele quanta glória  
Sente o pai que um anjo tem!  
Julgará que, pois perdida  
Teve uma filha na vida,  
Não a perca lá também!<sup>540</sup>*

Entremeada às imagens indígenas em que Dias se distinguiu em nossas letras, a figura do anjinho inocente herdada dos tempos coloniais permanece a mesma, *com as asas candentes que a vida nunca maculou*, mas a dor de sua perda *nunca se há de esvaecer* – sem qualquer espaço para alegrias ou quaisquer consolações. Gonçalves de Magalhães dedicou à seus três filhos mortos a longa composição *Os mistérios*, mas no poema *Lembranças dolorosas*, dedicado ao amigo Porto Alegre, ele já narrara a perda do terceiro filho com grande vivacidade:

<sup>540</sup> *Poesias*. 1926, vol. I, p. 292-94.

*Do derradeiro, angélico cadáver  
Sinto ainda a frieza penetrar-me  
O coração, e os braços que o apertaram  
No lacrimoso amplexo... A cada instante  
Vivo se me afigura o tenro filho,  
E a cada instante nos meus braços morre!...  
Assim me tiraniza o amor paterno;  
E assim o pranto e as ânsias se renovam  
Dessa morte cruel que inda estou vendo,  
E tantas me recorda... reavivando  
Dores d'alma, que o tempo amortecera<sup>541</sup>.*

Como Gonçalves Dias, no entanto, o fundador do romantismo em nossas letras também ressaltará a pureza que revestia o último – certamente como os dois anteriores – anjo que subiu ao céu antes da hora:

*Porque, deixando agora a térrea crosta,  
Sem que da vida te manchasse o lodo,  
Como mimosa pérola extraída  
De rude concha vai brilhar num trono;  
Porque, malgrado a Fé, que eterna vida  
No descanso dos Anjos te promete,  
Devo eu chorar, carpir, como se a morte  
Grande bem para sempre te roubasse?...  
Quem bem? – Esse sofrer que vida chama  
Na dos homens linguagem mentirosa,  
Com que se douram de pomposos nomes  
Tantas misérias, e nefando crimes!<sup>542</sup>*

Após a morte de seu filho, o Franco, um dos maiores peraltas de *O Ateneu*, sua mãe visitou a instituição, “muito pálida, delgada, num idiotismo sombrio, insanável de melancolia e mudez, pestanas caídas, olhar na terra, como quem pensa encontrar alguma coisa”<sup>543</sup>. É claro que esse afeto desmedido se restringia aos filhos legítimos, ou mais propriamente, aos filhos de paternidade confirmada, visto que até mesmo as crianças adotadas seriam tratadas com esmero – como veremos em seguida. O nascimento de Zulmira, filha do Miranda e de D. Estela, personagens de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, ao invés de consolidar definitivamente a união do casal “veio agravar ainda mais” uma situação de desespero e ódio – ocasionado, justamente, pela esposa, como convinha ao figurino naturalista do período...

D. Estela era uma mulherzinha levada da breca: achava-se casada havia treze anos e durante esse tempo dera ao marido toda sorte de desgostos. Ainda antes de terminar o segundo ano de matrimônio, o Miranda pilhou-a em flagrante delito de adultério; ficou furioso e o seu primeiro impulso foi de mandá-la para o diabo junto com o cúmplice; mas a sua casa comercial garantia-se com o dote que ela trouxera, uns oitenta contos em prédios e ações da dívida pública, de que se utilizava o desgraçado tanto quanto lhe permitia o regime dotal. Além de que, um rompimento brusco seria obra para escândalo, e, segundo a sua opinião, qualquer escândalo doméstico ficava muito mal a um negociante de certa ordem<sup>544</sup>.

<sup>541</sup> *Cantos fúnebres*. 1864, p. 34-35.

<sup>542</sup> *Cantos fúnebres*. 1864, p. 58.

<sup>543</sup> POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. 1997, p. 143.

<sup>544</sup> *O cortiço*. 1997, p. 16.

A chegada da menina tornou-se uma nova fonte de tormento para ambos, pois “Estela amava-a menos do que lhe pedia o instinto materno por supô-la filha do marido, e este a detestava porque tinha convicção de não ser o pai”<sup>545</sup>.

Na dolorosa incerteza de que Zulmira fosse sua filha, o desgraçado nem sequer gozava o prazer de ser pai. Se ela, em vez de nascer de Estela, fora uma enjeitadinha é natural que a amasse, e então a vida lhe correria de outro modo; mas, naquelas condições, a pobre criança nada mais representava que o documento vivo do ludíbrico materno, e o Miranda estendia até à inocentezinha o ódio que sustentava contra a esposa<sup>546</sup>.

No ambiente “espiritual” do século XIX, toda e qualquer criança foi representada como uma graça divina, mesmo as “adotadas”. Leonardo Pataca, como sabemos, foi criado por um barbeiro, identificado no romance *Memórias de um Sargento de Milícias* apenas como compadre – visto que apadrinhou o garoto. Após ser expulso de casa, o Leonardo ficou aos cuidados do compadre, que logo se apegou ao menino desvairadamente, e isso no tempo do Rei – antes do advento do romantismo, portanto.

O pequeno, enquanto se achou novato em casa do padrinho, comportou-se com toda a sisudez e gravidade; apenas porém foi tomando mais familiaridade, começou a pôr as manguinhas de fora. Apesar disto porém captou do padrinho maior afeição, que se foi aumentando de dia em dia, e que em breve chegou ao extremo da amizade cega e apaixonada. Até nas próprias travessuras do menino, as mais das vezes malignas, achava o bom do homem muita graça; não havia para ele em todo o bairro rapazinho mais bonito, e não se fartava de contar à vizinhança tudo o que ele dizia e fazia; às vezes eram verdadeiras ações de menino malcriado, que ele achava cheias de espírito e de viveza; outras vezes eram ditos que denotavam muita velhacaria para aquela idade, e que ele julgava os mais ingênuos do mundo<sup>547</sup>.

Um caso biográfico dessa natureza é o do mulato Tito Lívio de Castro, que foi abandonado com quinze dias no máximo, segundo Romero, às portas do português Manuel da Costa Pais, que por ser solteiro, entregou-o a uma distinta senhora de sua amizade às suas custas até os quatro anos, quando então o tomou definitivamente sob sua guarda, dedicando-se daí então única e exclusivamente ao menino, que se formou em Letras e em Medicina. Após sua morte, aos 26 anos, seu padraсто nada mais fez do que, auxiliado por Silvio Romero, publicar as obras do moço, deixando toda sua herança para esse fim.

Em 1869, como já observamos, Macedo já tratava alguns temas românticos com um olhar mais agudo, representando costumes distintos do que exibira em seus primeiros romances – mas mantendo o amor filial ainda completamente intacto. Em *As vítimas-algozes* ele destacaria a impossibilidade de qualquer ressentimento, conflito ou “desarmonia entre pai e mãe” romper os laços sagrados da natureza materializados nos filhos, “pelas próprias condições de sua dependência de ambos e pela necessidade da proteção e da providência” a

<sup>545</sup> *O cortiço*. 1997, p. 17.

<sup>546</sup> *O cortiço*. 1997, p. 23-24.

<sup>547</sup> ALMEIDA, Antônio Manuel de. *Memórias de um Sargento de Milícias*. 1997, p. 21.

que estavam naturalmente submetidos os pobres anjinhos<sup>548</sup>. Raul Pompéia nos legaria ainda um último relato acerca da força do amor filial, retratando um funesto caso de suicídio em uma crônica de agosto de 1890.

Uma bela jovem de alma impetuosa educada para a afeição na escola da miséria, onde se aprende que a simpatia é a única ventura dos desamparados da sorte, apenas desviada mais ou menos regularmente do caminho de necessidades que trilhava, adotara desde muito para o seu afeto de mãe sem filho o filho de uma vizinha. Indisposições que sobrevieram entre ela e a mãe da criança deram lugar a que, com o fito de magoar-lhe, retirassem o filho adotado. Mas já a planta de ternura, que lhe haviam deixado radicar no peito, crescera de exuberante viço e, quando lha arrancaram cruelmente, foram-se as raízes sangrando. A pobre moça, a pobre mãe, a verdadeira, que a outra o era apenas de fato, mãe de puro amor, privada do filho do seu coração, mais amado, quem sabe, do que se o fora das suas entranhas, não pode resistir à dolorosa separação. Revestida de sombra calma, chorando o menos possível, de medo que lhe fosse obstáculo a indiscrição das lágrimas, a infeliz planejou em algumas horas a terminação da sua angústia; e, logo que se achou em segurança contra todo socorro, uniu ao peito um sapatinho, algumas roupas do filho querido, que pareciam comunicar-lhe ainda o calor do pequenino corpo que não mais abraçaria, galgou uma cadeira, deixou-se pender do nó corredo de um braço<sup>549</sup>.

Ele falaria ainda da “violência do temperamento” da moça, que só sabia se entregar à vida de modo intenso<sup>550</sup>, mas, descontando sua habitual verbosidade, a passagem nos indica a intensidade que as relações afetuosas já havia conquistaram no período.

Se por um lado a construção do casamento foi instaurada com o mais completo êxito, por outro deu origem também a certos revezes. Confirmando – ou em consonância com – certos preceitos moralizantes oitocentistas, a crise espiritual que se abateu sobre nossos patrícios no final do século esvaziou determinadas dimensões do casamento que, se enquanto prática social ainda ocupava posição de destaque no cotidiano brasileiro, simbolicamente passou a perder sentido – como podemos observar no desesperançoso *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto. Ainda que o himeneu fosse um imperativo para todas as personagens femininas jovens do romance, nenhuma delas conseguia apreender suas dimensões existenciais, como podemos observar primeiramente com a frágil Ismênia:

Noiva havia quase cinco anos, Ismênia já se sentia meio casada. Esse sentimento junto à sua natureza pobre fê-la não sentir um pouco mais de alegria. Ficou no mesmo. Casar, para ela, não era negócio de paixão, nem se inseria no sentimento ou nos sentidos: era uma idéia, uma pura idéia. Aquela sua inteligência rudimentar tinha separado da idéia de casar o amor, o prazer dos sentidos, uma tal ou qual liberdade, a maternidade, até o noivo. Desde menina, ouvia a mamãe dizer: “Aprenda a fazer isso, porque você se casar...” ou senão: “Você precisa aprender a pregar botões, porque quando você se casar...”

A todo instante e a toda hora, lá vinha aquele – “porque, quando você se casar...” – e a menina foi se convencendo de que toda a existência só tendia para o casamento. A instrução, as satisfações íntimas, a alegria, tudo isso era inútil; a vida se resumia numa coisa: casar.

De resto, não era só dentro de sua família que ela encontrava aquela preocupação. No colégio, na rua, em casa das famílias conhecidas, só se falava em casar. “Sabe, D. Maricota, a Lili casou-se;

<sup>548</sup> *As vítimas-algozes*. 1991, p. 109.

<sup>549</sup> Citado por Eloy Pontes. *A vida inquieta de Raul Pompéia*. 1935, p. 314-15.

<sup>550</sup> Citado por Eloy Pontes. *A vida inquieta de Raul Pompéia*. 1935, p. 315.

não fez grande negócio, pois parece que o noivo não é lá grande coisa”; ou então: “A Zezé está doida para arranjar casamento, mas é tão feia, meu Deus!...”

A vida, o mundo, a variedade intensa dos sentimentos, das idéias, o nosso próprio direito à felicidade, foram parecendo ninharias para aquele cerebrozinho; e, de tal forma casar-se se lhe representou coisa importante, uma espécie de dever, que não se casar, ficar solteira, *tia*, parecia-lhe um crime, uma vergonha<sup>551</sup>.

Por mais que justifique a falta de sentido do casamento para a jovem em virtude de sua “inteligência rudimentar”, podemos perceber os imperativos sociais em torno do casamento em todas as dimensões do cotidiano, “no colégio, na rua, em casa das famílias conhecidas”, e se ela se entregou ao casamento por conta de sua “fraqueza”, outras não tinham essa “desculpa” – como no caso da personagem Olga, afilhada de Policarpo Quaresma, que nem sequer sabia se gostava muito do noivo.

Queria sentir que gostava, mas estava que não. E porque casava? Não sabia... Um impulso do seu meio, uma coisa que não vinha dela – não sabia... Gostava de outro? Também não. Todos os rapazes que ela conhecia, não possuíam relevo que a ferisse, não tinham o *quê*, ainda indeterminado na sua emoção e na sua inteligência, que a fascinasse ou subjugassem. Ela não sabia bem o que era, não chegava a estremar na percepção das suas inclinações a qualidade que ela queria ver dominante no homem. Era o heróico, era o fora do comum, era a força de projeção para as grandes coisas; mas essa confusão mental dos nossos primeiros anos, quando as idéias e os desejos se entrelaçam e se embaralham, Olga podia colher e registrar esses anelo, esse modo de se lhe representar e de amar o indivíduo masculino<sup>552</sup>.

Vivendo a última década do século dezenove, Ismênia e Olga conheciam a importância suprema do casamento, tal como as jovens de outrora, mas não se sentiam tão inebriadas com sua realização – como se à prática cultural faltassem determinadas dimensões simbólicas fundamentais. A instituição do matrimônio está perfeitamente firmada, como podemos notar facilmente, mas destituída de sua aura sagrada, esvaída com o romantismo – de tal modo que Olga “não foi para a igreja em virtude de uma determinação certa de sua vontade. Continuava a não encontrar dentro de si motivo para aquele ato, mas, aparentemente, nenhuma vontade estranha à sua influência para isso”. “A inércia da sociedade, a sua tirania e a timidez natural da moça em romper que a levaram ao casamento. Tanto mais que ela, de si para si, pensava que se não fosse este, seria outro a ele igual, e o melhor era não adiar”.

Era por isso que ela não ia para a igreja, em virtude de uma determinação certa de sua vontade, embora sem perceber o constrangimento de um comando fora dela<sup>553</sup>.

Certamente a personagem mais reflexiva da trama, Olga é a única que após experimentar as “aguras” do casamento consegue perceber sua falta de sentido. Tomando conhecimento do mal fadado caso de Ismênia, que enlouqueceu após a fuga do marido, Olga

<sup>551</sup> *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 1997, p. 38.

<sup>552</sup> *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 1997, p. 61.

<sup>553</sup> *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 1997, p. 88.

via bem o que fazia o desespero da moça, mas via melhor a causa, naquela obrigação que incrustam no espírito das meninas, que elas se devem casar a todo o custo, fazendo do casamento o pólo e fim da vida, a ponto de parecer uma desonra, uma injúria, ficar solteira.

O casamento já não é mais amor, não é maternidade, não é nada disso: é simplesmente casamento, uma coisa vazia, sem fundamento nem na nossa natureza nem nas nossas necessidades.

Graças à frouxidão, à pobreza intelectual e fraqueza de energia vital da Ismênia, aquela fuga do noivo se transformou em certeza de não casar mais e tudo nela se abismou nessa idéia desesperada<sup>554</sup>.

Além disso, como complementar Lima Barreto, “é de dever falar em casamentos, mas bem podiam ser esquecidos, porque a nossa gente pobre faz uso reduzido de tal sacramento e a simples mancebia, por toda a parte, substitui a solene instituição católica”<sup>555</sup> – prática que, nas palavras de Manuel Antônio de Almeida, já 1852, “é seguramente uma das coisas que produziu o triste estado moral da nossa sociedade”<sup>556</sup>.

Libertas do jugo patriarcal, muitas mulheres caíam no século XIX em novas armadilhas, como destacaria Joaquim Manuel de Macedo em diversos romances de sua segunda fase. Como comentaria Franklin Távora em *O sacrifício*, quase um decalque de *A baronesa de Amor*, de Macedo, “uma mulher casada não se pertence; pertence ao marido, ou antes à fatalidade do dever, sempre mais cruel para a mulher do que para o homem”<sup>557</sup>. – nova submissão que Estela, a luxuriosa personagem de *O cortiço* também vivenciou:

– Você quer saber? afirmava ela, eu bem percebo quanto aquele traste do senhor meu marido me detesta, mas isso tanto se me dá como a primeira camisa que vesti! Desgraçadamente para nós, mulheres de sociedade, não podemos viver sem o esposo, quando somos casadas; de forma que tenho de aturar o que me caiu em sorte, quer goste dele quer não goste!<sup>558</sup>

Problemas da modernidade... Seja como for, as mulheres conquistavam cada vez mais espaço na sociedade oitocentista, para desespero de muitos moralistas. O Dr. Vicente Maia, por exemplo, consideraria:

De dia a dia tende ela a emancipar-se.

O preparo de uma futura esposa, o cultivo da escultura, da pintura, da música, enfim, de todas as belas artes, adaptáveis à sublime delicadeza de seu sexo, representam hoje um círculo limitadíssimo de sua instrução. O requinte desta, na atualidade, está no cultivo de ciências e artes que jamais poderão ser-lhe confiadas: a mulher-médica, a mulher-naturalista, a mulher-política, a mulher-jurídica constituem o luxo do século presente. Daí novos deveres, novas excitações implantadas em seu organismo, cuja resistência há de fatalmente baquear, denunciando-se por um desequilíbrio dos centros nervosos e de todas as funções deles tributárias<sup>559</sup>.

A vida morosa dos anos coloniais ficara para trás – as mulheres do século dezenove, pelo menos as “retratadas” por nossos romancistas, gastaram muitas horas em passeios, festas

<sup>554</sup> *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 1997, p. 149.

<sup>555</sup> *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 1997, p. 156.

<sup>556</sup> *Memórias de um Sargento de Milícias*. 1997, p. 156.

<sup>557</sup> *O sacrifício*. 1969, p. 98.

<sup>558</sup> *O cortiço*. 1997, p. 28.

<sup>559</sup> *A menstruação na etiologia das nevroses e psicoses*. 1897, p. 11.

e visitas, imersas já em uma outra sensibilidade. Algumas já tomavam a ousadia de sair sozinhas às ruas, ainda que às escondidas, como poderíamos observar em *Diva*, de José de Alencar<sup>560</sup>, ou em *Ressurreição*, de Machado de Assis<sup>561</sup>. Em *O sacrifício*, Franklin Távora nos exibiria algumas características da amizade feminina ao representar um encontro entre diversas damas: “após Virgínia, entraram Sinhazinha, D. Carolina e Paulo. Sinhazinha correu para Maurícia, abraçou-a e cobriu-lhe as faces de beijos. Havia alguns meses que a não vira, e estava muito saudosa”<sup>562</sup>.

– Há quanto tempo não nos vemos, D. Maurícia! – disse Sinhazinha. E como está mudada a senhora!

– Acha-me mudada? – Há de ser assim mesmo. Porque não veio ao casamento de Virgínia? – perguntou-lhe.

– Não pude, mas aqui estou para lhe dar os parabéns e mil beijos.

E as duas moças abraçaram-se e beijaram-se graciosamente<sup>563</sup>.

Quando grávida, Maria Benedita, personagem do romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis, retirara-se da corte – mas quando retornou, foi calorosamente recebida, especialmente por sua amiga D. Fernanda:

D. Fernanda não cabia em si de contente. As cartas de Maria Benedita os davam por felizes; ela não pôde ler desde logo nos olhos e nas maneiras do casal a confirmação do escrito. Pareciam satisfeitos. Maria Benedita não reteve as lágrimas, quando abraçou a amiga, nem esta as suas, e ambas se apertaram como duas irmãs de sangue<sup>564</sup>.

Poderíamos ainda mencionar a amizade desvairada de Leocádia pela Rita Baiana<sup>565</sup>, descrita nas páginas de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, ou ainda os beijos – ainda inocentes – depositados pela cocote Leónie nos lábios de Pombinha<sup>566</sup>, mas uma das cenas mais sublimes legada quanto à liberdade e à amizade feminina reside no romance *Senhora*, de José de Alencar. A trama se encerra com uma carta enviada por uma grande “leitora” do autor, Eliza do Vale, à sua amiga Paula Adelaide, com a seguinte introdução:

Passamos ontem a manhã na cascata de Itamarati. Luísa mostrou-nos tuas cartas, que lemos à sombra dos velhos ipês, copados de flores, e ao rugido da torrente nas fragas do rochedo.

O sítio convidava ao devaneio. Por isso, e também pela novidade, o assunto predileto da conversa foi tua opinião acerca do último romance.

Discutimos em *palramento* as tuas observações e não sei porque que incumbiram-me da resposta. Talvez por ser a única da roda, que ainda não conhecia o livro<sup>567</sup>.

<sup>560</sup> *Diva*. 1993, p. 52.

<sup>561</sup> *Ressurreição*. 1938, p. 96-97.

<sup>562</sup> *O sacrifício*. 1969, p. 109.

<sup>563</sup> *O sacrifício*. 1969, p. 109-10.

<sup>564</sup> *Quincas Borba*. 1997, p. 149.

<sup>565</sup> *O cortiço*. 1997, p. 50.

<sup>566</sup> *O cortiço*. 1997, p. 113.

<sup>567</sup> *Senhora*. 1997, p. 173.

Moldados por nossas patrícias e igualmente tangidos pelos novos ares, os homens do século dezenove também nos exibirão uma sensibilidade muito distinta da legada pelos anos coloniais. Vejamos agora seu semblante.

### ***A ultra-sensibilidade masculina: amizade infinita e pranto desvairado***

Ainda que nossos médicos tenham dedicado poucas páginas ao estudo do sexo masculino, poderíamos traçar seu perfil conforme os moldes que tomamos para a avaliação das mulheres – mas nos parece mais promissor, visando delimitar alguns traços da sensibilidade brasileira oitocentista, investigar duas características dos homens “modernos” muito recorrentes na literatura do século XIX – a amizade e o pranto. As lágrimas das personagens femininas de nossos romances poderiam certamente encher um oceano sem causar qualquer espanto, mas o inusitado pranto masculino corresponderia já a uma sensibilidade muito distinta da herdada dos tempos coloniais – inimaginável em um senhor colonial. Quanto à amizade, ainda que Joaquim Manuel de Macedo nos afirme, em seu romance histórico *As mulheres de mantilha*, que nos anos da colônia ela era muito mais valorosa do que no presente, no século dezenove, portanto, podemos imaginar que tanto pelas condições de sociabilidade do período quanto pelas dimensões espirituais que revestiam as duas épocas, suas práticas guardavam caracteres distintos dos apresentados por nossos patrícios oitocentistas.

Já vimos o pesar legado pela morte de um filho. Gilberto Freyre nos relatará que os senhores de engenho mandavam *matar* seus próprios filhos:

eram senhores, os das casas-grandes, que mandavam matar os próprios filhos. Um desses patriarcas, Pedro Vieira, já avô, por descobrir que o filho mantinha relações com a mucama de sua predileção, mandou matá-lo pelo irmão mais velho<sup>568</sup>.

Em outra passagem:

foi um eclesiástico que avisou a Dona Verônica Dias Leite, matrona paulista do século XVII, que a filha estivera por algum tempo à janela. Crime horrendo de que resultou – conta a tradição – a mãe ter mandado matar a filha. Antônio de Oliveira Leitão, patriarca às direitas, este não precisou do enredo de ninguém – nem de frade nem de escravo: tendo visto tremular no fundo do quintal da casa um lenço que a filha tinha levado para enxugar ao sol, maldou logo que era senha de algum don-juan a lhe manchar a honra e não teve dúvida – sacou de uma faca de ponta e com ela atravessou o peito da moça<sup>569</sup>.

<sup>568</sup> *Casa grande & senzala*. 2001, p. 53.

<sup>569</sup> *Casa grande & senzala*. 2001, p. 475.

Muito provavelmente tais casos foram raros, mas não deixaram de despertar a atenção do célebre sociólogo. Destituídos de seu poder pela doce submissão das mulheres “modernas”, que apenas escondiam assim suas estratégias de dominação íntima e familiar, e tocados pelos novos ares do romantismo, os homens do século dezenove foram muito sensíveis – ou foram representados como tal. Talvez o encontro de Maurícia com suas amigas narrado por Franklin Távora páginas atrás guarde algo de comovente – mas pouco tocante em relação à certas manifestações das amizades masculinas.

A amizade entre Gonçalves de Magalhães e Porto Alegre foi uma das mais duradouras e apreciáveis do período. “Acabo de receber a tua carta de 5 do corrente e recebi também em devido tempo a do mês passado, que ficou sem resposta, porque, deixando isso de um dia para outro, passou-me afinal a lembrança, apesar de me lembrar de ti todos os dias”<sup>570</sup>, escreveria Magalhães em abril de 1875. Já vimos que Gonçalves Dias se casara graças à influência do autor do *Colombo*; Magalhães foi padrinho de Paulina Faulhaber, filha de Porto Alegre, e este também apadrinhou um dos filhos do autor dos *Suspiros poéticos e saudades*, visto que era tratado por compadre. “Se vieres a Roma, o que estimarei muito, dirige-te diretamente para esta casa, porque quero fartar-me de te ver de manhã até a noite”<sup>571</sup>. Dispomos apenas das cartas escritas por Magalhães, mas ao que tudo indica eles se comunicaram mensalmente até o final de 1877, quando Porto Alegre provavelmente sofreu um derrame e perdeu os movimentos e a fala<sup>572</sup>. “Sinto o mais que é possível o estado lastimoso a que chegou o meu bom amigo Santo-Angelo. Os olhos se me enchem de lágrimas quando nele penso”, responderia Magalhães à esposa do amigo, em janeiro de 1878. Paulo Porto-Alegre, filho do poeta, assumiu a comunicação entre as famílias desde então, buscando manter os laços que as uniam.

Em 1835 Magalhães dedicou ao amigo Francisco de Sales Torres Homem o poema *Uma noite no Coliseu*, onde narra as visitas noturnas dos dois mancebos aos destroços de Roma. Certa noite, no entanto, eles foram assaltados por três vultos negros e, em perigo, “só pelo Amigo cada qual temia”<sup>573</sup>. O poema *Em resposta ao meu amigo*, contudo, dedicado à Porto Alegre, também datado de 1835, nos legaria um registro muito mais significativo:

<sup>570</sup> *Cartas de Gonçalves de Magalhães a Manuel de Araújo Porto Alegre (II)*. 1934, p. 488.

<sup>571</sup> *Cartas de Gonçalves de Magalhães a Manuel de Araújo Porto Alegre (II)*. 1934, p. 491.

<sup>572</sup> Segundo o médico da família do autor, em novembro de 1877 ele teria sido acometido de “hemiplegia direita, paralisia da língua e outros sintomas de congestão e hemorragias capilares no cérebro”. *Cartas de Gonçalves de Magalhães a Manuel de Araújo Porto Alegre (III)*. 1934, p. 372, nota n. 01.

<sup>573</sup> *Suspiros poéticos e saudades*. 1999, p. 246.

*Sempre a teu lado  
 Vivi contente;  
 A ti ligado,  
 Uma vontade  
 Só nos unia;  
 Vera amizade  
 Nos apertava.  
 Se triste estava,  
 Tu me alegravas;  
 Em ti vivia,  
 Contigo ria.  
 Se me dizias:  
 Sou teu amigo,  
 Eu como um eco  
 Te repetia.  
 Era um exemplo  
 Nossa união.  
 Mas quis a sorte,  
 Sempre inimiga,  
 Atormentar-nos  
 E separar-nos  
 Por algum tempo;  
 Desde esse instante  
 A dor pintou-se  
 No meu semblante;  
 Mas só a morte  
 Dará um corte  
 Ao laço santo,  
 Que nos prendeu;  
 Se poder tanto  
 O justo céu  
 Lhe concedeu.*

*Vai, meu suspiro,  
 Vai ver o amigo,  
 Que te deseja  
 No seu retiro.  
 A Roma adeja,  
 Deixa-a, e te inclina  
 À Palestrina;  
 Chega ao abrigo  
 Onde ele pousa;  
 Aí repousa,  
 Suspiro meu<sup>574</sup>.*

Outra amizade simplesmente inimaginável no período colonial foi estabelecida pelo narrador do romance *O Ateneu* com o jovem Sanches, apresentada por Raul Pompéia.

Vizinhos ao dormitório, eu, deitado, esperava que ele dormisse para vê-lo dormir e acordava mais cedo para vê-lo acordar. Tudo que nos pertencia, era comum. Eu por mim positivamente adorava-o e o julgava perfeito. Era elegante, destro, trabalhador, generoso. Eu admirava-o, desde o coração, até à cor da pele e à correção das formas. Nadava como as toninhas. A água azul fugia-lhe diante em marulho, ou subia-lhe aos ombros banhando de um lustre de marfim polido a brancura do corpo. Dizia as lições com calma, dificilmente às vezes, embaraçado por aspirações ansiosas de asfixia. Eu mais o prezava nos acessos doentios da angústia. Sonhava que ele tinha morrido, que deixara bruscamente o *Ateneu*; o sonho despertava-me em susto, e eu, com alívio, avistava-o tranqüilo, na cama próxima, uma das mãos sob a face, compassando a respiração ciciante. No recreio, éramos inseparáveis, complementares como duas condições recíprocas de existência. Eu

<sup>574</sup> *Suspiros poéticos e saudades*. 1999, p. 280-81.

lamentava que uma ocorrência terrível não viesse de qualquer modo ameaçar o amigo, para fazer valer a coragem do sacrifício, trocar-me por ele no perigo, perder-me por uma pessoa de quem nada absolutamente desejava. Vinham-me reminiscências dos exemplos históricos de amizade; a comparação pagavam bem<sup>575</sup>.

Para além de certos traços “mórbidos”, típicos à escrita e, talvez, ao temperamento do narrador, senão do autor, vemos que a amizade entre Sanches e ele era infinita, muito distinta da que estabelecera com outros rapazes, como Egbert, de quem ele apenas fora “amigo”. “Sem mais razões, que a simpatia não se argumenta”. Faziam as lições juntos, conversavam muito, mas o narrador “experimentava a necessidade deleitosa da dedicação” – que só pôde ser dedicada ao Sanches.

No campo dos exercícios, à tarde, passeávamos juntos, voltas sem fim, em palestra sem assunto, por frases soltas, estações de borboletas sobre as doçuras de um bem-estar mútuo, inexprimível. Falávamos baixo, bondosamente, como temendo espantar com a entonação mais alta, mais áspera, o favor de um gênio benigno que estendia sobre nós a amplidão invisível das asas. *Amor unus erat*.

Entrávamos pelo gramal. Como ia longe o burburinho da alegria vulgar dos companheiros! Nós dois sós! Sentávamo-nos à relva. Eu descansando a cabeça no joelho dele, ou ele aos meus. Calados, arrancávamos espiguihas à grama. O prado era imenso, os extremos escapavam já na primeira solução de crepúsculo. Olhávamos para cima, para o céu. Que céus de transparência e de luz! Ao alto, ao alto, demorava-se ainda, em cauda de ouro, uma lembrança do sol<sup>576</sup>.

Sabemos pelos registros de Eloy Pontes que Raul Pompéia tinha muitas dificuldades para se relacionar com as pessoas, o que o biógrafo atribuía à constituição de sua família – o que, se pode não significar muito, nos indica a validade de certas representações ainda em 1935.

O Dr. Antonio Pompéia, tinha temperamento de misantropo, que os métodos fechados das famílias antigas agravaram. Sua conduta, em casa, sempre fora carrancuda. Nunca admitiu, por exemplo, que as filhas pusessem o pé fora do portão desacompanhadas da vigilância materna ou chegassem às janelas para olhar a rua por curiosidade. Os filhos cresceram nessa atmosfera de recato excessivo, de quase segredo familiar. D. Rosa Pompéia fortalecia o sistema retrógrado do marido, sem prejuízo dos carinhos que opulentavam a intimidade da família<sup>577</sup>.

“Teve sempre amigos”, retomaria Eloy Pontes em outra passagem. “Nunca teve íntimos”<sup>578</sup>. O que não indica que ele não conhecia ou que não podia imaginar as venturas da amizade, como observamos. Nas páginas do romance *Ressurreição*, de Machado de Assis, encontraremos Félix e Menezes andando de braços dados<sup>579</sup>, e nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*, veremos o narrador lançar os braços ao pescoço de Quincas Borba dizendo: “sublimes é tu”, após ouvir sua exposição acerca do Humanitismo, um novo “sistema filosófico” em fase de gestação<sup>580</sup>. A amizade seria uma ampla necessidade, sempre presente

<sup>575</sup> *O Ateneu*. 1997, p. 114.

<sup>576</sup> *O Ateneu*. 1997, p. 114-15.

<sup>577</sup> *A vida inquieta de Raul Pompéia*. 1935, p. 14.

<sup>578</sup> *A vida inquieta de Raul Pompéia*. 1935, p. 160.

<sup>579</sup> *Ressurreição*. 1938, p. 25.

<sup>580</sup> *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 1997, p. 231.

nos momentos de solidão. Atribulado por inúmeros problemas, e principalmente desanimado por diversas críticas à suas canções, na janela de sua casa, Ricardo Coração dos Outros refletia sobre sua existência e relembra sua infância, quando era querido por todos.

Por que então aquele encarniçamento, aquele ódio contra ele – ele que trouxera para esta terra de estrangeiros a alma, o suco, a substância do país!

E as lágrimas lhe saltaram quentes dos olhos afora. Olhou um pouco as montanhas, farejou o mar lá longe... Erra bela a terra, era linda, era majestosa, mas parecia ingrata e áspera no seu granito onipresente que se fazia negro e mau quando não era amaciado pela verdura das árvores.

E ele estava ali só, só com sua glória e o seu tormento, sem amor, sem confidente, sem amigo, só como um deus ou como um apóstolo em terra ingrata que lhe não quer ouvir a boa nova.

Sofria em não ter um peito amado, amigo em que derramasse aquelas lágrimas que iam cair no solo indiferente<sup>581</sup>.

Na Ilha das Enxadas, onde cumpria funções burocráticas, o ufanista Policarpo Quaresma passava longas horas entregue à si mesmo, “e então se lamentava por estar sozinho, por não ter um companheiro com quem conversar, que lhe fizesse fugir àqueles tristes pensamentos que o assediavam e se estavam transformando em obsessão”<sup>582</sup>. Sensação que também invadiu o Dr. Lins Teixeira, nas páginas de *O cromo*:

uma necessidade inadiável de se expandir, de falar francamente a um amigo, de arrancar o coração, pô-lo numa salva, e, de bisturi em punho, fazer-lhe a autópsia à vista do amigo, mostrar-lhe o estado penoso daquele músculo, chorar, pedir conselhos, pedir remédios... ele que era médico e que descrevia nesse momento da sua terapêutica<sup>583</sup>.

Situação semelhante à de Menezes, que após concluir um inusitado romance correu à casa de Felix. “Custou-me muito”, disse ele ao amigo, “mas era o necessário; foi agora há pouco; corri para cá; precisava de alguém com quem desabafasse. Isto é ridículo, bem sei; mas que queres? Eu sofro... tenho um coração miserável, e deixo-me levar por ele...”<sup>584</sup>. Em outra passagem, Machado de Assis comentaria: “que importa o tempo? Há amigos de oito dias e indiferentes de oito anos”<sup>585</sup>.

“É quase doçura a confiança dos pesares”<sup>586</sup>, escreveu Raul Pompéia, e muitos foram aqueles que desafogaram suas mágoas no “peito” dos amigos – como o pintor Jacques Despois, em visita ao Dr. Lins Teixeira:

O pintor abanou a cabeça tristemente, e malgrado seu, as lágrimas descera-lhe das pálpebras numa queda súbita.

<sup>581</sup> BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 1997, p. 80.

<sup>582</sup> BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 1997, p. 163.

<sup>583</sup> CARVALHO, Horácio de. *O cromo*. 1888, p. 192.

<sup>584</sup> MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Ressurreição*. 1938, p. 57.

<sup>585</sup> *Ressurreição*. 1938, p. 27.

<sup>586</sup> *Obras – vol. III (Contos)*. 1981, p. 176-77.

Ia envergonhar-se do fato, quando o médico o abraçou, pedindo pelo amor de Deus que não se envergonhasse de um sentimento tão nobre! O doutor também ficara com os seus olhos úmidos de lágrimas<sup>587</sup>.

Gonçalves Dias, romântico de primeira hora, também tinha uma sensibilidade apuradíssima. Como observamos rapidamente, ele se apaixonara desesperadamente por uma moça chamada Ana Amélia, cuja mão seria recusada pelos pais da donzela por conta da cor do poeta. Eis sua descrição do momento em que tomou conhecimento da decisão fatal, narrada ao amigo Antonio Henriques Leal em uma carta:

Tinha essa carta contra o peito, ou a apertava contra mim; ela queimava-me, e eu pude conter-me, porque essa prolongação de martírio se me assemelhava a um prazer. Ali tinha o meu futuro, as minhas esperanças, a minha condenação, ou o prêmio que Deus quisesse dar-me de uma juventude trabalhada e infeliz, e de uma vida sem merecimento talvez, mas não sem lágrimas nem sem coragem.

Então realmente começaria a vida para mim; e um momento, um sopro de felicidade celeste me teria feito esquecer todos os meus pesares e ainda aqueles a que tu não tens recusado lágrimas!

..... retirei-me a meu quarto. Como o sentenciado que procura espaçar a leitura de sua sentença; ou porque me adivinhasse o coração, ou porque o receio me tirasse a coragem, despi-me lentamente, li primeiro todas as mais cartas e ainda hesitei chegando àquela.

Li-a enfim! tornei a lê-la quatro e mil vezes, e daquela leitura só me ficou a idéia da repulsa, a consciência de quanto eu a amava pelo que sofria, da grandeza da perda pelo sentimento dela. Lágrimas e soluços me revelaram toda a intensidade do meu amor e da minha infelicidade; tive de conter os meus soluços, de abafar a minha dor para que mos não conhecessem. Estava fora de mim, chorava e delirava e repetia comigo palavras incoerentes, absurdas, expressões amargas ou carinhosas de quanto eu sentia, como se dessa forma pudesse adquirir a mentida seguridade com que vivera e revocara a imagem de meus sonhos, e colocá-la de novo, como dantes, em frente da minh'alma para que continuasse a presidir a todos os atos da minha vida íntima, à elaboração de todos os meus projetos, a todas as criações de uma glória, se tal nome lhe cabe, solitária e estéril!...<sup>588</sup>

Em 1855 ele a reencontrou casualmente em Lisboa, completamente outra, “pobre, abatida, com as feições desfeitas e trocadas as galas dos tempos felizes em rigoroso e profundo luto!”<sup>589</sup>. Toda a vertigem de sua passada ventura voltou e as chamas da paixão o incendiaram novamente. Completamente desesperado ele voltou para casa e compôs a poesia *Ainda uma vez adeus*, que deixou seu amigo Manuel Odorico Mendes fora de si. Quando se encontraram em Paris, algum tempo depois, Mendes atirou-se nos braços do poeta,

declarando-lhe que nunca poesia alguma lhe fizera derramar mais doridas e sinceras lágrimas do que essa, sendo que nisso resumia o maior e melhor elogio que dela lhe podia fazer. É que almas assim privilegiadas, e afinadas pelo sentimento do belo, adivinham e descobrem o que é dor real, e que irrompe involuntária do peito de quem a sofre!<sup>590</sup>

Exageros de um amigo sentimental, podem pensar os leitores, ou ainda do biógrafo, arrebatado como um romântico da primeira geração... Registros de certas sensibilidades

<sup>587</sup> CARVALHO, Horácio. *O cromo*. 1888, p. 202-03.

<sup>588</sup> Citado por Antonio Henriques Leal. *Antonio Gonçalves Dias*. 1875, p. 105-06.

<sup>589</sup> Citado por Antonio Henriques Leal. *Antonio Gonçalves Dias*. 1875, p. 114.

<sup>590</sup> Citado por Antonio Henriques Leal. *Antonio Gonçalves Dias*. 1875, p. 114-15.

masculinas da época, de qualquer modo, inquestionáveis em si, para além de quaisquer dúvidas contemporâneas. No poema *À minha musa*, Gonçalves Dias nos falaria sobre a importância das lágrimas:

*O azul do céu, nem da lua  
A doce luz refletida,  
Nem o mar beijando a praia,  
Nem a terra adormecida,  
Nem meigos sons, nem perfumes,  
Nem a brisa mal sentida,  
Nem quanto agrada e deleita,  
Nem quanto embeleza a vida;*

*Nada é melhor que este pranto  
Em silêncio gotejado,  
Meigo e doce, e pouco a pouco  
Do coração despegado;  
Não soro de fel, mas santo  
Frescor em peito chagado;  
Não espremido entre dores,  
Mas quase em prazer coado!*<sup>591</sup>

“Como é doce chorar”, exclamaria o Trovador, de *A nebulosa*, longa composição de Joaquim Manuel de Macedo:

*Do homem a face lágrimas não mancham;  
Mil vezes antes se afogando em pranto  
Da dor o coração acalma o fogo*<sup>592</sup>.

No poema *A dor*, que abre a compilação dos *Cantos fúnebres*, Gonçalves de Magalhães registraria:

*Ah! quem não chora?... Nunca penas faltam  
Da dor aos filhos, – que a chorar já nascem  
Neste vale da morte! – E que ventura  
Não é o coração dilacerado  
Ver simpática lágrima nos olhos  
De piedoso amigo? e num piedoso amplexo  
Unir-se à sua, no encontro das faces?  
Que conforto não é a voz ouvir-lhe,  
Bem triste, e assim mais grata; – ou no silêncio  
Do seu retiro, meditar sozinho,  
E repetir então lutosos carmes,  
Que sobre campos, ou da noite às sombras,  
Algum vate exala, – lembrando às turbas  
A Eternidade e Deus?*<sup>593</sup>

A amizade foi um dos sentimentos mais caros ao poeta Gonçalves Dias, entoada no poema *Quadras da minha vida*:

<sup>591</sup> *Poesias*. 1926, vol. I, p. 84.

<sup>592</sup> *A nebulosa*. S/d, p. 18.

<sup>593</sup> *Cantos fúnebres*. 1864, p. 03-04.

*Amizade! união, virtude, encanto –  
 Consórcio do querer, de força e d'alma –  
 Dos grandes sentimentos cá da terra  
 Talvez o mais recíproco, o mais fundo!  
 Quem há que diga: – eu sou feliz! – se acaso  
 Um amigo lhe falta? um doce amigo  
 Que sinta o seu prazer como ele o sente!  
 Que sofra a sua dor como ele a sofre?*<sup>594</sup>

“Assim compreendia Gonçalves Dias a amizade”, comentaria Antonio Henriques Leal,

e a praticava. De todos quantos amava nenhum se lhe antepunha no entranhado afeto ao sr. dr. Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, que lh'o retribuía por igual. Eram a encarnação viva do tão conhecido e falado, mas pouco imitado mito de Castor e Pollux ou do de Orestes e Pilades. Chamavam-se irmãos e o eram no que há de puro e intenso nesta afeição, de verdadeiro e terno e santo na acepção mais sublimada e lata d'este doce termo<sup>595</sup>.

Além disso, nossos patrícios oitocentistas não viam qualquer inconveniente em admirar a beleza de outros homens, como o parasita Botelho, figurado em *O cortiço*, que não só acobertava as infidelidades do jovem Henrique com D. Estela como lhe aconselhava uma vida sexualmente dissoluta unicamente porque o achava “bonito”<sup>596</sup>. No romance *Quincas Borba*, encontraremos certo cocheiro que uma vez conduziu o galante Carlos Maria e que, interpelado por Rubião, descreveu-o nos seguintes modos: “era da Rua dos Inválidos, bonito, um moço de bigodes e olhos grandes, muito grandes. Oh! eu também se fosse mulher, era capaz de apaixonar-me por ele...”<sup>597</sup>. Por esse período, Rubião desconfiava que o garboso rapaz estivesse envolvido com Sofia Palha, por quem estava apaixonado, mas ao descobrir que ele se casaria em breve com outra moça, Maria Benedita, ele chegou a admitir a beleza do futuro marido: “não é feio rapaz, é muito mais bonito do que ela”<sup>598</sup>.

Sinais de uma sensibilidade bem outra, desenvolvida com o avanço do século, embalada pelo romantismo e construída por médicos e literatos, entre outras classes intelectuais. É certo que por volta da década de 70 muitos passariam a “combater” essa sensibilidade desvairada, origem de muitos males, mas como temos observado, tanto a sensibilidade como muitas construções românticas persistiriam ainda por muito tempo. Se muitos homens buscavam a companhia de um amigo para escapar à solidão ou para se desafogarem de suas lágrimas, muitos outros preferiam a solidão, quando poderiam se encontrar com si próprios. Quando fosse possível, estes poderiam se refugiar nas montanhas da Tijuca<sup>599</sup>, ou ainda flunar por bairros “excêntricos e desertos”, onde ninguém os pudesse

<sup>594</sup> Citado por Antonio Henriques Leal. *Antônio Gonçalves Dias: notícia de sua vida e obra*. 1875, p. 210.

<sup>595</sup> *Antônio Gonçalves Dias: notícia de sua vida e obra*. 1875, p. 210-11.

<sup>596</sup> AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 1997, p. 29.

<sup>597</sup> MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Quincas Borba*. 1997, p. 87.

<sup>598</sup> MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Quincas Borba*. 1997, p. 109.

<sup>599</sup> MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 1997, p. 69-70.

encontrar<sup>600</sup>, como nos mostrou Brás Cubas – mas no meio da vida social da corte tais atitudes seriam muitas vezes interpretadas como um sinal de incivilidade. Assim, nossos patrícios encontravam em janelas e em varandas a possibilidade de se furtarem à sociedade sem quebrar o protocolo.

### *Janelas e varandas: refúgios de meditação*

Os progressos das dimensões materiais do Rio de Janeiro, para não dizer do Brasil, se davam na mesma medida que as transformações da vida social e sentimental de nossos patrícios, em um processo de recíproca influência, evidentemente, e é hora de remediar a pouca atenção que a eles concedemos ao longo deste ensaio. Os “progressos” da culinária, da indumentária e da decoração de ambientes que observaremos no século XIX, por exemplo, demandavam condições inexistentes na colônia e denotavam ao mesmo tempo uma sofisticação existencial própria à complexificação da sociedade oitocentista. Como notou Leila Algranti, as atividades cotidianas de nossos patrícios coloniais estavam ligada à luz solar:

levanta-se com o nascer do sol, descansava-se quando ele estava a pino e dormia-se quando ele se punha. As velas de sebo, por economia, apagavam-se cedo e impediam uma convivência maior entre os membros da família<sup>601</sup>.

Os animados serões e as inúmeras atividades sociais noturnas do século XIX, responsáveis pela necessidade do desenvolvimento de um trato social mais elaborado, assim, só se tornariam possíveis com as transformações do sistema de iluminação, substituído primeiramente por candeeiros de querosene e mais tarde pela iluminação à gás, exigindo ao mesmo tempo toda uma nova organização material – envolvendo a culinária (o que servir), a indumentária (o que vestir) e a decoração dos ambiente (como receber, agradar e, por que não dizer, se ostentar aos visitantes), sem falar na movimentação de coches, da requisição de aulas de canto e do aprendizado de diversos instrumentos, entre muitos outros predicados – e demonstrando já um novo padrão de “civilidade”, muito mais “sociável”.

Talvez possamos tomar o piano como um índice dessa “correspondência” entre os “progressos” materiais oitocentistas e a vida sentimental de nossos antepassados – apontando, ao mesmo tempo, a eficácia das representações legadas pelos romancistas do período. Segundo Luiz Felipe de Alencastro, os pianos foram introduzidos no cotidiano brasileiro à

---

<sup>600</sup> MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 1997, p. 54.

<sup>601</sup> *Famílias e vida doméstica*. 1997, p. 115.

partir da metade do século XIX, graças aos capitais antes investidos na compra de escravos – “proibida” justamente em 1850. Inúmeros bens de consumo passaram a ser importados da Europa – figurando de modo radiante entre todos, como um verdadeiro fetiche, *o piano*.

De alto valor agregado e de imediato efeito ostentatório – as duas características que fazem desde então a felicidade respectiva dos importadores e dos consumidores brasileiros de renda concentrada –, o piano apresentava-se como o objeto de desejo dos lares patriarcais. Comprando um piano, as famílias introduziam um móvel aristocrático no meio de um mobiliário doméstico inaracterístico e inauguravam – o salão: um espaço privado de sociabilidade que tornará visível, para observadores selecionados, a representação da vida familiar. Saraus, bailes e serões musicais tomavam um novo ritmo<sup>602</sup>.

Para além de suas dimensões ostentatórias e do colorido que imprimiu sobre a vida social dos lares brasileiros, os pianos passariam propriamente a *integrar a vida psíquica de nossos patrícios*, especialmente do sexo feminino. Inúmeras personagens apresentadas durante a década de 70, nascidas em geral durante a década de 50 e criadas, portanto, desde pequenas na presença do instrumento, derramarão sobre as teclas dos pianos sua sensibilidade – de um modo nunca registrado até então. Ao sair de um baile, a mimosa Carlota, de *Cinco minutos*, publicado por Alencar, apanhou uma “pequena constipação”, de que aliás não fez caso. “Minha mãe teimava que eu estava doente, e eu achava-me apenas um pouco pálida e sentia às vezes um ligeiro calafrio, que eu curava sentando-me ao piano e tocando alguma música de bravura”<sup>603</sup> – uma ligação ainda bastante simples, mesmo porque datada de 1856. Em *Senhora*, de 1875, ele já diria que o piano “é para as senhoras como o charuto para os homens, um amigo de todas as horas, um companheiro dócil, e um confidente sempre atento”<sup>604</sup>. Quando Aurélia Camargo tocava, “tocava por inspiração, e o canto eram as emoções de sua alma que ressoavam espontaneamente como os harpejos da brisa no seio da floresta”<sup>605</sup>. Dona Flor, personagem do romance *Um noivo à duas noivas*, lançado por Macedo em 1872, temerosa de uma caçada de “tigres” em que seu amado estava envolvido, não conseguia se lançar ao instrumento<sup>606</sup>. Ao retornar de um baile, o cotidiano de Esther, figurada em *O cromo*, publicado por Horácio de Carvalho em 1888, sofreu inúmeras alterações: “fugia de todos; andava sempre só. E, no piano, as músicas que tocava pareciam feitas para defunto”<sup>607</sup>. D. Estela, personagem de *O cortiço*, lançado em 1890 por Aluísio

<sup>602</sup> *Vida privada e ordem privada no Império*. 1997, p. 47.

<sup>603</sup> *Cinco minutos*. 1991, p. 36.

<sup>604</sup> *Senhora*. 1997, p. 99.

<sup>605</sup> *Senhora*. 1997, p. 130.

<sup>606</sup> *Um noivo à duas noivas*. S/d, vol. I, p. 262.

<sup>607</sup> *O cromo*. 1888, p. 88.

Azevedo, deixava de se dedicar ao instrumento quando seu escravo de estimação estava ausente<sup>608</sup>.

Raul Pompéia, com sua habitual mordacidade, nos apresentará um caso bastante curioso no conto *Caricaturas reais: um vizinho original*, envolvendo a filha do vizinho do narrador, que também tocava piano.

*Tocava piano* não exprime bem. A donzela repetia, várias vezes ao dia, repisava, remoia, uma certa e determinada música, invariável, pertinaz, uma espécie de balada, lânguida, desafinada, medonha!

O piano era um memorável tacho, de não sei que fabricante, diabólico. Produzia sons novos, inauditos, fenomenais, que davam idéia de fabuloso armazém de ferros velhos em revolução, harmonias assombrosas, não sonhadas por Wagner. Por um efeito incrível de contágio, parece que a enfermidade dos donos se comunicara ao piano. Eu era capaz de jurar que aquele piano estava tísico, tão perfeitamente ético como o magro vizinho. Havia notas tossidas, havia escalas escarradas... Ninguém imagina!

Deste monte de horrores, o pianista tinha a habilidade de extrair a sua música, a tal peça eterna e desesperadora.

Era um prodígio desafinado de doçuras, enxame de moscas sonoras zumbindo na clave de *fé* sobre pieguices requebradas e sentidas da clave de *sol*, como sobre compotas. Via-se na música da filha, o gênio do pai. Estava presente todo o alfenim da magra sentimentalidade dos vates da antiga escola<sup>609</sup>.

Para bonança do narrador, um belo dia o piano se calou... A casa do vizinho estava toda fechada, com as cortinas cerradas... Mas eis que quando todos já se davam por salvos a melodia ressurge – abafada, desta vez, pelas cortinas.

“Nunca me pareceram tão profundamente irritantes aqueles sons”, nos conta ele. “As notas não cantavam mais nem suspiravam – estertoravam. Era como uma série arquejante de derradeiros suspiros, ao longe. Uma agonia longínqua e interminável”. Num instante, contudo, “a agonia acabou. A música subiu, num crescendo de círio expirante e morreu de chofre, como se lhe houvessem faltado as cordas do piano”. No dia seguinte ele descobriria o óbvio: seu vizinho caíra de cama e, adivinhando a proximidade da morte, pedira à filha que embalasse seus últimos instantes com a melodia querida<sup>610</sup>.

Maurícia, a protagonista do romance *O sacrifício*, publicado por Franklin Távora em 1879, foi aquela que teve sua sensibilidade “afinada” ao piano com maior precisão. Com a partida de seu amado Ângelo, ela foi tomada por uma imensa e permanente melancolia que obscureceu a luz de sua vida. “Poucas vezes, descia à sala, onde costumava-se reunir-se D. Carolina, Virgínia e outras senhoras. Deu em tocar e cantar músicas tristes. Perdia a noite em

<sup>608</sup> *O cortiço*. 1997, p. 26.

<sup>609</sup> *Obras* – vol. III (Contos). 1981, p. 168.

<sup>610</sup> *Obras* – vol. III (Contos). 1981, p. 169.

grandes abstrações”<sup>611</sup>. Ao saber da morte de seu ex-marido, no entanto, o responsável pelo afastamento de seu amado e razão suprema de sua desventura, sua alma se libertou das trevas que lhe inundavam e ela voltou a ser feliz. “Quando pela primeira vez depois da lúgubre notícia, ela pôs as mãos ao piano para tocar, foi uma música de escolhidas harmonias, que rebentou, em notas animadas, daquele gigante cofre de suas predileções”<sup>612</sup>.

Encontraremos nas *janelas e varandas* oitocentistas mais uma correlação entre o mundo material e a sensibilidade de nossos patrícios. Seguindo os passos de Jurandir Costa, comentamos na abertura deste ensaio que “os membros da família antiga eram destituídos daquilo que poderíamos chamar modernamente de ‘profundidade psicológica’”<sup>613</sup>, pouco dados à introspecção pessoal – visto que permanentemente requisitados pelo mundo exterior. Se as representações acerca da vida social durante o século XIX nos legam um panorama muito mais vasto e colorido do que o apresentado na época colonial, registrarão também uma via de fuga requisitada pela necessidade da reflexão – as janelas e varandas.

Inúmeros são os relatos acerca da correlação entre melancolia e isolamento, mas em meio à agitada vida social da corte, ou mais propriamente, em festas, saraus e reuniões de todo tipo, nossos patrícios recorriam à estas regiões afastadas do burburinho animado para se entregarem à profundas reflexões – índice já de uma nova sensibilidade.

Foi por se entregar à doces enleios que o narrador de *Cinco minutos* não notou a partida do vulto com que se encontrara em um ônibus, e foi por se extasiar com as belezas do Rio de Janeiro que narrador de *Amância* cruzou ruas que não conhecia e encontrou a pobre moça. Brás Cubas nos conta que quando não conseguia dormir, o bater de um pêndulo o atormentava à noite toda, indicando que de toque em toque ele perdia um instante de vida – mas após beijar Virgília pela primeira vez, inebriado pela felicidade, mesmo sem conseguir dormir o bater no pêndulo não o incomodou.

As fantasias tumultuavam-me cá dentro, vinham umas sobre as outras, à semelhança de devotas que se abalroam para ver o anjo-cantor das procissões. Não ouvia os instantes perdidos, mas os minutos ganham. De certo tempo em diante não ouvi coisa nenhuma, porque o meu pensamento, ardiloso e traquinas, saltou pela janela fora e bateu as asas na direção da casa de Virgília. Aí achou ao peitoril de uma janela o pensamento de Virgília, saudaram-se e ficaram de palestra. Nós a rolarmos na cama, talvez com frio, necessitados de repouso, e os dois vadios ali postos, a repetirem o velho diálogo de Adão e Eva<sup>614</sup>.

---

<sup>611</sup> *O sacrifício*. 1969, p. 140.

<sup>612</sup> *O sacrifício*. 1969, p. 141.

<sup>613</sup> *Ordem médica e norma familiar*. 1983, p. 96.

<sup>614</sup> *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 1997, p. 110

Em frente à sua casa, irritada por uma série de reflexões, Sofia Palha foi cumprimentada por “um rapaz alto” que passava por ali.

Sofia cortejou-o também um pouco espantada da pessoa e da ação.

– Quem é este sujeito? pensou ela.

E entrou a cogitar donde é que o conhecia, porque, em verdade, a cara não lhe era estranha, nem as maneiras, nem os olhos plácidos e grandes. Onde é que o teria visto? Percorreu várias casas, sem acertar com a verdadeira; afinal pensou em certo baile, – no mês anterior, – em casa de um advogado que fazia anos. Era isso; viu-o lá, dançaram uma quadrilha, por simples condescendência dele, que não dançava nunca; lembrava-se de lhe ter ouvido muitas palavras agradáveis, relativamente à beleza da mulher, que, dizia ele, consistia principalmente nos olhos e nos ombros. Os dela, como sabemos, eram magníficos. E quase não se tratou de outro assunto, – os ombros e os olhos; – a propósito de uns e outros contou várias anedotas sucedidas com ele, algumas sem interesse, mas falava tão bem! e o assunto era tão dela! É verdade; lembrava-se agora que, apenas ele a deixou, Palha veio ter com ela, sentou-se na cadeira, ao lado, e disse-lhe o nome do rapaz, por que ela não ouvira bem à pessoa que lho apresentara: era Carlos Maria, – o próprio do almoço do nosso Rubião.

– É a primeira figura do salão, disse-lhe o marido com orgulho de ver que se ocupara tanto com ela.

– Entre os homens, explicou Sofia.

– Entre as senhoras é tu, acudiu ele mirando-se no colo da mulher, e circulando depois os olhos pela sala, com uma expressão de posse e domínio, que a mulher já conhecia e que lhe fazia bem.

Quando acabou de recordar tudo, já iria longe o rapaz; foi ao menos uma interrupção na série de tédios que lhe tomavam a alma<sup>615</sup>.

Machado de Assis, retrataria nessa cena a passagem do tempo alongando as reflexões *justamente* para representar, de modo mais fiel, a passagem do tempo, buscando externar ao leitor a mesma sensação física de Sofia, justificando o afastamento do rapaz quando do “retorno” da moça à si. A reflexão retirava, ainda que por instantes, os indivíduos de si mesmos, tornando-os alheios ao que se passava ao seu redor. Em sociedade isso seria muito indelicado, ainda que recorrente, dadas as inúmeras intrigas, revoluções íntimas e decisões vitais inerentes à festas, bailes e reuniões de todo tipo – e uma possibilidade de “escape” seriam as janelas e varandas. Em *As vítimas-algozes*, Macedo figurou a situação de Frederico, que após “flagrar” sua pretendida em doce enleio com outro

foi acelerado abrigar-se ao recanto de uma janela, agarrado a cujo parapeito experimentou e sofreu em convulsivo tremor, a reação violentamente demorada dos diversos afetos que tempestevam em seu ânimo<sup>616</sup>.

Após descobrir que Aurélia Camargo se casara com ele unicamente por um capricho, Seixas “parou um instante a contemplar a doce palidez da natureza. Essa calma suave da noite penetrou-o. Relaxaram-se-lhe as fibras da alma”.

Apoiando a fronte à ombreira da janela, deixou cair as lágrimas que lhe assoberbavam o seio<sup>617</sup>.

<sup>615</sup> *Quincas Borba*. 1997, p. 57.

<sup>616</sup> *As vítimas-algozes*. 1991, p. 227.

<sup>617</sup> ALENCAR, José de. *Senhora*. 1997, p. 93.

Em outro momento, em uma festa na casa de Aurélia, ele buscaria a paz de uma varanda para se entregar às reflexões que seu espírito exigia.

Por meio da noite, a moça ao atravessar a sala quando voltava de despedir-se de uma senhora, viu Seixas recostado a uma janela pela parte de fora.

A pretexto de fumar, o moço tinha saído ao jardim; e para de todo não seqüestrar-se da sociedade, tomara aquela posição da qual parecia acompanhar com a vista o que se fazia na sala; mas era como se não ali não estivesse pela preocupação que nesse momento o reconcentrava.

Essa primeira pausa que lhe deixavam os deveres da sociedade depois da entrada de Aurélia na sala, seu pensamento a aproveitou para bem compenetrar-se dos fatos que se acabavam de passar e aos quais buscava uma causa ou explicação<sup>618</sup>.

Pontos em que podiam se isolar dos demais ou simplesmente descansar um pouco, as varandas e sacadas também abrigavam aqueles que desejavam fumar – grande recurso contra a melancolia no ideário romântico, como sabemos. Alencar nos indicou há pouco que o charuto seria “um amigo de todas as horas”, um “confidente sempre atento”<sup>619</sup>, e como alento aos tormentos do amigo Menezes, Félix diria: “fuma. Já observei que o fumo impede as lágrimas, e ao mesmo tempo leva ao cérebro uma espécie de nevoeiro salutar”<sup>620</sup> – nevoeiro que impediria a reflexão, e o cogitar das angústias...

Com a complexificação da realidade, também se desenvolveriam a sensibilidade e os romances brasileiros oitocentistas, que tomamos tanto como uma fonte de representações como elementos constituintes e constitutivos dessa realidade. Nesse sentido, a complexidade literária alcançada no fim do século nos exibiria uma sociedade e, principalmente, uma complexidade existencial muito mais ampla que a legada pelo período colonial, ou mesmo mais ampla do que a que observáramos na década de 40. Em 1875, o Dr. Luís Pereira Barreto já julgava a sociedade brasileira tão complexa quantos os grandes países europeus, praticamente à beira de uma crise nervosa coletiva<sup>621</sup> - percepção que integrou o círculo decadentista do fim do século e o coração de jovens que “de cogitar insanos nessas coisas” se perderiam nos labirintos de suas psiques.

É certo que uma obra literária não exprime necessariamente o fulgor de sua época, mesmo porque sempre dependente de dotes artísticos pessoais – *Amância*, de Gonçalves de Magalhães, e *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, foram publicadas no mesmo ano, e já comentamos a distância formal que as separava. Contudo, é indubitável que os romances do fim do século são mais complexos que os publicados na alvorada do romantismo – em consonância com a sociedade e com a realidade às quais estavam ligados. Assim, os

<sup>618</sup> ALENCAR, José de. *Senhora*. 1997, p. 49.

<sup>619</sup> *Senhora*. 1997, p. 99.

<sup>620</sup> MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Ressurreição*. 1938, p. 58.

<sup>621</sup> *Teoria das gastralgias e das nervoses em geral*. 1967, p. 50.

brasileiros do fim do século XIX exibirão sensibilidades e características muito distintas das observadas na sociedade colonial, como tentamos delimitar ao longo das últimas páginas.

Cabe destacar que se tomamos literatos e médicos como guias para essa investigação, muitas outras classes intelectuais fizeram parte da cruzada civilizatória oitocentista – como buscamos apontar diversas vezes. É possível que uma pesquisa que tome por fonte as teses jurídicas, por exemplo, aponte uma trajetória semelhante à que exibimos, senão mais refinada. Investigamos apenas duas classes de representações acerca desse processo – outras vias de acesso ainda são possíveis.

Além disso, como deve ser evidente, conferimos especial atenção às dimensões espirituais e sentimentais da construção da sensibilidade oitocentista, restando ainda outras lacunas – especialmente a econômica, tomada por Aluísio Azevedo como uma mola de propulsão avassaladora. Se no romance *Filomena Borges* ele esquadrinhou o desenvolvimento das sensibilidades de suas personagens avaliando suas dimensões existenciais e sentimentais, em *O cortiço* ele registrará a influência do meio econômico como estímulo – senão como uma força estritamente coercitiva – de civilização, tomando tanto a sofisticação de João Romão quanto o desenvolvimento do próprio cortiço em vila como figuras inescapáveis à seu tempo, impulsionadas por imperativos sociais inerentes ao progresso da sociedade brasileira.

Vale ainda ressaltar que esse processo passou por significativas transformações ao longo dos anos, escapando ao controle dos agentes envolvidos em sua “condução”. Assim como Arsênio julgava impossível impor um código aos temperamentos e não escapou aos arquétipos “disponíveis” no período, a construção do casamento e a instituição do amor filial fugiram às determinações de médicos e literatos – que por sua vez nem sempre estiveram em grande harmonia. Muitas foram as contravenções literárias às normatizações médicas, e uma das mais célebres cabe à Alencar. Seu sobrinho Araripe Júnior nos narra que:

os últimos capítulos dos *Cinco minutos* foram compostos sob a influência de uma discussão, em que entrava um médico, na qual buscaram demonstrar-lhe a impossibilidade da cura de Carolina [evidentemente um pequeno lapso de Araripe], que apesar de tudo o autor, escutando unicamente seu capricho deu por pronta no golfo de Íschia<sup>622</sup>.

Inúmeros médicos, por sua vez, condenavam abertamente a leitura de romances, responsáveis, segundo eles, pela propagação de idéias extravagantes que corromperiam os espíritos de seus leitores – como, aliás, muitos outros *romancistas* apontariam no fim do século. Muitos outros, pelo contrário, não só se entregavam às belas letras como distração mas também como fonte de idéias. Ao examinar a filha do Dr. Amâncio, de *O cromo*, o Dr.

<sup>622</sup> José de Alencar. 1894, p. 77, nota de rodapé.

Silveira lembrou-se, “por associação de idéias, de um romance que havia lido – *Charlottes’amuse*”<sup>623</sup>, inspirando-se em suas páginas para cuidar da moça. “Amanda, alta, clara e magrinha, andava agora tossindo muito e apaixonada por um rapaz que lhe fazia a corte. O médico havia dito ao pai que apressasse a coisa”<sup>624</sup>. “Toda a demora seria prejudicial”, garantia ele, certamente diante de um caso brando de histeria.

Enfim, parece-nos apropriado mencionar também que as conquistas oitocentistas não foram absolutas. D. Francisca de Basto Cordeiro nos conta que, em algum ponto entre 1890 e 1891, viajou ao lado de Machado de Assis e sua esposa Carolina para Barbacena, onde em determinada ocasião tomaram pouso em uma grande fazenda, extremamente agradável, cujo dono não sabia como se exceder em obséquios para com os visitantes – ressaltando, contudo, que “nenhuma mulher da família sentou-se à mesa, nem apareceu à sala durante a lauta refeição”<sup>625</sup>. Quase uma herança dos tempos coloniais, já na República...

Joaquim Manuel de Macedo morreu na miséria, tal como muitas vezes prefigurara em seus sonhos de glória – mas hoje, ele não ocupa uma posição de destaque em nosso panteão literário. Nem todas as profecias podem se realizar. Sua obra, no entanto, certamente chegou muito mais longe do que ele próprio poderia imaginar. Sua dedicação ao culto do dever não foi em vão. A geração romântica da qual ele fez parte se entregou com afinco à cruzada civilizatória iniciada em 1808, transformando significativamente as feições da sensibilidade brasileira. No fim do século XIX, médicos e literatos abandonarão seus postos nesta cruzada, desestruturando-a formalmente – mas os anos já haviam se passado. O país era outro.

---

<sup>623</sup> *O cromo*. 1888, p. 386.

<sup>624</sup> *O cromo*. 1888, p. 385-86.

<sup>625</sup> Citado por Raimundo Magalhães Júnior. *Ao redor de Machado de Assis*. 1958, p. 187-88.

## BIBLIOGRAFIA

### ROMANCES

ALENCAR, José de. *Cinco minutos*. São Paulo: FTD, 1991.

\_\_\_\_\_. *Diva: perfil de mulher*. São Paulo: Núcleo, 1993.

\_\_\_\_\_. *O gaúcho*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964.

\_\_\_\_\_. *Lucíola*. 14<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. *A pata da gazela*. São Paulo: FTD, 1992.

\_\_\_\_\_. *Senhora*. São Paulo: Klick, 1997.

\_\_\_\_\_. *Sonhos d'ouro*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Klick, 1997.

AZEVEDO, Aluísio. *A condessa Vésper*. São Paulo: Martins, 1959 (Obras completas de Aluísio Azevedo).

\_\_\_\_\_. *O cortiço*. São Paulo: Click, 1997.

\_\_\_\_\_. *O esqueleto*. 3<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1944.

\_\_\_\_\_. *Filomena Borges*. São Paulo: Martins, 1960 (Obras completas de Aluísio Azevedo).

\_\_\_\_\_. *Girândola de amores*. São Paulo: Martins, 1960 (Obras completas de Aluísio Azevedo).

\_\_\_\_\_. *A mortalha de Alzira*. São Paulo: Martins, 1961 (Obras completas de Aluísio Azevedo).

\_\_\_\_\_. *O mulato*. São Paulo: Martins, 1969 (Obras completas de Aluísio Azevedo).

\_\_\_\_\_. *O touro negro*. São Paulo: Martins, 1961 (Obras completas de Aluísio Azevedo).

\_\_\_\_\_. *Uma lágrima de mulher*. São Paulo: Martins, 1960 (Obras completas de Aluísio Azevedo).

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Click, 1997.

CARVALHO, Horácio. *O cromo (estudo de temperamentos)*. Rio de Janeiro: Tipografia de Carlos Gaspar da Silva, 1888.

CARVALHO, Marques de. *Hortênciã*. Belém: Cejup/Secult, 1997.

GUIMARÃES JÚNIOR, Luiz. *A família Agulha*. Rio de Janeiro: Garnier, s/d (2 vols.).

MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os amores de um médico*. São Paulo: C. Teixeira & C., 1914.

\_\_\_\_\_. *A baronesa de Amor*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Garnier, s/d (2 vol.).

\_\_\_\_\_. *A carteira de meu tio*. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Garnier, 2001.

\_\_\_\_\_. *Os dois amores*. São Paulo; Rio de Janeiro; Porto Alegre: W. M. Jackson, s/d.

\_\_\_\_\_. *Memórias da rua do Ouvidor*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1988.

\_\_\_\_\_. *A misteriosa*. Rio de Janeiro: Ocidente, 1944.

\_\_\_\_\_. *O moço loiro*. São Paulo: Melhoramentos, 1963.

\_\_\_\_\_. *A moreninha*. São Paulo: Klick, 1997.

\_\_\_\_\_. *As mulheres de mantilha*. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

\_\_\_\_\_. *A namoradeira*. Rio de Janeiro: Garnier, s/d (2 vols.).

\_\_\_\_\_. *Nina*. São Paulo: Saraiva, 1951 (*Coleção Rosa*, vol. 26).

\_\_\_\_\_. *Um noivo à duas noivas*. Rio de Janeiro: Garnier, s/d (3 vols.).

\_\_\_\_\_. *Os quatro pontos cardeais*. In: *Os quatro pontos cardeais; A misteriosa*. Rio de Janeiro: Garnier, s/d, p. 05-185.

\_\_\_\_\_. *O rio do quarto*. São Paulo: Melhoramentos, 1944.

\_\_\_\_\_. *Os romances da Semana*. 4<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia, 1937.

\_\_\_\_\_. *Rosa*. In: *Rosa; O rio do quarto; Uma paixão romântica; O veneno das flores*. São Paulo: Editora Martins, 1954, p. 05-363.

\_\_\_\_\_. *Vicentina*. São Paulo: Melhoramentos, 1954.

\_\_\_\_\_. *As vítimas-algozes: quadros da escravidão*. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Scipione; Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1991.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *A mão e a luva*. São Paulo: Circulo do Livro, 1953.

\_\_\_\_\_. *Helena*. 11<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. *Iaiá Garcia*. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: W. M. Jackson, 1938.

\_\_\_\_\_. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Klick, 1997.

\_\_\_\_\_. *Quincas Borba*. São Paulo: Klick, 1997.

\_\_\_\_\_. *Ressurreição*. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: W. M. Jackson, 1938.

MAGALHÃES, José Domingos Gonçalves de. *Amância*. In: *Opúsculos históricos e literários*. Rio de Janeiro: Garnier, 1865, p. 347-391 (Obras completas de Gonçalves de Magalhães, vol. VIII).

POMPÉIA, Raul de. *O ateneu (crônica de saudades)*. São Paulo: Klick, 1997.

\_\_\_\_\_. *Uma tragédia no Amazonas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1964.

TAUNAY, Alfredo D'Escragnolle. *Inocência*. 27<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1947.

\_\_\_\_\_. *A mocidade de Trajano*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Biblioteca Academia Paulista de Letras, 1976 (Biblioteca da Academia Paulista de Letras, vol. 13).

TÁVORA, Franklin. *O cabeleira*. São Paulo: Três, 1973.

\_\_\_\_\_. *O sacrifício*. São Paulo: Clube do Livro, 1969.

### **OBRAS POÉTICAS**

AFRÂNIO, Julio. *Rosa mística: símbolo trágico*. Leipzig: Brokhaus, 1900.

AZEVEDO, Álvares de. *Poesias completas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

DIAS, Gonçalves. *Poesias*. 7<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Garnier, vol. I, 1926.

GAMA, Luiz. *Trovas burlescas*. São Paulo: Três, 1974.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *A nebulosa*. Rio de Janeiro: Garnier, s/d.

MACHADO DE ASSIS, José Maria. *Poesia completa (Crisálidas, Falenas, Americanas, Ocidentais)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

MAGALHÃES, José Domingos Gonçalves de. *Cantos fúnebres*. Rio de Janeiro: Garnier, 1864 (Obras Completas de Gonçalves de Magalhães, volume VI).

\_\_\_\_\_. *Suspiros poéticos e saudades*. 6ª ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

MARTINS JÚNIOR, Isidoro. *Estilhaços*. Recife: Tipografia Industrial, 1885.

\_\_\_\_\_. *Visões de hoje*. 2ª ed. Pernambuco: Tipografia Apolo, 1886.

POMPEIA, Raul. *Canções sem metro*. In: *Uma tragédia no Amazonas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1964, p. 112-141.

ROMERO, Silvio Vasconcelos da Silveira Ramos. *Cantos do fim do século*. Rio de Janeiro: Tipografia Fluminense, 1878.

### **MANUSCRITOS**

Carta do Frei Francisco de Monte Alverne a Joaquim Manuel de Macedo, datada de três de abril de 1854. Sessão de manuscritos da Biblioteca do IHGB, lata 351, doc. 33.

Ofício de Francisco Adolfo de Varnhagen a Joaquim Manuel de Macedo, datado de doze de dezembro de 1851. Sessão de manuscritos da Biblioteca do IHGB, lata 180, doc. 25.

### **TEXTOS OITOCENTISTAS**

*Ata da 212ª sessão do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, realizada em quinze de dezembro de 1849*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Tipografia de João Ignácio da Silva, vol XI, 1849, p. 550-557.

*Ata da 1ª sessão ordinária do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, realizada em nove de junho de 1882*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert, vol. XLV, 1882, 437-441.

ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. Campinas: Pontes, 1990.

ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. *José de Alencar*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Fauchon & Cia., 1894.

AZEVEDO, Álvares de. *Cartas*. São Paulo: Biblioteca Academia Paulista de Letras, 1976 (Biblioteca da Academia Paulista de Letras, vol. I).

\_\_\_\_\_. *Discurso recitado na sessão comemoradora do aniversário da criação dos cursos jurídicos no Brasil – 14 de agosto de 1849*. In: CASTELLO, José Aderaldo. *Textos que interessam à história do romantismo – vol. I*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura/Imprensa Oficial do Estado, 1960 (Coleção Textos e Documentos).

LEAL, Antônio Henriques. *Antonio Gonçalves Dias: notícia de sua vida e obra*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1875 (Tomo terceiro da coleção *Pantheon Maranhense*).

MACEDO, Joaquim Manuel de. *O amor da gloria: hino bíblico*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Tipografia de João Ignácio da Silva, vol. XI, 1848, p. 276-284.

\_\_\_\_\_. *Terceira exposição brasileira em 1873: relatório do secretário geral do júri da exposição*. Rio de Janeiro: Tipografia da Reforma, 1875.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Crítica literária*. Rio de Janeiro; São Paulo; Paraná: W. M. Jackson, 1959.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. *Discurso sobre a história da literatura no Brasil*. In: *Opúsculos históricos e literários*. Rio de Janeiro: Garnier, 1865, p. 239-271 (Obras completas de Gonçalves de Magalhães, vol. VIII).

\_\_\_\_\_. *Cartas de Gonçalves de Magalhães a Manuel de Araújo Porto Alegre (I)*. Revista da Academia Brasileira de Letras. Vol. 45, n. 149, maio de 1934, p. 109-120.

\_\_\_\_\_. *Cartas de Gonçalves de Magalhães a Manuel de Araújo Porto Alegre (II)*. Revista da Academia Brasileira de Letras. Vol. 45, n. 152, agosto de 1934, p. 488-495.

\_\_\_\_\_. *Cartas de Gonçalves de Magalhães a Manuel de Araújo Porto Alegre* (III). Revista da Academia Brasileira de Letras. Vol. 46, n. 155, novembro de 1934, p. 370-374.

\_\_\_\_\_. *Factos do espírito humano*. 3ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2001.

\_\_\_\_\_. *Filosofia da religião, sua relação com a moral e sua missão social*. In: *Factos do espírito humano*. 3ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2001, p. 301-319

POMPÉIA, Raul. *Obras – vol. III (Contos)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Oficina Literária Afrânio Coutinho/FENAME, 1981.

PORTO ALEGRE, Manuel de Araújo. *Inéditos* (correspondência). Revista do Livro. Rio de Janeiro: MEC/INL, vol. 23-24, julho-dezembro de 1961, p. 143-166.

\_\_\_\_\_. *Primeiro discurso como orador do IHGB*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert, 1852, p. 520-551.

ROMERO, Silvio Vasconcelos da Silveira Ramos. *A literatura brasileira e a crítica moderna*. Sem editora, s/d (Oito anos de jornalismo, vol. III).

\_\_\_\_\_. *O naturalismo em literatura*. São Paulo: Tipografia da província, 1882.

TAUNAY, Alfredo D'Escragolle. *Memórias*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960.

TÁVORA, João Franklin da Silveira. *Primeiro discurso como orador do IHGB*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert, vol. XLV, 1882, p. 507-529.

WOLF, Ferdinand. *O Brasil literário (história da literatura brasileira)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

**TESES MÉDICAS OITOCENTISTAS**

BARRETO, Luís Pereira. *Teoria das gastralgias e das nevroses em geral*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito, 1865, p. 23-122. In: *Obras filosóficas*. São Paulo: Grijalbo, vol. I, 1967.

BARROS, José Joaquim Ferreira Monteiro. *Considerações geraes sobre a mulher, e sua differença do homem; e sobre o regimen que deve seguir no estado de prenhez*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1845.

CALAZA, Alexandre Mendes. *Princípio nervoso*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1853.

CAMARGO, Querubim Modesto Pires. *Nevroses em geral*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1858.

CARRAO, Jose Marianno de Amorim. *Algumas considerações sobre o homem nas suas diferentes idades*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1848.

CORDEIRO, Martin Leocadio. *Qual é a alteração orgânica que se dá no histerismo, e conseqüentemente qual será o tratamento conveniente?* Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1857.

COSTA, Joze Luiz da. *Considerações sobre o amor*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1848.

COSTA, Thomas José Xavier dos Passos Pacheco e. *Considerações geraes sobre os cuidados que se devem prestar aos recém-nascidos quando vem no estado de saúde e sobre as vantagens do aleitamento maternal*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1840.

COUTINHO, Candido Teixeira de Azeredo. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos: regras principaes tendentes à conservação da saúde, e do desenvolvimento das*

*forças físicas e intelectuais, segundo as quais se devem reger os nossos collegios.* Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1857.

FRAGOSO, Antonio Marcolino. *Deve haver leis repressivas do charlatanismo, ou convém que o exercício da medicina seja inteiramente livre?* Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1850.

GUIMARÃES, Antenor Augusto Ribeiro. *Dissertação sobre a hygiene dos collegios – esboço das regras principaes, tendentes à conservação da saúde, e ao desenvolvimento das forças físicas e intelectuais segundo as quais se devem reger os nossos collegios.* Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1858.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *Considerações sobre a nostalgia.* Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tipografia Imparcial de Francisco de Paula Brito, 1844.

MAIA, Vicente. *A menstruação na etiologia das nevroses e psicoses.* Tese apresentada à Faculdade de Medicina e Farmácia do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1897.

MANSO, Antonio Romualdo Monteiro. *Do diagnóstico e tratamento das diversas manifestações do histerismo.* Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1874.

MARCORVO, Laurindo Marques de Attaíde. *Algumas considerações hygienicas e medico-legais sobre o casamento e seus casos de nullidade.* Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1848.

MEIRELLES, Zeferino Justino da Silva. *Breves considerações sobre as vantagens do aleitamento materno.* Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1847.

MELO, Antonio José de. *Podridão do hospital.* Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1860.

MENEZES, Alexandre Stockler Pinto de. *Da responsabilidade legal dos alienados*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tipografia de J. Barboza & C. R. da Ajuda, 1887.

MEYER, Carlos Luiz. *Identidade de pessoa*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Imprensa Mont'Alverne – Ferreira & C., 1892.

PEIXOTO, Antônio Luiz da Silva. *Considerações gerais sobre a alienação mental*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Litografia de A. Burgain, 1837.

PINTO, Augusto Tiago. *Dissertação acerca da origem da vida*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1848.

PORTUGAL, Antônio Nunes de Gouvêa. *Influencia da educação physica do homem; Do aparelho em que figura ou deve figurar o baço e que deduções se podem tirar de sua estrutura para seus usos e funções*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Universal de Laemmert, 1853.

QUINTANILHA, Reginaldo Celestino de Torres. *Como se deve comprehender e explicar a cura das molestias, e qual é a influênciã que nestas possão ter os meios therapeuticos?* Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Guanabarenses de L. A. F. de Menezes, 1853.

REGADAS, José Maria Rodrigues. *Do regimem das classes abastadas do Rio de Janeiro, em seus alimentos e bebidas*. Mudanças que nelle se tem operado nos últimos quarenta annos e seus effeitos do regimem antigo, influencia do actual. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1852.

REIS, Antonio Freire da Silva. *Dos symptomas fornecidos pelas funções intellectuaes*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1860.

XAVIER, Frederico Augusto dos Santos. *Dos casamentos sob o ponto de vista hygienico*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1876.

TORRES, Antonio Gonsalves de Lima. *Breves considerações sobre o physico e o moral da mulher nas diferentes phases da sua vida*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Brasiliense de. F. M. de Ferreira, 1848.

ZAMITH, José Ribeiro dos Santos. *Do aleitamento natural, artificial e mixto em geral, e particularmente do mercenário em relação às condições da cidade do Rio de Janeiro*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1869.

### **ESTUDOS CRÍTICOS**

ALENCASTRO, Luiz Felipe. *Vida privada e ordem privada no Império*. In: NOVAIS, Fernando A. *História da vida privada no Brasil – vol. II: Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 11-93.

ALMEIDA, Pires de. *A escola byroniana no Brasil*. São Paulo: Comissão de Literatura, 1962.

ALGRANTI, Leila Mezan. *Famílias e vida doméstica*. In: NOVAIS, Fernando A. *História da vida privada no Brasil – vol. I: Cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 83-154.

ANDRADE, Mário de. *Memórias de um sargento de milícias*. In: *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, s/d, 125-139.

ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. *Medicina, leis e moral: pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.

ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. *Obra crítica*. Vol. 1 (1868-1887). Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura – Casa de Rui Barbosa, 1958.

BARRETO, Dalmo Freire. *Macedo panfletário político*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1976, p. 219-237.

BARROS, Roque Spencer Maciel de. *A significação educativa do romantismo brasileiro: Gonçalves de Magalhães*. São Paulo: Grijalbo/Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

BLOOM, Harold. *A angústia da influência: uma teoria da poesia*. Rio de Janeiro: Imago, 1991 (Biblioteca Pierre Menard).

\_\_\_\_\_. *O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

\_\_\_\_\_. *Um mapa da desleitura*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

BROCA, Brito. *O que liam os românticos*. Revista do Livro. Rio de Janeiro: MEC/INL, vol. 13, março de 1959, p. 163-172.

BULHÕES, Marcelo. *Leituras do desejo: o erotismo no romance naturalista brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003 (Ensaio de Cultura, vol. 21).

CANGUILLEM, Georges. *O normal e o patológico*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

CAMPORESI, Piero. *Hedonismo e exotismo: a arte de viver na época das Luzes*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASTELLO, José Aderaldo. *A polêmica sobre A confederação dos Tamoios*. São Paulo: Sessão de publicações da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1953 (Coleção Textos e Documentos, vol. 2).

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

COELHO, Eduardo Campos. *As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro – 1822 - 1930*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CUNHA, Fausto. *Castro Alves e o realismo romântico*. Revista do Livro. Rio de Janeiro: MEC/INL, vol. 23-24, julho-dezembro de 1961, p. 07-22.

DIMAS, Antonio. *A encruzilhada do fim do século*. In: PIZARRO, Ana. *América Latina: palavra, literatura e cultura*. Vol. 2: emancipação do discurso. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994, p. 535-574.

ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

FAZENDA, José Vieira. *Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Tipografia de João Ignácio da Silva, vol 149, 1924.

FLEIUSS, Max. *Macedo no Instituto Histórico*. Rio de Janeiro: Livraria Drummond, 1920.

FRANÇA, Jean Marcel de Carvalho. *Literatura e sociedade no Rio de Janeiro oitocentista*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1999.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. 44<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LACERDA, Lilian de. *Álbum de leitura: memórias de vida, histórias de leitoras*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

LAVELLE, Patrícia. *O espelho distorcido: imagens do indivíduo no Brasil oitocentista*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LEITE, Miriam Moreira (org). *A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros*. São Paulo: HUCITEC; Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

LINHARES, Temístocles. *Macedo e o romance brasileiro (I)*. Revista do Livro. Rio de Janeiro: MEC/INL, vol. 10, junho de 1958, p. 111-17.

\_\_\_\_\_. *Macedo e o romance brasileiro* (II). Revista do Livro. Rio de Janeiro: MEC/INL, vol. 14, junho de 1959, p. 97-105.

\_\_\_\_\_. *Macedo e o romance brasileiro* (III). Revista do Livro. Rio de Janeiro: MEC/INL, vol. 27, março de 1960, p. 127-135.

LOPES, Hélio. *A divisão das águas: contribuição ao estudo das revistas românticas Minerva Brasiliense* (1843-1845) e *Guanabara* (1849-1856). São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978 (Coleção Ensaio, n. 88).

KOTHE, Flávio Rene. *O cânone colonial: ensaio*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.

MACHADO, Alcantara. *Gonçalves de Magalhães ou O romântico arrependido*. São Paulo: Saraiva & Cia., 1936.

MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Ao redor de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

\_\_\_\_\_. *Três panfletários do Segundo Reinado: Francisco Sales de Torres Homem e o Libelo do povo; Justiniano José da Rocha e Ação; reação; transação; Antonio Ferreira Vianna e A confederação dos divinos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956 (Coleção Brasiliana, vol. 256).

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira – vol. II* (1794-1855). São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

\_\_\_\_\_. *História da inteligência brasileira – vol. III* (1855-1877). São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

\_\_\_\_\_. *História da inteligência brasileira* – vol. IV (1877-1896). São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

MELLO E SOUZA, Antonio Candido. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos* – vol. I (1750-1836). 3ª ed. São Paulo: Martins, 1969.

\_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos* – vol. II (1836-1880). 3ª ed. São Paulo: Martins, 1969.

\_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

MENEZES, Raimundo de. *José de Alencar: literato e político*. São Paulo: Martins, 1965.

MENDONÇA, Salvador de. *Cousas do meu tempo*. Revista do Livro. Rio de Janeiro: MEC/INL, vol. 20, dezembro de 1960, p. 107-198.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. *As mil faces de um herói-canalha e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro (1870-1920)*. São Paulo: Annablume, 1998.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PINASSI, Maria Orlanda. *Três devotos, uma fé, nenhum milagre*. Nitheroy Revista Brasiliense de Ciências e Artes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PONTES, Eloy. *A vida inquieta de Raul Pompéia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

PRADO, Antonio Arnoni. *Nacionalismo literário e cosmopolitismo*. In: PIZARRO, Ana. *América Latina: palavra, literatura e cultura*. Vol. 2: emancipação do discurso. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994, p. 597-613.

QUINTANEIRO, Tania. *Retratos de mulher: o cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viajeiros do século XIX*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

RABASSA, Gregory. *O negro na ficção brasileira: meio século de história literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965 (Biblioteca de Estudos Literários, vol. 4).

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Consciência estética e aspiração à forma*. In: PIZARRO, Ana. *América Latina: palavra, literatura e cultura*. Vol. 2: emancipação do discurso. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994, p. 307-337.

REBÊLO, Marques. *Vida e obra de Manuel Antônio de Almeida*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro: 1943.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

RIBEIRO, José Alcides. *Ficção e imprensa no Brasil: os processos de criação de José de Alencar e de Joaquim Manuel de Macedo*. Fragmentos de Cultura Goiânia. Goiás: Divisão Gráfica e Editorial da Universidade Católica de Goiás, vol. 09, n. 05, set/out de 1999, p. 1081-1092.

RIBEIRO, José Antônio Pereira. *O universo romântico de Joaquim Manuel de Macedo*. Porto Alegre: Roswitha Kempf, 1987.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira – tomo quinto: diversas manifestações na prosa, reações anti-românticas na poesia*. 6<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1960.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*. Campinas: Editora da UNICAMP, CECULT, IFCH, 2001 (Coleção Várias Histórias).

SANDES, Noé Freire. *A invenção da nação: entre a monarquia e a república*. Goiânia: Ed. Da UFG, Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, 2000.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. 6<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

SANTOS FILHO, Lycurgo. *História da medicina no Brasil: do século XVI ao século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1947, vol. II.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

\_\_\_\_\_. *A poesia envenenada de Dom Casmurro*. In: PIZARRO, Ana. *América Latina: palavra, literatura e cultura*. Vol. 2: emancipação do discurso. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994, p. 359-382.

SERRA, Tânia. *Joaquim Manuel de Macedo ou os dois Macedos: a luneta mágica do Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Ministério da Cultura, 1994.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Cultura e sociedade no Rio de Janeiro: 1808-1821*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.

SINZIG, Pedro. *Através dos romances: guia para as consciências (notas sobre 21.553 livros e 6.657 autores)*. 2<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 1923.

SOARES, Luiz Carlos. *Rameiras, ilhoas, polacas...* A prostituição no Rio de Janeiro do século XIX. São Paulo: Ática, 1992.

SODRÉ, Néelson Werneck. *O naturalismo no Brasil*. 2<sup>a</sup> ed. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. *O escritor como genealogista: a função da literatura e a língua literária no romantismo brasileiro*. In: PIZARRO, Ana. *América Latina: palavra, literatura e cultura*. Vol. 2: emancipação do discurso. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994, p. 451-485.

\_\_\_\_\_. *O sobrinho pelo tio*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Ministério da Cultura, 1995.

TINHORÃO, José Ramos. *A música popular no romance brasileiro*. Vol. I: séculos XVIII e XIX. São Paulo: Editora 34, 2000.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil – 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VIANA, Maria José Motta. *Do sótão à vitrine: memórias de mulheres*. Belo Horizonte: Editora UFMG/Faculdade de Letras da UFMG, 1995.

VIANNA, Hélio. *Francisco de Sales Torres Homem – Visconde de Inhomirim*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, vol 246, 1960, p. 253-281.

VIANNA, Oliveira. *O ocaso do império*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

### ***DISSERTAÇÕES E TESES***

AMARAL, Sharyse Piroupo do. *Uma nação por fazer: escravos, mulheres e educação nos romances de Joaquim Manuel de Macedo*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2001.

SANT'ANA, Benedita de Cássia Lima. *A imprensa romântica de língua portuguesa: uma leitura comparada entre os periódicos O Panorama (1837-1868) e Guanabara (1849-1856)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2002.